



.....
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

B E R N A R D
C O R N W E L L

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

A Companhia de
S H A R P E

ESPAÑA, ABRIL DE 1812

*AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

BERNARD CORNWELL

***A Companhia de
S H A R P E***

Tradução de Kleber de Souza Andrade



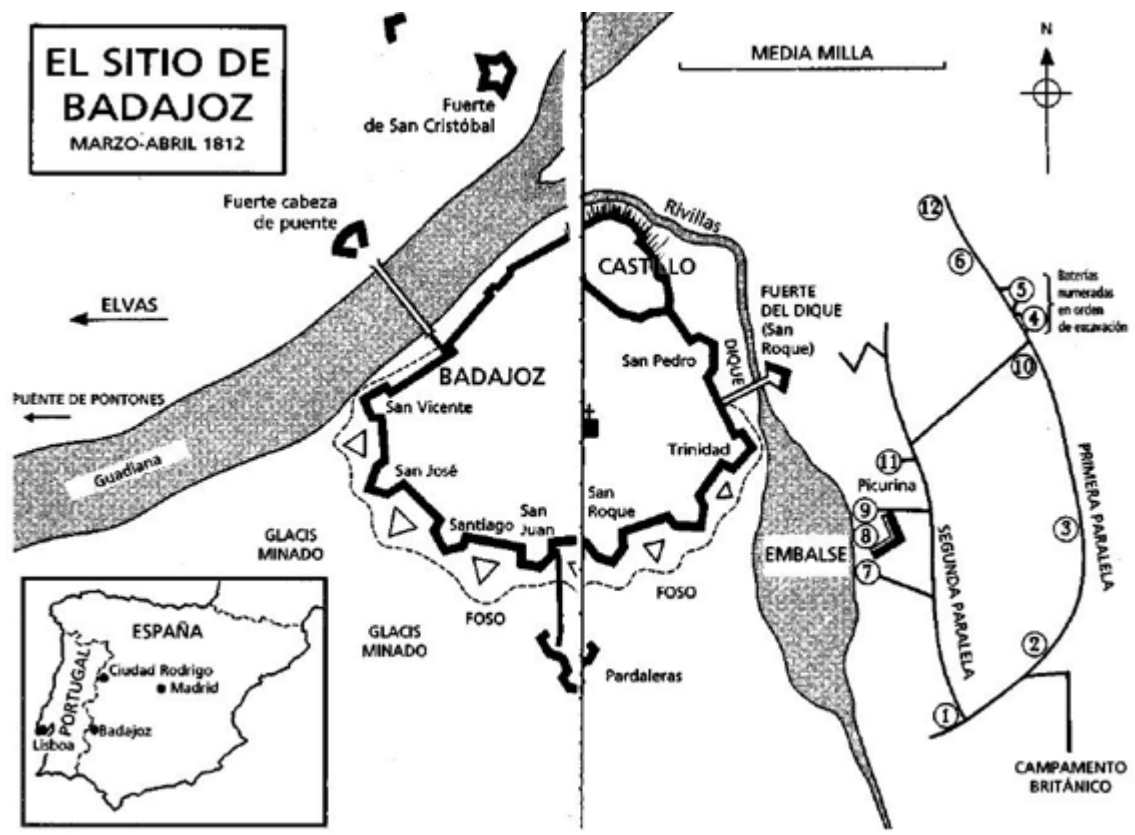
E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

A tomada de Badajoz (1812) oferece um exemplo claro da bravura de nossas tropas como nunca até agora tinham exibido. Mas eu desejo de verdade não voltar a ser nunca mais o instrumento que os defronte a uma prova semelhante. Assim o duque de Wellington ajuizava o episódio que esta apaixonante história recria, uma história que deixará patente o arrojo e a valentia de Sharpe.

EL SITIO DE BADAJOZ

MARZO-ABRIL 1812





PRIMEIRA PARTE
Janeiro de 1812

CAPÍTULO 1

Quando ao amanhecer se vê um cavalo baio a uma milha de distância significa que a noite terminou. As sentinelas podem relaxar, os batalhões podem se retirar, porque o momento de um ataque surpresa de madrugada já passou.

Mas nesse dia, não. Um cavalo baio quase não se veria a uma centena de passos, menos ainda de tão longe; e o amanhecer, frisado com a fumaça suja dos canhões, misturava-se com a tormenta. Só um ser vivente se movia no espaço cinzento que se estendia entre as linhas britânicas e as francesas; um pardalzinho dava saltinhos laboriosamente sobre a neve. O capitão Richard Sharpe, encolhido em seu capote, observava o pássaro e o obrigou a levantar o voo. “Mova-se, tonto! Voe!” Odiava parecer supersticioso. Havia descoberto o passarinho e, de repente e de forma espontânea, ocorreu-lhe que a menos que o pássaro voasse em trinta segundos, o dia acabaria de forma desastrosa.

Estava contando. Dezenove, vinte, e o maldito pássaro seguia saltando na neve. Não sabia que tipo de pássaro era. O sargento Harper certamente saberia, o enorme sargento irlandês conhecia todos os pássaros, mas saber que pássaro era não lhe seria de nenhuma ajuda. “Mova-se!” Vinte e quatro, vinte e cinco, e com desespero e de qualquer maneira formou uma bola de neve e a fez rodar ladeira abaixo, de maneira que o passarinho, assustado, elevou-se de um salto para a confusão de fumaça quando ainda lhe sobravam dois segundos. Às vezes o homem tem que proporcionar sua própria sorte. Céus! Que frio fazia! Os franceses é que estavam bem. Estavam do outro lado das ingentes defesas de Cidade

Rodrigo, resguardados nas casas da cidade, e se esquentavam diante de amplas lareiras, mas as tropas portuguesas e britânicas estavam em campo aberto. Dormiam cerca de grandes fogaréus que se extinguíam durante a noite e ontem, de madrugada, encontraram quatro sentinelas portuguesas mortos por congelamento junto ao rio com os capotes gelados colados ao solo. Foram jogados ao rio, depois de romper a fina camada de gelo do Águeda, porque ninguém queria cavar mais tumbas. O exército já tinha cavado bastante; ao longo de doze dias não tinham feito outra coisa; baterias, paralelas, escavações e trincheiras, e já não queriam cavar mais. Queriam lutar. Queriam levar suas longas baionetas pelo talude de Cidade Rodrigo, abrir uma brecha, matar os franceses e fazer suas aquelas casas e aquelas chaminés. Queriam sentir seu calor.

Sharpe, o capitão da companhia ligeira do regimento South Essex, estava sobre a neve e observava por sua luneta a brecha mais larga. Não via grande coisa. Mesmo da ladeira da colina, a meio quilômetro da cidade, a encosta coberta de neve do talude ocultava tudo, salvo os últimos pés do extremo superior da muralha principal de Cidade Rodrigo. Via-se que os canhões britânicos causaram danos e ele sabia que as pedras e os entulhos haviam caído como em cascata para o interior do fosso oculto e formaram uma espécie de rampa, talvez de uns trinta metros de largura, que permitiria aos atacantes subir e penetrar no coração da fortaleza. Gostaria de poder ver ou outro lado da brecha, os becos que se estendiam ao pé da torre da igreja, tão próxima das muralhas, toda ela marcada pelo impacto dos disparos.

Ali, os franceses deviam andar atarefados construindo novas defesas, colocando um canhão novo, para quando os atacantes passarem pelo monte de escombros da brecha se encontrem com um horror de chamas e metralha planejado com precisão; para que de noite se encontrem com a morte.

Sharpe estava assustado.

Era uma sensação estranha, que somente ele conhecia e da qual se envergonhava. Não era certo que o ataque tivesse que ser nesse dia, mas o exército, com o instinto do soldado que sabe que

o momento chegou, estava seguro de que Wellington ordenaria o assalto naquela mesma noite. Ninguém sabia quais batalhões seriam escolhidos, mas quaisquer que fossem as unidades que empreendessem o assalto não seriam os primeiros atacantes que escalariam a brecha. Isso era só um trabalho para voluntários cuja missão suicida seria atrair o fogo dos defensores, obrigar-lhes a pôr em funcionamento suas armadilhas cuidadosamente preparadas e abrir um caminho sangrento para os batalhões que viriam atrás. Poucos seriam os sobreviventes daquele destacamento suicida. O tenente que estivesse ao comando, se sobrevivesse, se converteria em capitão ali mesmo e seus dois sargentos passariam a ser alferes. As promessas de ascensão se faziam alegremente porque em muito poucas ocasiões tinham que ser cumpridas, e contudo nunca faltavam voluntários.

O esquadrão suicida era para os valentes. Podia ser uma coragem fruto do desespero, ou da temeridade, mas no fim de contas era coragem. Os homens que sobreviviam a uma missão assim ficavam marcados de pela vida, tornavam-se famosos entre seus companheiros e eram a inveja de homens de menor importância. Apenas os regimentos de fuzileiros concediam uma insígnia aos sobreviventes, uma coroa de louro que se costurava na manga, mas Sharpe não buscava medalhas. Ele somente queria sobreviver a uma prova, a prova suprema da morte, provavelmente porque nunca estivera em um esquadrão suicida. Era um desejo estúpido, ele sabia, mas era assim.

Não era somente uma prova. Richard Sharpe queria a promoção. Alistara-se no exército aos dezesseis anos, como soldado raso, e percorreu seu caminho na tropa até chegar a sargento. Na batalha de Assaye salvou a vida de sir Arthur Wellesley que o recompensou com uma luneta e uma ascensão. O alferes Sharpe, saído de baixo, mas ambicioso, ainda necessitava demonstrar um dia após o outro que era melhor soldado que os filhos dos privilegiados que compravam suas ascensões e iam subindo na hierarquia de oficiais graças ao seu dinheiro. O alferes Sharpe tornara-se tenente Sharpe, e com um novo uniforme, o verde escuro dos fuzileiros do 95º, havia lutado no norte da Espanha e

Portugal; a retirada de La Corunha, Rolica, Vimeiro, o passo do Douro e Talavera. Conseguiu tomar uma águia do império em Talavera; o sargento Harper e ele abriram caminho a golpe de espada até um batalhão inimigo, derrubaram o portador do estandarte e levaram o troféu a Wellesley, que se converteu no visconde Wellington de Talavera. E Sharpe foi ascendido a capitão, justo antes da batalha. Era a promoção que mais desejava, pois lhe dava a oportunidade de mandar em sua própria companhia, mas já fazia dois anos e meio daquela ascensão e ainda não havia sido ratificada.

Quase não acreditava. Em julho voltou à Inglaterra e passou ali os últimos seis meses de 1811 recrutando soldados para o minguido regimento do South Essex em Londres e nos condados de Leicestershire, Northamptonshire e Rutland. Foi acolhido em Londres, ofereceram-lhe um almoço no Fundo Patriótico e lhe presentearam com uma espada de cinquenta guinéus pela captura da águia francesa. O *Morning Chronicle* lhe pôs o apelido de “o herói com cicatriz do campo de Talavera” e de repente, e pelo menos por alguns poucos dias, todo mundo queria conhecer o alto fuzileiro de cabelo castanho, com a cicatriz que dava a seu rosto uma expressão pouco natural e brincalhona. Havia se sentido fora de lugar na suavidade tapeçaria dos salões de Londres e ocultou esse incômodo recolhendo-se em si mesmo sob um cauteloso silêncio. Aquela reserva pareceu perigosamente atraente a suas anfitriãs, que procuraram manter suas filhas afastadas dele e ficaram com o capitão de fuzileiros para si.

Mas o herói do campo de Talavera não era mais que um estorvo no quartel general do exército da Guarda Real. Cometeu um erro, um erro estúpido, ao visitar Whitehall. Acompanharam-no a uma fria sala de espera. A chuva de outono salpicava a sala através de uma grande janela quebrada enquanto ele estava sentado, com sua enorme espada cruzada sobre os joelhos, e um funcionário picado de varíola tentava averiguar o que havia sucedido com o boletim oficial no qual aparecia sua ascensão. Sharpe tão somente queria saber se era de verdade capitão, e se a Guarda Real aprovara realmente sua nomeação ou era apenas um tenente com

uma graduação temporária. O funcionário o fez esperar três horas, mas finalmente regressou à sala.

— Sharpe? Com um “e”?

Sharpe assentiu com a cabeça. Ao redor dele um grupo de oficiais retirados, enfermos, mutilados ou meio cegos, mas curiosos, escutavam com atenção. Todos eles procuravam nomeações e esperavam que Sharpe também se sentisse decepcionado. O funcionário retirou de um sopro o pó que havia nos papéis.

— É irregular. — deu uma olhada para a casaca verde escura de Sharpe. — Disse o regimento South Essex?

— Sim.

— Mas isso, se não me equivoco, e é raro que eu me equivoque, não é o uniforme do 95º? — perguntou o funcionário soltando um risinho de satisfação, como se celebrasse uma pequena vitória.

Sharpe não respondeu. Usava o uniforme dos fuzileiros porque tinha orgulho de seu antigo regimento, porque considerava o trabalho com o South Essex algo temporário, e como ele ia contar a este burocrata arrogante o que era comandar a um grupinho de fuzileiros desde o horror que fora a retirada de La Corunha até reunir-se com o exército em Portugal, onde de forma arbitrária os juntaram com os casacas-vermelhas do South Essex? O funcionário coçou o nariz e sorveu.

— Irregular, senhor Sharpe, muito irregular. — Escolheu a primeira folha de papel com seus dedos manchados de tinta. — Aqui está o documento.

Entregou a nomeação a Sharpe, como se o documento pudesse contagiar-lhe de novo com a varíola.

— Fizeram-lhe capitão em 1809?

— Sim, lorde Wellington. — Esse nome não causava impressão em Whitehall.

— Deveria saber. Meu Deus, senhor Sharpe, teria que sabê-lo! É irregular.

— Mas provavelmente não é desconhecido? — Sharpe reprimiu o impulso de descarregar sua irritação sobre o funcionário. — Eu achava que era seu trabalho aprovar estes documentos.

— Ou não aprová-los! — O funcionário soltou de novo outro risinho e os oficiais aposentados sorriram brincalhões. — Aprovar, senhor Sharpe, ou não aprovar!

A chuva descia pela chaminé e ao cair sobre o fogo mortício fazia saltar faíscas das brasas. O funcionário passou a rir sacudindo seus ombros magros, pegou uns óculos de algum esconderijo de sua roupa e os colocou no nariz como se a ascensão, vista através de uma lente suja, pudesse revelar-lhe novos motivos de alegria.

— Costumamos recusá-los muito amiúde. Se aceita um, se aceitam todos. Isso é prejudicial para o sistema, sabia? Há regras, regulamentos! — E o funcionário sacudiu a cabeça porque era óbvio que Sharpe não entendia nada de como funcionava o exército.

Sharpe esperou até que cessasse o movimento de cabeça.

— Ao que parece estão levando muito tempo para tomar uma decisão a respeito desta nomeação.

— E ainda não se há tomado! — disse o funcionário com orgulho, como se quisesse mostrar que dedicar-lhe muito tempo provava a sabedoria da Guarda Real. Então se abrandou e sorriu para Sharpe como com arrependimento. — A verdade, senhor Sharpe, é que houve um erro. Um erro lamentável, e afortunadamente esta visita permite retificar o equívoco. — Assomou os olhos por cima dos óculos e olhou o alto fuzileiro. — Todos nós lhe estamos profundamente agradecidos por fazer que percebêssemos esse erro.

— Erro?

— Estava mal arquivado. — O funcionário puxou outro pedaço de papel que tinha na mão esquerda. — O tenente Robert Sharp, sem "e", que morreu em 1810. Seus papéis estavam, por outro lado, em perfeita ordem.

— E os meus não?

— Claro que não, pois ainda está vivo. — O funcionário olhou com mau humor para Sharpe. — Quando um oficial é trasladado à glória temos ocasião de pôr ordem. — Tirou os óculos e os limpou com a folha dobrada da nomeação de Sharpe. — Ocupar-nos-emos disso, senhor Sharpe, com presteza. Prometo. Com presteza!

— Logo?

— Foi o que eu disse, não é foi? Seria um erro dizer algo mais.
— E o funcionário voltou a colocar os óculos. — Agora, se me desculpa, estamos em guerra e eu tenho outros deveres!

Sharpe se deu conta, depois, de que foi um erro visitar Whitehall, mas já estava feito e só o que podia fazer agora era seguir esperando. Provavelmente, dizia a si mesmo uma dúzia de vezes por dia, não poderão recusar a nomeação. Não depois de ter conseguido a águia imperial francesa, nem depois de que resgatar o ouro de Almeida em chamas, nem depois de investir as melhores tropas francesas nas armadilhas mortais de Fontes de Oñoro. Ficou olhando com melancolia a neve abaixo e através da cicatriz que obteve na defesa de Cidade Rodrigo. Sabia que tinha que ter se apresentado como voluntário para o esquadrão suicida. Se o comandasse, e sobrevivesse, ninguém poderia negar-lhe então a ascensão para capitão. Se tivesse provado a si mesmo, se tivesse feito com categoria, e os burocratas picados de varíola de Whitehall poderiam seguir coçando-se até a eternidade porque não poderiam fazer nada, absolutamente nada, para negar-lhe a promoção para capitão. Era como uma pedra no sapato de todos eles!

— Richard Sharpe! — Era uma voz baixa que soava atrás dele, cheia de alegria, e Sharpe se virou.

— Major!

— Eu sentia uma comichão nos polegares! Sabia que tinha que estar de volta ao exército. — O major Michael Hogan deslizou pela neve até ele. — Como está?

— Estou bem. — Sharpe sacudiu os pés. Tirou a neve do capote e apertou a mão enluvada de Hogan.

O engenheiro riu dele.

— Parece um frango molhado, mas me alegro de ver-lhe. — Sua voz irlandesa era cálida e doce. — E como está a Inglaterra?

— Fria e úmida.

— Ah, bom, é um país protestante — acrescentou Hogan, sem fazer caso da gelada umidade do campo espanhol que se estendia ao seu redor. — E como está o sargento Harper? Ele passou bem na Inglaterra?

— Seguramente, passou o tempo engordando e rindo tontamente.

Hogan soltou uma gargalhada.

— Um homem sensato. Pode lhe dar lembranças de minha parte?

— Sim, darei.

Os dois homens ficaram olhando fixamente a cidade. Os canhões de assédio britânicos, de ferro de vinte e quatro libras, seguiam disparando: suas detonações se ouviam amortecidas sobre a neve, seus disparos jogavam rajadas de neve e pedras das muralhas de ambos os lados da brecha principal. Sharpe deu uma olhada para Hogan.

— É um segredo que vamos atacar esta noite?

— É um segredo. Todo mundo sabe, certamente, sempre o sabem. Mesmo antes que o general. Há um rumor de que será às sete.

— E o rumor inclui o South Essex?

Hogan negou com a cabeça; ele fazia parte do estado maior de Wellington e sabia o que se planejava.

— Não, mas eu desejaria, e muito, poder convencer o coronel de que me dê a sua companhia.

— A minha? — Sharpe se sentiu comprazido. — Para quê?

— Não é para grande coisa. Não quero os seus meninos na brecha, mas os engenheiros andam escassos de mão de obra, como sempre, e são muitos os trastes que se tem que acarretar pelo campo. Gosta da ideia?

— Certamente.

Sharpe não sabia se confessava a Hogan o desejo que teve de ir com o esquadrão suicida, mas sabia que o engenheiro irlandês pensaria que estava louco, então não disse nada. Em seu lugar deu sua luneta a Hogan e esperou em silêncio enquanto o engenheiro observava a brecha. Hogan soltou um gemido.

— É praticável.

— Está seguro?

Sharpe pegou a lente e com seus dedos apalpou instintivamente a chapa de bronze: "Em agradecimento, AW. 23 de

setembro de 1803”.

— Nunca estamos completamente seguros. Mas não vejo como poderia melhorar.

Os engenheiros tinham a missão de dar sua opinião sobre se uma brecha era “praticável” quando, a seu julgamento, a infantaria atacante podia subir pela ladeira de entulhos. Sharpe olhou o major, um homem baixinho e de meia idade.

— Não está muito contente.

— Certamente que não. Ninguém gosta de um assédio.

Hogan estava tentando imaginar, tal como Sharpe fez anteriormente, os horrores que os franceses teriam preparado na brecha. Um assédio era, em teoria, a luta mais científica que havia. Os atacantes abriam brechas nas defesas e ambos os lados sabiam quando as brechas eram praticáveis, mas eram os defensores os que tinham a vantagem. Sabiam por onde viria o ataque principal, quando e, aproximadamente, quantos homens podiam penetrar por aquela brecha. Até aí chegava a ciência. Era necessária muita habilidade para colocar as baterias, para avançar escavando, mas uma vez que a ciência dos engenheiros tivesse aberto a brecha, deixaria para a infantaria que escalasse os muros e morresse sobre os escombros. Os canhões de assédio faziam o que podiam. Disparavam até o último momento, como faziam agora, mas logo as baionetas entrariam no jogo e tão somente a fúria bruta conduziria os atacantes entre o horror que lhes haviam preparado. Sharpe voltou a sentir o medo de penetrar em uma brecha.

Parecia que o irlandês lesse seus pensamentos. Deu-lhe um golpe no ombro de Sharpe.

— Tenho um pressentimento a respeito disto, Richard. Irá bem. — mudou de assunto. — Sabe algo de sua mulher?

— Qual delas?

Hogan ofegou.

— Qual! Teresa, certamente.

Sharpe negou com a cabeça.

— Já faz dezesseis meses que não. Não sei por onde anda.

“Nem ao menos — pensou —, se ainda segue com vida”. Ela lutava contra os franceses na guerrilha, e as colinas e penhascos

pelos quais transcorriam suas batalhas não ficavam longe de Cidade Rodrigo. Não a vira desde que se separaram em Almeida e, ao pensar nela, sentiu um súbito anseio em seu interior. Ela tinha rosto de águia, delgada e cruel, cabelos e olhos negros. Teresa era bela como uma espada fina, delgada e dura.

Depois, na Inglaterra, conheceu a Jane Gibbons, cujo irmão, o tenente Christian Gibbons, tentara matá-lo em Talavera. Gibbons havia morrido. Jane era bela, aquele tipo de beleza com o qual os homens sonham; loira e feminina, esbelta como Teresa, mas a isso se reduzia toda a semelhança. A garota espanhola sabia desmontar um fuzil Baker em trinta segundos, podia matar um homem a duzentos passos, sabia como preparar uma emboscada e proporcionar a um francês capturado uma morte prolongada, para que pagasse pelo estupro e a morte de sua própria mãe. Jane Gibbons sabia tocar piano, escrever uma carta bonita, sabia fazer uso do leque em um baile de condado e lhe encantava gastar dinheiro na chapelaria de Chelmsford. Eram tão diferentes uma da outra como o aço e a seda, contudo Sharpe as amava, ainda que soubesse que tais sonhos eram vãos.

— Está viva — disse Hogan com voz tranquila.

— Viva?

— Teresa.

Hogan devia saber. Apesar da escassez de engenheiros, Wellington havia destinado Hogan ao seu estado maior. O irlandês falava espanhol, português e francês, sabia decifrar as mensagens dos inimigos e tinha passado muito tempo trabalhando com os guerrilheiros e com os oficiais exploradores de Wellington que cavalgavam, sozinhos e de uniforme, atrás das linhas francesas. Hogan reunia o que Wellington chamava sua "inteligência" e Sharpe sabia que se Teresa seguia lutando, Hogan teria notícias.

— O que sabe?

— Pouca coisa. Ela esteve sozinha no sul durante bastante tempo, mas ouvi dizer que veio para cá. Seu irmão comanda o bando, ela não, mas ainda a chamam "A agulha".

Sharpe sorriu. Fora ele que lhe pôs esse apelido: "A agulha".

— Por que se foi para o sul?

— Não sei. — Hogan lhe sorriu. — Alegre-se. Voltará a vê-la. Ademais, gostaria de conhecê-la!

Sharpe sacudiu a cabeça. Havia passado muito tempo e ela não tinha feito nada para encontrá-lo.

— Deve ter uma última mulher, senhor, assim como a uma última batalha.

Hogan deu uma risada.

— Deus do céu! Uma última mulher. Triste safado! Agora vai-me dizer que está preparando os votos para sacerdote. — Enxugou uma lágrima dos olhos. — Logo uma última mulher! — Voltou-se para olhar de novo a cidade. — Escute, amigo, tenho muito que fazer, se não serei o último irlandês no estado maior de Wellington. Você se cuidará?

Sharpe sorriu brincalhão e assentiu.

— Sobreviverei.

— Esse é um truque útil. Alegro-me de que tenha voltado.

Sorriu e começou a caminhar pela neve para o quartel general de Wellington. Sharpe se virou para a Cidade Rodrigo. Sobrevivência. Era uma má época para lutar. A passagem de um ano para outro era o momento em que os homens olhavam para o futuro, sonhavam com prazeres distantes, com uma casinha e uma boa mulher, e com os amigos de uma noite. O inverno era a época em que o exército ficava nos quartéis, esperando que a primavera secasse os caminhos e que fosse o período de estiagem dos rios, mas Wellington havia marchado nos primeiros dias do ano e a guarnição francesa de Cidade Rodrigo despertou uma fria manhã e constatou que a guerra e a morte se adiantaram em 1812.

Cidade Rodrigo só era o início. Havia apenas dois caminhos de Portugal para a Espanha que pudessem suportar o peso da artilharia pesada, o interminável chiado das carroças de provisões e a passagem contínua de batalhões e esquadrões. Cidade Rodrigo defendia a rota do norte e Wellington planejava tomar a fortaleza esta madrugada, quando o sino da igreja desse as sete. Depois, tal como todo o exército sabia, tal como sabia toda a Espanha, teria que tomar a estrada do sul. Para ficar a salvo, para defender Portugal e atacar a Espanha, os britânicos tinham que controlar

ambas as rotas, e para controlar o caminho do sul primeiro deviam tomar Badajoz.

Badajoz. Sharpe estivera lá, depois de Talavera e antes do exército espanhol render a cidade aos franceses. Cidade Rodrigo era grande, mas pequena comparada com Badajoz; as muralhas, com toda essa neve, eram impressionantes, mas insignificantes se comparadas com os baluartes de Badajoz. Richard Sharpe deixou que seus pensamentos voassem para o sul, à deriva com a fumaça dos canhões por cima de Cidade Rodrigo, para o sul por cima das montanhas, para onde a enorme fortaleza projetava escuras sombras sobre as águas frias do rio Guadiana. Badajoz. Os britânicos haviam fracassado duas vezes em sua tentativa de tomar a cidade dos franceses. Logo teriam de voltar a tentá-lo.

Voltou-se para se reunir com sua companhia ao pé de uma colina. Podia produzir-se um milagre, certamente. A guarnição de Badajoz poderia pegar a peste, o paiol poderia explodir, a guerra poderia terminar, mas Sharpe sabia que não eram mais que esperanças vãs que se dissipariam com o vento frio. Pensou em sua ascensão a capitão, em sua nomeação, e ainda que soubesse que Lawford, seu coronel, nunca lhe tiraria o comando de sua companhia ligeira, seguiria perguntando-se por que não se apresentou como voluntário para o esquadrão suicida. Isso lhe asseguraria a ascensão e teria se provado, superado o medo que todo homem sente ao ser o primeiro a penetrar por uma brecha defendida. Assim como antes havia provado sua valentia em várias ocasiões, mas como não se apresentou voluntário para a brecha de Cidade Rodrigo e não pôde prová-la ali, agora teria que esperar que se apresentasse outra ocasião. E foi em Badajoz.

CAPÍTULO 2

As ordens chegaram ao final da tarde, mas não surpreenderam a ninguém. Só provocaram nos batalhões uma atividade silenciosa. Afiaram-se e olearam as baionetas, os mosquetes foram verificados uma e outra vez, os canhões de assédio seguiam golpeando as defesas francesas tentando derrubar o canhão escondido nelas. E a esperar. Das baterias se elevava uma fumaça cinzenta que se unia a umas nuvens baixas e barrigudas que tinham a cor da pólvora molhada.

A companhia ligeira de Sharpe, conforme havia pedido Hogan, tinha que unir-se aos engenheiros nos acessos à brecha maior. Carregariam com grandes sacos de feno que logo lançariam na face empinada do fosso para formar um amplo colchonete sobre o qual pudesse saltar com certeza o esquadrão suicida e os batalhões atacantes. Sharpe observou como seus homens entravam em fila na trincheira, cada um com um desses sacos recheados toscamente. O sargento Harper deixou cair seu saco, sentou-se em cima, deu-lhe alguns golpes para que ficasse cômodo e se estirou.

— Melhor que uma cama de penas, capitão.

Quase um de cada três homens do exército de Wellington era, assim como o sargento Harper, irlandês. Patrick Harper era um homem alto, de quase dois metros de músculo e alegria, que já não via tão mal o fato de lutar em um exército que não fosse o seu. Fora recrutado por causa da fome em seu Donegal natal e mantinha viva a recordação de sua pátria, o amor a sua religião e a sua língua, e um grande orgulho por seus antigos heróis guerreiros. Ele não lutava pela Inglaterra, menos ainda pelo regimento South

Essex, ele lutava por si mesmo e por Sharpe. Sharpe era seu oficial, um companheiro fuzileiro e um amigo, se é que era possível que um capitão e um sargento fossem amigos. Harper estava orgulhoso de ser soldado, mesmo no exército de seu inimigo, porque um homem podia sentir-se orgulhoso se realizava bem seu trabalho. Talvez, um dia lutasse pela Irlanda, mas não podia imaginar como isso ocorreria se o país estava destroçado e perseguido, as chamas da resistência haviam se apagado de um golpe e, sinceramente, tampouco pensava muito nessa possibilidade nem punha muitas esperanças nela. No momento encontrava-se na Espanha e seu trabalho consistia em inspirar disciplina, humor e em bajular a companhia ligeira do South Essex. Conseguia isso às mil maravilhas.

Sharpe fez um gesto com a cabeça assinalando o saco de feno.

— Provavelmente está cheio de pulgas.

— Sim, capitão, provavelmente esteja. — Harper sorriu com sarcasmo. — Mas em meu corpo já não há lugar para mais nenhuma pulga.

Todo o exército estava infestado de piolhos e comido pelas pulgas, mas estavam tão habituados aos incômodos que quase não o notavam. “amanhã — pensou Sharpe —, na comodidade de Cidade Rodrigo, todos poderão espulgar-se com fumaça, e esmagar as costuras do uniforme com um ferro quente para acabar com as lêndeas”. Mas isso seria amanhã.

— Onde está o tenente?

— Encontra-se mal, capitão.

— Bêbado?

Harper franziu o cenho.

— Quem sou eu para dizer isso, capitão.

Sharpe sabia que isso significava que o tenente Harold Price estava bêbado.

— Ficar bem?

— Sempre fica, capitão.

O tenente Price era novo na companhia. Era um homem de Hampshire, filho de um armador, e as dívidas de jogo e algumas

gravidezes inesperadas entre as garotas do lugar convenceram seu pai, homem sério e de igreja, de que o melhor lugar para o jovem Price era o exército. O construtor comprou para seu filho uma graduação de alferes e, quatro anos depois, pagava com gosto as quinhentas e cinquenta libras que asseguravam a Price a ascensão para tenente. O pai se alegrou ao saber que a vagante de tenente era no South Essex, um regimento que ficava no estrangeiro, com o qual a distância entre seu filho menor e ele era a maior possível.

Robert Knowles, o tenente anterior de Sharpe, tinha partido. Comprou para si a ascensão para capitão em um batalhão de fuzileiros, deixando a vaga que Price comprara, e Sharpe, no início, não gostou da troca. Perguntara a Price por que sendo filho de um construtor de navios não se alistara na marinha.

— Tenho enjôo, capitão. Nunca me aguentaria de pé.

— Tampouco se aguenta em terra.

Price tardou alguns segundos em captá-lo, mas logo seu rosto redondo, amigável e de falsa inocência esboçou um sorriso brincalhão.

— Muito bem, capitão. Gracioso. Mas mesmo em terra, capitão, se me entende, sempre há algo sólido debaixo. Quero dizer que se alguém cai, pelo menos sabe que é pela bebida e não pelo maldito barco.

A antipatia não durou muito. Era impossível que não simpatizar com o tenente Price. Sua vida era a busca de um só objetivo, a libertinagem que sua família, severa e temerosa de Deus, havia lhe negado; e era sensato o bastante para assegurar-se de que quando se lhe supunha sóbrio, estivesse, pelo menos, de pé. Ele agradava aos homens da companhia de Sharpe; eram protetores com ele porque acreditavam que não ia ficar muito tempo neste mundo. Estavam convencidos de que se não fosse uma bala francesa que o matasse, seria a bebida, ou os sais de mercúrio que tomava para a varíola, ou um marido ciumento, ou, tal como Harper dizia com admiração, o puro e condenado esgotamento. O enorme sargento levantou a vista de seu saco de feno, assinalando com a cabeça abaixo para a trincheira.

— Aqui está, capitão.

Price desenhou um leve sorriso brincalhão, fez uma careta de dor quando ao mesmo tempo vinte e quatro libras de projétil martelavam no alto, em direção à cidade. Depois olhou boquiaberto para Harper.

— Onde está sentado, sargento?

— Em um saco de feno, tenente.

Price meneou a cabeça em sinal de admiração.

— Céus! Deveriam reparti-los a cada dia. Pode me emprestar?

— Certamente, tenente.

Harper se pôs de pé e com a mão fez ao tenente um gesto cortês assinalando-lhe o saco.

Price se desabou e soltou um gemido de satisfação.

— Desperte-me quando a glória nos chamar.

— Sim, tenente. A glória de quem?

— O engenho irlandês, oh Deus, o engenho irlandês — disse Price, e fechou os olhos.

O céu escurecia, as nuvens cinza se tornavam ameaçadoras, aproximava-se o momento crítico. Sharpe sacou sua comprida espada umas polegadas da bainha, comprovou o fio bem afiado e voltou a guardá-la. A espada era um de seus símbolos que, junto com o fuzil, apregoavam que era um lutador. Como oficial que era de uma companhia ligeira, deveria seguir a tradição que mandava levar um sabre de cavalaria leve. Ele odiava o sabre curvo e leve. Em seu lugar utilizava uma pesada espada de cavalaria, de lâmina reta e mal equilibrada, que conseguira em um campo de batalha. Era uma arma horrível, trinta e cinco polegadas de aço pesado, mas Sharpe era bastante alto e forte para empunhá-la com facilidade. Harper viu que Sharpe comprovava o fio com o polegar.

— Espera utilizá-la, capitão?

— Não. Não iremos além do talude.

Harper grunhiu.

— Sempre resta uma esperança.

Estava carregando sua arma de sete canos, uma arma desprovida de toda ortodoxia. Cada um dos canos media meia polegada de largura e os sete disparavam com uma única carga que lançava um jorro de morte. O armeiro Henry Nock chegou a fabricar

seiscentos, que foram enviados para a marinha, mas seu recuo brutal destroçava os ombros dos homens e retiraram o invento discretamente. O armeiro teria gostado de ver como o gigante irlandês, um dos poucos homens com a força suficiente para empunhar a arma, carregava meticulosamente cada cano de vinte polegadas. Harper gostava da arma, dava-lhe uma distinção similar à espada de Sharpe, e a arma tinha sido um presente de seu capitão, que a comprara de um tendeiro de Lisboa.

Sharpe ajustou seu capote e olhou por cima do parapeito para a cidade. Não tinha muito que ver. A neve, brilhando com uma miríade de chispas metálicas, ia até a ladeira do talude que constituía uma continuação da colina sobre a qual Cidade Rodrigo estava construída. Podia ver onde se escondia a brecha, detrás do talude, graças às manchas anegradas que havia na neve ali onde a artilharia de assédio fora curta ao disparar. O talude não fora projetado para deter a infantaria. Era uma ladeira de terra, fácil de escalar, que se inclinava frente às defesas e que fazia quicar os projéteis que assobiavam por cima dos defensores; mas tinha obrigado Wellington a conquistar os fortes que se levantavam nas colinas próximas para que a artilharia britânica pudesse ter uma posição elevada de onde disparar para baixo, por cima do talude, para o interior das muralhas.

Passado o talude existia um fosso largo, oculto para Sharpe, que devia ter as paredes de pedra e, além do fosso, erguiam-se as muralhas modernas que ocultavam, por sua vez, a antiga muralha medieval. Os canhões tinham aberto brechas em ambas as muralhas, a nova e a antiga, e as converteram em uma faixa de entulhos, mas os defensores tinham preparado armadilhas horríveis para proteger a abertura. Fazia nove anos que Sharpe não participava de uma força de assédio, contudo recordava perfeitamente a dureza da luta quando os britânicos escalaram a colina para Gawilghur e mergulharam em um labirinto de muros e fossos que os indianos defendiam com grande valentia. Sabia que Cidade Rodrigo ia ser mais difícil; não porque os homens que protegiam esta cidade fossem melhores soldados, mas porque, como Badajoz, era defendida com a ciência da engenharia

moderna. Havia algo horrivelmente preciso nas defesas, com suas muralhas falsas e seus revelins, seus baluartes colocados matematicamente e seus canhões ocultos, e somente a paixão, a ira ou o desespero sem limite obrigariam a ciência se render às baionetas. O desespero não ia se apaziguar com rapidez. Sharpe sabia que uma vez que os atacantes penetrassem na brecha, o sangue lhes subiria à cabeça e os homens se tornariam irreprimíveis pelas ruas da cidade. Sempre era assim. Se uma fortaleza não se rendia, se seus defensores obrigavam os atacantes a derramar seu sangue em um assalto, o velho costume, o costume dos soldados, ditava que tudo o que havia no interior da fortaleza passava a ser butim dos atacantes. A única esperança de Cidade Rodrigo residia em manter uma luta curta e pouco cruenta.

Os sinos da cidade tocaram o ângelus. Os católicos da companhia, todos irlandeses, benzeram-se toscamente e imediatamente se puseram em pé quando apareceu o honorável William Lawford, o oficial ao comando do South Essex. Fez um sinal para seus homens para que não se levantassem, sorriu brincalhonamente ao ver Price roncando, fez um gesto amigável para Harper com a cabeça, e foi se juntar a Sharpe.

— Tudo em ordem?

— Sim, senhor.

Ambos tinham a mesma idade, trinta e cinco anos, mas Lawford havia nascido para o rancho de oficiais. O sargento Richard Sharpe esteve com ele quando era um tenente perdido e assustado em sua primeira batalha, guiando-o como fazem amiúde os sargentos com os oficiais jovens. Depois, quando ambos estiveram nas câmaras de tortura do sultão Tipu, Lawford ensinou Sharpe a ler e escrever. Estas habilidades permitiram a Sharpe, depois de um ato de valentia suicida, ser ascendido à oficial. Lawford olhava fixamente por cima do parapeito para o talude.

— Esta noite irei com vocês.

— Sim, senhor.

Sharpe sabia que Lawford não tinha necessidade de estar ali, mas também sabia que não podia dissuadi-lo de que viesse. Deu uma olhada para seu superior. Como sempre, Lawford estava

impecavelmente uniformizado; o cordão dourado brilhava por cima das bordas amarelas e limpas da casaca escarlata.

— Ponha um capote, coronel.

Lawford sorriu.

— Quer que me disfarce?

— Não, coronel, mas morrerá de frio, e todos gostamos de ver como disparam em um coronel elegante.

— Usarei isto — disse Lawford sustentando um capote de cavalaria, debruado de pele, muito luxuoso. O fecho era uma corrente de ouro no colarinho e Sharpe viu que ele se inflaria e se abriria deixando descoberto o uniforme.

— Isso não ocultará o uniforme, coronel.

— Não, sargento — respondeu Lawford sorrindo.

Havia falado em voz baixa e o comentário era um reconhecimento de que sua relação seguia sendo a mesma, apesar das ascensões. Lawford era um bom oficial que convertera o South Essex de um regimento assustado em uma unidade curtida e segura. Mas servir como soldado não era tudo para Lawford; era um meio para seus fins políticos, e ele queria conseguir êxitos na Espanha e preparar assim o terreno para ter poder em casa. Na guerra ainda confiava em Sharpe, um soldado por natureza, e Sharpe lhe agradecia a confiança e a liberdade.

Do outro lado do rio, para Portugal, os fogaréis do acampamento britânico resplandeciam a luz do crepúsculo. Nas trincheiras os batalhões que esperavam o assalto tremiam, bebiam agradecidos o rum que lhes haviam distribuído, e realizavam os pequenos rituais que sempre precediam a uma batalha. Estiravam bem os uniformes, acomodavam os cinturões, revisavam as armas de forma obsessiva e os homens apalpavam nos bolsos e nas bolsas os talismãs que os mantinham com vida. Uma pata de coelho, uma bala que quase os mata, uma recordação de casa ou simplesmente um seixo liso que lhes havia chamado a atenção quando jaziam sob um forte fogo em um campo de batalha. Os relógios avançavam meia hora.

Os generais se impacientavam enquanto tentavam convencerem-se a si mesmos de que seus planos eram os mais

perfeitos possíveis. Os comandantes de brigada se preocupavam com as ordens de último momento, enquanto isso os homens mantinham aquele olhar prudente e tenso que os soldados têm antes de um acontecimento que lhes exige a morte para fazê-lo memorável. Empilhavam as mochilas para que as vigiassem os homens que esperariam nas trincheiras, as baionetas eram encaixadas e rosqueadas nos canos dos mosquetes. O trabalho, dissera o general Picton, seria feito com ferro frio; não haveria tempo de recarregar um mosquete na brecha, simplesmente avançariam empurrando, com as baionetas caladas, para o inimigo. Esperavam a noite. Brincavam, lutavam com a imaginação.

Às sete já tinha anoitecido. As badaladas da torre descascada e cheia de fendas pelas balas dos canhões soaram para dar a hora. O tangido se ouviu claramente. As ordens chegariam logo. Os canhões de assédio pararam de disparar e se fez um silêncio repentino que parecia sobrenatural depois de vários dias de disparar contra as muralhas. Sharpe ouvia os homens a tossir, golpear os pés contra o solo, e os ruídos eram um lembrete terrível de quão pequenos e débeis eram os homens frente às defesas de uma fortaleza.

— Já! — Os comandantes de brigada tinham por fim suas ordens. — Já!

Lawford tocou Sharpe no ombro.

— Boa sorte!

O fuzileiro percebeu de que o coronel ainda não pusera o capote, mas agora já era tarde demais. Ouviu-se uma agitação nas trincheiras, um sussurro quando os fardos de feno eram empurrados para o exterior da trincheira, e viu que Harper estava junto dele e, do outro lado do sargento, o tenente Price, com os olhos bem abertos e pálido. Sharpe lhes sorriu brincalhonamente.

— Venha!

Escalaram por cima do parapeito, e se dirigiram em silêncio para a brecha.

O ano de 1812 havia começado.

CAPÍTULO 3

A neve se quebrava e rangia sob as botas de Sharpe, enquanto ele ouvia atrás de si os escorregões dos homens na brancura, o fôlego que raspava o ar frio e o equipamento que tilintava enquanto começavam a subir a colina até o talude.

No cume das defesas se desenhava uma névoa débil e avermelhada ali onde as luzes da cidade, os fogos e as tochas, resplandeciam sob a neblina da noite. Parecia irreal, mas para Sharpe as batalhas geralmente pareciam irreais, em particular agora que subia a ladeira de neve para a cidade silenciosa, que esperava a cada passo a erupção repentina de um canhão e o estampido da metralha. Contudo, os defensores permaneciam em silêncio, como se não fossem conscientes dos muitos homens que removiam a neve em sua passagem para Cidade Rodrigo. Ao cabo de duas horas, se muito, Sharpe sabia que tudo teria terminado. Talavera tinha lhes custado um dia e uma noite, Fontes de Oñoro três dias, mas nenhum homem podia resistir o inferno de uma brecha mais de um par de horas.

Lawford estava a seu lado, sustentando ainda com um braço o capote, e o galão dourado refletia uma luz avermelhada e pálida diante deles. O coronel sorriu para Sharpe com ar brincalhão; parecia, pensou o fuzileiro, muito jovem.

— Talvez os estejamos surpreendendo, Richard.

A resposta foi imediata. Diante deles, de sua esquerda e de sua direita, os artilheiros franceses acenderam com fósforos os tubos de cevar, os canhões recuaram violentamente sobre a carreta, e os potes de metralha saíram cuspidos por cima do talude.

Parecia que do cume das defesas arremessassem nuvens de fumaça que se iluminavam com labaredas internas e que iam desde a muralha e por cima do fosso até atravessar as línguas de luz na ladeira de neve. Depois do estrondo, tão próximo que não se distinguiram os sons, sucediam-se as explosões dos potes de metralha. Eram latas metálicas cheias de balas de mosquete que explodiam com uma descarga de pólvora. As balas desciam como marteladas. A neve se manchava de carmim.

Ouviram-se gritos ao longe, pela esquerda, e Sharpe entendeu que a divisão ligeira, que atacava a brecha menor, passava pelo outro lado do talude e entrava em tropel no fosso. Escorregou na neve, levantou-se e gritou para seus homens.

— Venham!

A fumaça se elevava lentamente do talude formando volutas, o vento noturno a arrastava para o sul e logo era devolvida pela seguinte descarga dos artilheiros. Os potes de metralha seguiam estourando, a massa de homens se apressava e os gritos dos oficiais e dos sargentos os conduziam ladeira acima para a duvidosa segurança do fosso. Longe, atrás da paralela, tocava uma banda e Sharpe captou um fragmento da melodia; depois já se encontrava no cume da ladeira com o negro fosso a seus pés.

Tinha a tentação de permanecer alguns pés mais abaixo e atirar na escuridão com pontaria, mas Sharpe fazia tempo que aprendera que os poucos passos aos quais teme um homem são os importantes. Permaneceu no cume com Lawford e gritou para seus homens que se apressassem. Os fardos de feno caíram golpeando suavemente na escuridão.

— Por aqui! Por aqui!

Ele os conduziu para a direita, longe da brecha, seu trabalho havia terminado, mas os do esquadrão suicida seguiam saltando para o interior do fosso e Sharpe sentiu uma pontada de inveja.

— Abaixo! Abaixo!

Obrigou seus homens a agachar-se no cume do talude, pois os canhões retumbavam tão perto de suas cabeças que a companhia ligeira podia sentir a lambida de sua ardente respiração. Detrás vinham os batalhões que seguiam ao esquadrão suicida.

— Cuidado com a muralha!

A melhor ajuda que a companhia ligeira podia prestar agora ao ataque era disparar por cima do fosso tão logo pudesse distinguir um alvo.

A escuridão era total. Ouvia-se um ronrom proveniente do fosso; botas que se arrastavam, o roçar de uma baioneta, uma maldição apagada, e o pisar dos pés sobre os entulhos que informava que o esquadrão tinha alcançado a brecha e já estava subindo o monte de entulhos. Os lampejos dos mosquetes brilhavam no cume da brecha, era a primeira oposição que encontrava o esquadrão suicida, mas o fogo não parecia denso e Sharpe ainda ouvia os homens que seguiam subindo.

— Até agora... — Lawford não acabou a frase.

Ouviram-se gritos detrás e Sharpe se virou e viu que os atacantes alcançavam o cume e saltavam com temeridade para o interior do fosso. Os homens gritavam quando não caíam sobre os fardos de feno, ou em cima de seus companheiros, mas os batalhões de vanguarda estavam em seu lugar e avançavam na escuridão. Sharpe ouviu um gemido que lhe recordou Gawilghur. Era um som misterioso produzido por centenas de homens em um lugar pequeno onde se apertavam para penetrar em uma brecha estreita, e era um ruído que duraria até que a batalha estivesse decidida.

— Vai bem! — gritou Lawford com voz nervosa.

Ia muito bem. O esquadrão devia estar chegando ao final de sua longa escalada. Os do 45º e os do 88º os seguiam de perto, e até então a única reação francesa havia sido alguns poucos disparos de mosquete e a metralha que seguia explodindo detrás, ao longe, do outro lado das tropas de reserva que iam se apressando. Tinha que ter algo mais esperado na brecha.

Uma chama vacilou sobre as muralhas, propagou-se como fogo aceso em palha seca, elevou-se no ar e caiu no interior do fosso. Seguiu outra, depois outra, e a brecha se iluminou como se fosse de dia e as bombas incendiárias empapadas em azeite, feitas de palha bem apertada enrolada em lonas alcatroadas, eram acesas e jogadas no interior do fosso para que os defensores pudessem ver seus alvos. Ouviram-se gritos de vitória dos

desafiantes franceses, enquanto as balas dos mosquetes apontavam para o esquadrão suicida que fora descoberto perto do extremo do monte de entulhos. O grito foi coreado pelos batalhões 45º e 88º, que avançavam correndo como uma massa escura no complicado labirinto do fosso. O assalto começava a parecer fácil.

— Fuzis! — gritou Sharpe.

Restavam-lhe onze fuzileiros, sem contar Harper nem a si mesmo, dos trinta homens que tirara do horror da retirada de La Corunha, há três anos. Eram a alma de sua companhia, os especialistas com casaca verde, cujos modernos fuzis Baker podiam matar a trezentos passos de distância, até mesmo mais, enquanto que o mosquete de alma lisa, o Brown Bess, era praticamente inútil a mais de cinquenta jardas. Ouvia-se o inequívoco estalido das armas, mais alto que os mosquetes, e viu um francês que caía quando tentava lançar outra bomba incendiária ladeira abaixo pela brecha. Sharpe desejaria ter mais fuzis. Havia treinado alguns de seus casacas-vermelhas no uso da arma, mas gostaria de ter mais.

Agachou-se junto a Lawford. Os franceses tinham passado para a metralha, que dava, aos canhões, maior poder de matança. Ouviu o assobio das balas sobre sua cabeça, viu uma chama que descia como um punhal no interior do fosso sobre os batalhões apinhados, mas à luz do fogo vislumbrou os casacas-vermelhas britânicos que estavam se aproximando do centro da subida. O esquadrão suicida, ainda quase intacto, estava a alguns passos do cume, levavam as baionetas levantadas, e atrás deles a parte inferior da brecha estava escurecida pela massa que formava a coluna de assalto. Lawford tocou no braço de Sharpe.

— É muito fácil!

Alguns mosquetes cuspiam sua metralha sobre as forças de assalto, mas não o suficiente para deter o ataque. Os soldados do fosso sentiam a vitória perto, ganha com facilidade, e a coluna seguia avançando para a brecha como um animal que vai se espalhando. A vitória estava perto, há apenas alguns segundos, daí que o grunhido se converteu em vivas que se elevaram acompanhando o avanço da coluna.

Os franceses tinham permitido que se aproximassem. Deixaram que o esquadrão alcançasse o cume da muralha desmoronada e revelaram a defesa. Houve uma dupla explosão, horrível e ensurdecadora, e chamas do outro lado da brecha. Sharpe fez uma careta de dor. Os vivos se entrelaçaram com berros, salpicados com o repique da metralha, e viu que os franceses tinham montado dois canhões em algumas armações oculta, bem embutidos no centro das muralhas de ambos os lados da brecha, que podiam disparar sobre os atacantes. Não eram canhões pequenos, nem canhões de campanha, mas grandes peças de artilharia cujas chamas atravessavam claramente os cem pés de largura da brecha.

O esquadrão suicida desapareceu, arrebatado totalmente por um torvelinho de chamas e metralha, e a cabeça da coluna ficou destroçada pelo fogo de artilharia que castigava a metade superior da brecha e a limpava com uma facilidade espantosa. O grunhido desfaleceu, converteu-se em gritos de alarme, e a coluna se afastou, não dos canhões, mas de um novo perigo.

Apareceram chamas entre os entulhos envolvidos em fumaça, serpentinas plúmbeas que vacilavam entre a pedra, relâmpagos ziguezagueantes que desciam pelas pedras para tocar as minas escondidas na brecha. As explosões retumbaram na parte inferior da ladeira, lançaram homens e alvenaria pelos ares e converteram o primeiro ataque em uma derrota. A máquina picadora em que se convertera a brecha havia começado a funcionar.

Ainda se ouvia o retumbar dos canhões. Os homens de Connaught e Nottinghamshire voltavam para a brecha, passando por cima de seus mortos mutilados, pelos buracos escurecidos e fumegantes escavados pelas minas enquanto os franceses gritavam insultos; chamavam-nos de maricas e delicados, e atrás dos insultos vinham mais bombas incendiárias e pedaços de madeira ou pedras que lançavam como uma avalanche pela ladeira e faziam que os homens voltassem para a base da brecha banhada em sangue. Os canhões escondidos em armações nos flancos iam sendo recarregados, preparados para disparar contra os próximos alvos. Que estavam ali, abrindo passagem a patadas para cima, pela

rampa escorregadia de sangue, até que o trovão voltava a estourar, as chamas lambiam a brecha e a miríade de pedaços de metralha limpava as pedras de um golpe.

O assalto fora rechaçado de forma sangrenta, mas o único pensamento era avançar. Ao pé da rampa se apinhavam os homens dos dois batalhões que subiam de novo com a valentia inconsciente e agitada que provoca um sítio.

Lawford agarrou Sharpe pelo braço e inclinou-se para se aproximar de seu ouvido.

— Esses canhões de merda!

— Eu sei!

Voltaram a disparar, e estava claro que nenhum soldado poderia subir se tivesse que passar por aquele fogo. Estavam colocados no mesmíssimo coração da muralha baixa e grossa da cidade, e nenhum canhão de sítio britânico podia pretender atingi-los; a menos que Wellington disparasse contra as bombas incendiárias durante a semana até que toda a muralha caísse como se estivesse cheia de brechas. Diante de cada canhão, assim haviam revelado as bombas incendiárias, havia uma trincheira que defendia os artilheiros de seus inimigos na brecha. Enquanto os dois canhões continuassem disparando pelos lados não se poderia conseguir a vitória.

As tropas voltavam a subir, mais lentas agora, tendo cuidado com os canhões, e tencionavam evitar as granadas ardendo que os franceses jogavam pela ladeira. As explosões vermelhas trituravam os atacantes que estavam dispersos. Sharpe voltou-se para Harper.

— Está carregado?

O sargento assentiu com a cabeça, sorriu brincalhonamente e levantou a arma de sete canos. Sharpe lhe devolveu o sorriso.

— Vamos nos juntar a eles?

Lawford lhes gritou algo.

— Que estão fazendo?

Sharpe lhe apontou o lado mais próximo da brecha.

— Vamos para pegar o canhão. Importa-se?

— Tenham cuidado! — respondeu Lawford encolhendo os ombros.

Não havia tempo para pensar, apenas para saltar ao interior do fosso e rezar para não torcerem os tornozelos ou quebrarem um osso. Sharpe caiu mal, escorregou na neve, mas Harper o agarrou pelo capote, o arrastou até pô-lo direito, e os dois atravessaram o fosso a toda. O salto tinha sido de seis metros e parecia que tinham caído no fundo de um caldeirão gigante, como o recipiente de cozimento de um alquimista, pois as chamas entravam abundantes por cima. Bombas incendiárias caíam rodando, choviam balas de mosquete e metralha de canhão de cima e o fogo se propagava por entre a carne viva e a carne morta do fosso e seu vermelho se refletiam na parte inferior das nuvens baixas que rodavam em direção sul, para Badajoz. Só havia uma maneira de sobreviver no caldeirão e essa era subir. A coluna voltou a ascender e ao mesmo tempo Sharpe e Harper rodearam a massa de homens, mas os canhões voltaram a falar e o ataque foi rechaçado pela metralha.

Sharpe estivera contando os intervalos entre os disparos e sabia que os artilheiros franceses levavam em torno de um minuto para recarregar cada canhão gigante. Contava os segundos mentalmente enquanto os dois homens passavam a força pela massa de irlandeses da esquerda da brecha. Os dois abriram passagem com todas as forças por entre tanta aglomeração, iam para se apoderar da borda da ladeira, mas a onda de homens os levava para frente de forma que, por um momento, Sharpe pensou que iam ser levados para a ladeira de entulhos. Os canhões voltaram a disparar e os homens da sua frente retrocederam; algo úmido esbofeteou a cara de Sharpe, depois o ataque se dispersou em pequenos grupos. Tinha um minuto.

— Patrick!

Lançaram-se ao interior da trincheira que ficava junto da brecha, a trincheira que protegia o canhão. Esta já estava cheia de homens que se protegiam da metralha. Os artilheiros franceses, por cima de suas cabeças, estariam passando as esponjas e atacando com desespero as enormes bolsas de sarja que continham a pólvora dentro dos amplos canhões, enquanto que outros homens esperavam com as bolsas negras e avultadas da metralha. Sharpe tentou se esquecer deles. Levantou a vista para a muralha por uma

saliência. Ficava bem acima, bem mais acima que a altura de um homem, assim que apertou as costas contra a parede, juntou as mãos e fez um sinal ao sargento com a cabeça. Harper colocou sua bota nas mãos de Sharpe, levantou a arma de sete canos, e assentiu com a cabeça. Sharpe levantava e Harper empurrava para cima, o irlandês pesava como um touro. Sharpe fazia careta com o esforço e dois dos comandos de Connaught, ao ver qual era sua intenção, uniram-se a eles e empurraram Harper para cima pelas pernas. O peso desapareceu de repente. Harper havia se agarrado à borda da saliência com uma mão, sem fazer caso das balas de mosquete que se estrelavam contra a muralha que tinha em frente, lançou a arma para o outro lado, apontou às cegas e apertou o gatilho. O retrocesso o lançou para trás contra a parede oposta da trincheira, mas se pôs de pé dando berros em gaélico. Sharpe sabia que estava dizendo a seus compatriotas que escalassem a muralha e atacassem os artilheiros do canhão enquanto ainda estavam aturdidos pela explosão. Mas era inútil tentar escalar a escarpada muralha, e Sharpe pensou nos artilheiros sobreviventes que estariam carregando o canhão.

— Patrick! Suba-me!

Harper agarrou Sharpe como se fosse um saco de aveia, respirou fundo e o estirou para cima. Era como se a explosão de uma mina o elevasse. Sharpe se sacudiu, o fuzil escorregou do ombro, mas o pegou pelo cano, viu a saliência e estendeu sua mão esquerda. Segurou-se, tinha uma de suas pernas sobre a construção de pedra; sabia que os mosquetes franceses disparavam contra ele, mas não tinha tempo de pensar nisso, pois um homem corria para ele com uma baqueta levantada para golpeá-lo, mas Sharpe lhe deu um golpe com o fuzil conforme vinha. Foi um golpe afortunado. A culatra de bronze acertou o francês na têmpora, que retrocedeu cambaleando. Sharpe se deixou cair do outro lado do saliente, levantou-se e sua enorme espada saiu raspando da bainha; aquilo sim é que era gozar.

Os artilheiros haviam recebido bem as sete balas que quicaram ao redor do local de pedra. Sharpe viu alguns corpos debaixo do canhão de ferro, mas ainda havia homens vivos e

vinham para ele. Brandiu a comprida lâmina para eles, fazendo-os recuar, deu umas espadadas e sentiu a vibração da arma ao partir um crânio. Gritou, atemorizando os defensores, escorregou no sangue recentemente derramado, deu um puxão na lâmina para liberá-la do corpo espetado e voltou a brandi-la. Os franceses retrocederam. Eram seis contra um, mas eram artilheiros e estavam mais acostumados a matar a distância do que a corpo a corpo vendo a face do inimigo no extremo de uma espada desnuda. Retrocederam acovardados e Sharpe girou, voltou para a borda do saliente e se encontrou com um braço que se agarrava com desespero à construção de pedra. Segurou-o pelo pulso e levantou um comando de Connaught para o interior do fosso do canhão. Os olhos do homem brilhavam de excitação.

Sharpe lhe gritou.

— Ajude os outros a subir! Use a correia do mosquete!

Uma bala de mosquete passou perto de sua cabeça, fazendo tremer o canhão. Sharpe deu um giro e viu os uniformes familiares da infantaria francesa que desciam correndo as escadas de pedra para resgatar o canhão. Foi para cima deles, enfurecido pelo fragor da batalha, e lhe ocorreu à louca ideia de que aquele funcionário sacana e mal-encarado de Whitehall o visse agora. Talvez então Whitehall saberia o que faziam seus soldados, mas não havia tempo para pensar nisso, porque a infantaria descia pelo estreito espaço existente junto ao canhão. Saltou para eles, gritando e arremetendo com a ponta da espada para fazer-lhes retroceder, sabia que estavam em maior número.

Pararam, deixaram que se aproximasse e depois contra-atacaram com suas longas baionetas. A espada não era longa o bastante! Brandiu sua espada, esmagando baionetas de ambos os lados, mas um se adiantou a seu golpe e sentiu a lâmina bater em sua capa. Agarrou o cano da arma com sua mão esquerda, puxou o homem até que perdesse o equilíbrio, e lhe bateu na cabeça com a empunhadura de bronze de sua espada. Foi obrigado a retroceder. Havia outra baioneta dirigida para ele, teve que esquivar-se dela e escorregou contra o canhão de assédio, sua espada girava e se

agitava enquanto buscava onde cair quando viu baionetas sobre ele. A ira lhe atrapalhou. Tudo foi inútil porque não podia rechaçar.

O grito que ouviu era em uma língua que não conhecia, mas a voz era a de Harper e o gigante irlandês estava triturando o inimigo usando sua arma de sete canos como se fosse um garrote. Não fez caso a Sharpe, passou por cima dele, rindo dos franceses, brandiu sua arma na direção deles e avançou tal como seus antepassados tinham feito em bonitas batalhas entre a névoa do amanhecer. Cantava as mesmas letras que seus antepassados, e os homens de Connaught estavam ao seu lado e nenhuma tropa no mundo poderia enfrentar-se a sua fúria e a seu ataque. Sharpe se agachou junto ao canhão, havia mais inimigos, agora temerosos, levantou sua espada e os fez retroceder, esfaqueando-os em abundância enquanto gritava. Os franceses disputavam as escadas de pedra para fugir; os homens com casacas-vermelhas e verdes, em troca, enlouquecidos, avançavam pisando os corpos, cortando e mutilando. Sharpe sentiu que sua lâmina raspava uma costela e a retirou. E de repente os únicos inimigos eram os sobreviventes que se agachavam aos pés das escadas, gritando que se rendiam. Não podiam fazer outra coisa. Os homens de Connaught perderam amigos na brecha, velhos amigos, e golpeavam suas armas em cortes curtos, mas eficientes. As baionetas não paravam apesar dos gritos franceses, atuavam com rapidez, e o lugar se encheu do cheiro de sangue fresco.

— Subam!

Ainda restavam inimigos sobre as muralhas, inimigos que podiam disparar para o fosso do canhão. Sharpe subiu as escadas, com a espada à frente como um raio de luz refletido, e de repente o ar da noite ficou quente e claro e se viu sobre a muralha. A infantaria se recolhido nas muralhas, temerosos da carnificina que tinha lugar ao redor do canhão. Sharpe parou no extremo superior da escada e os observou. Harper se reuniu a ele e a um grupo de casacas-vermelhas do 88º, ofegavam tanto que sua respiração os envolvia em névoa.

Harper passou a rir.

— Já tiveram o bastante!

Era verdade. Os franceses se retiravam, abandonando a brecha, e apenas um homem, um oficial, tentava obrigá-los a voltar. Gritava, batia neles com sua espada, e logo, ao ver que não conseguia, avançou sozinho. Era um homem magro, com bigode fino e loiro abaixo de um nariz aquilino. Sharpe percebeu o medo no rosto daquele homem. O francês não queria realizar um ataque sozinho, mas tinha seu orgulho e esperava que seus homens o seguissem. Não o fizeram. Em lugar disso o chamaram, disseram que não fosse tolo, mas ele seguiu caminhando e olhando para Sharpe. Sua espada era ridiculamente delgada quando a levantou para pôr-se em guarda. Disse algo para Sharpe, este negou com a cabeça, mas o francês insistiu e arremeteu contra ele. Este se viu obrigado a dar um salto para trás e levantar sua enorme espada em uma defesa desajeitada. A ira de Sharpe se dissipava com o ar fresco, a luta havia terminado e ele se sentia irritado ante a insistência do francês.

- Vá! Vamos lá!

Tentou recordar as palavras em francês, mas não conseguiu.

O irlandês começou a rir.

— Ponha-o de joelho, capitão!

O francês era pouco mais que um garoto, ridiculamente jovem, mas valente. Voltou a avançar com a espada horizontal, e desta vez Sharpe deu um salto para ele, grunhiu, e o francês retrocedeu tremendo.

Sharpe baixou a espada.

— Renda-se!

A resposta foi outra arremetida com a qual se aproximou do peito de Sharpe. Que deu um passo para trás e bateu com a espada de lado. Sentia que sua ira voltava. Praguejou contra o homem, olhou para as ameaças, mas o tonto seguia avançando irritado pelo riso do irlandês, e de novo Sharpe teve que parar e obrigá-lo a retroceder.

Harper terminou com a farsa. Tinha aberto caminho até o oficial e, enquanto isso o francês olhava para Sharpe buscando outro ataque, o sargento tossiu.

— Senhor? *Monsieur?*

O oficial girou. O gigante irlandês sorriu, adiantou-se desarmado e muito lentamente.

— *Monsieur?*

O oficial fez um gesto com a cabeça para Harper, franziu o cenho e disse algo em francês. O sargento consentiu com a cabeça seriamente.

— De acordo, senhor, de acordo.

Depois seu punho nervudo se elevou de algum lugar bem abaixo, para cima, direto no queixo do francês. Este desabou, os homens de Connaught soltaram um viva irônico, e Harper estirou o corpo inconsciente junto à muralha.

— Pobrezinho, tonto.

Sorriu brincalhão para Sharpe, absolutamente satisfeito consigo mesmo e deu uma espiada para a brecha. A luta continuava, mas Harper sabia que a parte do assalto que lhe correspondia já estava feita, e bem feita, e que nada podia tocá-lo nessa noite. Levantou um polegar para os comandos de Connaught e olhou para Sharpe.

— Garotos de Connaught, capitão. Bons lutadores.

— É isso aí — respondeu Sharpe sorrindo. — Onde está Connaught? Gales?

Harper brincou à custa de Sharpe, mas em gaélico, assim que se viu obrigado a escutar os risos de bom humor dos comandos. Estavam de bom humor, contentes, como o sargento de Donegal; tiveram um bom papel na luta desta noite, um papel que se converteria em uma bonita história para ir urdindo durante as longas noites de inverno em um futuro ainda inimaginável. Harper se ajoelhou para rebuscar os bolsos do francês inconsciente e Sharpe voltou-se para olhar a brecha do muro.

O 45º, no outro extremo, estava assaltando o segundo canhão. Haviam encontrado pranchas abandonadas na trincheira, e as lançaram por cima pela borda da armação. Sharpe observava, admirado, como os homens de Nottinghamshire carregavam atravessando o caminho perigoso e dirigiam suas baionetas contra os artilheiros do canhão. O gemido se convertera em um grito de vitória e a escura massa ia se desenroscando no fosso, atravessava

a brecha indefensa e passava formigante por entre os dois canhões silenciosos para as ruas da cidade. Ouviram-se alguns disparos que provinham de portas e janelas, mas somente uns poucos, e a horda britânica desceu em tropel pelos entulhos para onde a brecha havia vencido a antiga muralha medieval. Tinha terminado.

Ou quase. Existia uma segunda mina colocada nas ruínas da antiga muralha. Encheram com pólvora negra o interior de uma velha poterna e os franceses acendiam agora a mecha e disparavam correndo para as ruas. A mina explodiu. As chamas se elevaram como um raio na escuridão, as velhas pedras caíram derrubadas para fora, fumaça ardente e poeira, e junto com tudo isso veio o fedor da carne queimada; a cabeça da coluna vitoriosa se viu inutilmente dizimada. Por um segundo houve um silêncio de perplexidade, o tempo de uma respiração, e logo o grito que se ouviu não era de vitória, mas de vingança. As tropas levaram sua ira para o interior das ruas sem defesa.

Harper observava como aquela turba que uivava ia se espalhando para o interior da cidade.

— Acha que estamos convidados?

— Por que não?

O sargento sorriu zombeteiro.

— Bem sabe Deus que nós merecemos.

Ia balançando no ar um relógio de ouro e uma corrente e passou pela rampa que conduzia para baixo, para as casas. Sharpe o seguia e parou bruscamente. E ficou imóvel.

Abaixo, lá onde a segunda mina explodira, iluminado pela chama vacilante da madeira velha, havia um corpo mutilado. Um lado parecia que brilhava com sangue fresco, um brilho manchado com o marfim do osso, mas o outro lado era magnífico, com bordas amarelas e galão dourado. Uma capa de cavalaria debruada de pele cobria suas pernas.

— Oh, Deus!

Harper o ouviu e viu para onde estava olhando. Os dois homens desceram a rampa correndo a toda, resvalavam no gelo e na neve meio derretida, corriam para o corpo de Lawford.

Ganharam Cidade Rodrigo; “mas não a este preço — pensou Sharpe —, santo Deus, não a este preço”.

CAPÍTULO 4

Ouviam-se gritos provenientes da cidade, disparos dos soldados que abriam de golpe as portas das casas, e por cima de tudo isso o zunzum de gritos triunfantes. Depois da luta, a recompensa. Harper chegou primeiro até o corpo, afastou a capa de lado e se inclinou sobre o peito sangrento.

— Está vivo, capitão.

Sharpe achou que fosse uma paródia da vida. A explosão quase arrancara o braço esquerdo de Lawford, tinha esmagado as costelas e lhe abrira de maneira que sobressaíam por entre o que lhe restava de pele e de carne. O sangue lhe manava debaixo do uniforme imaculado. Harper, cheio de ira e de pesar, começou a rasgar a capa fazendo-a em tiras com os dentes. Sharpe olhou para a brecha para onde os homens ainda trepavam em direção às casas.

— Músicos!

As bandas estiveram tocando durante o assalto. Recordava ter ouvido sua música, e agora de repente podia identificar a melodia que tinha escutado: *A queda de Paris*. A esta altura, os músicos deviam estar fazendo o seu outro trabalho, cuidar dos feridos, mas não via a nenhum.

— Músicos!

Apareceu, como por milagre, o tenente Price, pálido e inseguro, e com ele um grupinho da companhia ligeira.

— Capitão?

— Uma maca. Depressa! E mande alguém ao batalhão.

Price cumprimentou. Havia se esquecido da espada que estava desembainhada em sua mão de tal maneira que a lâmina curva quase fatia o soldado Peters.

— Capitão.

O grupo saiu correndo.

Lawford estava inconsciente. Harper estava vendando o seu peito, seus enormes dedos eram surpreendentemente suaves com a carne esmigalhada. Levantou a vista para Sharpe.

— Tire-lhe o braço, capitão.

— O quê?

— É melhor agora que depois, capitão. — O sargento assinalou o braço esquerdo do coronel que se aguentava por uma única tira de tecido brilhante. — É possível que ele se salve, capitão, é possível, mas o braço não.

Uma parte de osso lascado sobressaía do toco. O braço estava dobrado de forma anormal para cima, apontando a cidade, e Harper lhe ia vendando o toco curto para conter a hemorragia. Sharpe se dirigiu com muito cuidado para a cabeça de Lawford, pisava com precaução, pois o solo estava escorregadio e não se podia ver se era pelo sangue ou pelo gelo. A única luz provinha da viga em chamas. Baixou a ponta de sua espada até o vulto ensanguentado e Harper moveu a lâmina até o lugar adequado.

— Deixe a pele, capitão. Servirá para cobri-lo.

Não é que fosse diferente de despedaçar um porco ou um boi, mas parecia. Ouviam-se estalidos provenientes da cidade que se intercalavam entre os berros.

— Está bem assim? — Sentia como Harper manipulava a lâmina.

— Agora, capitão. Direto para baixo.

Sharpe empurrou para baixo com ambas as mãos, quase como se estivesse cravando uma estaca na lama. A carne humana é resistente, resistente a tudo menos a um golpe abrasador, e Sharpe sentiu seu estômago se remexer quando a espada encontrou resistência e ele empurrou com força até que Lawford se retorceu na neve lodosa e escarlata e seus lábios desenharam uma careta. O braço se soltou. Sharpe se agachou até os dedos mortos e tirou um

anel de ouro. Daria a Forrest para que o enviasse para casa junto com o coronel, ou, Deus nos livre, para mandá-lo a seus familiares.

O tenente Price tinha regressado.

— Já vem, capitão.

— Quem?

— O major, capitão.

— Uma maca?

Price assentiu com a cabeça, parecia enjoado.

— Ele viverá, capitão?

— Como diabos vou saber? — Não era certo desabafar sua ira em Price. — Mas o que ele fazia aqui?

Price se encolheu de ombros com tristeza.

— Disse que vinha a buscar o senhor, capitão.

Sharpe ficou olhando o elegante coronel e soltou um palavrão. Lawford não tinha nada o que fazer na brecha. O mesmo, talvez, poderia dizer-se de Sharpe ou de Harper, mas o fuzileiro via uma diferença. Lawford tinha futuro, esperanças, uma família a proteger, ambições ao alcance da mão, e suas últimas ambições não estavam na vida de soldado. Tudo podia se perder por um momento de loucura em uma brecha, um momento no qual queria provar algo. Sharpe e Harper não tinham tal futuro, nem tais esperanças, apenas sabiam que eram soldados, tão bons como o tivessem sido em sua última batalha, úteis enquanto pudessem lutar. Ambos eram, pensava Sharpe, aventureiros que brincavam com suas vidas. Olhou para o coronel. Que pena!

Sharpe escutava o ruído que vinha da cidade, sons de regozijo e de vitória. Pensou que talvez em algum tempo um aventureiro teria futuro, quando o mundo fosse livre e uma espada fosse o passaporte para qualquer desejo. Agora não. Tudo estava mudando com uma rapidez e um ritmo desconcertantes. Três anos atrás, quando o exército derrotou os franceses em Vimeiro, foi com um exército pequeno, quase um exército doméstico, e o general podia passar revista em todas suas tropas numa só manhã e tinha tempo de examiná-las, recordá-las. Sharpe conhecia a maioria dos oficiais que estavam na frente, por seu rosto, se não por seu nome, e era bem-vindo em seus fogos noturnos. Agora não. Agora havia

generais disto e daquilo, de divisão e de brigada, e chefes de polícia militar e capelães castrenses, e o exército era muito grande para poder vê-lo em uma só manhã ou mesmo marchar por um único caminho. Wellington ficara distante da força. Havia burocratas no exército, defensores dos arquivos, Sharpe sabia que logo um homem teria menos importância que as folhas de papel, como aquela nomeação dobrada e esquecida em Whitehall.

— Sharpe! — gritava o major Forrest, apressando-se sobre os entulhos. Conduzia um grupinho de homens, alguns deles acarretavam uma porta, a maca para Lawford.

— O que aconteceu?

Sharpe apontou as ruínas que havia a seu redor.

— Uma mina, senhor. Acertou-lhe em cheio.

Forrest sacudiu a cabeça.

— Oh, Deus! Que fazemos?

A pergunta não era surpreendente vindo do major. Era um homem amável, um bom homem, mas não um homem de decisão.

O capitão Leroy, o legitimista americano, inclinou-se para acender seu charuto escuro e delgado nas vacilantes chamas da viga de madeira.

— Deve haver um hospital na cidade.

Forrest assentiu com a cabeça.

— Para a cidade. — Ficou olhando horrorizado para o coronel.

— Meu Deus! Ele perdeu um braço!

— Sim, major.

— Viverá?

— Sabe Deus, senhor — respondeu Sharpe encolhendo os ombros.

De repente o frio se intensificou, o vento alcançava a brecha e gelava os homens que faziam rodar o coronel, ainda misericordiosamente inconsciente, sobre a maca improvisada. Sharpe limpou a lâmina de sua espada com um farrapo da capa de Lawford, embainhou-a e subiu o colarinho de seu capote.

Não era a entrada em Cidade Rodrigo que ele tinha imaginado. Uma coisa era lutar para atravessar uma brecha, vencer o último obstáculo e sentir o júbilo da vitória, mas seguir Lawford

em uma marcha lenta quase funerária estava destroçando o triunfo. Também era inevitável se fazer outras perguntas naquele momento, ainda que Sharpe odiasse pensar nisso.

Teria um coronel novo no South Essex, um estranho. O batalhão mudaria, talvez para melhor, mas provavelmente não seria para favorecer a Sharpe. Lawford, cujo futuro resumava entre a bandagem tosca, havia aprendido a confiar em Sharpe fazia anos; em Seringapatam, Assaye e Gawilghur, mas Sharpe não podia esperar favores de um homem novo. A substituição de Lawford daria suas dívidas por liquidadas, suas próprias idéias, e os antigos vínculos de lealdade, amizade, e inclusive de gratidão que o tinham mantido unido ao batalhão se desfariam. Sharpe pensou na nomeação. Se fosse recusada, e seguia pensando que assim podia suceder, Lawford não teria feito caso do rechaço. Manteria Sharpe como capitão da companhia ligeira, passasse o que passasse, mas não era assim. O homem novo estabeleceria suas próprias disposições e Sharpe sentiu um arrepio de incerteza.

Entraram na cidade, por entre grupos de homens determinados a obter uma recompensa pelo esforço da noite. Um grupo do 88º havia aberto uma adega a machadadas, lascaram a porta com as baionetas e agora tinham estabelecido seu próprio negócio vendendo o vinho roubado. Alguns oficiais tentavam restabelecer a ordem, mas estavam em inferioridade numérica e eram desprezados. Umas peças de tecido caíam em cascata de uma janela superior e cobriam a rua estreita criando uma grotesca paródia de dia de festa, ao passo de alguns soldados que destroçavam o que não queriam saquear. Um espanhol jazia junto a uma porta, o sangue lhe jorrava por uma dúzia de fios de seu couro cabeludo, enquanto que na casa de trás se ouviam chiados, gritos e soluços femininos.

A praça principal era como um manicômio no qual todos os loucos fossem postos em liberdade. Um soldado do 45º passou diante de Sharpe cambaleando e agitou uma garrafa no rosto do fuzileiro. O homem estava absolutamente bêbado. "O armazém! Abrimos o armazém". Caiu no chão.

O armazém francês de bebidas havia sido destruído. Ouviam-se gritos que provinham do interior do edifício, batidas dos barris que se rompiam e disparos de mosquete de homens enlouquecidos que lutavam por seu conteúdo. Uma casa próxima estava em chamas e um soldado, com sua casaca vermelha decorada com as bordas verdes do 45º, cambaleava de dor, com as costas ardendo e tentando sufocar as chamas vertendo uma garrafa por cima do ombro. O álcool de batalha acendeu, queimou-lhe a mão, e o homem caiu retorcendo-se; morreria sobre as pedras. Do outro lado da praça uma segunda casa estava ardendo e alguns homens gritavam pedindo ajuda das janelas superiores. Sobre a calçada, umas mulheres gritavam assinalando para seus homens apanhados, mas as mulheres foram agarradas pelos braços por alguns casacas-vermelhas que as levaram gritando para um beco. Perto dali estavam saqueando uma loja. Lançavam varras de pão e presuntos que se espetavam em baionetas estendidas, e Sharpe viu o tremor das chamas no interior do edifício.

Algumas tropas haviam mantido a disciplina e seguiam seus oficiais nas inúteis tentativas de deter o alvoroço. Um cavaleiro cavalgou por um grupo de bêbados agitando uma espada embainhada, dissolveu o grupo, e saiu com uma jovem gritando pendurada de sua sela. O ginete levou a garota para um monte de mulheres protegidas por tropas sóbrias e voltou a dirigir seu cavalo para a confusão. Chiados e gritos, risos e lágrimas, o barulho da vitória.

Observando tudo, com um temor reverencial, os sobreviventes da guarnição francesa se reuniram no centro da praça para render-se. A maioria ainda portava armas, mas se rendiam pacificamente às tropas britânicas que abriam passagem até os perdedores e os saqueavam. Algumas mulheres se agarravam aos maridos e amantes franceses, e eram deixadas em paz. Ninguém se vingava dos franceses. A batalha fora curta e havia pouco ódio. Sharpe tinha ouvido uma sugestão, que flutuava como um rumor antes do assalto: que os sobreviventes franceses tinham de ser massacrados, não como vingança, mas como um aviso para que a guarnição de Badajoz soubesse o que lhes esperava se decidissem resistir em

sua fortaleza. Não era nada mais que um rumor. Estes franceses, silenciosos no centro do alvoroço, seriam conduzidos a Portugal pelas rotas de inverno até Porto, e depois em barco para as fétidas prisões ou mesmo para a nova prisão, construída para prisioneiros de guerra, no desolado Dartmoor.

— Santo Deus! — O major Forrest abriu os olhos e olhou fixamente para as tropas que saqueavam seus soldados. — São monstros! Autênticos monstros!

Sharpe não replicou. Havia poucas recompensas para um soldado. O pagamento não fazia rico a nenhum homem, e os campos de batalha que proporcionavam butim eram poucos e pouco frequentes. Um sítio era a luta mais dura e os soldados sempre souberam que a vitória em uma brecha era uma razão para se descuidar toda disciplina e pegar sua recompensa da fortaleza conquistada. E se a fortaleza era uma cidade, muito mais que pilhar, e se os habitantes da cidade eram seus aliados, então má sorte; estavam no lugar errado em um momento inoportuno. A vida sempre fora assim e assim seguiria sendo, porque esta era o velho costume, o costume da soldadesca. Na realidade, Cidade Rodrigo não estava sofrendo muito. Havia, aos olhos de Sharpe, muitas tropas sóbrias e disciplinadas que não se uniram ao saque e que pela manhã recolheriam os bêbados e se ocupariam dos cadáveres. O sofrimento da cidade acabaria num esgotamento etílico. Olhou ao seu redor tentando identificar um hospital.

— Capitão! Capitão!

Sharpe girou. Era Robert Knowles, que havia sido seu tenente até o dia anterior, mas que agora era capitão. O fato de chamá-lo "capitão" era simplesmente hábito.

— Como está?

Knowles sorria satisfeito. Usava o uniforme de seu novo regimento. Sharpe assinalou o corpo de Lawford e a fisionomia do jovem capitão mudou.

— Como?

— Uma mina.

— Céus! Viverá?

— Sabe Deus. Necessitamos de um hospital.

— Por aqui. — Knowles tinha penetrado na cidade pela brecha menor pela qual a divisão ligeira atacara, e conduziu o grupo para o norte, entre a multidão, até uma rua estreita.

— Passei pela frente vindo por aqui. Um convento. Crauford está lá.

— Ferido? — Sharpe acreditava que Black Bob Crauford era indestrutível. O general da divisão ligeira era o homem mais duro do exército.

Knowles consentiu com a cabeça.

— Um disparo. Está mal. Não acreditam que viva. Ali. — Apontou para um grande edifício de pedra rematado com uma cruz que dava para um claustro com arcos iluminado por tochas. Havia homens feridos que no exterior, atendidos por amigos, enquanto que das janelas superiores saíam gritos desesperadores; atrás delas os cirurgiões já estavam trabalhando com suas lâminas dentadas.

— Para dentro!

Sharpe abriu passagem a empurrões entre os homens que estavam na porta da entrada ignorando uma freira que tentava detê-lo. Foi abrindo passagem à força para a maca do coronel. O piso ladrilhado brilhava com sangue recente que parecia negro à luz das velas. Uma segunda freira empurrou Sharpe de lado e olhou para Lawford. Seus olhos se fixaram no galão dourado e na elegância do uniforme manchado de sangue, e deu ordens para as irmãs. Levarem o coronel por uma porta em arco para qualquer dos horrores que lhe infligissem os cirurgiões.

Os homens do grupo olharam uns para os outros, sem resmungar, mas nos rostos de cada um notava-se profundamente o cansaço e a tristeza. O South Essex, que conseguira tanto sob o comando de Lawford, estava a ponto de mudar. Os soldados podem pertencer a um exército, usar o uniforme de um regimento, mas vivem em um batalhão e o comandante do batalhão é quem lhes proporciona ou lhes tira a alegria. Todos compartilhavam o mesmo pensamento.

— E agora? — disse Forrest aflito.

— Vá dormir um pouco — disse Leroy cruamente.

— Revista pela manhã, senhor? — Sharpe acabava de se dar conta de que Forrest estava ao comando até que o novo homem ocupasse o posto. — A brigada terá as ordens.

Forrest assentiu com a cabeça. Indicou com a mão a porta por onde Lawford desaparecera.

— Tenho que informar isto.

Knowles colocou uma mão no cotovelo de Forrest.

— Eu sei onde fica o quartel general, major. Posso levá-lo lá.

— Sim — respondeu Forrest hesitando. Viu uma mão cortada sobre as lajotas enxadrezadas e quase teve náuseas. Sharpe afastou a mão com um chute e a mandou para baixo de uma grande arca de madeira escura. — Vá, major.

Forrest, Leroy e Knowles partiram. Sharpe virou-se para o tenente Price e o sargento Harper.

— Vão à busca da companhia. Assegurem-se de que têm alojamento.

— Sim, capitão — respondeu Price, que parecia surpreso.

Sharpe lhe deu alguns tapinhas no peito.

— Mantenha-se sóbrio.

O tenente consentiu com a cabeça, depois suplicou.

— Meio sóbrio?

— Sóbrio.

— Vamos, tenente — disse Harper enquanto levava Price. Não havia a menor dúvida de qual era o homem que mandava.

Sharpe observava os homens que entravam no convento: cegos, coxos, feridos, franceses e britânicos. Tentou ignorar os gritos, mas era impossível, os alaridos penetravam nos sentidos como a fumaça acre que flutuava nas ruas da cidade naquela noite. Um oficial dos fuzileiros do 95º desceu a escada principal chorando e viu Sharpe.

— Está mal.

Não sabia com quem estava falando, salvo que Sharpe era outro fuzileiro.

— Crauford?

— Tem uma bala na coluna. Não podem tirá-la. O sacana ficava de pé na brecha, justo no maldito centro, e nos dizia para

movermos o traseiro. Atiraram nele!

O oficial saiu. A noite era fria. Crauford nunca pedia a seus homens algo que ele mesmo não fizesse, e ele devia estar ali, maldizendo e cuspiendo, fazendo seus homens avançar, e agora morreria. O exército não seria o mesmo. As coisas estavam mudando.

Um relógio deu as dez em ponto e Sharpe pensou que já tinham transcorrido três horas desde que deslizaram pela neve em direção à brecha. Apenas três horas! A porta pela qual levaram Lawford se abriu e um soldado arrastou para fora um cadáver. Não era o coronel. O corpo, que puxavam pelos calcanhares, deixou uma viscosidade gelatinosa de lodo ensanguentado sobre as lajotas.

A porta ficou aberta e Sharpe se aproximou, apoiou-se na dobradiça e ficou olhando para o interior do ossuário à luz das velas. Lembrou a oração do soldado, dia e noite, *que Deus os livrasse da navalha do cirurgião*. Lawford estava sobre uma mesa, bem seguro com correias, com o uniforme cortado. Uma ordenança se apoiava em seu peito tapando-lhe o rosto, enquanto um cirurgião, com o avental esticado de sangue de cor ocre-queimado, gemia e empurrava a navalha para dentro. Sharpe viu os pés de Lawford, ainda cobertos pelas botas com esporas de cabeça de cisne, dando puxões nas correias de couro. O cirurgião suava. As velas derretiam e ele girou com o rosto salpicado de sangue.

— Fechem a maldita porta!

Sharpe a fechou, perdendo de vista os membros cortados dos corpos que esperavam. Queria beber um pouco. As coisas estavam mudando. Lawford sob a navalha, Crauford morrendo em cima, o ano novo zombando deles. Permaneceu na entrada, na sombra escura, e lembrou a iluminação a gás que vira no Pall Mall de Londres há apenas dois meses. Uma maravilha do mundo, haviam dito, mas ele não achava assim. Iluminação a gás, energia de vapor, homens estúpidos em despachos com óculos sujos e arquivos ordenados, os novos cidadãos da Inglaterra que paralisariam o mundo com tubulações, condutos, papel e sobretudo ordem. A ordem antes de tudo. A Inglaterra não queria saber nada da guerra. Um herói era a admiração durante uma semana, desde que não

tivesse cicatrizes como os mendigos das ruas londrinas. Havia homens com apenas a metade do rosto, cobertos de chagas ulcerosas, homens com as órbitas dos olhos vazias, com as bocas rasgadas, com tocos, andrajosos que pediam aos gritos um penique para um velho soldado. Vira como os faziam sair para que não manchassem a prístina e sussurrante luz do Pall Malí. Sharpe lutara junto a alguns deles, tinha-os visto cair em um campo de batalha, mas para seu país não importava. Havia hospitais militares, certamente, em Chelsea e Kilmainham, mas eram os soldados que os mantinham, não o país. O país queria aos soldados longe.

Sharpe queria beber algo.

A porta do quarto do cirurgião se abriu de um golpe e Sharpe girou e viu que levavam Lawford em uma maca de lona para uma escada larga. Apressou-se até as ordenanças.

— Como está?

— Se não apodrecer, capitão... — O homem não terminou a frase. Seu nariz gotejava, mas não podia enxugá-lo porque tinha as mãos na maca. Sorveu o nariz. — Amigo seu, capitão?

— Sim.

— Não pode fazer nada esta noite, capitão. Volte amanhã. Nós cuidaremos dele. — Assinalou com a cabeça para cima. — Os tenentes coronéis e oficiais de alta graduação estão no segundo andar, capitão. Um luxo sangrento. Não como os que estão nos porões.

Sharpe imaginava, já tinha visto bastantes vezes, os úmidos porões onde se jogavam os feridos em colchões de palha piolhentos. Sempre reservavam uma parte da sala como depósito de cadáveres e ali os desenganados apodreciam. Deixou que se fossem e virou-se para partir.

Cidade Rodrigo, a grande fortaleza do norte, havia caído. Os livros de história registrariam o feito e nos anos vindouros a vitória seria recordada com orgulho. Em apenas doze dias, Wellington tinha surpreendido, cercado, assaltado e tomado a cidade. Uma vitória. E ninguém recordaria os nomes dos homens que morreram na brecha, que lutaram para calar os grandes canhões mortíferos escondidos na muralha. Os ingleses celebrariam. Gostavam das

vitórias, em particular as que ocorriam longe de casa e que fortaleciam seu senso de superioridade com relação aos franceses, mas não queriam saber nada disto: dos gritos dos feridos, do ruído surdo dos membros amputados, do lento gotejar do sangue espesso proveniente do teto da entrada.

Sharpe entrou na rua fria e subiu o colarinho para se proteger de uma repentina lufada de neve. Esta vitória não lhe produzia nenhuma alegria; apenas um sentimento de perda, de solidão e de trabalho inacabado que tinha que realizar em uma brecha. Tudo podia esperar.

Foi procurar algo para beber.

CAPÍTULO 5

Havia começado a nevar de novo, e alguns flocos finos manchavam os capotes dos bêbados caídos na rua. Fazia frio. Sharpe sabia que encontraria algum lugar quente, algum lugar onde poderia limpar adequadamente a espada antes que começasse a enferrujar, algum lugar onde dormir, mas antes queria beber algo.

A cidade estava mais silenciosa. Ainda se ouviam os ecos dos gritos que desciam pelos becos e disparos isolados de mosquetes, e uma vez, inexplicavelmente, uma explosão abafada. Mas Sharpe não se preocupava com isso. Queria beber para afugentar a pena de si mesmo; o pensamento contínuo de que sem Lawford poderia voltar a ser um tenente às ordens de um capitão dez anos mais jovem que ele, sem experiência, e seu humor azedava enquanto se dirigia para as luzes pestanejantes da praça onde o armazém de bebidas dos franceses tinha sido aberto à força.

Os prisioneiros franceses ainda estavam no centro da praça, mas sem seus oficiais, que tinham dado sua palavra de honra e tinham ido dormir ou beber com seus captores. Os soldados franceses estavam sentados tremendo e sem armas. Os guardas os observavam com curiosidade, com as mãos metidas nos bolsos, com os mosquetes carregados e suas baionetas penduradas nos ombros frios. Outras sentinelas vigiavam as casas, detinham os últimos saqueadores que ainda cambaleavam, bêbados, iluminados pelos edifícios em chamas.

Sharpe foi parado no armazém de licores por uma sentinela nervosa.

— Não se pode entrar aí, capitão.

— Por que não?

— Ordens do general, capitão. Ordens.

Sharpe lhe gemeu.

— Foi o general que me enviou. Tem sede.

A sentinela sorriu brincalhonamente, mas manteve o mosquete impedindo a entrada.

— Sinto muito, capitão. São ordens, capitão.

— O que se passa? — perguntou um sargento, um grandalhão que caminhava lentamente. — Algum problema?

Sharpe se virou para o sargento.

— Vou entrar para buscar bebida. Quer deter-me?

O sargento se encolheu de ombros.

— É com o senhor capitão, mas eu não aconselho. É álcool puro de merda, isso é o que é, capitão. Matou a dois garotos. — Olhou de cima abaixo para Sharpe, viu o sangue de seu uniforme. — Esteve na brecha, hein, capitão?

— Sim.

O sargento assentiu com a cabeça e soltou um cantil de seu pescoço.

— Aqui está, capitão. Conhaque. Tirei de um prisioneiro. Com os cumprimentos do 83º.

Sharpe o pegou, agradeceu, e o sargento deixou escapar um suspiro longo e lento enquanto olhava o fuzileiro que se afastava caminhando.

— Sabe quem era esse, garoto?

— Não, sargento.

— Era Sharpe. Sorte sua eu estar aqui.

— Sorte, sargento?

— Sim, garoto. Se não, talvez tivesse tido que disparar em um herói. — O sargento sacudiu a cabeça. — Ah, ah, ah, então ele gosta de tomar um trago, né?

Sharpe caminhava junto a uma das casas em chamas onde o calor do fogo tinha derretido a neve e a havia convertido em um resplendor brilhante sobre os seixos. Uma mesa quebrada estava caída de lado e se sentou nela, observou os prisioneiros na neve e desejou poder embebedar-se. Sabia que não o faria. Assim que o

primeiro gole do conhaque fortíssimo desceu por sua garganta reconheceu que era indulgente consigo mesmo. Tinha de encontrar a companhia, limpar a espada, pensar em amanhã, mas não ainda. Sentia calor junto à casa em chamas, o primeiro calor que sentia há dias e queria ficar sozinho durante um tempo. Maldito Lawford por penetrar numa brecha onde não tinha nada o que fazer!

Ouviram-se alguns cascos ressoando sobre os seixos e um grupo de cavaleiros entrou na praça. Usavam capas longas e escuras, chapéus de aba larga, e Sharpe percebeu as silhuetas de mosquetes e de espadas. Guerrilheiros. Sentiu uma raiva obscura e desagradável. Os guerrilheiros eram os homens e mulheres da Espanha que lutavam na guerrilha e conseguiam o que os exércitos espanhóis não haviam conseguido; estavam imobilizando milhares e milhares de tropas napoleônicas, tropas contra as quais os britânicos não teriam que se enfrentar, contudo, a presença dos ginetes espanhóis na praça de Cidade Rodrigo incomodou a Sharpe. Estes guerrilheiros não tinham lutado para atravessar uma brecha, não tinham enfrentado os canhões, contudo aqui estavam, vinham para beliscar como abutres em torno de um cadáver que não haviam contribuído para matar. Os cavaleiros se detiveram. Olhavam para os prisioneiros franceses com um silêncio ameaçador.

Virou-se para partir. Deu outro gole e ficou olhando a cor vermelho-vivo, quase com a intensidade de um forno, da casa derrubada pelo fogo. Pensou em Badajoz, que esperava ao sul, Badajoz a inexpugnável. Talvez o funcionário marcado de varíolas de Whitehall poderia escrever-lhe uma carta para a guarnição dizendo-lhes que sua presença era "irregular", e Sharpe começou a rir ante tal ideia. Maldito funcionário de merda!

Ouviu um grito atrás dele que o fez virar. Um único ginete tinha abandonado o grupo de cavaleiros! E passava pela frente do grupo de prisioneiros. Os franceses se jogaram para trás retorcendo-se, temendo a vingança dos espanhóis, e as sentinelas britânicas tentaram inutilmente obrigar o cavalo se afastar. O ginete esporeou ao trote, a meio galope, e a neve cuspiu água ao golpear com os cascos os seixos. O cavaleiro voltou o rosto para Sharpe, os

calcanhares baixaram de golpe, e o cavalo se dirigiu para o solitário fuzileiro sob a luz da casa em chamas.

Sharpe observou como o homem se aproximava. Se queria bebida que procurasse. Saltaram faíscas dos seixos quando o cavalo freou e Sharpe desejou friamente que a besta escorregasse e jogasse o cavaleiro em um salto ignominioso. Ainda que o homem fosse um ginete excelente, isso não lhe dava o direito de molestar um homem que merecera beber uma taça tranquilamente. Sharpe deu a volta, sem fazer caso do espanhol que desmontava.

— Não se lembra de mim?

Sharpe ouviu a voz e esqueceu a bebida. Virou-se e levantou a cabeça. O ginete tirou o chapéu de aba larga, sacudiu a cabeça, e o cabelo comprido e negro lhe caiu de ambos os lados do rosto, um rosto que parecia o de um falcão. Magro, cruel, e muito, muito belo. Ela lhe sorriu.

— Vim buscá-lo.

— Teresa? — O vento arrancou neve de um telhado e a amontoou loucamente por cima do fogo da casa em chamas. — Teresa? — Estendeu a mão para ela e ela se aproximou dele e a agarrou como da primeira vez, há dois anos, sob as espadas dos lanceiros franceses. — Teresa? É você?

Ela levantou a vista para ele, zombando.

— Esqueceu-se de mim.

— Santo céu! Onde tem estado? — Começou a rir e desapareceu sua infelicidade, tocou-lhe no rosto como se quisesse comprovar que era ela. — Teresa?

Ela também passou a rir com verdadeiro prazer e lhe passou um dedo pela cicatriz da bochecha.

— Pensei que tinha me esquecido.

— Esquecer-te? Não — disse ele sacudindo a cabeça, mudo de repente, ainda que tivesse muito para dizer.

Ele tivera a esperança de encontrá-la no ano anterior quando o exército marchou por Fontes de Oñoro, a apenas algumas léguas de Cidade Rodrigo. Esse era o território de Teresa. Pensava que talvez ela o procurasse neste último ano, mas não teve nenhum sinal dela, e logo ele se foi para a Inglaterra e lá conheceu Jane

Gibbons. Tirou isso da cabeça, olhou para Teresa e se perguntou como podia ter esquecido aquele rosto, a vida que havia nele, a tremenda força de sua presença.

Teresa sorriu para ele e assinalou com a cabeça o fuzil pendurado em seu ombro.

— Ainda tenho sua arma.

— Matou quantos com ela?

— Dezenove — disse ela fazendo uma careta. — Não o suficiente. — Ela odiava aos franceses com ódio puro e aterrador. Girou entre seus braços e ficou olhando os prisioneiros. — Quantos matou esta noite?

Sharpe pensou na luta. Deu de ombros.

— Não sei. Dois, talvez três?

Ela levantou os olhos para ele e sorriu brincalhona.

— Não o suficiente. Sentiu saudades de mim?

Sharpe tinha esquecido o quanto ela zombava dele. Consentiu com a cabeça, perturbado.

— Sim.

— Estou em falta com você — disse ela de forma prosaica, quase precisa, o que lhe deu um toque de absoluta certeza.

Separou-se dele.

— Escute. — Assinalou com a cabeça para os outros ginetes. — Estão impacientes. Vai a Badajoz?

Ele se sentiu confuso pela pergunta inesperada.

— Badajoz? — consentiu com a cabeça. Era para ser um segredo. Não disseram nada ao exército, mas todos os homens sabiam que teriam que tomar as duas fortalezas. — Sim, suponho que sim.

— Bem. Então eu fico. Irei dizer a minha gente. — Ela se virou para seu cavalo.

— Você o quê?

— Não quer que eu fique? — Teresa estava zombando outra vez dele e passou a rir. — Depois eu explico, Richard. Temos algum lugar onde ficar?

— Não.

— Encontraremos algo. — Ela montou de um salto no cavalo e voltou a assinalar com a cabeça para os guerrilheiros. — Querem partir. Vou a dizer que podem ir. Espera-me aqui?

— Sim, senhora — disse ele fazendo uma saudação.

— Assim é melhor. — Ela lhe sorriu, deslumbrando-o com sua beleza, com a alegria de seu rosto, e depois esporeou o cavalo e voltou atravessando a neve lodosa.

Sharpe sorriu brincalhão e voltou-se para o fogo, olhando-o, e sentiu um grande alívio porque ela tinha vindo. Desejou que nunca partisse. Depois pensou em suas palavras e escutou no fundo de sua mente o débil alarme ante a menção do nome, Badajoz. Esta noite tinha sido uma vitória, mas apenas conduzia a um lugar, ao lugar aonde marchavam os britânicos, os franceses, os espanhóis, os artilheiros, a infantaria, a cavalaria e os engenheiros; todos marchavam para lá.

E agora, ao que parecia, também caminhavam os amantes. Para Badajoz.

CAPÍTULO 6

Acharam uma casa muito perto das muralhas que servira aos artilheiros franceses. Tinha comida na cozinha, pão duro e língua frita. Sharpe acendeu um fogo e observou Teresa que fincava a baioneta na barra de pão e fundava a folha. Ele começou a rir.

Ela o olhou com ferocidade.

— De que está rindo?

— Não consigo imaginá-la como dona de casa.

Ela apontou com a lâmina para ele.

— Escute inglês, eu sei cuidar de uma casa, mas não a de um homem que ri de mim. — Deu de ombros. — O que acontecerá quando a guerra acabar?

Ele caiu na risada.

— Você comandará um fogão, mulher.

Ela concordou com a cabeça, triste com esse pensamento. Carregava uma arma, assim como outras espanholas, porque muitos homens tinham evitado esse trabalho, mas quando chegasse a paz os homens voltariam a ser valentes e obrigariam as mulheres a voltar para o fogão. Sharpe percebeu a melancolia em seu rosto.

— Então, o que temos de falar?

— Depois. — Pôs o prato no fogo e riu ao ver a comida insípida. — Coma primeiro.

Os dois estavam famintos. Polvilharam a comida com conhaque aguçado e depois, debaixo dos cobertores que anteriormente adornaram os lombos dos cavalos franceses, fizeram amor junto ao fogo. Sharpe desejou pegar aquele momento, fazê-lo

durar para sempre. A quietude de uma casinha em uma cidade já conquistada; os únicos ruídos as chamadas das sentinelas na muralha, o latido de um cachorro, o crepitar do fogo pequeno que se apagava. Ela não ficaria, ele já sabia, para se converter em uma das que vão seguindo cada acampamento. Teresa queria lutar contra os franceses, vingar-se de uma nação que havia violado e matado a sua mãe. Talvez, pensou, não devesse esperar, nunca poderia esperar que essa felicidade fosse para sempre. Toda felicidade é passageira. Sua mente evitava pensar em Lawford jazendo no convento. Teresa voltaria às colinas, as emboscadas e à tortura, ao assédio dos franceses em terrenos hostis. Se ele não fosse soldado, pensou Sharpe, se fosse um guarda-florestal ou um cocheiro, ou quaisquer dos trabalhos que tivesse podido encontrar, também poderia ter tido uma existência tranquila. Mas não assim, sendo um soldado.

Teresa deixou cair sua mão sobre a pele do peito, logo seus dedos ligeiros percorreram as costas, e as cicatrizes de suas antigas feridas.

— Encontrou os homens que lhe surraram?

— Ainda não. — O haviam açoitado, fazia anos, quando era soldado raso.

— Como se chamavam?

— Capitão Morris e sargento Hakeswill. — Disse os nomes com voz apagada. Tinha-os bem gravados na mente, esperando a vingança.

— Você os encontrará.

— Sim.

Ela sorriu.

— E os machucará?

— Muito.

— Bom.

Sharpe sorriu brincalhão.

— Acreditava que os cristãos perdoavam seus inimigos.

Ela sacudiu a cabeça e seu cabelo fez cosquinhas nele.

— Somente quando estão mortos. De todas as formas... — Arrancou-lhe um cabelo do peito. — Você não é cristão.

— Você sim.

Ela deu de ombros.

— Não gosto dos padres. Eu aprendi inglês com um padre, o padre Pedro. Ele é bom, mas os outros... — Cuspiu no fogo. — Não me deixam comungar porque sou má. — Disse algo muito rápido, algo que teria confirmado sua opinião dos padres. Ergueu-se e olhou ao redor do quarto. — Aqueles porcos devem ter deixado algum vinho.

— Não encontrei nenhum.

— Não procurou com cuidado. Só pensava em me ter debaixo dos cobertores.

Levantou-se e rebuscou o quarto. Sharpe a observava, amava a esbelteza de seu corpo, a força de sua magreza. Ela estava abrindo armários e jogando o conteúdo com violência no chão.

— Aqui. — lançou para ele uma prateleira de madeira, solta de uma vitrina. — Jogue-a no fogo.

Sharpe a polvilhou com pólvora para que acendesse melhor, e quando se virou ela tinha encontrado vinho e o balançava na frente dele.

— Viu só? Os porcos sempre têm vinho. — Teresa viu que ele olhava para seu rosto e ficou séria. — Mudei muito?

— Não.

— Tem certeza? — perguntou ela de frente para ele, nua, com rosto preocupado.

— Tenho. Está linda. — Ele estava confuso. — Deveria haver algo diferente?

Teresa deu de ombros, atravessou o quarto e se sentou junto dele. A rolha estava meio para fora da garrafa e ela a tirou e cheirou o vinho.

— Horrroso — disse enquanto bebia um pouco e passava a garrafa para Sharpe.

— O que aconteceu?

Ele sabia que o momento em que ela tinha que falar tinha chegado.

Ficou em silêncio por alguns segundos olhando fixamente o fogo, virou-se bruscamente para ele com o rosto furioso.

— Vai mesmo para Badajoz?

— Sim.

— Tem certeza? — Parecia que ela necessitasse ter a certeza.

Sharpe deu de ombros.

— Não posso ter certeza. O exército irá, mas podem nos enviar para Lisboa, ou talvez deixar-nos aqui. Não o sei. Por quê?

— Porque eu quero que esteja lá.

Sharpe esperou que ela continuasse, mas parou de falar e ficou olhando fixamente o fogo. O vinho estava azedo, mas ele bebeu um pouco e lhe pôs o cobertor aberto pelos ombros.

— Por que me quer lá? — perguntou ele docemente.

— Porque eu estarei lá.

— Estará lá?

Sharpe pronunciou estas palavras como se descrevesse a coisa mais natural do mundo, mas em seu interior tentava encontrar uma razão, qualquer razão, que levasse Teresa à maior fortaleza francesa na Espanha.

Ela assentiu com um movimento de cabeça.

— Dentro. Tenho estado lá, Richard, desde abril.

— Em Badajoz? Lutando?

— Não. Ali não me conhecem como “A agulha”. Acreditam que sou Teresa Moreno, sobrinha de Rafael Moreno, irmão de meu pai.

— Sorriu com tristeza. — Os franceses inclusive me deixam portar um fuzil na cidade, pode imaginar? Para que me proteja dos terríveis guerrilheiros. — Começou a rir. — Vivemos lá, minha tia, meu tio e eu, comerciamos com peles, couro, e queremos a paz para que os ganhos sejam melhores. — Fez uma careta.

— Não entendo.

Afastou-se dele, atçou o fogo com a baioneta e bebeu um pouco mais de vinho.

— Haverá problemas lá?

— Problemas?

— Como esta noite? Mortes? Roubos? Estupros?

— Se os franceses lutarem, Sim.

— Lutarão. — Ela o olhou. — Tem que me pegar na cidade, entende?

Sharpe consentiu com a cabeça, confuso.

— Entendo. — Um cachorro latiu lá fora, entre a suave neve que caía. — Mas por que em Badajoz?

— Ficaré chateado.

— Não me chatearei. Por que em Badajoz?

Teresa voltou a ficar em silêncio, mordeu o lábio enquanto escrutinava seu rosto, pegou a mão de Sharpe e a colocou, debaixo do lençol, sobre seu estômago nu.

— Está diferente?

— Não. — Ele lhe acariciou a pele. Ela respirou fundo.

— Tive um filho. — A mão parou aberta sobre a carne cálida. Teresa deu de ombros. — Eu disse que se chatearia.

— Um filho? — Sua mente dava voltas como a neve sobre as chamas.

— Seu filho. Nossa filha. — Seus olhos se encheram de lágrimas e escondeu sua cabeça no ombro do capitão. — Está doente, Richard, muito doente, e não pode viajar. Poderia morrer. É tão pequena.

— Nossa filha? Minha? — Começou a sentir alegria.

— Sim.

— Que nome lhe deu?

Teresa levantou a vista para ele, com os olhos brilhantes cheios de lágrimas.

— Antônia. Era o nome de minha mãe. Se fosse um menino teria lhe chamado de Ricardo.

— Antônia — disse ele. — Gostei.

— Foi mesmo?

— Foi.

— E não está chateado?

— Por que estaria?

Ela deu de ombros.

— Os soldados não precisam de filhos.

Sharpe a puxou para si, recordando seu primeiro beijo, não longe dali, debaixo de chuva enquanto os lanceiros franceses vasculhavam o leito do rio. Tiveram pouco tempo para ficar juntos.

Recordava quando se separaram sob as sombras da fumaça de Almeida.

— Quanto tempo tem?

— Pouco mais de sete meses. É muito pequena.

Era como ele supunha. Pequenina, vulnerável, enferma, e em Badajoz, tomada pelos franceses, cercada pelas muralhas que se alçavam escuras sobre o Guadiana. Sua filha.

Teresa sacudiu a cabeça.

— Eu achei que se chatearia.

Disse aquelas palavras com a mesma suavidade com que a neve caía do outro lado das janelas.

— Chateado? Não. Estou...

Mas não encontrava as palavras. Uma filha? Sua? E esta mulher era a mãe de sua filha? Ficou consumido no assombro e na confusão, e não encontrava as palavras. Mais que uma filha, uma família, e Sharpe pensava que não tinha uma família desde que sua mãe morreu há trinta anos, e apertou forte a Teresa, apertando-a, porque não queria que ela visse seus olhos. Tinha uma família, finalmente, uma família.

Em Badajoz.

CAPÍTULO 7

— Aonde vamos?

— A Badajoz!

O batalhão achava que se tratava de uma brincadeira muito divertida. Bastava que um homem da companhia gritasse a pergunta para que o restante dos homens respirasse fundo e berrasse a resposta. Exageravam na pronúncia espanhola; o som gutural e asfixiante da “j” alongado até o som do “z” castelhana. O nome, gritado pelo South Essex, soava como se quatrocentos homens em uníssono vomitassem e cuspissem; aquela diversão os havia acompanhado pelas rotas portuguesas que já eram familiares. Marchavam perto da fronteira em direção sul.

— Aonde vamos?

— A Badajoz!

Ainda fazia frio. Mas já não havia neve, salvo nos cumes das montanhas, e os últimos gelos tinham se derretido na superfície dos rios, mas o vento do norte trazia chuvas diariamente que açoitavam os rostos e traspassavam os capotes, empapavam os cobertores e faziam que os alojamentos de cada noite estivessem úmidos. A maior parte do exército ainda estava no norte, perto de Cidade Rodrigo, tentando convencer aos franceses de que não se fazia nenhum movimento contra a fortaleza do sul que defendia a rota de invasão desde Lisboa.

— Aonde vamos?

— A Badajoz!

Lawford estava vivo, com febre e muito fraco, mas fortalecendo-se no hospital do convento onde Crauford morrera.

Dentro de um mês, mais ou menos, quando seu antigo batalhão estivesse em Badajoz, ele seria enviado de barco para casa e, sem dúvida, seria levado de carruagem do cais até as propriedades da família. Havia sorrido quando Sharpe o visitou e tentou animá-lo.

— Foi só o braço esquerdo.

— Sim, coronel.

— Ainda posso montar, brandir uma espada. Voltarei.

— Assim espero, coronel.

Lawford sacudiu a cabeça.

— Que coisa mais estúpida!, né? Ainda que tenha se equivocado em uma coisa.

— Em quê?

— Ninguém disparou em mim, e não usava a capa.

— Então merecia que lhe disparassem.

Lawford sorriu.

— Da próxima vez levarei em conta seu conselho.

“Se houver uma próxima vez”, pensou Sharpe. Lawford poderia voltar, como desejava, mas tardaria meses e não seria com o South Essex. Haveria um coronel novo e os rumores corriam pelo regimento como a fumaça de mosquete por um campo de batalha. Dizia-se, e isso fora recebido com desânimo, que sir Henry Simmerson poderia voltar para a Espanha, mas Sharpe duvidava que o velho coronel quisesse abandonar seu lucrativo trabalho com o recém inventado imposto sobre a renda. Outros pensavam que Forrest seria promovido, mas logo isso foi descartado, e outros nomes surgiram e se descartaram. Todo tenente-coronel cujo caminho o aproximasse ao South Essex era examinado cuidadosamente para ver se podia ser o novo homem, porém, atravessando o Tajo ao amanhecer, para o sul, Forrest seguia ao comando e não havia notícias da substituição de Lawford.

Teresa cavalgava com o batalhão. A companhia ligeira a conhecia, recordava-se dela da luta nos arredores de Almeida e, de alguma maneira, ainda que Sharpe nunca tenha dito nada disso, os homens sabiam que existia um filho. Harper, que marchava a passadas sem se esforçar, sorriu para Sharpe zombeteiro.

— Não tem que se preocupar, capitão. A criatura ficará bem, e ela também. Os garotos cuidarão dela.

As mulheres do batalhão que andavam na retaguarda com seus filhos, levaram presentinhos para Sharpe e Teresa. Um cobertor, um par de sapatinhos de tricô feitos com a lã de uma meia desfeita, um guizo talhado. Sharpe estava surpreso, comovido e perturbado com a alegria que a notícia causara.

Os mesmos homens estavam confiantes, esperando com ânsia por Badajoz porque as baixas em Cidade Rodrigo foram poucas, afortunadamente. O South Essex, como o restante do exército, pensava que se haviam podido tomar de assalto Cidade Rodrigo com apenas sessenta mortos, também poderiam assaltar as defesas de Badajoz com perdas igualmente leves.

Teresa, que os escutava atentamente, discordou com a cabeça.

— Não conhecem Badajoz.

Talvez, pensava Sharpe, era melhor que fosse assim.

— Aonde vamos?

— A Badajoz!

Pararam por três dias em Portalegre e deixaram que passassem os efeitos da tormenta que tinha deixado os caminhos enlameados e a passagem do rio impraticável. Eram o único batalhão da cidade, viviam com comodidades, mas Sharpe percebeu pelas jambas das portas das casas com quanta frequência o exército passara por este caminho. O comissário marcava as portas com giz; assim SE/L/6 significava que seis homens da companhia ligeira do South Essex iam ser alojados naquela casa, mas cada casa tinha tal bagunça de marcas descoloridas que indicavam os anos que durava esta guerra. As marcas falavam de regimentos ingleses, irlandeses, galeses, escoceses, alemães, portugueses e inclusive havia estranhas marcas deixadas por batalhões franceses. Apenas quando se tomasse Badajoz a guerra se adentraria na Espanha e deixaria Portalegre na paz habitual. Sharpe e Teresa dormiram em uma pousada, quartel general do batalhão, e para Sharpe os três dias foram um período de alegria, talvez o último antes que voltassem a se ver, se o fizessem, no

interior das altas e escuras muralhas da praça forte. Teresa ia partir logo, adiantar-se-ia até Badajoz, onde estava a criança enferma. Tinha que partir antes que os britânicos chegassem à cidade e as portas fossem fechadas.

— Por que Badajoz?

Sharpe voltou a fazer a pergunta, deitado no ático de Portalegre numa tarde chuvosa.

— Eu tenho família lá. Não queria que nascesse em casa.

Ele já sabia o porquê! Porque sua filha era ilegítima, a desonra.

— Mas eles sabem, não?

Ela deu de ombros.

— Sabem, mas como não vêem o que sabem, fazem de conta que não sabem. — Voltou a encolher os ombros. — E o irmão de meu pai é um homem rico, não têm filhos e cuidam bem dela.

Antônia estava enferma. Teresa não sabia o que tinha, tampouco os doutores, mas a menina era pequena, não retinha o que comia e as irmãs do convento disseram que morreria.

Teresa negou com a cabeça.

— Não morrerá — disse com solene determinação; nenhum filho seu entregaria sua vida facilmente.

— E tem o cabelo negro? — perguntou Sharpe cativado por qualquer detalhe.

— Já sabe que sim, eu já lhe disse isso cem vezes. Cabelo comprido e negro, e nasceu com ele, que logo caiu, e agora volta a crescer. Tem um narizinho...! Não como o meu, nem curvado como o seu.

— Talvez a menina não seja minha.

Teresa lhe deu um golpe, rindo.

— É a sua cara. Franzido o cenho assim — disse ela, retorcendo todo o rosto imitando Sharpe, e gemeu para ele. Sharpe a empurrou sobre a cama e ficaram estirados em silêncio, com a monotonia da chuva na janela. Sharpe se perguntou com o que se depararia na rota pedregosa e embarrada.

— Talvez devêssemos nos casar?

Ela primeiro não respondeu. Estava estirada junto dele, mais atenta à chuva, as vozes de cima e depois do ressoar dos cascos no pátio empedrado dos estábulos.

— Alguém partiu.

Sharpe não respondeu.

Teresa lhe passou um dedo pela cicatriz da face.

— Viveria em Casatejada?

Continuou sem dizer nada. Ser um estranho em uma terra estranha? Ser o homem de Teresa, depender dela para viver? Deixou escapar um suspiro.

— Talvez. Depois da guerra.

Teresa sorriu, sabia que a resposta carecia de sentido, mas sorriu. Este era o quarto ano de luta contra os franceses na Espanha e o país seguia ocupado pelo inimigo. Ninguém recordava mais os tempos de paz. Antes de lutar contra a França, os espanhóis tinham lutado contra os ingleses até que sua frota zarpou para a derrota total em Trafalgar, afundada ou capturada com a frota francesa. Não havia paz além das fronteiras. Rússia, Áustria, Itália, Prússia, Dinamarca, Egito, Índia, guerra por toda parte, até mesmo os norte-americanos agora falavam de guerra como se a jovem nação quisesse mostrar que podia medir forças com o velho mundo em um jogo que torturara o mundo durante duas décadas. Era uma guerra que ocorria em três continentes e em todos os oceanos, e alguns homens acreditavam que esta era a guerra final, o final de tudo, a destruição fulminante que se anunciava na Bíblia. Apenas Deus sabia quando terminaria. Talvez quando o último francês, que ainda sonhasse em governar o mundo, fosse derrotado e abatido no barro empapado em sangue.

Teresa o beijou.

— Depois da guerra, Richard.

A mão da garota se colocou sobre o bolso da camisa do soldado e introduziu os dedos e sacou o medalhão de ouro com a imagem de Jane Gibbons. Sharpe tinha tirado o medalhão do irmão morto da jovem. Teresa o abriu e zombou dele com seu sorriso.

— Conheceu-a na Inglaterra?

— Sim.

— É bonita.

— Acho que Sim.

Sharpe tentou tomar-lhe o medalhão, mas ela o apertou entre seus dedos.

— Supõe que sim! É bonita, não?

— Sim, muito.

Teresa sacudiu a cabeça, satisfeita.

— Casará com ela.

Começou a rir pensando no pouco provável da ideia, mas ela assentia com a cabeça.

— Casará, eu sei. Se não por que leva isto?

Deu de ombros.

— Superstição? Me mantém vivo.

Teresa franziu o cenho e se benzeu; testa, peito, de ombro a ombro, uma cruz extravagante para afugentar o demônio.

— Como é?

Sharpe jogou um cobertor sobre Teresa; seu único vestido se estava secando ao fogo.

— É magra, sorri muito. É muito rica e se casará com um homem muito rico. — Sharpe lhe sorriu zombadoramente. — É suave. Cálida.

Teresa desviou as críticas implícitas; qualquer um que tivesse a oportunidade de viver comodamente seria tonto de recusá-la.

— Como a conheceu?

Sharpe se sentia incomodado e tentou mudar de assunto, mas ela insistiu.

— Diga-me, como?

— Ela queria saber como seu irmão morrera.

Teresa riu.

— E você lhe disse?

— A verdade, não. Disse que os franceses o mataram lutando com valentia.

Ela desatou a rir. Conhecia a história; como o tenente Gibbons tentara matar Sharpe e como Patrick Harper cravara a baioneta no tenente. Sharpe se lembrou da escura igreja de Essex, a garota loira que escutava sua balbuciente história, e a pedra de mármore

branco que encobria a verdade de seu irmão viciado, egoísta e sádico.

*EM RECORDAÇÃO DE CHRISTIAN GIBBONS, NATURAL DESTA PARÓQUIA, QUE SE ALISTOU COMO VOLUNTÁRIO NO DIA 4 DE FEVEREIRO DE 1809 NA MILÍCIA DESTE CONDADO NO REGIMENTO DO SOUTH ESSEX E DEPOIS SE UNIU AO EXERCITO BRITÂNICO NAS GUERRAS CONTR A TIRANIA NA ESPANHA. DISTINGUIU-SE NO CAMPO DE TALAVERA ONDE, DE DIA E DE NOITE, OS ATAQUES DO INIMIGO FORAM RECHAÇADOS. TAL FOI SUA INTREPIDEZ QUE, TENDO AGUENTADO O ASSALTO DE UM INIMIGO SUPERIOR EM NÚMERO, ELE E SEUS COMPANHEIROS ATACARAM E CAPTURARAM UM ESTANDARTE DOS FRANCESES, A PRIMEIRA DE TAIS GLÓRIAS GANHA POR NOSSOS EXÉRCITOS NA ESPANHA. CONFIRMOU ASSIM SUA VALENTIA E SEU ESPÍRITO E ENCONTROU UMA MORTE HERÓICA EM 28 DE JULHO DE 1809, AOS VINTE E CINCO ANOS DE IDADE. ESTE MONUMENTO SE ERIGE COMO JUSTO TRIBUTO A TANTO HEROÍSMO E CORAGEM POR SIR HENRY SLMMERSON, COMANDANTE DO REGIMENTO VITORIOSO, E PELOS DEMAIS PAROQUIANOS DA PARÓQUIA.
1810 D. C.*

O riso de Sharpe se devia não somente a sir Henry ter chegado a merecer a honra de um mármore pela captura da águia do império, coisa que se sucedeu depois que sir Henry fora exonerado do comando, mas também porque toda a pedra era uma mentira. Gibbons nunca estivera perto da águia quando Sharpe e Harper abriram passagem lutando contra o batalhão inimigo. Mas o mármore seguiria ali, coroado por um monte de armas esculpidas, quando passasse o tempo e a verdade fosse esquecida. Bateram na porta.

— Quem é?

— Price, capitão.

— O que é?

— Alguém quer vê-lo, capitão. Lá embaixo.

Sharpe soltou um palavrão.

— Quem?

— O major Hogan, capitão? — Price perguntava como se Sharpe pudesse não reconhecer o nome.

— Santo céu! Já vou!

Teresa observou como ele punha as botas e ajustava a espada.

— É este o Hogan ao qual enviamos papéis?

— Sim. Ele lhe agradecerá. — Tocou o vestido da garota, mas ainda estava úmido. — Descerá?

Teresa assentiu com a cabeça.

— Logo.

A habitação principal da pousada era ruidosa, agradável e tumultuada. Sharpe abriu passagem entre os oficiais e viu Hogan ensopado, junto à janelinha. O major irlandês lhe estendia uma mão em sinal de boas-vindas, mas assinalou primeiro para os oficiais.

— Estão de bom humor.

— Acham que Badajoz será fácil.

— Oh! — disse Hogan, arqueando as sobrancelhas, depois fez lugar para Sharpe no banco. — Ouvi dizer que você é pai.

— Há alguém que não saiba?

— Não se envergonhe. É algo estupendo, de verdade. Vinho?

Sharpe assentiu.

— Como está?

— Frio, molhado e muito ocupado. E você?

— Seco, quente e ocioso. Que notícias tem?

Hogan serviu vinho e pegou sua cigarreira.

— Os franceses estão tremendo como galinhas molhadas. Não tentam tomar Cidade Rodrigo nem enviam tropas ao sul; não fazem mais que trocar cartas responsabilizando-se mutuamente. — Hogan levantou o copo. — A sua saúde, Richard, e a de sua família.

Sharpe se ruborizou timidamente, mas levantou o copo. Observou como Hogan pegava uma boa pitada de rapé.

— Que faz aqui?

Os olhos do major encheram-se de lágrimas, abriu a boca e espirrou com força suficiente para apagar candelabro de velas.

— Badajoz, Richard, sempre Badajoz. Estou dando uma olhada para informar ao general. — Secou o bigode. — Na realidade, não creio que tenha mudado muito desde o ano passado.

— Como! — Sharpe sabia que Hogan esteve presente nas duas tentativas de tomar Badajoz em 1811.

Hogan deu de ombros.

— É uma sacanagem, Richard, uma verdadeira sacanagem. As muralhas são como a Torre de Londres, isso mesmo, e pode acrescentar o castelo de Windsor acima na colina, sobre o rio. Têm fossos que podem tragar um exército. — O irlandês sacudiu a cabeça. — Eu não teria muitas esperanças.

— Tão mau assim?

— Quem sabe! — Hogan tomou um trago de vinho. — É um lugar grande, de verdade, e eles não podem defender cada palmo das muralhas. Eu suponho que o general atacará em vários lugares das muralhas ao mesmo tempo, não sei.

Wellington provavelmente atacaria as muralhas por vários pontos diferentes, da mesma maneira que apresentou três ataques em Cidade Rodrigo durante a mesma noite, mas diversos ataques simultâneos não garantiam o êxito. Os velhos soldados, que haviam lutado com Wellington na Índia sabiam que não lhe agradavam os assaltos. O futuro duque de Wellington era poupador com seus homens nas batalhas, lutava por sua saúde entre campanha e campanha, mas os lançaria como metralha contra as muralhas de uma fortaleza para encurtar um assédio. Sharpe deu de ombros.

— Se é preciso fazer.

— É o que dizem. — Hogan sorriu zombeteiro. — Que notícias você tem?

— Pouca coisa. — Sharpe desenhou a letra "A" com o vinho derramado sobre a mesa, depois o apagou. — Novos recrutas se unirão a nós em Elvas. Duzentos homens e oficiais, isso nos disseram, mas não temos notícias de nenhum coronel. Ouviu algo?

Hogan cuspiu um caroço de azeitona.

— Nem uma palavra. Mas aposto duas caixas de vinho contra uma que terão um antes do assédio.

— Que começa quando?

Hogan o pensou, brincando com uma azeitona em suas mãos.

— Três semanas? Os canhões vêm pelo mar. Tudo se move.

Sharpe olhou pela janelinha, que ficava junto da porta traseira, a neve que caía com força.

— Necessitarão de um tempo melhor.

Hogan deu de ombros.

— Não pode chover para sempre.

— Isso é o que disse o irmão de Noé.

Hogan sorriu.

— Sim, mas pelo menos se livrou de recolher com pá excrementos de elefante durante quarenta dias.

Sharpe sorriu com ironia. O batalhão logo estaria tirando barro com as pás, avançaria cavando até a grande fortaleza e, ao pensar em Badajoz, sua expressão mudou. Hogan percebeu a preocupação.

— O que foi?

— Nada — respondeu Sharpe sacudindo a cabeça.

— Chegará àquela nomeação agora?

Sharpe deu de ombros.

— É o que espero.

— São de morte, creio, mas não lhe podem tirar.

— Aposto algo nisso?

Hogan não respondeu. Não tinha resposta. A Guarda Real havia ascendido a oficiais que eram absolutamente cegos, outros que estavam fora do manicômio apenas porque tinham dinheiro e contatos, e certamente não tinham por costume ratificar nomeações simplesmente porque um homem fazia bem seu trabalho. Hogan sacudiu a cabeça e voltou a levantar seu copo.

— Malditos escreventes!

— Que apodreçam.

Ouviu-se um movimento de corpos perto da janela e um sorriso de boas-vindas apareceu no rosto de Hogan: o major Forrest juntou-se a eles. Sharpe quase não prestava atenção a Hogan, que

não fazia mais que repetir as notícias, mas seus pensamentos voaram, voltando à maldita nomeação. Se ao menos a ratificassem, ficaria aliviado. Tentou imaginar o que sucederia se não fosse assim, caso se encontrasse de novo como tenente. Teria que bater continência ante Knowles e outra pessoa comandaria a companhia que Sharpe treinara, educara e com a qual havia passado dois anos de guerra. Recordava a primeira vez que os viu; amolecidos e inúteis, mas agora tão bons como qualquer soldado do exército. Não podia imaginar que pudesse perdê-los, perder Harper? Santo céu! Perder Harper!

— Santo céu!

Por um momento Sharpe pensou que Hogan estivera lendo seu pensamento e viu que o major olhava fixamente para o outro lado da sala. Hogan sacudiu a cabeça.

— Se alguma vez vi alguma beleza que desejei e consegui, apenas foi um sonho dela.

Teresa havia entrado na sala e a atravessava dirigindo-se para eles.

Hogan virou-se para Forrest.

— É sua dama, major? Não pode ser a de Sharpe. Não tem gosto! Nem sequer ouviu falar de John Donne, ainda menos poderia reconhecer uma citação equivocada. Não. Algo tão belo assim apenas se enamoraria por um homem de gosto, um homem como você, major, ou como eu. — Soltou bruscamente o colarinho enquanto Forrest se ruborizava comprazido.

O tenente Price se ajoelhou diante de Teresa e lhe impedia a passagem, estava lhe oferecendo amor eterno em forma de um pimentão vermelho sustentado como se fosse uma rosa. Os outros tenentes o animavam, gritavam para Teresa que Harold Price tinha futuro, mas ela simplesmente lhe lançou um beijo e passou de lado. Sharpe estava tremendamente orgulhoso dela. Em qualquer lugar do mundo, em qualquer salão, em qualquer teatro, em qualquer palácio, quanto mais em uma pousada úmida e cheia de fumaça em Portalegre, a considerariam bela. A mãe de sua filha. Sua mulher. Levantou-se para esperá-la, perturbado que seu prazer fosse óbvio para tantos, e lhe ofereceu uma cadeira. Apresentou-a a Hogan,

que começou a falar em espanhol com facilidade e a fez rir. Ela olhou para Sharpe com olhos carinhosos sob suas pestanas compridas e negras, escutou as bobagens do irlandês, e voltou a rir. O engenheiro brindou por ela, paquerou com ela e olhou para Sharpe.

— É um homem afortunado, Sharpe.

— Eu se, senhor, eu sei.

O tenente Price ficou com o pimentão vermelho. O lançou do outro lado do salão e seguiu com uma pergunta aos gritos.

— Aonde vamos?

— A Badajoz! — rugiu a sala com uma risada.

SEGUNDA PARTE
Fevereiro a Março de 1812

CAPÍTULO 8

— Alto! — As botas golpeavam pesadamente o caminho. — Quietos, malditos sacanas, quietos! — gritava o sargento, fazendo ranger os poucos dentes que lhe restavam. Voltou-se para sair, mas girou imediatamente. — Eu disse quietos! Se quer que lhe arranhe o traseiro de merda, Gutteridge, o farei com minha baioneta. Quietos! — Virou-se para o jovem oficial e fez uma saudação impecável.

— Senhor!

O alferes, visivelmente nervoso com a estatura elevada do sargento, devolveu o cumprimento.

— Obrigado, sargento.

— Não me agradeça, senhor. É meu trabalho, senhor.

O sargento soltou uma risada característica sua, um som selvagem e desconcertante, e moveu os olhos da esquerda para a direita. Os olhos do sargento eram azuis, de um azul-céu, infantis, pensou o alferes, enquanto que o resto era amarelo, amarelo como a febre, uma cor doentia em seu cabelo, em seus dentes e em sua pele. Os olhos infantis, azul-céu, pousaram no alferes.

— Vai ver o capitão, senhor, não é? Diga-lhe que chegamos, senhor.

— Sim, certamente.

— Dê-lhe saudações de minha parte, senhor. Meus parabéns.

O sargento voltou a rir e seu riso agudo se converteu em uma tosse forte, a cabeça jogou bruscamente do pescoço comprido e magro que tinha uma horrível cicatriz.

O alferes entrou no pátio no qual havia escrito com giz na jamba da porta SE/LC. Sentia-se aliviado por ter se afastado do sargento que lhe amargara a longa viagem desde o depósito do South Essex, aliviado de que os outros oficiais da companhia ligeira do South Essex não compartissem a loucura do sargento. Não, isso não era verdade. O sargento não era louco, pensou o alferes, mas havia algo nele que deixava entrever a capacidade de criar autêntico horror e que espreitava sob sua pele amarela. Para o alferes, o sargento era aterrador, assim como era para os recrutas.

Os soldados que estavam no pátio eram igualmente aterradores. Tinham o mesmo olhar que outros soldados veteranos em Portugal, um olhar bastante diferente do dos soldados da Inglaterra. Seus uniformes escarlatinos estavam descoloridos e convertidos em rosa ou esbranquiçados; outros eram de um púrpuro-escuro. A mais abundante era o marrom, já que as casacas e as calças tinham sido remendadas uma e outra vez com o tecido grosseiro dos camponeses. Sua pele, inclusive no inverno, era marrom escuro. Mas o alferes se fixou, sobretudo em seu ar de confiança. Comportavam-se com despreocupação, pareciam estar à vontade com suas armas maltratadas e afiadas, e ele se sentia péssimo com sua casaca escarlatina com as bordas de um amarelo brilhante. Um alferes era a graduação mais baixa dos oficiais e William Matthews, um garoto de dezesseis anos que fazia ver que se barbeava, estava assustado com a primeira impressão destes homens aos quais se supunha que tinha de comandar.

Tinha um homem inclinado no puteal do pátio, um segundo homem manipulava a ferrada de maneira que a água lhe caísse pela cabeça e nas costas nuas. Quando o homem se endireitou, Matthews viu uma grade de grossas cicatrizes causadas por açoites; o alferes virou, pois achou desagradável. Seu pai lhe advertira que o exército atraía a escória da sociedade: os agitadores, e Matthews percebeu de que acabava de ver uma amostra de tal bugiganga humana. Outro soldado, que por algum motivo estava vestido com o verde dos fuzileiros, percebeu sua expressão e sorriu zombando. Matthews sabia que estava sendo observado e julgando, mas nesse

momento apareceu um oficial bem vestido e se dirigiu para o recém chegado, era um tenente, e o cumprimentou.

— Alferes Matthews, tenente, com a parte dos recrutas.

O tenente sorriu vagamente, virou-se e vomitou.

— Oh, Deus! — O tenente parecia respirar com dificuldade, mas se endireitou de novo e se voltou para o alferes.

— Querido amigo, sinto muito tremendamente. Os malditos portugueses põem alho em todas as comidas. Sou Harold Price. — Price tirou o chapéu e esfregou a cabeça. — Não ouvi seu nome. Sinto muito de verdade.

— Matthews, tenente.

— Matthews, Matthews. — Price dizia o nome como se pudesse significar algo, depois conteve a respiração enquanto seu estômago se mexia e, quando o espasmo passou, respirou lentamente. — Desculpe-me, meu querido Matthews. Acho que tenho o estômago mal esta manhã. Suponho que não me faria o favor de dar-me cinco libras. Somente por uns dois dias? Melhor se fossem cinco guinéus.

Seu pai também lhe advertira a esse respeito, mas Matthews pensou que seria insensato começar a dar-se a conhecer em sua nova companhia com uma negação mesquinha. Sabia que os soldados no pátio estavam escutando e se perguntou se talvez fosse o inocente em algum tipo de brincadeira particular, mas que outra coisa podia fazer?

— Certamente, tenente.

O tenente Price se surpreendeu.

— Meu querido garoto, que amável! Eu lhe darei uma promissória, certamente.

— E esperará que o alferes morra em Badajoz?

Matthews girou bruscamente. O soldado alto, o que tinha nas costas aquelas horríveis cicatrizes, era quem tinha falado. O rosto do homem também tinha uma cicatriz, e lhe dava uma expressão astuta, de zombaria, que contrastava com sua voz. Ele sorriu para Matthews com ironia.

— Faz isso a todos. Pede dinheiro emprestado esperando que morram. Assim tira um bom proveito.

Matthews não sabia o que dizer. O soldado havia falado amavelmente, mas não havia usado o tratamento de “senhor” ou de “alferes” e isso era desconcertante. Matthews tinha a sensação de que a pouca autoridade que sua baixa patente merecia já estava se dissipando. Esperava que o tenente interviesse, mas a expressão de Price era de vergonha, pôs o chapéu na cabeça e sorriu ironicamente para o homem da cicatriz.

— O alferes Matthews, senhor. Que trouxe os recrutas.

O homem alto da cicatriz cumprimentou com a cabeça o alferes.

— Alegro-me de que esteja aqui, Matthews. Eu sou Sharpe, o capitão Sharpe. Como se chama?

— Matthews, capitão. — O alferes abriu a boca surpreso. Um oficial que fora açoitado? Percebeu que sua resposta não era a adequada. — William, capitão.

— Bom dia e bem-vindo. — Sharpe estava se esforçando para ser amável. Odiava as manhãs e especialmente esta manhã desagradável. Hoje Teresa partiria de Elvas e cavalgaria as escassas léguas até o outro lado da fronteira, até Badajoz. Outra despedida. — Onde deixou os homens? — Matthews não os deixara em lugar nenhum; o sargento havia tomado todas as decisões, mas assinalou para a porta.

— Fora, capitão.

— Faça-os entrar, faça-os entrar. — Sharpe esfregou a cabeça com um pedaço de aniagem para secá-la. — Sargento Harper! Sargento Read!

Harper podia instalar os recrutas na companhia, enquanto que Read, o metodista abastado, poderia ocupar-se dos livros da companhia. Seria um dia agitado.

Sharpe se vestiu depressa. A chuva havia parado, pelo menos de momento, mas o vento frio seguia soprando do norte e trazia com ele nuvens altas e carregadas que pressagiavam mau tempo em março. Pelo menos, por terem sido as primeiras tropas a chegar, o batalhão pudera escolher o alojamento em Elvas, e os homens viviam com comodidade ainda que de vez em quando olhassem fixamente para o outro lado da fronteira, para Badajoz. As duas

fortalezas ficavam separadas umas três léguas, situadas de ambos os lados de um vale pouco profundo, mas apesar de sua proximidade eram tremendamente diferentes. Badajoz era uma cidade, capital de uma província; Elvas era uma pequena cidade com mercado que ocupava o centro de amplas defesas. As muralhas portuguesas eram impressionantes, mas eram pequenas comparadas com as fortificações espanholas que cortavam a passagem para Madri. Sharpe sabia que era imaginação sua, mas aquela enorme fortaleza que se elevava ao leste tinha algo de sinistro e odiava a ideia de Teresa ter que ficar atrás das grandes muralhas e dos largos fossos. Contudo, tinha que voltar para a menina, sua menina, e ele teria que procurá-la e protegê-la quando chegasse o momento.

De repente deixou de pensar em Teresa e em Antônia, esses pensamentos se dissiparam de repente e foram substituídos por uma repugnância espessa como o vômito. Seu passado estava aqui, em Elvas, um passado odiado. A mesma cara amarela, com o mesmo tique que a encrespava e o mesmo risinho agudo! Meu Deus! Aqui, em sua companhia? Os olhos dos dois homens se encontraram e Sharpe viu o sorriso insolente e brincalhão que parecia rascar na mais absoluta demência.

— Alto! — O sargento olhou com ferocidade para o destacamento. — Esquerda, volver! Quietos, sacanas! Mantenha a maldita boca calada, Smithers, ou a usarei para limpar os estábulos! — O sargento girou com elegância, marchou para Sharpe e parou.

— Senhor!

O alferes Matthews olhava entre os dois homens altos.

— Capitão? Este é o sargento...

— Conheço o sargento Hakeswill.

O sargento riu mostrando os poucos dentes amarelos que lhe restavam. Escorria saliva pela barba incipiente. Sharpe tentou adivinhar a idade do sargento. Hakeswill devia já ter pelo menos quarenta, talvez quarenta e cinco, mas seus olhos ainda eram os de um menino travesso. Olhavam para Sharpe sem pestanejar, com diversão e desdém. Sharpe percebeu de que Hakeswill estava

tentando fazer-lhe baixar os olhos, assim que virou e viu Harper que estava abotoando o cinturão antes de entrar no pátio. Fez um sinal com a cabeça para o irlandês.

— Em sua posição, descanso, sargento. Necessitam de um lugar para dormir e comida.

— Capitão!

Sharpe se virou para Hakeswill.

— Unem-se a esta companhia?

— Capitão!

A resposta foi um latido e Sharpe lembrou que Hakeswill sempre fora minucioso com as normas do exército. Nenhum soldado fazia a instrução com mais precisão nem respondia com mais formalidade, contudo cada ação parecia imbuída por uma espécie de desprezo. Era impossível precisar, contudo, se tinha algo a ver com a expressão daqueles olhos infantis, como se tivesse um monstro dentro do soldado rigoroso e correto que observava e ria enquanto o exército lhe tirava o pelo. O rosto de Hakeswill desenhou um sorriso brincalhão.

— Surpreso, capitão?

Sharpe teve desejo de matar aquele homem no ato, de apagar aqueles olhos ofensivos, de deter para sempre seu tique, aquele sorriso que mostrava alguns dentes amarelos, o risinho fingido e até a zombaria. Muitos homens tinham tentado matar Obadiah Hakeswill. Tinha a cicatriz no pescoço, uma cicatriz vermelho-vivo, desde os doze anos. Fora condenado à morte na forca por roubar um cordeiro. Era inocente da acusação. Seu verdadeiro delito fora ter forçado a filha do vigário a despir-se enquanto ele segurava junto ao seu pescoço uma víbora. A garota ia tirando a roupa às apalpadelas e, quando gritava, o garoto a atacava. O pai a resgatou e era mais simples acusar o menino por roubar um cordeiro, porque era mais seguro que acabaria em morte. Arranjou a sentença com os juízes e ninguém, nem sequer então, desejara que Obadiah Hakeswill vivesse, salvo talvez sua mãe; o vigário, se lhe tivesse ocorrido à maneira, teria gostado que a mãe acompanhasse o seu asqueroso filho no cadafalso.

Fosse como fosse tinha sobrevivido. Fora enforcado, mas ainda vivia, tinha o pescoço estirado e magro e uma cicatriz roxa que evidenciava que uma vez o tinham enforcado. Conseguiu entrar no exército e era um tipo de vida que lhe caía bem. Levantou uma mão e esfregou a cicatriz debaixo da orelha esquerda.

— Sair-se-á bem, capitão, agora que eu estou aqui.

Sharpe sabia o que ele queria dizer. Corria a lenda de que Hakeswill, o homem indestrutível, o sobrevivente de uma execução judicial, não podiam ser morto e a lenda crescia com o tempo. Sharpe vira duas fileiras de homens voarem pelos ares por causa da metralha e, contudo Hakeswill, que se encontrava na frente deles, ficou incólume. O rosto de Hakeswill se encrespou e ameaçou o riso que lhe provocava o ódio que Sharpe não manifestava. O rosto voltou à normalidade.

— Alegro-me de estar aqui, capitão. Estou orgulhoso do senhor, de verdade que estou. O melhor recruta que já tive.

Falara em voz alta para que o pátio soubesse de sua história comum; e também havia um desafio, tão subentendido como seu ódio, que anunciava que Hakeswill não se submeteria facilmente à disciplina de um homem a quem havia ensinado a instrução e a quem submetera ao suplício.

— Como está o capitão Morris, Hakeswill?

O sargento sorriu, depois soltou uma gargalhada, de forma que o oficial percebeu seu mau-hálito.

— Recorda-se dele, capitão, não é? Agora é major, capitão, foi o que ouvi. Em Dublin. Na realidade, capitão, o senhor era um garoto mau, perdoará a um velho soldado por dizer-lhe isso.

O pátio ficou num silêncio denso. Todos os homens escutavam as palavras e se davam conta da hostilidade que existia entre os dois. Sharpe baixou a voz, para que ninguém, exceto Hakeswill, pudesse ouvi-lo.

— Se puser um dedo s algum homem desta companhia, sargento, eu lhe mato.

Hakeswill sorriu ironicamente, ia replicar, mas Sharpe foi mais rápido.

— Silêncio!

Hakeswill se endireitou de golpe, com a face bruscamente entristecida de raiva porque não lhe permitira responder.

— Meia volta!

Sharpe o deixou ali, de frente para uma parede. Maldito seja! Hakeswill! As cicatrizes que Sharpe tinha nas costas eram por culpa de Hakeswill e de Morris, e Sharpe jurou naquele dia distante que lhes causaria a mesma dor que tinham feito a ele. Hakeswill golpeará um soldado até perder a consciência; o homem recuperou a consciência, mas nunca recuperou o juízo, e Sharpe fora testemunha. Sharpe tentou deter a surra e, por esses esforços, Morris e Hakeswill o acusaram de agredi-los. Amarraram-no a uma roda de carroça e o surraram.

Agora, cara a cara com seu inimigo depois de tantos anos, sentiu uma desagradável sensação de impotência. Parecia que Hakeswill era intocável. Tinha a segurança de um homem que simplesmente não se importava com o que ocorresse, porque sabia que era indestrutível. O sargento ia pela vida destilando ódio pelos outros homens e debaixo de sua máscara de conformidade militar expelia veneno e medo por todas as companhias nas quais servia. Sharpe sabia que Hakeswill não teria mudado mais do que mudara seu aspecto. A mesma barriga avultada, talvez um pouco mais volumosa, algumas rugas a mais no rosto, um ou dois dentes a menos, mas a mesma pele amarela e o mesmo olhar de louco. Sharpe se lembrou com desagrado que uma vez Hakeswill lhe dissera que eram iguais. Ambos fugidiços, sem família, e a única maneira de sobreviver, dissera o sargento, era bater forte e bater primeiro.

Olhou para os recrutas. Eram prudentes, como deviam ser, cautelosos com a nova companhia. Sharpe, ainda que eles não pudessem saber, compartia sua intranquilidade. Hakeswill, entre tanta gente, em sua companhia? Lembrou-se da nomeação e percebeu de que a companhia podia não ser sua e sentiu que seus pensamentos começavam a entrar inutilmente na escuridão, assim que lhe tirou de cima de golpe.

— Sargento Harper?

— Capitão?

— O que tem hoje?

— Futebol, capitão. A companhia de granadeiros contra os portugueses. Esperam-se muitas baixas.

Sharpe sabia que Harper tentava animar aos recém chegados, assim que sorriu com deferência.

— Um dia leve por ser o primeiro dia. Desfrutem-no. Amanhã trabalhamos.

Amanhã estaria sem Teresa, amanhã Teresa estaria um dia mais perto de Badajoz e amanhã poderia ser tenente. Percebeu que os soldados, alguns dos quais os havia recrutado pessoalmente, estavam esperando que continuasse. Esboçou outro sorriso forçado.

— Bem-vindos ao South Essex. Alegro-me que estejam aqui. Esta é uma boa companhia e estou seguro de que continuará sendo.

As palavras saíram muito pouco convincentes, mesmo para ele, como se soubesse que não eram certas.

Fez um sinal com a cabeça para Harper.

— Siga, sargento.

Os olhos do irlandês se dirigiram para Hakeswill, ainda de cara para a parede e Sharpe fez ver que não se dava conta. Maldito Hakeswill, podia ficar. Mas depois se abrandou.

— Sargento Hakeswill!

— Capitão!

— Rompa filas!

Sharpe se foi pela rua caminhando, queria ficar sozinho, mas Leroy estava apoiado na ombreira e o ianque arqueou as sobrancelhas, divertido.

— É assim como o herói do campo de Talavera dá as boas-vindas aos recrutas? Sem chamamentos à glória, nem toques de corneta?

— Têm sorte de ter uma recepção.

Leroy deu uma tragada em seu charuto e acompanhou o passo de Sharpe.

— Suponho que este mau gênio é causado porque sua dama nos deixa.

Sharpe deu de ombros.

— Suponho que Sim.

— Então, posso dar-lhe outra notícia?

Leroy havia parado e parecia que seus olhos castanhos mostravam diversão.

— A morte de Napoleão?

— Infelizmente, não. Nosso coronel chega hoje. Não parece surpreso.

Sharpe esperou até que passasse um padre montado em uma mula.

— Deveria surpreender-me?

— Não — disse Leroy sorrindo com ironia. — Mas a reação normal é dizer “quem, por que, o que é, como sabe”. Depois eu lhe dou todas as respostas, e a isso se chama uma conversa.

O abatimento de Sharpe havia se dissipado com Leroy.

— Venha, diga-me.

O ianque, magro e lacônico, estava surpreso.

— Nunca achei que me perguntaria. Quem é? Chama-se Brian Windham. Nunca gostei do nome de Brian, é um desses nomes que uma mulher põe em um menino com a esperança de que cresça sendo honesto. — Tirou a cinza do caminho. — Por quê? Acho que isso não tem resposta. O que é? É um extraordinário caçador de raposas. Você caça, Sharpe?

— Já sabe que não.

— Então seu futuro pode ser triste, assim como o meu. E como sei?

Fez uma pausa.

— Como o sabe?

— Porque nosso bom coronel, o honesto Brian Windham, tem um anunciador, um mensageiro, um João Batista de sua chegada, um Paul Reveré, nada menos.

— Quem?

Leroy deixou escapar um suspiro; estava admiravelmente loquaz.

— Nunca ouviu falar em Paul Reveré?

— Não.

— Homem com sorte, Sharpe. Chamou meu pai de traidor e minha família chamou Reveré de traidor e acho que perdemos a discussão. O caso é, meu querido Sharpe, que ele é um anunciador, um agente da advertência, e nosso bom coronel enviou o aviso de sua chegada com um novo major.

Sharpe olhou para Leroy, a expressão do ianque não tinha mudado.

— Sinto muito, Leroy. Sinto muito.

Leroy deu de ombros. Como capitão mais antigo desejava a vaga de major do batalhão.

— Não se pode esperar nada deste exército. Chama-se Collett, Jack Collett, outro nome honesto e outro caçador de raposas.

— Sinto muito.

Leroy voltou a caminhar.

— Há algo mais.

— O quê?

Leroy apontou com seu charuto para o pátio da casa onde se alojavam os oficiais e Sharpe olhou por entre a arcada e, pela segunda vez naquela manhã, teve um susto repentino e desagradável. Havia um jovem, de uns vinte e tantos anos, junto a um monte de bagagens e seu criado estava desatando as correias. Sharpe nunca vira o oficial, mas o uniforme lhe era familiar. Era o uniforme do South Essex, completo, inclusive com a insígnia dourada da águia que Sharpe arrebatara do inimigo; mas era um uniforme que só um homem podia usar. Tinha um sabre enfeitado com correntes, e um apito de prata pendendo dos cinturões cruzados. As insígnias da patente, que denotavam que se tratava de um capitão, não eram dragonas, mas asas feitas com correntes e decoradas com uma trompa. Sharpe estava olhando para um homem vestido de capitão da companhia ligeira do South Essex. Soltou uma maldição.

Leroy começou a rir.

— Una-se aos oprimidos.

Ninguém tivera colhões de dizer-lhe, salvo Leroy! Os sacanas haviam trazido um homem novo sem avisá-lo. E não lhe tinham dito! Sentiu uma raiva tremenda, uma depressão e uma impotência

diante da tramas pesadas do exército. Não podia acreditar. Hakeswill, Teresa que partiria, e agora, isto.

O major Forrest apareceu na arcada, viu Sharpe e se aproximou dele.

— Sharpe?

— Senhor.

— Não tire conclusões precipitadas. — O major parecia estar triste.

— Conclusões, major?

— Com respeito ao capitão Rymer.

Forrest indicou com a cabeça para o novo capitão que, naquele momento, virava-se e via Sharpe. Este se inclinou um pouco, um cumprimento educado que obrigou Sharpe a responder. Voltou a olhar para Forrest.

— O que foi que aconteceu?

Forrest deu de ombros.

— Comprou o grau de oficial de Lennox.

Lennox fora o predecessor de Sharpe e havia morrido há dois anos e meio.

— Mas isso...

— Eu sei, Sharpe. Seu testamento estava nos tribunais. A inventariante só cedeu a ação para vendê-lo.

— Eu nem sequer sabia que estava à venda!

“Tampouco — pensou Sharpe — podia ter pagado as mil e quinhentas libras”. Leroy acendeu outro charuto com a guimba do anterior.

— Duvido que alguém soubesse que estava à venda. Não é assim, major?

Forrest consentiu tristemente com a cabeça. Uma venda aberta significava que se tinha que pagar o preço legal. Era bastante mais provável que o capitão Rymer fosse amigo de um dos advogados que haviam abortado a disputa, vendera a Rymer e em troca havia conseguido um preço mais alto. O major estendeu as mãos.

— Sinto muito, Sharpe.

— Então, o que acontece agora? — perguntou Sharpe duramente.

— Nada — respondeu Forrest tentando ser esperançoso. — O major Collett, a quem não conhece, Sharpe, está de acordo comigo. É uma confusão. Então, você continuará ao comando até que chegue o coronel Windham.

— Hoje mesmo, no mais tardar, senhor.

Forrest assentiu.

— Tudo acabará bem, Sharpe. Você verá. Tudo acabará bem.

Sharpe viu Teresa atravessando o pátio levando sua sela de montar, mas ela não o viu. Sharpe deu a volta e olhou por cima dos telhados de Elvas, telhados de colorido rosa sob a luz do sol, e viu que um banco de nuvens, que cavalgava o vento norte, tinha dividido em duas partes a paisagem com sua sombra. A Espanha estava à sombra e Badajoz era uma cidadela escura e distante. Voltou a soltar palavrões e em quantidade, como se as maldições pudessem lutar por ele contra a má sorte. Sabia que era fantástico, mesmo estúpido, mas parecia como se a fortaleza que cortava a estrada do leste com suas muralhas elevadas sobre o Guadiana, estava no centro do mal, espalhando um destino funesto sobre tudo o que se aproximasse. Hakeswill, Rymer, Teresa que partia, tudo estava mudando. “E o que mais?”, perguntava-se, tudo iria mal antes que caíssem sobre Badajoz.

CAPÍTULO 9

Tudo que se referia a Obadiah Hakeswill carecia de graça e era repulsivo até o indizível. Seu corpo era enorme, mas qualquer um que se equivocasse e pensasse que a barriga era um sinal de fraqueza ver-se-ia diante de braços e pernas cuja força era tremenda. Era desajeitado, exceto quando fazia a instrução, ainda que mesmo nas marchas percebiam-se indícios de que em qualquer momento podia se converter em uma besta resmungona e rasteira, meio selvagem, meio homem. Sua pele era amarelada, um legado das ilhas Fever. Tinha o cabelo loiro, já grisalho, que se estendia sobre a calva com cicatrizes e caía escorrido pelo pescoço estirado, tenso, repugnantemente mutilado.

Tempos atrás, antes inclusive de que o enforcassem, entendeu que não agradaria a ninguém e decidiu ser temido. Tinha uma vantagem. Obadiah Hakeswill não tinha medo de nada. Quando outros homens se queixavam de fome ou de frio, de umidade ou de doença, o sargento simplesmente sorria e sabia que isso terminaria. Não lhe importavam as feridas que recebia em uma batalha; as feridas se curavam, os machucados desapareciam, ele não podia morrer. Sabia que desde o momento em que se balançou no extremo de uma corda, não podia morrer porque era protegido por algo mágico, a mágica de sua mãe, e se sentia orgulhoso da repugnante cicatriz, o símbolo de sua invulnerabilidade, sabia que isso assustava aos outros homens. Os oficiais não contrariavam a Obadiah Hakeswill. Temiam as consequências de sua ira, a vileza de seu olhar, assim que o seguiam, sabendo que em troca ele cumpriria com o regulamento e manteria sua autoridade entre os

soldados. Dentro desses limites era livre para se vingar de um mundo que o havia feito espantoso, o havia marginalizado e o deixara sem amigos; um mundo que tentara matá-lo e que agora, sobretudo, o temia.

Ele odiava Sharpe. Para Hakeswill os oficiais eram oficiais, nascidos como John Morris, para um posto elevado e para ser provedores de recompensas e privilégios. Mas Sharpe era um adventício. Vinha do arroio igual a ele e o sargento tentou aniquilá-lo uma vez e não conseguiu. Não voltaria a falhar. Agora, sentado no estábulo da casa de oficiais, limpava um osso de presunto com as unhas de seus dedos e se empanzinava mastigando com a boca aberta que ia se movendo com os restos, e se comprazia em recordar seu encontro. Hakeswill percebera a perturbação do oficial e a anotava como uma pequena vitória que tinha que seguir e explorar. Também havia o sargento, o irlandês a quem valeria a pena fustigar, e sorriu enquanto se enchia de comida e coçava as picadas das pulgas na axila. O medo era proveitoso, a harmonia não. Hakeswill tinha entendido a vantagem de reduzir as companhias a acampamentos divididos: os que estavam a seu favor e os que estavam contra. Os que lhe desagradavam se viam obrigados a pagar em dinheiro ou em serviços, para que a vida com o sargento fosse suportável. Para Hakeswill parecia que Patrick Harper não ia permitir que isso sucedesse facilmente, tampouco Sharpe, mas começou a rir. Não havia se reengajado a um batalhão em serviço ativo, um que lhe levaria a alcançar o rico butim de uma guerra, para que esses dois desbaratassem seus planos.

Rebuscou em sua bolsa de munições e pegou um punhado de moedas. Não era grande coisa, alguns xelins nada mais, mas era tudo o que conseguira roubar com o caos da chegada. Tinha ido ao estábulo para contar seus ganhos e escondê-los no fundo de sua mochila. Preferia os serviços ao dinheiro. Logo descobriria que soldados da companhia ligeira eram casados e quais tinham as mulheres mais belas. Eram esses que tinha de buscar, os que se veriam reduzidos a um sofrimento estremecedor pela bateria de Hakeswill até que lhe oferecessem qualquer coisa para ver-se livres de seu tormento. Suas mulheres eram o preço que recebia

habitualmente. Sabia que em média, dois ou três se dariam por vencidos; trariam suas mulheres chorando para algum estábulo cheio de palha como aquele e um pouco depois, as mulheres se renderiam. Algumas vinham bêbadas, mas para ele isso não importava, e uma havia tentado rachá-lo com uma baioneta e ele a matou e culpou ao marido de sua morte, e começou a rir enquanto se recordava da execução do homem, pendurado em uma árvore. Ia levar um tempo para acomodar-se neste novo batalhão, em fincar raízes nele, como uma besta que se assenta em sua guarida, mas o conseguiria. E, como um animal que se prepara para descansar, primeiro limparia a patadas as pedras que lhe fossem incômodas sob seu posto covarde, pedras como Sharpe e Harper.

Tinha o estábulo todo para si. Um cavalo se moveu na baia atrás dele, a luz se filtrava por entre as telhas grossas e curvas do telhado, e o sargento se alegrou por ter tempo para ficar sozinho, para pensar. O roubo era um bom início. Escolhe os seus homens, rouba-lhes, depois informa da perda e que os culpem, esperava que o novo coronel fosse um homem que gostasse dos açoites. Era extraordinário o que um homem era capaz de fazer para evitar alguns açoites e o que uma mulher era capaz de oferecer para salvar o seu homem da flagelação! Era tão fácil! E voltou a rir. Dois ou três homens açoitados selvagememente e teria a companhia comendo em sua mão! Inclusive corria o rumor, que se espalhara pelo batalhão como pólvora, de que Sharpe havia perdido a companhia. Isso era uma boa notícia; isso lhe tirava um obstáculo, e Hakeswill considerava que Price não seria um grande problema. O novo alferes, Matthews, era apenas um garoto; o único problema era Patrick Harper. Seu defeito era provavelmente sua excessiva honestidade, e Hakeswill sorriu ironicamente. Era tão fácil!

A porta do estábulo se abriu e Hakeswill ficou imóvel. Gostava de permanecer oculto; ver sem ser visto. Uma pessoa entrou, as pisadas o revelavam, e caminhou para a fila de cavalos que Hakeswill tinha atrás de si, enquanto a porta de madeira se fechava com seu próprio peso. O recém chegado estava oculto aos olhos de Hakeswill, que se moveu muito lentamente, controlando seus movimentos de maneira que o ranger da palha parecesse a

agitação de uma corrente de ar e depois, afortunadamente, um cavalo urinou ruidosamente e os salpicos afogaram o ruído que fez ao pôr-se de joelhos e olhar através de uma fenda nas pranchas.

Quase grita de prazer. Era uma garota; uma garota de uma beleza com a qual um homem sonharia sabendo que não pode possuí-la. Era do lugar, como se percebia pela roupa, por sua pele e pelo cabelo escuro; além disso, as garotas nativas sempre eram uma presa fácil. Ficou tenso. Queria essa pequena. Esqueceu-se de tudo: de Sharpe, de Harper, de seus planos, de tudo, pois de repente se viu invadido por um sentimento de luxúria e começou a desembainhar lentamente a baioneta. Teresa lançou a sela de montar sobre seu cavalo, estirou bem o cobertor e puxou a cinta pela grossa fivela. Falava ao cavalo em espanhol, sussurrava e não ouvia nada estranho no estábulo. Não queria deixar Sharpe, nem voltar para os afrancesados da cidade, mas Antônia estava lá enferma, e Teresa tinha que regressar para proteger sua filha durante o assédio.

Depois disso, se Deus quisesse, a menina já estaria bem o bastante para viajar.

E o matrimônio? Suspirou e levantou a vista para o teto. Não era bom que Antônia fosse uma filha ilegítima, mas Teresa não se via seguindo este exército como se fosse um cachorrinho atrás de uma matilha, e sabia que Sharpe não o abandonaria para viver em Casatejada. Casar-se? Pelo menos sua filha teria um sobrenome, um bom sobrenome, e não seria vergonhoso para uma menina ter o sobrenome de um pai ausente, desconhecido. Voltou a suspirar. Tudo teria que esperar até que o assédio tivesse acabado, ou a menina estivesse melhor, e de repente e como se fosse uma nuvem escura, perguntou-se o que aconteceria se Sharpe morresse no assalto à cidade. Deu de ombros. Diria a todo mundo que se casaram antes do assédio e ninguém poderia dizer o contrário.

Hakeswill esperou até que Teresa estivesse com as mãos ocupadas pondo a braçadeira no cavalo e nesse momento rodou sobre a palha que a separava, com a baioneta preparada em sua mão, e a agarrou pelo cabelo até que a derrubou graças a seu peso.

Ela lhe bateu com a braçadeira, mas caiu, e imediatamente ele pôs o extremo afiado da delgada baioneta em sua garganta e se encontrava ajoelhado junto a sua cabeça.

— Olá, senhorita!

Ela não respondeu. Estava estendida de costas, junto ao cavalo, e o rosto do sargento estava em cima dela. Hakeswill se lambeu os lábios.

— Portuguesa, eh?

O sargento começou a rir. Isto era um presente dos deuses, um agrado para seu primeiro dia na nova companhia. Segurava a baioneta junto a seu pescoço e virou-se para poder vê-la melhor. O cavalo se moveu, mas ele não tinha medo de cavalos, e colocou seus joelhos junto à cintura da garota e começou a rir com força. Era bonita, inclusive mais bonita do que lhe parecera pelas brechas das baias. Desta se recordaria para sempre.

— Fala inglês?

A garota não disse nada. Ele a oprimiu com a baioneta, o mínimo, sem rasgar a pele.

— Fala inglês, rainha?

Provavelmente não, o que não importava muito, pois não havia nenhuma possibilidade de que vivesse para contar histórias em nenhuma língua. A polícia militar enforcaria um homem por estupro, assim a garota teria de morrer, a menos que ele gostasse dela, o que não achava que fosse provável. Mas tampouco era impossível. Houve aquela prostituta nas ilhas Fever, a cega, mas nada fazia pressagiar que esta beleza fosse receber com agrado suas atenções.

Ela tampouco parecia assustada, o que era estranho e angustiante. Ele esperava que gritasse, era o que faziam normalmente, mas Teresa o observava com calma com seus olhos grandes e castanhos e de longas pestanas. O grito poderia vir depois, mas ele estava preparado para isso. Dentro de um momento lhe pegaria a garganta e introduziria a baioneta pela boca. Empurraria para baixo a lâmina até que estivessem a ponto de vir-lhe náuseas, só o que ela veria seriam as dezessete polegadas de metal afiado que ele agarrava com o punho saindo-

lhe da boca, e naquela posição Hakeswill sabia que nem gritavam nem se moviam, e que resultava muito fácil matá-las depois de afundar-lhes breve e convulsivamente a baioneta! Poderia esconder o corpo da pequena debaixo da palha no fundo do estábulo, e se a encontrassem ninguém saberia que tinha sido ele. Riu sarcasticamente.

— Obadiah Hakeswill, senhorita, para servir-lhe.

Ela lhe sorriu, resultava inquietante, inesperado.

— *Oberdiar?*

Ele se deteve. Estivera a ponto de atravessá-la com a baioneta. Desconfiava, mas assentiu com a cabeça.

— Sargento Obadiah Hakeswill, senhorita, e com pressa, se não se importa.

Os olhos da garota, que já eram grandes, abriram-se como se estivesse impressionada.

— *Sgento?* Sim? — perguntou voltando a sorrir. — *Sgento Ober-diar Hags-will?* Sim? — disse acariciando as palavras, comprazendo-se nelas.

Hakeswill estava desconcertado. O estábulo estava bastante escuro para estar certo, mas não o bastante para que ela não lhe visse o rosto. Contudo parecia que ela gostava. Não era impossível, supôs, mas mesmo ela o desejasse não era motivo para demorar-se. Era razão a mais para apressar-se.

— Sim, rainha, um sargento. Muito importante.

Ele tinha pouco espaço, o maldito cavalo estava muito perto, mas a garota voltou a sorrir e deu alguns golpezinhos na palha que havia do seu lado.

— Importante?

Ele lhe sorriu ironicamente, estava contente de que estivesse impressionada, e retirou um pouquinho a baioneta.

— Mexa-se para o lado, venha.

Teresa consentiu com a cabeça, voltou a sorrir e pôs as mãos para trás do pescoço e se lambeu os lábios. Os olhos de Hakeswill se moveram para observar como levantava as pernas, compridas e magras com calças, mas não viu a lâmina que tirou da bainha que usava presa no extremo do espinhaço. Obadiah estava apalpando-

se os botões quando a faca lhe deu um corte na cara, brotou-lhe sangue, e ao mesmo tempo os joelhos que seguiam aproximando-se o lançaram de um golpe contra as patas traseiras do cavalo. O sargento rugiu, brandiu a baioneta, mas a faca foi mais rápida e lhe cortou o pulso, assim soltou a lâmina e gritou desaforado para a garota. Teresa lhe deu um chute e engatinhou, ligeira como uma lebre, por baixo da barriga de seu cavalo.

— Puta!

Obadiah tentou alcançá-la por baixo do cavalo, mas a prostituta já tinha sua baioneta e tentava cravá-la, de forma que se viu obrigado a retroceder, instante em que ela aproveitou para insultar-lhe em um inglês rápido e fluido; ele limpou o sangue da cara e cuspiu para a garota.

Teresa começou a rir, inclinada detrás do cavalo, enquanto lhe apontava a lâmina.

— Venha buscá-la, Obadiah.

O sargento se levantou e foi retrocedendo pelo passadiço que havia entre as baias. Ainda estava entre ela e a porta, e havia mais de uma maneira de matar o touro. Tocou-se na face. A ferida era pequena, e podia usar o pulso. Sorriu ironicamente para a garota.

— Eu lhe pegarei, senhorita, e lhe farei picadinho. — Soltou seu riso sinistro e sentiu um puxão na cabeça. — Maldita putinha portuguesa!

Teresa seguia entre o cavalo e a separação de madeira. Ela se levantou com sua baioneta na mão e sorriu. Ele se adiantou, mas se deteve ao ver a baioneta. Ela a segurava baixa, preparada para estripar por cima, e não dava sinal de tremer. Pensou em lançar-se sobre ela, mas a prostituta parecia que podia machucar de verdade, assim que recuou e ficou entre ela e a porta. Deu uma olhada ao seu redor buscando o forcado do estábulo. Hakeswill queria esta garota. Era bonita e ele a queria. Seria sua, seu rosto se contraiu enquanto as palavras ressoavam em sua cabeça. Seria sua, seria sua, seria sua, e então viu o forcado e retrocedeu rápido, girou e o agarrou.

A garota quase estava sobre ele. Ela tinha bolas, para ser uma prostituta portuguesa. Virou-se de um lado para se esquivar a

arremetida da baioneta. Maldita! Ela o ultrapassou, parou diante da porta, mas em lugar de abri-la parou, girou e zombou dele. Falou-lhe em espanhol, uma língua tão rica em insultos, e começou a rir de suas próprias palavras.

Hakeswill supôs que era português, uma língua que desconhecia, assim como o espanhol, mas uma coisa era certa. Não lhe fazia nenhum cumprimento. Estendeu o forcado diante dele e arremeteu contra ela. Não havia maneira de ela ganhar esse ataque e lhe sorriu brincalhão.

— Não dificulte as coisas, rainha, jogue esse espetinho. Venha, solte-o!

Teresa queria matá-lo, não deixá-lo para Sharpe, e mudou para o inglês com a intenção de provocar um ataque irrefletido e encolerizado. Tinha que construir a frase com cuidado, assegurar-se de que estava boa, e riu dele.

— Sua mãe era uma porca que se vendeu a um asqueroso.

Ele rugiu, sua ira explodiu como pólvora.

— Mãe!

Correu para ela brandindo o forcado. Teresa lhe teria enfiado a baioneta com a precisão com que um bispo localiza um pecado capital, se a porta do estábulo não tivesse aberto. As pontas do forcado se cravaram na madeira e o sargento perdeu o equilíbrio, caiu e a baioneta se cravou no ar vazio.

Hakeswill girou ao cair, ofuscado momentaneamente pelo jorro de luz que entrou pela porta, e teve a impressão de ver uma sombra gigante. Uma bota o pegou, recebeu muitos chutes que o elevavam do chão e o golpeavam para trás; mas seguiu segurando o forcado e resmungou para seu assaltante. O maldito sargento irlandês! Levantou-se e arremeteu contra o irlandês, mas Harper simplesmente pegou o forcado pelas pontas e as dobrou para fora separando-as. Hakeswill se lançou para frente, com todas suas forças, mas Harper era rocha dura e o forcado não se moveu, salvo o metal que estava amassado como se fosse feito de varinhas de salgueiro verde.

— O que demônios acontece aqui? — perguntou Sharpe da porta entreaberta.

Teresa lhe sorriu por cima da baioneta.

— O sargento Obadiah queria colher-me e depois fazer-me picadinho.

Harper afastou o forcado de Hakeswill e o jogou ao piso.

— Permissão para cometer assassinato, capitão?

— Negada. — Sharpe se adiantou e deixou que a porta se fechasse. — Passe o trinco.

Hakeswill observou Harper que passava o trinco. Então esta era a maldita mulher de Sharpe. É o que parece, pela maneira com que ela lhe sorria, tocava seu braço. Hakeswill entendeu que tinha que ter atravessado o pescoço da prostituta quando teve chance. Deus, mas ela era bela, e continuava sentindo o desejo e a conseguiria; por Deus, que a conseguiria. Depois olhou o rosto de Sharpe, tenso de ira, e Hakeswill deu de ombros. Assim que ia receber os golpes dele. Haviam lhe batido outras vezes, uma surra significava que não o acusariam de estupro, e de toda maneira a garota era a única testemunha e era evidente que não estava ferida. Seu rosto se contraiu, não pôde evitar, lembrou como a garota lhe enfurecera fazendo que precipitasse o ataque, e decidiu que a mesma tática funcionaria com um Sharpe furioso.

— Putas para os oficiais, não é assim, capitão? Quanto custa? Eu posso pagar suas porcarias.

Harper grunhiu, Teresa começou a adiantar-se, mas Sharpe deteve a ambos. Apenas olhava para Hakeswill, deu dois passos para ele, parecia que não tinha ouvido o que o sargento havia dito. Clareou sua voz, e falou em um tom suave.

— Sargento Hakeswill, o senhor e eu, sem termos escolhido nos encontramos na mesma companhia. Entende?

Hakeswill assentiu com a cabeça. Então o corno adventício ia dar uma de oficial! Sharpe falava com calma.

— Temos três regras nesta companhia, sargento, está ouvindo?

— Sim, capitão!

Hakeswill desejava a prostituta. E a conseguiria quando chegasse o momento.

— Essas regras são as seguintes, sargento. — Sharpe falava com moderação, como um capitão a um oficial não ascendido, mas valioso, ainda que não tivesse nem ideia de se era capitão ou não. — Primeiro, que lutem bem, que lutem para ganhar. Sei, sargento, que o senhor é capaz disso, eu lhe conheço.

— Sim, capitão! — respondeu Hakeswill.

— Segundo, que nenhum homem se embebeda sem minha permissão. — Sharpe se perguntava se sua permissão valeria tanto como uma bala de mosquete usada dentro de poucas horas, mas logo deixaria para Rymer que cuidasse do tenente Price — Entendido?

— Sim capitão!

— Bem. E terceiro, sargento. — Sharpe se achava agora a dois passos de Hakeswill, não fazia caso das ameaças que Teresa murmurava em espanhol. — Terceiro, sargento, que não roube nada, salvo do inimigo, e desde que esteja morto de fome. Entendido?

— Capitão! — Hakeswill ria por dentro. Sharpe tinha se tornado tão mole como a manteiga!

— Alegro-me que entenda, sargento. Silêncio!

Hakeswill se enquadrou e Sharpe lhe deu um chute nas bolas. Hakeswill veio para frente do golpe e a mão direita do oficial estourou em seu rosto, muito encima, mas com força suficiente para enviá-lo para trás cambaleando.

— Silêncio! Eu lhe direi quando pode se mover, sacana!

O costume havia paralisado o sargento, tal como Sharpe tinha suposto. A sobrevivência de Hakeswill no exército dependia da obediência absoluta às ordens. Fora disso, podia se fazer qualquer coisa, mas desobedecer as ordens era arriscar-se a perder seus galões, seus privilégios e sua posição para atormentar os outros. Hakeswill estava bem machucado, mas ficou quieto. Talvez, pensou o sargento, Sharpe não tenha ficado tão mole como ele pensava, mas nenhum homem vencia Obadiah Hakeswill e vivia para se gabar disso. Sharpe virou o rosto para ele.

— Alegro-me de que me entenda, sargento, porque isso fará nossa vida mais fácil. Não acha?

— Capitão! — respondeu Hakeswill como se fosse um gemido de dor.

— Bom. O que estava fazendo a minha mulher?

— Capitão?

— Você me ouviu, sargento.

— Estávamos nos conhecendo, capitão.

Sharpe voltou a golpeá-lo com força na enorme barriga, e de novo Hakeswill se dobrou para frente e de novo Sharpe lhe deu um soco na cara, desta vez no nariz, que começou sangrar.

— Quietos!

Hakeswill tremia de raiva, eram anos de disciplina os que lhe permitiam lutar contra o desejo de devolver o golpe, mas ficou quieto, em posição de sentido, e o espasmo involuntário lhe sacudiu a cabeça e Sharpe voltou a gritar.

— Quietos! Não lhe dou permissão para se mover! — Sharpe se aproximou mais de Hakeswill, quase o convidando a lhe bater. — E o que acontecerá depois, Hakeswill? Suponho que a companhia começará a perder coisas. Botas de reserva, chaleiras de campo, branco da Espanha, escovas, cinturões e o bom sargento Hakeswill informará das perdas, não é assim? — Hakeswill não se movia. — E logo virá a sabotagem nas armas. Fios desfeitos no parafuso da pederneira, tambores que desaparecem, barro sob os canhões das armas. Conheço seus truques. Quantos homens terá que açoitar antes que todos lhe dêem dinheiro? Três? Quatro?

Fez-se um silêncio agourento no estábulo. Lá fora se ouviam cachorros latindo excitados, mas Sharpe não prestou atenção. Teresa se adiantou.

— Por que não o mata? Deixe-o para mim.

— Não sei. — Sharpe olhou fixamente o rosto malévolos e destroçado do sargento. — Porque diz que não pode ser morto e quando o matar quero que seja em público. Quero que suas vítimas saibam que morreu, que alguém se vingou por eles, e se o fizermos agora terá que ser escondido. Não quero que seja assim. Quero milhares de olhos observando-o, então o matarei. — Deu as costas para o sargento e olhou para Harper. — Abra a porta.

Sharpe moveu-se para um lado e virou-se para Hakeswill.

— Saia e caminhe. Simplesmente saia daqui, sargento, e siga caminhando. Duas léguas a mais e pode colocar um uniforme azul. Faça algo por seu país, Hakeswill, deserte.

Seus olhos azuis cravaram seu olhar em Sharpe.

— Permissão para ir, capitão! — Ainda estava dolorido.

— Vá.

Harper segurou a porta entreaberta. Estava decepcionado. Ele queria triturar Hakeswill, apagá-lo, e quando o sargento passou junto de si, lhe cuspiu. Hakeswill começou a cantar em voz baixa: “Seu pai era irlandês e sua mãe era uma porca...”

Harper lhe deu um soco. Hakeswill parou o golpe e se voltou para o gigante irlandês. Eram do mesmo tope, mas Hakeswill ainda estava dolorido: soltou um chute, falhou e sentiu que os golpes lhe batiam nos antebraços e na cabeça. Céus! Esse irlandês era uma besta!

— Basta! — gritou Sharpe.

Haviam chegado longe demais. Harper lhe golpeava uma e outra vez, dava-lhe golpes com a cabeça, mas uma mão o agarrou pelo ombro e o separou.

— Eu disse basta!

Hakeswill não via nada depois dos golpes. Brandiu um punho para um uniforme vagamente verde e Sharpe se afastou para trás, levantou uma perna e empurrou Hakeswill na barriga. O sargento caiu para trás, debaixo da luz do sol, chapinhando em um charco de mijadas de cavalo. Sharpe olhou para Harper. Não estava ferido, mas olhava fixamente para o interior do pátio, por cima da cabeça de Hakeswill. O rosto do irlandês mostrava surpresa e atordoamento.

Sharpe olhou para a luz. Parecia que o pátio estava cheio de cachorros, cachorros farejadores com as caldas levantadas, explorando o homem caído no charco fedorento. No centro dos cachorros um cavalo; um cavalo negro, grande e recentemente rastelado, montado por um tenente coronel que mostrava, sob seu bicorne, uma expressão de autêntico desagrado. O tenente coronel desceu a vista para o sargento, ao qual lhe sangravam o pulso, o nariz e a bochecha, e depois os olhos de pederneira voltaram a

olhar para Sharpe. O cavaleiro agarrou com as mãos um rebenque, suas botas tinham umas borlas excelentes, enquanto que seu rosto, por cima da dragona coroadada, era o tipo de rosto que Sharpe esperava ver do outro lado de um tribunal de condado. Era uma cara tão astuta e tão enrugada pela experiência, que Sharpe intuiu que aquele homem podia fixar a grade de um arado com tanta destreza como sufocar uma rebelião.

— Suponho que você é o senhor Sharpe.

— Sim senhor, coronel.

— Informe-me as doze e meia, Sharpe.

Os olhos revoaram para o grupo, de Sharpe até o sargento irlandês, depois para a garota com a baioneta. O tenente coronel golpeou com o rebenque o cavalo, este se pôs em marcha e os cachorros abandonaram Hakeswill e o seguiram. O cavaleiro não havia se apresentado, não foi necessário. Do outro lado de um charco de urina, em meio a uma briga por uma mulher, Sharpe acabava de conhecer o seu novo coronel.

CAPÍTULO 10

— Pronto, Richard?

— Pronto.

— Sabe onde me encontrar?

Sharpe assentiu com a cabeça.

— Na casa de Moreno, em uma rua estreita atrás da catedral.

Teresa sorriu, inclinou-se para dar umas palmadinhas no pescoço do cavalo.

— E há duas laranjeiras no pátio na frente da casa. É fácil de encontrar.

— Ficar bem?

— Claro. — Deu uma olhada para as sentinelas portuguesas que mantinham a porta principal aberta. — Tenho que ir, Richard. Que seja feliz.

— Serei. E você. — Custou-lhe sorrir, e as palavras seguintes lhe soaram raras. — Dê lembranças para a menina.

Ela sorriu.

— Eu farei. Logo a verá.

— Eu sei.

E se foi, os cascos de seu cavalo ressoaram no túnel escuro e abobadado da porta de entrada, e ele observou como os soldados portugueses corriam o rastelo e fechavam as portas interiores. Estava sozinho; não, totalmente só, já que Harper o esperava na parte alta da rua, mas se sentia sozinho. Pelo menos acreditava que Teresa estaria a salvo. Os comerciantes ainda negociavam com Badajoz, seus comboios ainda se dirigiam para o norte, leste e sul, e Teresa rodearia a cidade em busca de um comboio, e cavalgaria a

salvo até a casa com duas laranjeiras. Apenas ficava a umas três léguas de distância, era um trajeto fácil, mas ele sentia como se estivesse do outro lado do mundo.

Harper lhe pegou o passo e se pôs ao seu lado, com o rosto comprido.

— Sinto muito, capitão.

— Não importa.

O sargento suspirou.

— Sei que queria causar uma boa impressão ao coronel. Sinto muito.

— Não é culpa sua. Devia ter matado aquele sacana no estábulo.

Harper sorriu, brincalhão.

— Ai! Deveria. Quer que eu o faça?

— Não. Eu e em público.

Passaram umas carretas de boi carregadas até encima de arados, gabiões e grandes vigas de madeira que se converteriam em plataformas para os canhões. Elvas estava se apetrechando de material para o assédio; faltavam apenas os canhões que vinham se arrastando pelas estradas desde o rio Tajo e que traziam consigo a promessa de outra brecha, de outro destacamento suicida.

— Capitão? — perguntou Harper perturbado.

— Sim?

— É verdade?

— O quê?

O irlandês baixou o olhar para Sharpe desde sua altura.

— Que vai perder a companhia? Ouvi dizer que tem um capitão novo, um jovem do 51º.

— Não sei.

— Não vai agradar os meninos, capitão, não vão gostar.

— Os meninos terão que aguentar.

— Deus salve a Irlanda. — Subiram uns passos em silêncio, acima, para o centro da cidade. — Então é verdade?

— Provavelmente.

Harper sacudiu a cabeça imponente, lentamente.

— Deus salve a Irlanda. Nunca teria acreditado. Falará com o general?

Sharpe negou com a cabeça. Tinha pensado nisso, mas descartou a ideia. Uma vez salvou a vida de Wellington, mas aquela dívida fazia tempo que estava saldada e o general já o havia ascendido a capitão uma vez. Wellington não tinha culpa de que a ascensão fosse recusada, ou que um advogado tivesse vendido uma patente ilegalmente. Isso sucedia muitas vezes.

— Não posso ir atrás dele cada vez que surge um problema. — Deu de ombros. — Logo se apresentará algo, Patrick, sempre é assim.

Harper, sem apaziguar-se, deu um soco em uma parede, assustando um cachorro que dormia.

— Não acredito! Não podem fazer isso!

— Sim podem.

— Então são bobos. — Harper pensou um momento. — Está pensando em transferir-se?

— Para onde?

— Voltar aos fuzileiros?

— Não sei. Ainda não há nada certo. De toda maneira, os fuzileiros têm todos os oficiais necessários, e inclusive mais.

— Então pensou nisso. — Harper assentiu com a cabeça. — Promete-me uma coisa?

Sharpe sorriu.

— Já sei, e a resposta é sim.

— Por Deus, eu não ficarei aqui sem você. Eu voltarei aos fuzileiros com você. Precisa de alguém sensato perto de você.

Dirigiram-se para a casa dos oficiais quando o grande banco de nuvens envolvia Elvas em uma sombra que pressagiava chuva. Sharpe se deteve na arcada.

— Eu o verei às quatro.

— Ei, capitão, espero que seja você.

Ia ter uma revista as quatro na qual o coronel Windham inspecionaria seu novo batalhão.

Sharpe assentiu com a cabeça.

— Eu também. Faça que seja uma boa apresentação.

Não sabia onde estaria Windham, então parou na entrada e viu uma réstia de chapéus novos e limpas sobre a mesa. Não podia enfrentar a grande sala de oficiais, os olhares compassivos de seus companheiros e a inevitável confrontação com Rymer, assim ficou na entrada olhando um grande quadro triste no qual um sacerdote com batina branca queimava em uma estaca. Os soldados que alimentavam o fogo tinham cara de maus, de doninhas, e se supunha obviamente que eram os ingleses, enquanto que o sacerdote mártir tinha um ar etéreo de perdão e martírio. Sharpe desejou que o sacana tivesse sofrido.

— Capitão Sharpe?

Ele se voltou. Um major pequeno com um bigode recortado o olhava da porta.

— Senhor?

— Collett. Major Collett. Alegro-me em conhecê-lo, Sharpe. Ouvei falar de você, certamente. Por aqui.

Sharpe lamentava a falta de caridade que tinha sentido pelo sacerdote que seguia queimando, perguntava-se se aquele desejo maligno lhe traria má sorte, então levantou a vista para o quadro e piscou o olho para o homem.

— Sinto muito.

— O que disse, Sharpe?

— Nada, senhor, nada.

Seguiu Collett para o interior da sala da casa; uma habitação rodeada de mais pinturas tristes e religiosas e com amplas cortinas marrons que pareciam envolver o ambiente em uma noite antecipada. O coronel Windham estava sentado junto a uma mesa baixa, dava de comer restos de carne a seus cachorros e não levantou a vista enquanto Collett conduzia Sharpe ao interior da habitação.

— Comandante! Este é Sharpe, senhor.

Collett podia ser o gêmeo de Windham; as mesmas pernas arqueadas de cavaleiro, a mesma pele curtida e o mesmo corte de cabelo, mas quando o coronel levantou a vista, Sharpe percebeu no rosto de Windham alguns traços de astúcia que faltavam ao major. O coronel fez um sinal afável com a cabeça.

— Gosta de cachorros, Sharpe?

— Sim, comandante.

— São bestas fiéis, Sharpe. Dê-lhes de comer com regularidade, algum chute amiúde e farão qualquer coisa por você. Assim como os soldados, não é assim?

— Sim, comandante.

Ele estava de pé, com o chapéu na mão, e Windham lhe fez um gesto com a mão para uma cadeira.

— Eu trouxe as bestas comigo. Ouvi dizer que há boa caça por aqui. Você caça, Sharpe?

— Não, senhor.

— Boa caça! Boa caça! — segurava um pedaço de carne de boi no alto, brincava com um sabujo de maneira que o cachorro saltava em vão, cada vez mais alto, até que Windham deixou cair a comida e o cachorro pegou-a ainda no ar, e a levou, grunhindo, para baixo da mesa. — Não tem que mimá-los, certamente. É mau para eles. Essa é Jessica, minha mulher. — Apontava para a mesa.

— Sua o quê, comandante?

— Minha mulher, Sharpe, minha mulher. Chama-se Jessica. A senhora do coronel, e esse tipo de coisas. A senhora Windham.

Apresentou os diversos tratamentos com que podia referir-se a sua mulher com voz rápida e Sharpe entendeu que não se referia ao cachorro sob a mesa, mas a um retrato ovalado, de uns quinze centímetros de altura, que havia acima do cachorro. O retrato estava montado em uma moldura de prata com magníficas filigranas e mostrava uma mulher com cabelo escuro, queixo pequeno e expressão tosca. Sharpe teve a clara sensação de que o cachorro devia ser melhor companheiro, mas o coronel suavizou o rosto quando olhou para o retrato.

— Uma mulher boa, Sharpe, uma mulher boa. Uma força para o bem da sociedade.

— Sim, comandante.

Sharpe começava a sentir-se ligeiramente confuso. Viera à reunião esperando que lhe falassem da companhia, de Rymer, esperava inclusive que o repreendessem pelo alvoroço no estábulo

do pátio, porém, em troca, o novo coronel do batalhão estava exaltando as virtudes de uma boa esposa.

— Tem muito interesse, Sharpe, muito. Ela o conhece. Escreveu-me quando lhe disse que pegava o comando do batalhão e me enviou o recorte de um jornal. Ela acha que você fez bem, Sharpe.

— Sim, senhor.

— Está ansiosa de ver a gente que melhora. Não é assim, Jack?

— Sim, coronel.

Collett pronunciou as palavras com tal prontidão que Sharpe se perguntou se seu papel na vida era o de estar de acordo com tudo que o coronel dissesse. Windham voltou a pôr o retrato sobre a mesa. Estivera segurando-o, balançando-o entre suas mãos.

— O que foi aquilo esta manhã, Sharpe?

— Uma disputa particular, senhor. Já está ajustada. — Sentiu uma pontada de satisfação ao recordar os socos que havia dado em Hakeswill.

Windham não estava satisfeito.

— Por que era a discussão?

— Havia insultado a garota, senhor.

— Entendo. — A expressão era de profunda desaprovação. — Uma garota daqui?

— Espanhola, senhor.

— Seguindo as tropas, sem dúvida. Quero que faça as mulheres partirem, Sharpe. As esposas podem ficar, certamente, mas há demasiadas putas. Não é bom. Faça que as expulse!

— Como diz, senhor?

— As putas, Sharpe. Que as expulse.

Windham consentiu com a cabeça como se, uma vez dada a ordem, a execução também tivesse se realizado. Sharpe viu que ele dava uma olhada para o retrato da severa Jessica e o fuzileiro suspeitou que o grande interesse da senhora Windham pelo batalhão se estendia, por carta, a sua saúde moral.

— Aonde as ponho, coronel?

— O quer dizer?

— No batalhão seguinte, coronel?

Collett ficou rígido, mas Windham não se deu por aludido.

— Eu lhe entendo, Sharpe, mas quero que se desanimem. Entende? Terei que dar um castigo exemplar aos homens que sejam apanhados brigando por mulheres.

— Sim, senhor.

O coronel fazia ver que estava atarefado.

— Número dois, Sharpe. As esposas do batalhão deverão formar para a revista a cada domingo. Às dez da manhã. Você as faz formar e eu passarei revista.

— Uma revista de esposas, coronel. Sim, senhor.

Sharpe calou o que pensava. Tal tipo de revistas não era incomum na Inglaterra, mas era raro na Espanha. Oficialmente as esposas estavam sujeitas à disciplina do exército, ainda que muito poucas delas aceitassem e Sharpe suspeitava que o próximo domingo seria divertido, se não outra coisa. Porém, por que ele? Por que não um dos comandantes ou mesmo o sargento mais veterano?

— As dez em ponto, Sharpe. E não quero na revista a nenhuma mulher que não esteja casada. Diga-lhes que pedirei os papéis. Não quero ninguém como aquela garota desta manhã!

— Essa era minha mulher, coronel.

Sharpe não tinha nem ideia de por que disse isso, a menos que fosse para romper aquela atmosfera de segurança que Windham mostrava, e funcionou. O coronel abriu a boca, olhou para Collett em busca de ajuda, mas não a recebeu, e voltou a olhar fixamente para Sharpe.

— Como?

— Minha mulher, coronel. A senhora Sharpe.

— Santo céu! — O coronel rebuscou entre os papéis que tinha ao lado do retrato de sua mulher. — Aqui não há nenhuma nota a respeito de seu matrimônio.

— Foi na intimidade, senhor.

— Quando? Quem lhe deu permissão?

— Faz dezesseis meses, coronel. — Sorriu ao coronel. — Temos uma filha de quase oito meses.

Percebeu que o coronel estava fazendo contas e que não batiam; isso foi eficaz, pois não lhe fez mais perguntas. Windham estava violento.

— Devo-lhe desculpas, Sharpe. Não queria ofendê-lo.

— Não, senhor. — Sharpe sorriu.

— Vive com o batalhão, não é assim? Refiro-me à senhora Sharpe.

— Não, senhor. Na Espanha. Tem trabalho ali.

— Trabalho! — Windham parecia apreensivo. — O que faz?

— Mata franceses, coronel. É guerrilheira, conhecida como “A agulha”.

— Santo céu! — Soltou Windham.

Lawford e uma dúzia de pessoas lhe haviam falado de Sharpe e ele tinha interpretado a informação como uma espécie de aviso. Sharpe, disseram-lhe, era um homem independente, eficaz na batalha, mas capaz de usar meios irregulares para conseguir o êxito. Ascendera de soldado raso, o coronel sabia, o que devia ser um inconveniente. Windham nunca conhecera um homem, que proviesse da tropa, que fosse um oficial de êxito. O poder ou a bebida lhes subia à cabeça, e tanto em um caso como em outro, os soldados normalmente lhes guardavam rancor. Contudo eram bons para, uma coisa: a administração. Conheciam o sistema de cor, muito melhor que os outros oficiais, e eram os melhores instrutores do exército. Era verdade que Lawford lhe comentara que Sharpe era uma exceção, mas Windham tinha quinze anos a mais que Lawford e supunha que conhecia melhor o exército. Reconhecia que a folha de serviços de Sharpe era magnífica, mas também era evidente que haviam dado ao homem uma liberdade inusual, e a liberdade, tal como sabia Windham, era algo tremendamente perigoso. Podia dar a um homem ideias muito acima de seu posto, mas, apesar disso, era resistente a cortá-lo, ainda que esse fosse seu dever. Windham gostava de saltar as cercas diretamente, contudo agora se encontrava ali, tremendo como uma velha sobre um rocim que busca um espaço na cerca!

— Tive sorte, Sharpe.

— Sorte, senhor?

— Com meus efetivos.

— Sim, coronel.

Sharpe se sentia como um homem que sabe que se aproxima a execução, mas não acreditava. Agora os canos do esquadrão lhe apontavam.

— Onze capitães, é demais!

— Sim, senhor.

Windham deu uma olhada para Collett, mas o major tinha a vista baixa e não era de nenhuma ajuda. Maldito seja! Direto ao obstáculo!

— Rymer ficará com a companhia, Sharpe. Ele comprou o posto com seu dinheiro. Você entenderá que tem direito, estou seguro.

Sharpe não replicou. Seu rosto ficou inexpressivo. Tinha esperado por isso, mas nem por isso era menos amargo. Assim que Rymer se ficava com o prêmio porque tinha dinheiro. O fato de Sharpe ter capturado uma águia, ou de Wellington o ter descrito como o melhor chefe de tropas ligeiras do exército, não contava para nada. Eram coisas que não significavam nada comparadas com o sistema de compra. Se Napoleão Bonaparte tivesse se alistado no exército britânico, em lugar de fazê-lo no francês, seria afortunado se tivesse conseguido chegar a capitão em lugar de chegar a imperador de meio mundo. Maldito Rymer, maldito Windham, maldito exército! Sharpe tinha vontade de partir e livrar-se de todo aquele sistema injusto. Ouvia-se repicar a chuva na janela. Windham levantou a cabeça, assim como haviam feito os sabujos que tinha a seus pés.

— Chuva! — exclamou o coronel dirigindo-se a Collett. — Tenho os cobertores arejando, Jack. Você se importaria de despertar meu ajudante?

Collett partiu complacente e Windham se reclinou.

— Sinto muito, Sharpe.

— Sim, senhor. E a nomeação?

— Recusada.

Então que aí estava. O pelotão de execução apertou o gatilho e Richard Sharpe soltou um riso sarcástico, brincalhão, que fez que

Windham franzisse o cenho. Outra vez tenente!

— Sendo assim, o que farei, coronel? — Sharpe deixou que a amargura se notasse em sua voz. — Devo me apresentar ao capitão Rymer?

— Não, senhor Sharpe, não. Para o capitão Rymer sua presença era incômoda, estou seguro de que você entenderá. Temos que dar-lhe tempo para se instalar. Eu lhe mantereí ocupado.

— Esquecia-me, senhor. Estou encarregado das mulheres agora.

— Não seja impertinente, Sharpe! — Windham adiantou se de súbito, assustando os cachorros. — Não entende, né? Há regras, ordens, regulamentos, Sharpe, que governam nossas vidas. Se não seguimos essas regras, por mais chatas que sejam, abrimos as portas para a anarquia e a tirania; as verdadeiras coisas contra as quais lutamos! Entende?

— Sim, senhor.

Sharpe achou que seria inútil dizer que as regras, as ordens e os regulamentos eram feitos pelos privilegiados para proteger os privilegiados. Sempre fora assim e assim seguiria sendo. A única coisa que podia fazer agora era sair com os farrapos de dignidade intactos e depois se embebedar. Mostrar ao companheiro tenente Price como bebia um verdadeiro especialista.

Windham se afastou.

— Vamos a Badajoz.

— Sim, coronel.

— Você é o tenente mais antigo.

— Sim, coronel — as respostas de Sharpe eram indiferentes.

— Ali haverá vacância, homem! Se atacarmos.

Isso era verdade, e Sharpe assentiu com a cabeça.

— Sim, coronel.

— Pode fazer intercâmbio. — Windham olhou para Sharpe expectante.

— Não, coronel.

Sempre havia oficiais que achavam que seus regimentos iam a lugares impopulares, tais como as ilhas Fever, e se ofereciam

para trocar com outro oficial que estivesse em um batalhão mais perto das mesas de jogo e longe das doenças raras. Normalmente ofereciam um suborno metálico para facilitar o intercâmbio, mas Sharpe não se atrevia a deixar a Espanha, enquanto Teresa e Antônia estivessem presas em Badajoz. Prestou atenção na chuva que golpeava a janela e pensou na garota, agora cavalgando a caminho de Badajoz.

— Ficarei, senhor.

— Bom! — disse Windham pouco comprazido. — Há muito trabalho. Ordenar a manada de mulas, pelo que vi, e, sabe Deus, vão nos inundar de picaretas e pás. Temos que contar tudo.

— Encarregado de mulas, picaretas e mulheres, senhor?

Os olhos de Windham captaram o desafio.

— Sim, senhor Sharpe, se insiste.

— Um trabalho adequado, coronel, para o tenente mais antigo.

— Tenente, isto será uma boa cura de humildade.

— Sim, senhor.

Uma qualidade importante em um soldado, a humildade. Sharpe soltou outro riso sarcástico. A humildade não havia capturado o canhão em Cidade Rodrigo, nem aberto um caminho pelas fechadas ruas de Fontes de Oñoro, nem tinha trazido o ouro da Espanha, nem capturara a águia do império do inimigo, nem havia resgatado o general, nem tirado um grupo de fuzileiros famintos de uma derrota total, nem tinha matado o sultão Tipu, e o riso sarcástico de Sharpe se fez autêntico. Era arrogante; talvez Windham tivesse razão. Necessitava de humildade. Agora faria as esposas formarem e contaria as pás. Nenhuma destas atividades requeria muita iniciativa nem dotes de comando, e as mulas eram notavelmente parcias em decisões rápidas e seguras: a humildade era melhor. Seria humilde.

— Coronel?

— Sim?

— Uma petição.

— Diga.

— Quero estar ao comando de um esquadrão suicida em Badajoz, senhor. Eu gostaria que remetesse meu nome agora. Sei que é cedo, mas lhe agradeceria que o fizesse assim.

Windham ficou olhando-o.

— Você é um homem desequilibrado.

Sharpe negou com a cabeça. Não ia lhe explicar que queria uma ascensão que nenhum homem pudesse tirar-lhe, e que queria provar-se a si mesmo em uma brecha porque nunca o havia feito. E se morresse, como provavelmente ocorreria, e nunca visse a sua filha? Então ela saberia que seu pai morrera tentando alcançá-la, conduzindo um ataque, e ficaria orgulhosa.

— É o que desejo, senhor.

— Não necessita disso, Sharpe. Haverá ascensões em Badajoz.

— Enviará meu nome, senhor?

Windham se levantou.

— Pense, Sharpe, pense. — Indicou-lhe a porta. — Apresente-se ao major Collett pela manhã. — A entrevista fora muito pior do que tinha temido e o coronel sacudiu a cabeça. — Não necessita disso, Sharpe, não. Agora, tenha um bom dia.

Sharpe não percebeu que chovia. Ficou olhando para o outro lado do vale, para a fortaleza. Pensou em Teresa, trancada dentro das muralhas, e soube que tinha de entrar pela brecha, passasse o que passasse. A restituição de seu posto e, sendo otimista, o comando de sua companhia o exigiam, mas, sobretudo porque era um soldado, era um orgulhoso. Tinham lhe dito que os mansos herdariam a terra, mas somente quando o último soldado assim o deixasse em seu testamento.

CAPÍTULO 11

— Sargento Hakeswill, senhor! Apresentando ao tenente Sharpe, senhor, como foi ordenado, senhor! — Deu uma pisada com a bota direita ao bater continência, o braço tremeu ao cumprimentar, a cara se contraiu, ainda que deixava entrever seu regozijo.

Sharpe devolveu a saudação. Já haviam passado três semanas desde sua degradação, mas ainda lhe doía. O batalhão, desconcertado, chamava-lhe de “senhor” ou “senhor Sharpe”. Apenas Hakeswill futucava na ferida. Sharpe lhe indicou o excremento que havia no piso.

— Isso é. Recolham.

— Tenente! — Hakeswill virou-se para o grupo de trabalho da companhia ligeira. — Vocês ouviram o tenente! Recolham esta bagunça e movam-se, malditos! O capitão nos quer de volta.

Hagman, o velho fuzileiro, o melhor atirador da companhia, que estava servindo com Sharpe há sete anos, dirigiu para seu antigo capitão um sorriso triste.

— Um dia asqueroso, senhor.

Sharpe assentiu com a cabeça. A chuva tinha cessado, mas parecia que logo choveria de novo.

— Como vão as coisas, Dan?

O fuzileiro sorriu brincalhão, deu de ombros e olhou ao seu redor para ver se Hakeswill escutava.

— Horrroso, senhor.

— Hagman! — berrou Hakeswill. — Ser o mais velho não significa que não tenha que trabalhar. Venha aqui, maldito,

depressa!

O sargento sorriu para Sharpe com ironia.

— Sinto muito, tenente, senhor. Não podemos parar para conversar. Temos um trabalho a fazer. — Fez ranger os dentes, seus olhos azuis pestanejaram com rapidez. — Como está sua senhora, senhor? Bem? Desejava retomar a amizade. Está em *Badayós*? — Riu e virou-se para partir, de volta ao grupo de trabalho que estava resgatando as pás que haviam caído de uma carroça cujo eixo tinha quebrado.

Sharpe ignorou a zombaria porque reagir era proporcionar a Hakeswill a satisfação de ter-lhe intranquilo, retirou a vista da carroça e ficou olhando o rio cheio e de águas turvas. Badajoz. Apenas a umas léguas; uma cidade construída em uma curva formada pelo rio Guadiana e o afluente Rivillas. A cidade era dominada pela Alcáçova, castelo árabe elevado sobre uma colina rochosa que se erguia lá onde a corrente do Rivillas desembocava no Guadiana. O exército marchara desde Elvas naquela manhã e agora esperavam que os engenheiros dessem os últimos retoques na ponte de chalanas que levaria os britânicos para a margem sul onde se assentava a cidade de Badajoz. Cada chalana, reforçada com tirantes de madeira, pesava duas toneladas, e os botes desajeitados e oblongos que agora arrastavam alguns bois foram trazidos flutuando pelo Guadiana. Agora estavam todos atracados, ancorados contra o rio cheio pela chuva, e na superfície os engenheiros tinham disposto enormes cabos de treze polegadas. A água formava uma espuma suja por entre os botes, enquanto que no extremo dos cabos se colocavam as pranchas a golpes, com uma rapidez que demonstrava a prática que os engenheiros adquiriram em cruzar os rios da Espanha. Pouco antes que as últimas pranchas estivessem em seu lugar, as primeiras carroças partiram e os homens jogavam pás de areia e terra sobre as pranchas para fazer uma estrada rudimentar.

— Adiante!

As primeiras tropas começaram a atravessá-lo, eram os homens da recém chegada brigada de cavalaria pesada que iam acompanhando seus cavalos. Os animais se mostravam nervosos

sobre a ponte, mas a cruzaram; Badajoz logo estaria rodeada de tropas.

Na outra margem, a cavalaria montada se dispunha em esquadrões. Quando os primeiros infantess começaram a cruzar, os cavaleiros esporearam os cavalos e se dirigiram a trote para a cidade. Pouco podiam fazer contra as muralhas; era uma demonstração, um alarde e uma tentativa de desmoralizar ao punhado de cavalaria francesa que havia no interior de Badajoz para o caso de se sentirem tentados a cavalgar contra a cabeça da ponte.

Começou a chover. A chuva formava bolhas nas águas escuras, estas redemoinhavam e empapavam as já molhadas tropas que cruzavam o rio e giravam à esquerda para a cidade. Uma vez ouviram-se vivas provenientes da infantaria quando um disparo de canhão retumbou de Badajoz. Um esquadrão da cavalaria pesada cavalgou muito perto das muralhas e um canhão francês disparou, mas os cavaleiros britânicos galopavam com vergonha para fora de seu alcance. O clamor era uma ironia. A infantaria podia morrer logo vítima dos canhões, mas de toda forma era bom ver à elegante cavalaria que lhes dava uma lição. Nenhum cavaleiro penetraria nas brechas de Badajoz.

O South Essex havia se convertido em mulas de carga. Os engenheiros tinham mais de cem carroças esperando para atravessar o rio e o eixo de duas havia partido. O South Essex teria que transportar seu carregamento pela água. Windham conteve o cavalo junto a Sharpe.

— Tudo preparado, senhor Sharpe?

— Sim, coronel.

— Mantenha a bagagem perto quando cruzemos!

— Sim, coronel. — Não, coronel, três sacos cheios, coronel. —

Coronel?

— Senhor Sharpe? — Windham tinha vontade de partir.

— Já apresentou minha petição, coronel?

— Não, senhor Sharpe, muito cedo, sinto muito! — O coronel tocou na ponta do bicornes, deu a volta e partiu.

Sharpe embainhou a espada, ela era inútil para contar pás e picaretas, e caminhou pelo barro para a bagagem do batalhão. Cada companhia tinha uma mula que transportava os livros, a papelada interminável de responsabilidade do capitão, alguns míseros víveres e, de forma um tanto ilegal, também a bagagem de alguns oficiais. Outras mulas transportavam os víveres do batalhão; as grandes arcas com armas de reserva, uniformes, mais papéis e a sinistra carga do cirurgião. Mesclados com as mulas iam os criados dos oficiais, com cavalos de reserva e de carga, e, em meio a tudo isso, as crianças. Gritavam e brincavam entre as patas dos animais, vigiados por suas mães, encolhidas em improvisados refúgios à espera das ordens de marchar. Pelo regulamento devia haver sessenta esposas com o batalhão, mas inevitavelmente e depois de três anos de guerra, o South Essex reunira muito mais. Havia quase trezentas mulheres que marchavam com o batalhão e igual número de crianças. Era uma mistura de inglesas, irlandesas, escocesas, galesas, espanholas e portuguesas; havia inclusive uma francesa, abandonada na batalha de Fontes de Oñoro, que decidiu ficar com seus captores e se casou com um sargento da companhia de Sterritt. Algumas eram prostitutas que iam atrás dos tristes peniques do exército, outras eram verdadeiras esposas com papéis que o atestavam, e não poucas se chamavam esposas e não necessitavam da cerimônia do casamento. Todas eram mulheres lutadoras. Muitas se casaram duas ou três vezes durante a guerra ao ter perdido seus maridos para uma bala francesa ou uma febre espanhola.

Na manhã anterior, Windham cancelara a formação de mulheres. Em um quartel a formação tinha certo sentido; permitia ao coronel ter contato com as famílias e proporcionava a um bom oficial a oportunidade de detectar casos de maus tratos, mas as mulheres do South Essex não gostavam da revista, não estavam acostumadas e já tinham manifestado seu descontentamento. A primeira vez que Sharpe fez que se alinhassem para a revista de Windham, a mulher do soldado Clayton, uma garota bonita, estava dando de mamar a seu bebê. O coronel se deteve, baixou o olhar e franziu o cenho.

— Este não é o momento, mulher!

Ela sorriu ironicamente, levantando o peito para ele.

— Quando *tié* fome, *tié* fome, igualzinho que seu pai.

Ouviu-se um coro de risos entre as mulheres e zombarias dos homens. Windham partiu. Jessica teria sabido o que fazer, mas ele não.

Agora, quando Sharpe se aproximava da bagagem empapada pela chuva, as mulheres lhe sorriam com ironia de baixo dos cobertores. Lily Grimes, uma mulherzinha de alegria incontida, e com uma voz com a qualidade penetrante de uma baioneta bem afiada, cumprimentou-o com certa zombaria.

— Já não nos faz formar, capitão? — As mulheres sempre o chamavam de capitão.

— Sim, Lily.

Ela sorveu pelo nariz.

— Está louco.

— Quem?

— O maldito coronel. Para querer nos fazer formar?

Sharpe sorriu brincalhão.

— Preocupa-se com vocês, Lily. Quer cuidar das mulheres.

Ela negou com a cabeça.

— O que ele quer é ver as tetas de Sally Clayton. — Começou a rir e levantou a vista para Sharpe. — O senhor tampouco afastou a vista, capitão. Eu lhe observei.

— Apenas desejava que tivesse sido você, Lily.

Ela soltou uma risada.

— Quando queira, capitão, basta pedir.

Sharpe começou a rir e se afastou dela. Admirava as esposas, gostava delas. Suportavam todos os incômodos da campanha: as noites debaixo de chuva, as rações escassas, as longas marchas e, contudo, nunca abandonavam. Viam como seus homens entravam em batalha e depois procuravam no campo o cadáver ou o corpo ferido de um marido; não deixavam de ocupar-se das crianças e cuidavam de seus homens. Sharpe havia visto Lily carregar com dois de seus filhos por uma estrada empinada, o mosquete de seu marido e os poucos pertences da família. Eram duras.

E não eram senhoras; efeito de três anos na Península. Algumas vestiam velhos uniformes, a maioria ia vestida com saias amplas e sujas, com xales andrajosos e lenço na cabeça. Tinham a pele muito morena, as mãos e os pés calejados e a maioria podia desnudar um cadáver em dez segundos e uma casa em trinta. Eram desbocadas, gritalhonas e terrivelmente descaradas. Nenhuma mulher podia viver com um batalhão e ser de outra maneira. Dormiam com seus homens, o suficiente, em campo aberto com nada mais que uma árvore ou uma cerca que lhes proporcionasse a ilusão de privacidade. As mulheres se lavavam, faziam suas necessidades, faziam amor e pariam diante de mil olhos. Para um observador delicado eram uma visão espantosa, contudo agradavam a Sharpe. Eram fortes, leais, amáveis e resignadas. O major Collett berrou uma ordem para que o batalhão se preparasse e Sharpe voltou para sua missão: a bagagem. Aquilo era o caos. Dois meninos tinham conseguido cortar o cesto de carga de uma das mulas do cantineiro, um espanhol que era uma espécie de camelô no batalhão, que gritava para os meninos, sem largar o cabresto que atava suas outras mulas.

Sharpe gritou para eles.

— Preparem-se!

Não entenderam. Os ajudantes do cantineiro agarraram os meninos e lhes tiraram as garrafas, mas suas mães, pressentindo um saque, atacaram os ajudantes por bater em seus filhos. Foi uma confusão tremenda.

— Richard! — Sharpe girou. O major Hogan estava atrás dele.

— Senhor!

Hogan baixou o olhar sorrindo brincalhão de seu cavalo.

— Hoje estamos muito formais.

— Estamos muito responsáveis. Olhe. — Sharpe assinalou com a mão o trem de mulas com a bagagem. — Minha nova companhia.

— Já fiquei sabendo.

Hogan desceu de seu cavalo, esticou-se e girou, pois de repente se ouviram gritos provenientes da ponte. O cavalo de um oficial se espantara naquele terreno escorregadio. Ia retrocedendo a passos curtos e bruscos para a companhia de infantaria que tinha

detrás. O capitão, em pânico, açoitava a besta, o que fazia aumentar seu terror, e o cavalo começou a empinar-se.

— Desça! — gritou Hogan. Sua voz era surpreendentemente sonora. — Tonto! Desça! Desmonte!

O oficial dava chicotadas no cavalo, puxava as rédeas, e o cavalo concentrou todas suas forças para derrubar o cavaleiro. E conseguiu. O cavalo se levantou sobre duas patas relinchando, e o oficial caiu da sela, quicou uma vez sobre o terreno com uma elevação e um declive acentuado do caminho e desapareceu corrente abaixo.

— Convencido estúpido!

Hogan estava furioso. Um sargento lançou uma madeira na água, mas era curta. Sharpe viu que o capitão dava tapas na água, lutando contra a corrente gelada que o levava para longe da ponte.

— Está perdido.

Ninguém se jogou na água para salvar o oficial. Quando um homem conseguisse tirar a mochila, o saco de munições, as armas e as botas o capitão já estaria longe. O cavalo, liberado da carga, ficou tremendo sobre a ponte e um soldado o acalmou. Depois o levou tranquilamente para a margem sul. O capitão havia desaparecido.

— Há um posto vacante — Sharpe riu.

— Amargurado?

— Amargurado, senhor? Não, major. Ser tenente dá muita satisfação.

Hogan lhe sorriu com tristeza.

— Ouvi dizer que havia se embebedado.

— Não. — Embebedara-se três vezes desde o dia em que Teresa se foi e no dia que tinha perdido a companhia. Sharpe deu de ombros. — Sabia que a nomeação foi recusada em janeiro? Ninguém se atreveu a me dizer. Depois chega o novo homem e alguém teve que me dizer. Então eu me ocupo da bagagem enquanto um juvenzinho inexperiente destroça minha companhia.

— Tão mau assim?

— Não sei. Sinto muito.

A raiva de Sharpe lhe pegara de surpresa.

— Quer que fale com o general?

— Não! — O orgulho impedia Sharpe de pedir ajuda, mas voltou atrás. — Sim, fale com o general. Diga-lhe que comandarei o pelotão suicida em Badajoz.

Hogan se deteve quando levava ao nariz uma pitada de rapé. Voltou a pô-la na caixa com cuidado e fechou a tampa de golpe.

— Fala sério?

— Sim.

Hogan negou com a cabeça.

— Não necessita disso, Richard. Céus! Haverá ascensões com tantas mortes! Não entende? Será capitão dentro de um mês.

Sharpe sacudiu a cabeça. Ele entendia, mas seu orgulho estava ferido.

— Quero o pelotão, major, eu o quero.

Hogan pegou Sharpe pelo cotovelo e o fez girar de maneira que ambos ficaram olhando em direção leste ao longo do rio, para a cidade.

— Sabe o que é aquilo, Richard? É absolutamente impossível!

— Apontou para a ponte de pedra por onde passava o caminho para a cidade. — Não podemos atacar por ali. Qualquer que um que pretenda atravessar aquela ponte será despedaçado. Sendo assim, tente a muralha leste. Há uma represa e o caminho é endemoninhadamente longo. Necessitaríamos da marinha para atravessar aquilo, a menos que possamos explodir o dique, mas, para completar, construíram um forte para impedir que o façamos. É o castelo, certamente. — As palavras de Hogan soavam urgentes, quase amargas. — Se deseja escalar uns cem pés de rocha e depois subir por quarenta pés de parede, enquanto se esquiva da metralha, estupendo. — Voltou a apontar. — Também há a muralha oeste. Parece bastante fácil, não é mesmo?

Não parecia fácil. Mesmo a uma légua de distância Sharpe via os baluartes que sobressaiam como castelos em miniatura e protegiam a muralha. O sotaque de Hogan se fazia cada vez mais marcado, como sempre sucedia quando o engenheiro falava com paixão.

— Parece muito fácil! Querem que ataquemos ali. Por quê? Eu acho que é porque está minado. Há mais pólvora de merda debaixo daquele talude do que Guy Fawkes teria sonhado. Se atacarmos por ali damos a São Pedro o dia de mais trabalho de sua vida desde Agincourt! — Agora estava realmente chateado, via com seus olhos de engenheiro os problemas e convertia os problemas em sangue.

“Então, resta a muralha sul. Temos de tomar pelo menos um forte afastado do centro, talvez dois, e depois penetrar nas muralhas. Sabe quão grossas são? A distância havia desde a borda do fosso até a parte posterior das muralhas em Cidade Rodrigo?”

Sharpe refletiu.

— Trinta metros? Cinquenta em alguns lugares.

— Sim. — Hogan assinalou para Badajoz. — Cem metros pelo menos, e mais em alguns lugares. E aquele fosso é um sacana, Richard, um verdadeiro sacana. Levaria pelo menos um minuto para atravessá-lo, e têm todo o fogo de flanco que necessitem, e mais. A muralha, Richard, é grande. Grande! Poderia meter a muralha de Cidade Rodrigo no fosso e nem sequer a veria. Entende? É um matadouro. — Disse as palavras bem claras, tentando convencer Sharpe. Hogan deixou escapar um suspiro. — Jesus! Podemos fazer que se rendam por fome. Podemos esperar até que morram de riso, podemos esperar que peguem a peste, mas lhe digo, Richard, não sei se poderemos nos meter por uma brecha.

Sharpe ficou olhando a enorme fortaleza sob a chuva sussurrante e enviesada.

— Teremos que fazê-lo.

— E você sabe como? Lançando a tantos pobres diabos à luta que os franceses, simplesmente, não possam matar a todos. É a única maneira e não me agrada.

Sharpe se virou.

— Os pobres diabos continuarão necessitando de um pelotão suicida.

— E tem que haver um tonto de remate que o comande, suponho, e você será o tonto! Pelo amor de Deus, Richard, por que quer o pelotão?

A ira aflorou no rosto de Sharpe.

— Porque é melhor que esta humilhação! Eu sou um soldado, não um maldito funcionário! Estou buscando forragem de merda, conto as malditas pás e faço a instrução de castigo. É: sim, senhor; não, senhor; eu escavo a latrina, senhor. Isso não é ser soldado!

Hogan o olhou com fúria.

— Sim é ser soldado! Que outra coisa acredita que é ser soldado? — Os dois homens se olhavam cara a cara de pé no barro. — Acha que podemos ganhar uma guerra sem forragem? Ou sem pás? Ou, Deus nos livre, sem latrinas? Isto é ser soldado! Só porque lhe permitiram navegar como um maldito pirata durante anos não significa que não lhe chegue a vez do verdadeiro trabalho.

— Escute, major. — Sharpe estava a ponto de gritar. — Quando digam que temos que escalar aquelas muralhas de merda, você se alegrará de que haja alguns malditos piratas no fosso e não somente funcionários de merda!

— E o que fará quando já não haja mais guerras para lutar?

— Começar outra — respondeu Sharpe passando a rir —, major.

— Se sobreviver a esta. — Hogan sacudiu a cabeça, sua ira se desvanecia tão rapidamente como tinha aflorado —, Santo céu, homem! Sua mulher está lá dentro. E sua filha.

— Eu sei — respondeu Sharpe encolhendo os ombros. — Mas quero o pelotão.

— Morrerá.

— Fale a Wellington por mim.

O irlandês franziu o cenho.

— Está com seu orgulho ferido, isso é tudo. Dentro de dois meses será um pesadelo, eu lhe asseguro.

— Talvez. Mas continuo querendo o pelotão.

— Você é um teimoso, maldito imbecil.

Sharpe riu.

— Já sei. O coronel Windham diz que necessito de humildade.

— Tem razão. É surpreendente que alguns de nós o tenhamos em tanta estima, mas sim. — Deu de ombros. — Falarei de você com o general, mas não lhe prometo nada. — Pegou as rédeas na

mão. — Ajuda-me a subir no cavalo? Se não lhe fere em sua dignidade.

Sharpe sorriu e empurrou o major sobre o cavalo.

— Falará de mim?

— Já disse que falaria com ele, não? A decisão não cabe a ele, você sabe disso. Quem decidirá será o general da divisão de ataque.

— Mas escutam a Wellington.

— Sim, sim. — Hogan puxou das rédeas, e se deteve. — Sabe o que é amanhã?

— Não.

— Terça-feira, dezessete de março.

— E? — perguntou Sharpe encolhendo os ombros.

Hogan começou a rir.

— Você é um pagão, um impertinente e condenado pagão, isso é o que é. São Patrício, padroeiro da Irlanda! De ao sargento Harper uma garrafa de rum por ser um bom católico.

— Darei — respondeu Sharpe sorrindo ironicamente.

Hogan observou que o South Essex rompia o passo ao marchar sobre a ponte, seguido por Sharpe e a ralé de mulheres, crianças, criados e mulas. Hogan estava triste. Considerava ao alto fuzileiro um de seus amigos. Talvez Sharpe fosse arrogante, mas Hogan, junto com toda a engenharia que tinha na cabeça, recordava bastante de Shakespeare. “Não há nada como a paz para que aflore em um homem a tranquila modéstia e a humildade”. Mas ali não havia paz, esta era uma campanha terrível e amanhã, dia de São Patrício, o exército começaria a escavar para Badajoz. Hogan sabia que a tranquilidade e a humildade não capturariam a fortaleza. O tempo, talvez, mas Wellington não podia dar-lhes tempo. O general temia que os exércitos de campo franceses, mais numerosos que o britânico, pudessem marchar para o resgate. Badajoz tinha de ser tomada rapidamente, pagá-la com sangue, e o assalto viria logo, muito cedo, talvez inclusive antes que terminasse a quaresma. Hogan não via nenhuma graça na ideia. A muralha poderia fechar-se com os ingleses mortos.

Prometera que falaria a Wellington e assim o faria, mas não como Sharpe desejava. Hogan cumpriria com um dever de amigo. Pediria ao general que, se fosse possível, a petição de Sharpe fosse recusada. Ele salvaria a vida de Sharpe. Era, afinal de contas, o mínimo que podia fazer por um amigo.

TERCEIRA PARTE

De 17 de Março, Dia de São Patrício, a 29
de Março,
Domingo de Ressurreição, de 1812

CAPÍTULO 12

Se alguém tivesse encontrado um dos recém inventados balões aerostáticos e tivesse sobrevoado Badajoz, teria a visão de uma cidade cortada como o quarto segmento de uma roda dentada na qual o castelo antigo de pedra erguido sobre rocha viva era o cubo dessa roda gigante. As muralhas norte e leste seriam dois raios perpendiculares, enquanto que as paredes sul e oeste se uniam em uma comprida curva tosca cravejada com sete dentes enormes dessa roda dentada.

Impossível de atacar do norte. A cidade era construída nas margens do Guadiana, um rio mais largo em Badajoz que o Tâmis em sua passagem por Westminster, e a única maneira de entrar era atravessando a longa e antiga ponte de pedra. Toda ela era coberta pelos canhões armados sobre a muralha norte da cidade, enquanto do outro lado do rio, a entrada da ponte era vigiada por três fortes isolados. O maior, o de São Cristóvão, podia hospedar mais de dois regimentos. Os franceses estavam seguros de que não se produziria nenhum ataque por aquele lado.

A muralha leste, o outro raio, era mais vulnerável. Em seu extremo norte ficava o castelo, elevado e imponente, uma fortaleza que havia dominado a paisagem durante séculos. Mas ao sul do castelo, a muralha da cidade ficava em um terreno mais baixo e de frente para uma colina. Os franceses conheciam o perigo e, onde a colina do castelo descia de forma escarpada para a parte baixa da cidade, tinham construído um dique no riacho Rivillas. Agora a vulnerável muralha leste se encontrava protegida por uma massa de água, larga como o rio, que corria para o sul da cidade. Tal como

Hogan dissera a Sharpe, somente a marinha poderia atacar atravessando o açude que ali se formava, a menos que o dique fosse explodido e o açude se esvaziasse. A curva desprotegida das muralhas sul e oeste era uma curva de mais de um quilômetro de comprimento que não tinha um rio convenientemente situado ou um arroio que oferecesse proteção. Naquele espaço se encontravam como dentes do aro da roda os sete baluartes que sobressaíam da muralha da cidade. Cada baluarte ou bastião era como um pequeno castelo. São Vicente era o que ficava mais ao norte, construído junto ao rio no ângulo das muralhas norte e oeste, e desde São Vicente os baluartes ocupavam a muralha sul e oeste até que se encontravam com o Rivillas inundado. São José, Santiago, São João, São Roque, Santa Maria e Trindade. Os santos, a mãe de Jesus e a Santíssima Trindade, com mais de uma vintena de canhões cada um para proteger a cidade.

Os baluartes não eram a única proteção da grande curva de muralhas. Primeiro tinha o talude, a elevação de terra que desviava o tiro e o expelia para o alto por cima das defesas, e depois o fosso. A altura do talude até o fundo do fosso não era em nenhum lugar menor que seis metros e, uma vez no fosso, começava o verdadeiro problema. Os baluartes flanqueariam qualquer ataque, derramando seu fogo muito baixo, e havia revelins no grande fosso seco. Os revelins eram como grandes muros falsos triangulares que dividiam um ataque e, na escuridão, podiam enganar aos homens fazendo-lhes achar que tinham alcançado a verdadeira muralha. Todo homem que escalasse um revelim se veria varrido por um canhão apontado cuidadosamente. Do fosso as muralhas se elevavam quinze metros e sobre seus largos parapeitos havia canhões montados a uma distância de quase cinco metros.

Badajoz não era uma fortaleza medieval transformada rapidamente para a guerra moderna. Em seus bons tempos fora o orgulho da Espanha, uma armadilha mortal maciçamente construída por uma engenharia inteligente que agora era a guarnição das melhores tropas francesas na Península. Os britânicos fracassaram duas vezes ao tentar tomar a cidade e não havia razão, dois anos depois, para supor que uma terceira tentativa conseguiria êxito.

A fortaleza apenas tinha um ponto débil. Pelo sudeste, em localização oposta ao baluarte Trindade e do outro lado das águas estancadas, elevava-se uma colina, a de São Miguel. Desde o cume, plano e baixo, um sitiador podia disparar para abaixo, para o canto sudeste da cidade, e esse era o único ponto fraco. Os franceses sabiam e se protegeram contra isso. Para tanto, construíram dois fortes na zona sul e leste. Um, o Picurina, ficava do outro lado do novo lago sobre as ladeiras mais suaves da colina de São Miguel. O segundo forte era o imenso Pardaleras, que se elevava na parte sul e protegia os acessos a qualquer brecha que os canhões pudessem abrir desde a colina. Não era um ponto excessivamente débil, mas era o único no qual os britânicos podiam trabalhar e assim, no dia de São Patrício marcharam para a parte posterior da colina de São Miguel. Eles sabiam, e os franceses também, que o esforço iria contra o canto sudeste da cidade, contra os baluartes de Santa Maria e Trindade. O fato do mesmo plano ter fracassado duas vezes antes não importava. Do extremo da colina, onde se reuniam os homens curiosos para olhar a cidade, via-se claramente entre os dois baluartes a brecha aberta no último assédio. Fora reparada com pedra mais clara, e a nova obra parecia zombar dos esforços britânicos que se aproximavam.

Sharpe estava junto de Patrick Harper e olhava fixamente as muralhas.

— Céus, são enormes! — O sargento calou. Sharpe pegou uma garrafa do interior de sua casaca e lhe entregou. — Tome. Um presente por São Patrício.

O rosto bonachão de Harper resplandeceu de prazer.

— O senhor é um grande homem, senhor, para um inglês. Vai me ordenar que lhe guarde a metade para o dia de São Jorge?

Sharpe bateu o solo com os pés para livrar-se do frio.

— Acho que tomarei essa metade agora.

— Acredito que deveria fazê-lo.

Harper se alegrava de ver Sharpe. Vira-o pouco durante o último mês, mas também havia certo desconcerto no encontro. O irlandês sabia que Sharpe necessitava da tranquilidade para saber que a companhia ligeira sentia sua falta, e Harper o considerava

tonto por necessitar que lhes dissessem. Certamente sentiam sua falta. A companhia ligeira não era diferente do restante do exército. Quase todos eram fracassados na vida, cujos fracassos os tinham levado aos tribunais e aos cárceres. Eram ladrões, bêbados, trapaceiros e criminosos, os homens que a Grã-Bretanha queria ter longe da vista e da mente. Era mais fácil esvaziar uma prisão da cidade em um grupo de recrutamento que passar pelo tedioso processo de um julgamento, uma sentença e um castigo.

Nem todos eram criminosos. Alguns foram enganados pelos sargentos de recrutamento que lhes ofereciam uma fuga do tédio do povoado e dos estreitos horizontes. Alguns haviam se apaixonado e se alistaram desesperados, jurando que prefeririam morrer na batalha que ver a sua amada casada com outro homem. Muitos eram alcoólatras que tinham medo de uma morte solitária e trêmula em uma sarjeta em uma noite invernal e se alistavam em um exército que lhes oferecia roupa, botas e rum a cada dia. Alguns, poucos, muito poucos, se alistavam por patriotismo. Outros, como Harper, se alistavam porque não tinha nada mais que fome em casa e o exército lhes oferecia comida e uma fuga. Eram, a maioria, fracassados, despojos da sociedade, e para eles todo o exército era como um grande destacamento suicida.

Sem dúvida eram a melhor infantaria do mundo. Nem sempre tinham sido e, sem os chefes adequados, não voltariam a ser. Harper sabia instintivamente que este exército que se enfrentava aos franceses em Badajoz era um instrumento extraordinário, melhor que qualquer outro que o grande Napoleão pudesse formar. Harper sabia o porquê. Porque havia bastantes oficiais como Sharpe que confiavam nos fracassados. Começava desde mais acima, certamente, com o próprio Wellington à cabeça, e descia até os oficiais jovens e os sargentos. O truque era bem simples. Pegue um homem que tenha fracassado em tudo, dê-lhe a última oportunidade, mostre-lhe confiança, conduza-o ao êxito, e se criará uma segurança que o levará ao êxito seguinte. Logo acreditarão que são invencíveis. Mas o truque continuava sendo ter oficiais como Sharpe que seguiam dando confiança. Certamente, a companhia ligeira sentia sua falta! Ele havia esperado grandes

coisas deles e confiava em que ganhariam. Talvez o homem novo aprendesse um dia o truque, mas até que o fizesse, se o fizesse, os homens sentiriam falta de Sharpe.

“Caramba — pensou Harper —, até ele sente! E o bobo não se dá conta”. Harper sacudiu a cabeça e ofereceu a garrafa para Sharpe.

— À saúde da Irlanda, senhor, e que morra Hakeswill.

— Beberei por isso. Como vai o sacana?

— Um dia o matarei.

Sharpe deixou escapar um riso sem graça.

— Você não o fará. Eu o farei.

— Como diabos é que ainda continua vivo?

Sharpe deu de ombros.

— Diz que não lhe podem matar.

Fazia frio sobre a colina e Sharpe encolheu os ombros debaixo do capote.

— E nunca dá as costas. Vigie a sua.

— Vão sair olhos no meu fundo com esse sacana por aqui.

— O que o capitão Rymer pensa dele?

Harper fez uma pausa, pegou a garrafa com Sharpe, bebeu e lhe devolveu.

— Sabe Deus. Eu acredito que tem medo dele, como a maioria. — Deu de ombros. — O capitão não é um mau tipo, mas não é um homem, digamos, seguro de si mesmo. — O sargento se sentia incomodado. Não gostava criticar um oficial na frente de outro oficial. — É jovem.

— Nenhum de nós é velho. E que tal o novo alferes?

— Matthews? Um bom tipo, senhor. Se pega ao tenente Price como um irmão pequeno.

— E o senhor Price?

Harper começou a rir.

— Alegria-nos a todos, senhor. Bêbado como um gambá, mas sobreviverá.

Começou a chover umas gotas pequenas que lhes picavam o rosto. Atrás deles, na estrada de Sevilha, as cornetas chamavam os batalhões para as linhas noturnas. Sharpe levantou o colarinho.

— É melhor voltarmos. — Ficou olhando para as figurinhas com uniforme azul sobre os parapeitos da cidade, a três quartos de milha. — Aqueles sacanas estarão quentes esta noite.

De repente pensou em Teresa e em Antônia no interior das muralhas e olhou a grande torre da catedral, quadrada e ameada. Era estranho pensar que estavam tão perto dela. Começou a chover com mais intensidade, e ao dar meia volta se voltou para o acampamento britânico provisório que perto dali se estendia pela planície.

— Senhor?

— Sim.

O sargento parecia perturbado.

— O major Hogan se deteve outro dia.

— E?

— Ele nos falou da senhorita Teresa, senhor.

Sharpe franziu o cenho.

— O que lhes disse dela?

— Só, senhor, que ela pedira ao senhor que a buscasse na cidade. Para o caso dos meninos saírem de suas rotinas.

— Bem, e o quê?

— Os homens estão ansiosos para ajudá-lo, eles estão.

— Quer dizer que não acredita que posso me virar sozinho?

Harper esteve tentado em dizer a Sharpe que não fosse tão tonto, mas decidiu que poderia passar dos estreitos limites entre a hierarquia e a amizade. Suspirou.

— Não, senhor. Apenas estão ansiosos para ajudá-la. Apegaram-se a ela, senhor, isso é tudo. — E ao senhor, podia ter acrescentado.

Sharpe sacudiu a cabeça, ingrato. Teresa e Antônia eram problema seu, não da companhia, e não queria que uma horda de homens sorridentes fosse testemunha de sua emoção quando visse pela primeira vez a sua filha.

— Diga a eles que não precisa.

Harper deu de ombros.

— Pode ser que tentem ajudá-la assim mesmo.

— Podem ter problemas para encontrá-la na cidade.

O sargento sorriu brincalhão.

— Não será difícil. Procuraremos a casa com duas laranjeiras, logo atrás da catedral.

— Vá ao inferno, sargento.

— Eu o seguirei aonde quer que vá, senhor.

Umás horas depois o exército parecia um inferno, ou uma versão aguada do inferno. Os céus se abriram e um trovão ressoou como o retumbar dos canhões sobre as pranchas de madeira. O flash de um relâmpago estalou pungente sobre uma terra empapada pela chuva, descarregada com força por grandes nimbos. As vozes humanas ficavam abafadas pela forte chuva, um aguaceiro impressionante e constante, em uma escuridão rompida pelos relâmpagos que seguiam aos trovões. Mil e oitocentos homens estavam no cume da colina, cavando a primeira paralela, uma trincheira com parapeito de meio quilômetro de comprimento que protegeria aos sitiadores e a partir da qual escavariam as primeiras baterias de canhões. Os trabalhadores estavam molhados até os ossos, tremendo, cansados pelo peso tremendo da água. Algumas vezes se assomavam por entre o dilúvio e olhavam para a escura cidadela que se perfilava completamente à luz dos relâmpagos.

O vento ondulava a chuva formando enormes curvas de gadanha; deixava-a suspensa no ar e depois a golpeava com mais força. O vento levantava os capotes de campanha convertendo-os em formas fantásticas como morcegos e metia a água em regatos incontidos até encher a trincheira, ressumava por cima das botas dos homens e lhes afundava o ânimo na terra fria e empapada que produzia cada pazada com tanto desânimo.

Cavaram durante toda a noite, e durante toda a noite choveu, e pela manhã seguia chovendo e os artilheiros franceses saíram de seus quentes refúgios para ver a cicatriz de terra recém removida, que formava uma curva sobre a colina. Os artilheiros abriram fogo, lançaram seus firmes disparos contra o outro lado do amplo fosso, por cima do talude, por cima da represa e para o interior da terra úmida do parapeito da trincheira. O trabalho foi interrompido. A primeira paralela era pouco profunda para proporcionar proteção e durante todo o dia a chuva foi desfigurando a trincheira e os

canhões a foram golpeando. A escavação foi se enchendo de barro e lama que teriam de ser removidas durante a noite.

Cavaram durante toda a noite. Seguia chovendo, uma chuva como a do dilúvio de Noé. Os uniformes molhados pesavam o dobro, as botas estavam empapadas no limo pegajoso, e os ombros, com o atrito, estavam em carne viva e sangrando por causa do esforço de cavar a trincheira. Essa noite os artilheiros franceses mantiveram um fogo esporádico e fustigador que deixou a lama carmesim até que a chuva interminável diluiu o sangue. Mas lentamente, muito lentamente, as pás iam aprofundando a paralela e o parapeito ficava mais alto.

O amanhecer mostrou uma trincheira profunda o bastante para permitir trabalhar nela de dia. Os batalhões exaustos marcharam em fila pela trincheira ziguezagueante que levava a um lugar seguro no lado posterior da colina, e novos batalhões ocuparam seu lugar. Os do South Essex, sem mochilas nem armas, desceram pelo caminho tortuoso até a lama, os canhonaços e as pás.

Sharpe não foi junto. Duas dúzias de homens estavam com ele, a guarda de bagagem. Fizeram grosseiros refúgios com as mochilas empilhadas, agacharam-se de cócoras com os mosquetes entre os joelhos, e ficaram olhando uma paisagem úmida, cinzenta e chuvosa. Sharpe ouvia os canhonaços franceses, amortecidos pela chuva e a distância, e odiava não ver o que estava ouvindo. Deixou um sargento velho encarregado da guarda e caminhou pela trincheira percorrendo a ladeira. Badajoz era uma rocha escura em um mar de água e barro. As muralhas estavam ornadas com a fumaça dos canhões que abriam como lanças as chamas que surgiam a cada disparo. Os artilheiros franceses concentravam o fogo à esquerda de Sharpe, onde se estavam cavando as duas primeiras baterias britânicas. Um batalhão inteiro estava trabalhando nos buracos para os canhões. Os disparos surravam os parapeitos, destroçavam os gabiões de vime recheados de terra, e às vezes abriam um caminho sangrento entre os homens. Os franceses inclusive provavam com seus obuses cujos canhões curtos e maciços vomitavam bombas até o céu, de maneira que o

diminuto rastro de fumaça da mecha acesa desaparecia entre as nuvens baixas antes de cair sobre a colina. A maioria das bombas simplesmente caía e não explodia, suas mechas se apagavam com o barro ou a chuva, mas algumas explodiam produzindo uma fumaça negra e lançando pungentes fragmentos de ferro. Não causavam estrago; estavam muito longe. Depois de um tempo os franceses suspenderam o fogo e guardaram os obuses para quando se escavasse a segunda paralela, mais abaixo da colina e muito mais perto das muralhas.

Sharpe caminhou para o cume da colina procurando o South Essex. Encontrou-o no extremo norte da paralela, onde a colina descia para a planície empapada junto ao rio de águas turvas. As baterias que fossem escavadas ali disparariam para cima contra o castelo que parecia imenso e inviolável sobre sua colina rochosa. Sharpe também via o forte de São Roque, a pequena fortaleza que Hogan mencionara, que defendia a represa que atravessava o Rivillas. Se os britânicos pudessem explodir o dique, o reservatório ou açude se esvaziaria na parte norte do rio e a aproximação da brecha seria muito mais fácil. Mas explodir o dique seria difícil. Parecia que não havia mais que cinquenta metros desde a muralha da cidade, mas era construído debaixo do bastião de São Pedro, o único baluarte no lado este.

Naquele preciso momento uma figura saltou fora da trincheira que havia adiante de Sharpe. Era o sargento Hakeswill. Caminhava com passo majestoso pela borda da trincheira e maldizia aos homens que estavam abaixo.

— Cavem, sacanas! Porcos sífilíticos, Cavem!

Deu meia volta depois de dar alguns passos para ver se alguém reagia e viu Sharpe. Pôs-se em posição de sentido de repente, seu rosto se encrespou.

— Senhor, tenente, senhor! Vem para ajudar, senhor? — deixou escapar um risinho irônico, e se virou para a companhia ligeira. — Continuem, porcas prenhes! Cavem! — Inclina-se para a trincheira, gritando-lhes, a baba lhe caía da boca.

O momento era irresistível. Sharpe sabia que não devia fazê-lo, sabia que se contradizia com a chamada dignidade de um oficial,

mas Hakeswill se inclinava junto à trincheira gritando obscenidades, e Sharpe estava detrás. Quando lhe veio à tentação, Sharpe agiu e empurrou o sargento. Hakeswill fez alguns trejeitos com os braços, perdeu o equilíbrio, gritou e caiu no barro que havia no fundo da trincheira. A companhia ligeira aclamou. O sargento olhou para Sharpe feito um basilisco e se levantou.

Sharpe lhe estendeu uma mão.

— Desculpe, sargento. Escorreguei.

Sabia que tinha sido uma criancice imprudente, mas era um pequeno gesto que indicava aos homens que ainda estava de seu lado. Seguiu caminhando, deixou Hakeswill crispado e viu perto o capitão Rymer que escalava a trincheira para encontrar-se com ele.

Se Rymer vira o incidente não comentou; fez um gesto cortês com a cabeça e disse:

— Um dia asqueroso.

Sharpe sentiu o habitual atordoamento que lhe dava diante das conversações triviais. Fez um gesto indicando os homens que estavam na trincheira.

— Cavar os mantém aquecidos. — De repente percebeu de que parecia que dissera a Rymer que pegasse uma pá e procurou em sua cabeça uma frase para corrigir essa impressão. — Uma das vantagens de se ter certa posição, né? — Não era capaz de chamar Rymer de capitão ou senhor. Parecia que Rymer não se dava conta.

— Detestam cavar.

— O senhor não?

O capitão Rymer não havia parado para pensar no assunto. O fato de ter nascido entre os Rymer de Waltham Cross não o incitava a pensar em trabalhos manuais. Era um homem de boa aparência, de cabelo loiro, de uns vinte e cinco anos, absolutamente nervoso com Sharpe. Rymer não era responsável pela situação, tampouco era de seu agrado e estava aterrorizado pensando no momento (que o coronel disse que ia chegar) em que Sharpe seria devolvido à companhia como tenente. O coronel dissera a Rymer que não se preocupasse.

— Não será agora. Terá tempo de se assentar, impor-se no cargo. Mas talvez o queira na luta, né?

Rymer não estava ansioso de que chegasse esse momento.

Levantou a vista para o alto fuzileiro com cicatrizes e respirou fundo.

— Sharpe?

— Capitão? — Tarde ou cedo teria que pronunciar a palavra, ainda que lhe doesse muito.

— Queria lhe dizer que...

O que fosse teria de esperar. Uma bala francesa se precipitou contra o chão perto deles, levantou o barro, fazendo espuma, e logo veio uma segunda e uma terceira. Rymer abriu a boca, surpreendido, ficou imóvel. Sharpe o agarrou pelo cotovelo e o empurrou para a trincheira. Ele o seguiu, saltou a altura de cinco pés e escorregou no solo da trincheira.

O ar se encheu com o retumbar das balas de canhão, os homens pararam de escavar e olharam uns para os outros como se algum deles pudesse saber o porquê desses repentinos canhonaços. Sharpe se assomou pelo parapeito e viu os piquetes armados que corriam em busca de proteção. Parecia que todo canhão na muralha leste de Badajoz, do alto do castelo, passando pelo bastião de São Pedro, até Trindade no canto sudeste, estivesse disparando a uma centena de metros da paralela norte.

Rymer se juntou a ele.

— O que se passa?

Um piquete saltou por cima deles maldizendo ao inimigo. Sharpe olhou para Rymer.

— Têm armas?

— Não! Ordenei que as deixassem.

— Deve haver uma companhia por aqui.

Rymer concordou com a cabeça e assinalou a direita.

— A companhia de granadeiros. Estão armados. Por quê?

Sharpe lhe apontou apesar da escuridão e da chuva as sombras ao pé da fortaleza. Do forte que protegia o dique do Rivillas se aproximavam linhas de homens; formavam filas azuis que marchavam e se entremesclavam com as sombras de maneira que custava vê-los. Rymer sacudiu a cabeça.

— O que é aquilo?

— Os malditos franceses!

Aproximavam-se em massa, marchavam para atacar e destruir a paralela, e de repente se fizeram visíveis porque sacaram as baionetas e os fios de aço brilharam entre a chuva enviesada.

Todos os artilheiros franceses, com medo de acertar em seus próprios homens, detiveram o fogo. Soou uma corneta e ao ouvir suas notas as centenas de baionetas de aço se colocaram em posição de ataque e os franceses lançaram gritos e carregaram.

CAPÍTULO 13

O capitão Rymer não teve sorte. Esteve esperando, decidido, mas inquieto, mandar pela primeira vez em sua própria companhia para a ação. Não tinha imaginado que seria assim. Imaginara-se em uma ampla ladeira sob um sol brilhante, com o sabre desembainhado e os estandartes ao vento conduzindo uma linha de atiradores contra o próprio centro do inimigo. Algumas vezes considerava a possibilidade de uma ferida, nada horrível, mas o suficiente para converter-se em um herói quando voltasse para casa. Em sua imaginação e fugindo da lógica, via-se contando modestamente histórias a um grupo de damas admiradoras, enquanto outros homens, não provados na batalha, apenas poderiam olhá-lo com inveja.

Em vez disso se encontrava no fundo de uma trincheira cheia de lama, empapado até os ossos, ao comando de homens armados somente com pás e enfrentando-se a mil franceses bem armados. Rymer ficou paralisado. A companhia o olhava e seguia até onde estava Sharpe. O fuzileiro hesitou um instante, viu a indecisão de Rymer e fez um gesto com a mão.

— Para trás!

Não tinha nenhum sentido tentar lutar; ainda não, até que as companhias que estavam armadas pudessem se reunir e organizar um contra-ataque apropriado. Os grupos que estavam trabalhando escorreram da trincheira, correram, só depois olharam para trás e viram que o inimigo saltava para o interior das escavações vazias. Os franceses não fizeram caso; apenas lhes interessavam duas coisas. Queriam capturar e destruir tudo o que pudessem da

paralela e, o mais importante, levar de volta para a cidade todas as pás e picaretas que encontrassem. Para cada um desses troféus nada heróicos lhes tinham prometido a recompensa de um dólar.

Sharpe passou a andar pelo cume da colina, paralelo à trincheira, seguindo o mesmo ritmo que os franceses que iam lançando pás e picaretas para os companheiros que estavam do outro lado do parapeito. Em frente do inimigo, como coelhos assustados, outros grupos de trabalho saltavam e fugiam para se pôr a salvo. Não havia nenhum ferido no ataque. Sharpe duvidava de que houvesse um só homem que tentasse disparar o mosquete ou arremeter com a baioneta. Era grotesco.

Acima do inimigo, o caos. Os britânicos, a maioria deles desarmados, moviam-se como um rebanho; em troca, o inimigo, a apenas poucos metros de distância, destroçava sistematicamente a paralela. Alguns franceses tentaram derrubar o parapeito jogando a terra na trincheira, mas a terra estava tão molhada que foi impossível. Os britânicos, contentes com uma diversão que os livrasse de cavar interminavelmente, os animavam. Um ou dois franceses apontaram com os mosquetes, mas os britânicos estavam a quase cinquenta metros de distância, um alcance duvidoso para um mosquete. A chuva seguia caindo. Os franceses não tinham vontade de perseguição, se não ia haver uma verdadeira luta.

— Maldito caos, senhor.

O sargento Harper aproximara-se de Sharpe, que ia caminhando tranquilamente agarrando uma pá com a mão. Sorriu alegremente.

O sargento Hakeswill, com a parte dianteira de seu uniforme ainda lambuzada de barro, passou correndo junto deles. Lançou-lhes um olhar malévolo e se apressou pelo lado posterior da colina. Sharpe se perguntou o que estaria fazendo, e logo se esqueceu disso quando o capitão Rymer o alcançou.

— Não deveríamos estar fazendo algo?

Sharpe deu de ombros.

— Ver se falta alguém?

Não havia muito mais o que fazer, até que as companhias de guarda que tivessem sido ordenadas a trazer suas armas pudessem

organizar um ataque contra os atarefados franceses.

Um engenheiro com abrigo azul e com um ornamentado chapéu de três bicos foi correndo para os franceses. Gritava para os grupos de trabalho que ainda iam engatinhando em busca de refúgio.

— Tragam as pás! Tragam as pás!

Foram necessárias dúzias de carretas puxadas por bois para trazer as apreciadas ferramentas desde Lisboa e agora eram abandonadas sem mais nem menos e se caíam nas mãos dos franceses. Sharpe reconheceu o homem vestido de azul, era o coronel Fletcher, o chefe dos engenheiros.

Alguns homens regressaram para recolher as pás abandonadas e as tropas de vanguarda francesas arrancaram de um puxão os trapos dos mosquetes, apontaram e dispararam. Foi um milagre que algum disparasse, mas três estavam secos o bastante e cuspiram fumaça; o coronel Fletcher caiu para trás, agarrando a virilha com as mãos. Ouviu-se um clamor em francês quando o coronel era levado em padiolas.

A companhia de granadeiros do South Essex passou correndo junto de Sharpe, com os mosquetes preparados; o capitão Leroy ia à cabeça. Levava o costumeiro charuto na boca, molhado e apagado, e quando passou correndo levantou um olho como reconhecimento irônico do caos. Havia outra companhia armada à frente e Leroy fez que seus homens se alinhassem junto eles. O americano se voltou para olhar para Sharpe.

— Quer se juntar?

Os franceses tinham capturado a metade da primeira paralela, trezentos metros de trincheira, e ainda os pressionavam colina acima. Duas companhias de infantaria britânicas, inferiores em número em uma proporção de dez para um, soltaram as baionetas e meteram as lâminas nos mosquetes. Leroy olhou para seus homens.

— Não se incomodem em apertar o gatilho. Simplesmente rachem aqueles sacanas. Desembainhou a espada e sacudiu a fina lâmina cheia de gotas de chuva. Uma terceira companhia ofegante

e apressada se colocava na pequena linha. Os capitães fizeram sinais uns para outros com a cabeça e ordenaram o avanço.

Outras companhias subiam até suas posições, mas o primeiro perigo para os franceses provinha das três companhias que avançavam do flanco. Beiraram a trincheira, tiraram os trapos de proteção dos mosquetes e esperaram. Sharpe duvidava de que um em cada dez mosquetes funcionasse. Desembainhou sua espada, sentiu-se repentinamente feliz ao notar o peso em sua mão depois de semanas de chateação, e a linha britânica começou a correr com dificuldade como se quisessem chegar à trincheira antes que os franceses disparassem os mosquetes.

A espada de um oficial francês desceu como um raio.

— *Tirez!*

Sharpe viu que os homens afastavam os rostos para trás ao apertar o gatilho, mas a chuva estava do lado dos britânicos. Soaram uns poucos disparos, mas a maioria das pederneiras jogou faíscas sobre pólvora úmida que era como massa de vidraceiro espessa, e os franceses renegaram e esperaram com suas baionetas.

Os britânicos aclamaram. A frustração de dias e noites de chuva, do interminável cavar, podia descarregar-se, de repente, contra o inimigo; os homens que não podiam esgrimir nada mais que pás, ou mesmo com as mãos vazias, entraram atrás das companhias armadas gritando ameaças contra os franceses. Sharpe brandiu a espada, escorregou e esteve a ponto de cair dentro da trincheira. Uma baioneta arremeteu contra ele que a desviou para um lado de um golpe e derrubou o homem com um chute. Outros franceses tentaram sair subindo pelo extremo mais afastado da paralela, ajudados por companheiros que estavam sobre o parapeito. As baionetas britânicas foram em busca deles e os corpos uniformizados de azul caíram desabados.

— Cuidado à direita! — gritou alguém.

Um grupo de franceses abria passagem trincheira acima, resgatando os homens constrangidos ali onde atacavam os britânicos, logo se viram repentinamente lutando para sobreviver. Um bando heterogêneo de soldados, a maioria deles armados com

pás, arremeteu contra os franceses e Sharpe viu Harper brandindo mortalmente sua arma improvisada. O sargento saltou para o interior da trincheira, afastou de lado uma baioneta, e afundou a lâmina de sua pá no plexo solar do homem. Lançava a gritos seus desafios em gaélico limpando a trincheira com golpes brutais como de gadanha, e nenhum francês ficou para lutar.

O inimigo ainda conservava o parapeito. Davam pancadas com a coronha nos britânicos da trincheira, espetavam-nos com as compridas baionetas e, de vez em quando, conseguiam disparar os mosquetes dentro da paralela. Sharpe compreendeu que tinham que obrigá-los a fugir e começou a dar golpes nos pés dos homens mais próximos; depois engatinhou pela lateral, até que uma bota o jogou ao fundo da trincheira. Os franceses se recuperavam e conseguiam concentrar suas forças, pelo que a paralela era um lugar perigoso. Houve uma descarga de disparos desigual quando uma fila de inimigos destampou seus fuzis de pederneira, e alguns caíram na água que corria como um regato no interior da trincheira. Sharpe voltou a arremeter contra as pernas do inimigo, esquivou uma baioneta e entendeu que o sensato era retirar-se. Foi correndo pela trincheira, apesar do barro asqueroso e escorregadio debaixo de suas botas, e logo uma mão o deteve. Era o sargento Harper, que lhe sorriu.

— Isto é melhor que cavar, senhor.

Segurava um mosquete tomado do inimigo com a baioneta dobrada e ensanguentada. Sharpe virou-se. Os franceses ainda conservavam uma parte da trincheira no centro da paralela, mas os britânicos atacavam da colina. Apenas pelo norte, ali onde Sharpe e Harper recobravam a respiração na trincheira ensanguentada, os franceses estavam tranquilos. Não planejavam que fosse por muito tempo. Seus oficiais já estavam enviando de volta a metade das companhias, carregadas com as ferramentas capturadas, e ao ver isso Sharpe subiu até o parapeito do lado francês da trincheira. Aproximadamente metade de sua antiga companhia estava com Harper, alguns tinham mosquetes capturados, a maioria tinha pás. Sorriu para eles, contente de achar-se de volta.

— Venham, meninos. Aqui para cima.

Uma companhia de franceses formava guarda voltados para o norte e o oficial observou, nervoso, o grupo esfarrapado de Sharpe, com seus uniformes emplastrados de barro, que se dirigia para eles. Não atacariam. Os britânicos não estavam armados adequadamente, mas de repente se levantou uma espada e o grupo lançou-se sobre ele; eram baionetas contra pás, e dois diabos altos iam golpeando seus homens. Ninguém gosta do combate corpo a corpo, mas Sharpe e Harper se lançaram sobre a companhia e o South Essex foi atrás deles. Resmungavam para os franceses, esmurravam com as pás, e Harper utilizou o mosquete que capturara. Os franceses retrocederam, tombando no barro escorregadio, cegos pela chuva, e outros, mais loucos ainda, seguiam vindo para eles. Sharpe empurrava com a espada, buscando rostos e pescoços; em uma ocasião teve que esquivar a eficiente baioneta de um sargento. Golpeando com o canto da lâmina, o francês escorregou, e como a espada estava para cima, caiu como um machado sobre a cabeça do homem. Sharpe tentou parar o golpe, o sargento estava indefenso, e a espada se desviou e caiu pesadamente na terra molhada do parapeito. Os franceses se viraram correndo para o grosso do corpo, e a meia companhia do South Essex ficou com uma dúzia de prisioneiros que tinham caído no solo escorregadio. O sargento francês, com o único galão ensanguentado na luta, olhou ao redor para seus mortos e depois para a espada que tão perto estivera de matá-lo. Viu o alto oficial que trocara o golpe mortal e desviara a batida, e lhe fez um sinal com a cabeça.

— *Merci, monsieur.*

Harper olhou para dúzia de homens.

— O que fazemos com eles, senhor?

— Deixe-os ir.

Aquele não era um lugar para fazer prisioneiros. Pegaram suas armas e as lançaram para o outro lado da paralela, longe de seu alcance, e revistaram cada francês em busca de vinho ou de conhaque. Diante de Sharpe a batalha seguia fazendo estragos. O grosso do corpo francês havia aberto caminho até uns cinquenta metros da primeira bateria, mas tinham sido contidos. Grupos de

homens dispersos, alguns armados, outros com nada mais que pedaços de madeira, carregavam contra os franceses e empreendiam inflamadas lutas no barro. Oficiais a cavalo galopavam, tentando restabelecer a ordem naquele espantoso caos, mas os soldados britânicos não queriam ordem. Queriam deixar de cavar, queriam que a chuva os inundasse e queriam luta. Era como um tumulto rueiro. Não havia fumaça porque os mosquetes não disparavam; o ruído da luta era o choque do metal contra metal, de madeira contra metal, os gritos dos feridos e os gemidos dos moribundos. Da lateral onde Sharpe e sua meia companhia compartiam conhaque com seus prisioneiros, parecia como se centenas de monstros encharcados lutassem corpo a corpo com movimentos lentos e grotescos. Sharpe indicou a cidade para o sargento francês.

— Vá!

O francês sorriu, cumprimentou a Sharpe amigavelmente e partiu com seu grupo. A vinte metros da trincheira se detiveram e recolheram seis pás.

Harper gritou.

— Devolvam-nas!

O sargento francês fez um gesto obscuro e começou a correr para Badajoz.

— Deixe-os ir. — Sharpe se virou para onde se desenrolava a luta. — Vamos.

Subiram caminhando junto ao parapeito, a chuva os encharcava e descia até os mortos na trincheira. Pás quebradas e mosquetes destroçados cobriam a ladeira. O ruído da luta, o barulho dos homens destroçando-se até a morte no barro, tudo se ouvia amortecido pela chuva. Um oficial francês havia organizado um grupo com pás e estava tentando encher a paralela. Sharpe se apressou, o piso era traiçoeiro, girou para trás e viu que seus homens o seguiam, mas Harper estava junto dele e os franceses se voltaram e os viram vir. Para os franceses havia chegado sua vez de usar as pás. Um grandalhão arremeteu contra eles, obrigando-os a retroceder, parou o ataque de Harper, e Sharpe golpeou com a espada com força, atravessando o cabo da pá, mas o francês seguia

dirigindo-se para eles. Harper lhe deu um golpe de baioneta, mas seguia se aproximando, e Sharpe lhe deu um corte na parte posterior do pescoço até que finalmente ele desabou.

— Venha!

Sentia um dor pungente nas costas, virou-se rápido e o oficial francês, com a cara branca, retrocedia com a investida da espada.

— Sacana!

Sharpe avançou apontando-lhe a espada desembainhada e o francês foi para ele. Os aço se chocaram, Sharpe torceu o pulso de maneira que a pesada espada fosse da esquerda para a direita do francês, sob sua guarda, Sharpe adiantou o pé direito e o golpeou contra o solo, sem fazer caso da espada de seu oponente e o atingiu nas costelas. O oficial francês tentou retroceder, escorregou no barro e no sangue, mas Sharpe seguiu avançando até sentir o aço que arranhava as costelas. Seus homens passaram rápido do seu lado com as baionetas preparadas, as baionetas que haviam tomado do inimigo. Sharpe observou como faziam o inimigo se retirar.

Cornetas tocaram a retirada para os franceses, que voltaram para a cidade e, após alguns segundos, a ladeira da colina era uma massa de inimigos retrocedendo, carregando seus feridos e os volumes de picaretas e pás que tinham agarrado. Dirigiam-se diretamente para a cidade como se temessem uma perseguição da cavalaria, e Sharpe observou que os homens chapinhavam dentro da água da represa em lugar de ir beirando pelo dique. Por uns dez ou vinte metros saíram-se bem, a água lhes chegava até as coxas, mas logo, com uma rapidez vertiginosa, o fundo desaparecia. Os oficiais franceses gritavam para seus homens, ordenavam que saíssem da água e os dirigiam para o dique do Rivillas. A saída havia terminado.

Um canhão francês abriu fogo, uma bala se precipitou contra o barro molhado e vermelho e os britânicos saltaram para a trincheira destrocada.

Harper olhou a espada de Sharpe desembainhada e ensanguentada.

— Como nos velhos tempos, senhor.

Sharpe deu uma olhada para seu grupo. Todos seus fuzileiros e um bom número da restante companhia ligeira estavam ali sorrindo por ele. Devolveu o sorriso zombador, arrumou um pedaço de anagem molhada e limpou a lâmina da espada.

— Fariam bem em voltar para a companhia.

— É melhor ficar aqui, senhor.

Sharpe não sabia quem tinha falado. Olhou para Harper.

— Leve-os, sargento.

— Senhor. — Harper lhe sorriu com ironia. — E obrigado, senhor.

— De nada.

Ficou sozinho. Alguns grupinhos vagavam pela zona da luta, recolhiam os feridos e amontoavam os mortos. Havia muitos corpos, mais, calculou, que os reunidos na brecha de Cidade Rodrigo. Uma pá com a qual se golpeia a cabeça de um homem é um instrumento atroz e as tropas britânicas tinham se sentido frustradas e prontas para uma luta, para uma briga selvagem no barro. Um francês morto estava enroscado aos pés de Sharpe e o fuzileiro se agachou e rebuscou com suas mãos os bolsos e as bolsas do cadáver. Não havia nada de valor. Uma carta dobrada em quatro que se borrou tão logo Sharpe a tirou, uma moeda de cobre e uma bala de mosquete solta que podia ter sido o talismã do morto. Ao redor do pescoço, cheio de sangue, um crucifixo metálico. Tentara deixar o bigode crescer para parecer um veterano, mas os pêlos eram fracos e finos. Era pouco mais que um menino. Uma das solas de suas botas tinha se descosturado, e solta vibrava quando a chuva a golpeava. Fora isso que o matara? A sola teria soltado durante a luta e enquanto seus camaradas corriam, ele havia coxeado, ou tropeçado, e uma baioneta britânica lhe tinha atravessado o pescoço? A carta borrou com a água, mas Sharpe viu a última palavra da página que estava escrita em caracteres maiores: "*Maman*".

Olhou para a cidade, agora de novo ornada com longas línguas de fogo, enquanto os canhões martelavam com seu canto fúnebre que não cessaria até que terminasse o assédio. Teresa estava lá. Olhou a torre da catedral, achaparrada, com arcos para

os sinos, e pensou no perto que soaria para ela o tangimento do sino do relógio. Parecia que a catedral só tinha um sino, um sino rude cuja nota morria quase tão cedo como tocava a hora e os quartos. Perguntou-se, bruscamente, se ela cantaria para sua filha. E como era mãe em espanhol? *Maman*, como em francês?

— Senhor! Senhor! — Era o alferes Matthews, pestanejando debaixo da chuva. — Senhor? É o senhor, senhor? Capitão Sharpe?

— Sou eu. — Sharpe não o corrigiu de capitão para tenente.

— É melhor que venha, senhor.

— O que ocorreu?

— A bagagem dos oficiais, senhor. Foi saqueada.

— Saqueada? — Arrastava-se para fora da trincheira.

— O coronel perdeu algo de prata, senhor. Todos perderam algo, senhor.

Sharpe soltou um palavrão. Era responsável pela bagagem e em vez de vigiá-la estivera brigando no barro. Voltou a maldizer e passou a correr.

CAPÍTULO 14

— Maldito seja! — exclamou o coronel Windham indo e vindo pelo diminuto redil. Levava um rebenque que sacudia furioso sobre o monte de trouxas. Quando inclinou a cabeça para olhar a bagagem saqueada, caiu água como em cascata de seu bicorne. — Maldito seja!

— Quando foi que ocorreu? — perguntou Sharpe ao major Forrest.

— Não sabemos. — Forrest sorriu nervoso para o fuzileiro. Windham se virou.

— Quando foi que ocorreu? Nesta maldita tarde, Sharpe, quando se supunha que você estava ao comando da tropa!

Detrás tinha uma dúzia de oficiais apinhados contra os muros do aprisco e olhavam para Sharpe com rosto acusador. Todos temiam a ira do coronel.

— Sabemos que foi esta tarde? — insistiu Sharpe.

Parecia que Windham queria açoitar Sharpe com seu rebenque. Em vez disso, voltou a maldizer, virou-se se foi. Não foi a bagagem diária dos oficiais o que saquearam, mas seus objetos de valor, guardados em surrões de couro. Não se tinha tocado em nenhuma trouxa há três dias, conforme o que sabia Sharpe. Continham o tipo de coisas que um homem desembalaria apenas se estivesse em um alojamento cômodo durante um período de tempo longo; louça de prata, cristal, os luxos que lhes recordavam as comodidades de casa. Windham resmungou para o major Collett.

— O que falta?

A lista não era comprida. Forrest tinha perdido uma letra de câmbio, mas a encontrara amassada e jogada no barro. Quem quer que fosse que tinha cortado as bolsas não sabia o que fazer com o papel. Faltava um par de caixinhas de rapé, uma corrente de ouro que Sharpe suspeitava era fruto do saque a Cidade Rodrigo; com toda segurança o oficial que informou tal perda fora loquaz a respeito de sua pobreza antes do sítio e marcadamente calado depois. Havia um jogo de bainhas de ouro, muito valioso para ser utilizado em batalha, um par de esporas de prata e um par de brincos adornados com pedras preciosas que um tenente um pouco perturbado afirmava que era um presente para sua mãe. O major Forrest perdido um espelho de barbear com tampa de prata e um relógio que dizia que valia uma pequena fortuna. O mais importante de tudo era a perda que o coronel sofrera: o retrato de sua mulher moldurado em prata trabalhada, a dura Jessica quase sem queixo. O coronel, diziam, gostava muito de sua mulher; ela lhe havia proporcionado uma pequena fortuna e os direitos de caça para meio Leicestershire. O coronel Windham estava furioso por essa perda. Sharpe se lembrou do retrato colocado na mesinha de Elvas.

Windham apontou para Sharpe com o rebenque.

— O senhor perdeu algo?

Sharpe negou com a cabeça.

— Eu não tenho nada aqui, senhor.

Tudo o que possuía o levava consigo, salvo a espada da Fundação Patriótica e o ouro roubado em Almeida que estavam com seus agentes de Londres.

— Onde está sua mochila?

— Com as outras, coronel.

— Está marcada?

Sharpe sacudiu a cabeça.

— Não, coronel.

— Vá procurá-la, Sharpe.

Não tinha nenhum sentido. O coronel estava acusando Sharpe de ser o ladrão? Se fosse assim, por que lhe pedia que fosse buscar sua própria mochila, e com isso, ter a oportunidade de esconder o que tivesse roubado? Encontrou a mochila e a levou até o redil.

— Quer revistá-la, coronel?

— Não seja tonto, Sharpe. Você é um oficial. — E deste modo, conforme se supunha, e apesar de toda evidência contrária, um cavalheiro. — Quero ver até onde se estendeu a rede de nosso ladrão. Olhe se lhe falta algo, homem!

Sharpe desatou as correias. A mochila francesa estava abarrotada de roupa de reposição suja, duas pederneiras de reserva para seu fuzil e meia garrafa de rum. Apenas tinha um objeto de valor e não precisou procurar; tinha desaparecido. Levantou a vista para Windham.

— Falta uma luneta.

— Uma luneta? Tinha algo de particular?

Algo muito especial; a chapa de bronze interior tinha a inscrição *Com gratidão. AW. 23 de setembro, 1803*. Não estava. Sharpe meteu com desespero sua mão entre as roupas, mas não estava. Maldito ladrão! A luneta era um presente de Wellington, um presente valioso, e Sharpe amaldiçoou a si mesmo por ter deixado a mochila com todas as outras. Contudo tinham sido vigiadas. Assim como o redil com os objetos de valor dos oficiais. Windham escutou a descrição de Sharpe e assentiu com satisfação.

— Isso prova uma coisa.

— Prova? O que, coronel?

Windham sorriu.

— Acho que sabemos de onde é nosso ladrão. Apenas uma companhia conheceria essa mochila! — Apontou para as roupas de Sharpe que se iam empapando pouco a pouco em sua bolsa francesa de pele de porco. Voltou-se para o major Collett. — Faça a companhia ligeira formar, Jack. Reviste todos os homens.

Sharpe tentou protestar.

— Senhor?

Windham se virou de repente e estendeu o rebenque ameaçador.

— Se o senhor tivesse ficado de guarda, Sharpe, em lugar de andar perambulando pela colina, isto não teria sucedido. Mantenha-se fora disto!

Hakeswill! Tinha que ter sido Hakeswill e Sharpe o sabia, como sabia com absoluta certeza que a acusação nunca se poderia provar. O roubo da luneta tinha que ter sido pela tarde porque Sharpe tinha visto a lente em sua bolsa ao meio-dia. A companhia ligeira, ou a maioria deles, estiveram com Sharpe lutando contra os franceses, mas de repente se lembrou da figura desajeitada e pesada do sargento de cara amarelada correndo para o lugar onde se guardava a bagagem dos oficiais. O butim já estaria escondido a estas horas. E os guardas a quem Sharpe encarregara de vigiá-lo deveram andar caminhando pelo cume da colina para observar a luta. Passou as correias pelas fivelas de sua mochila. O major Forrest esperou até que os outros oficiais saíssem um depois do outro da porta.

— Sinto muito, Sharpe.

— Não acredito que tenha sido a companhia ligeira, senhor.

— Referia-me à luneta.

Sharpe deixou escapar um resmungo. Forrest era um tipo decente, sempre queria que os outros estivessem satisfeitos. O fuzileiro deu de ombros.

— Desapareceu, senhor. Não voltará.

Hakeswill era um ladrão muito inteligente para que o descobrissem.

Forrest sacudiu a cabeça com tristeza.

— Não posso acreditar. E éramos um batalhão tão feliz! — De repente ficou sério. — Sharpe?

— Major?

— O coronel Windham disse que você estava casado. Eu não quis lhe contradizer.

— Não o fez, senhor?

— Santo céu, não! Casou-se?

Sharpe negou com a cabeça.

— Não, senhor.

— Mas ele disse que você tinha dito que estava.

Sharpe sentou-se sobre os calcanhares e levantou a vista sorrindo para o major.

— Sim.

- Pelo amor de Deus, por quê?
- Não sei, senhor. Saiu assim de repente.
- Porém, por Deus, Sharpe. Isso vai para seu histórico, isso...
- Forrest o deixou correr. — Por que não lhe diz a verdade?
- Não me desgosta a ideia, senhor.

Forrest começou a rir.

— Não me diga. Achei estranho quando ele comentou, mas pensei que podia ser verdade. Você é um tipo tão reservado, Sharpe.

— Tal como vão as coisas, senhor, provavelmente o estarei logo.

— Não seja ridículo — disse Forrest franzindo o cenho. — Logo haverá uma vacante de capitão. Quase houve esta tarde. O pobre Sterritt tropeçou e se encontrou com uma baioneta que lhe atravessou a casaca.

Sharpe não resmungou. Buscara descaradamente entre os sobreviventes para ver se faltava algum capitão, mas todos pareciam estar encantados com suas vidas e não tinham ares de doença. Levantou-se e jogou a bolsa ao ombro. Do outro lado da colina provinham as marteladas dos canhões franceses, um som tão familiar que os homens quase não se davam conta dele. Tão familiar como o assobio interminável da chuva.

Forrest olhou por cima do ombro para a companhia ligeira que estava formada.

— Isto é triste, Sharpe. Muito triste.

Windham lhes passou em revista e o sargento veterano chamou cada homem para que se adiantasse de um em um e esvaziasse seu saco e a mochila sobre um tecido impermeável. Outro sargento examinava a fundo os volumes. Sharpe se afastou. Achava aquilo triste e desnecessário. Se os tivesse feito formar e teria lhes dado dez minutos para que o ladrão se apresentasse ou enfrentassem as consequências; isto, claro, se realmente acreditasse que alguém da companhia fosse o ladrão. Forrest sacudiu a cabeça.

— É muito minucioso, Sharpe.

— Nem tanto, senhor.

— O que quer dizer?

Sharpe lhe dirigiu um sorriso desanimado.

— Quando eu estava na tropa, senhor, tínhamos mochilas com fundos falsos. Nem está olhando no interior dos chapéus. De toda forma, um verdadeiro ladrão já não estaria com as coisas.

— Quase não teve tempo de desfazer-se delas.

— Senhor, uma das mulheres poderia tê-lo neste momento, poderia ter vendido tudo ao cantineiro por alguns xelins e uma ou duas garrafas. Poderia estar escondido. Não vão encontrar nada. Apenas estamos perdendo tempo.

Um cavaleiro se levantou no exterior do redil e cumprimentou a Forrest.

— Major?

O major Forrest se assomou entre a chuva.

— Santo céu! O jovem Knowles! Parece que tem um cavalo novo!

— Sim, senhor. — Robert Knowles desceu da sela e sorriu para Sharpe. — Agora já não estou em sua companhia, posso ir a cavalo. Gosta?

Sharpe olhou a besta mal-humorado.

— Precioso, senhor.

Knowles ficou tenso ao ouvir o “senhor”. Olhou para Sharpe e depois para Forrest. Perdeu o sorriso.

— Sua ascensão? — disse para Sharpe gaguejando

— A rechaçaram, senhor.

— Já chega. — Knowles se sentia incomodado. Ele havia aprendido seu ofício com Sharpe, tomara como modelo seu antigo capitão, e agora que tinha uma companhia ligeira própria tentava pensar, a cada hora, como os mandaria Sharpe. — É ridículo!

Forrest concordou com a cabeça.

— O mundo ficou louco.

Knowles franziu o cenho e sacudiu a cabeça.

— Não acredito!

Sharpe deu de ombros.

— É verdade. — Sentia que Knowles tinha se sentido incômodo. — Como está a companhia?

— Empapada. Querem seguir a luta. — Voltou a sacudir a cabeça. — Então, quem manda na sua companhia?

Forrest deixou escapar um suspiro.

— Um homem que chamado Rymer.

Knowles deu de ombros.

— Estão loucos. — Olhou para Sharpe. — É uma loucura! Está sob as ordens de algum capitão?

Forrest deixou escapar um assobio.

— Oh, não! O senhor Sharpe tem obrigações muito especiais.

Sharpe sorriu.

— Sou o tenente encarregado das mulheres, das picaretas, das mulas e da vigilância da bagagem.

Knowles começou a rir.

— Não posso acreditar! — De repente percebeu a estranha formação do outro lado do redil, pequeno e circular. — O que houve?

— Um roubo. — Percebia-se que Forrest estava triste. — O coronel acredita que pode ser alguém da companhia ligeira.

— Está louco! — Knowles seguia sentindo uma grande lealdade por sua antiga companhia. — São muito astutos para que os peguem!

— Já sei — respondeu Sharpe enquanto observava a revista.

Já haviam passado todos os homens e não se tinha encontrado nada, e agora se adiantavam os sargentos. Enquanto lhe revistavam a mochila, Hakeswill permanecia com a baqueta esticada e a cara crispada. Não encontrariam nada, certamente. O sargento dirigiu a Windham um cumprimento rápido.

Harper se adiantou, sorria divertido ante a ideia de que alguém o achasse capaz de uma ação tão vil. Hakeswill primeiro, depois Harper, e Sharpe começou a correr ladeira acima porque, certamente, Hakeswill queria deixar Harper no meio. Patrick Harper viu que Sharpe se aproximava e arqueou as sobrancelhas, recebia o insulto da revista com a mesma tolerância tranquila com que enfrentava a maioria das vicissitudes da vida, mas agora mostrou sua surpresa.

— Senhor? — O sargento ficou em posição de sentido.

Sharpe percebera o que estava acontecendo, mas era tarde demais. Tinha que ter alcançado Harper antes. Antes da formação.

— Oficial de serviço! — A voz de Windham soava áspera. — Prenda o sargento.

Somente encontraram uma coisa, mas era suficiente. Na parte superior da mochila, nem sequer escondida, estava a moldura de prata que havia contido o retrato da mulher de Windham. O vidro estava quebrado e faltava o retrato arrancado da filigrana que haviam dobrado. Windham segurava a moldura, que parecia tremer de ira, e levantou a vista para o sargento.

— Não sei nada sobre isto, senhor. Nada. Acredite em mim, senhor, eu não o peguei.

— Será açoitado! Por Deus que será açoitado! — Girou sobre os calcanhares.

A companhia ligeira estava imóvel, a água jorrava dos chapéus, tinham os uniformes empapados. Pareciam transtornados. O restante do batalhão, entocados em um refúgio insuficiente, observavam como o oficial de serviço reunia uma guarda e levavam Harper. Sharpe não se moveu.

A companhia saiu de forma. Acenderam fogos debaixo dos refúgios em uma vã tentativa de livrar-se da umidade. Matariam bois para o jantar, a fumaça dos mosquetes se demorou sobre os sobreviventes aterrorizados, e Sharpe deixou que a chuva lhe gelasse a pele, pois sentia uma impotência terrível. Knowles tentou movê-lo.

— Venha comer algo conosco, por favor. Eu lhe convido.

Sharpe negou com a cabeça.

— Não. Tenho que estar aqui para o tribunal militar.

Knowles estava preocupado.

— O que vai acontecer com o batalhão, senhor?

— Acontecer, Robert? Nada.

Ele mataria Hakeswill um dia, mas agora necessitava de provas, se não Harper não poderia nunca provar sua inocência. Sharpe não sabia como mostrar a verdade. Hakeswill era astuto e Sharpe sabia que não lhe arrancaria a verdade com violência. Ele se riria de uma surra. Mas um dia Sharpe enterraria sua espada

naquele ventre e deixaria que a podridão explodisse como lodo putrefato. Mataria o sacana. As cornetas tocaram recolher. Era o quarto dia em Badajoz.

CAPÍTULO 15

Choveu durante toda a noite. Sharpe sabia, porque estivera acordado quase todo o tempo, escutando a água incessante, o vento e os disparos esporádicos dos canhões franceses que tentava atrapalhar a escavação das baterias. Não havia resposta dos britânicos; os canhões de assédio, ainda envolvidos em palha e aniagem, estavam esperando uma trégua, de maneira que as carretas pudessem ser arrastadas para o outro lado da colina e os canhões fossem colocados em sua posição.

Sharpe estava sentado com Harper no alto da colina e olhava para abaixo as tênues luzes da cidade. Olhavam na distância, borrada pelo clima, e Sharpe tentava distinguir a catedral e pensava na menina enferma em suas cercanias.

Harper não devia estar com ele. Estava sob vigilância, condenado a açoites e rebaixado de grau, mas Sharpe dissera às sentinelas que olhassem para o outro lado enquanto ele e Harper escalavam o cume da colina. Sharpe olhou para o irlandês.

— Sinto muito.

— Não tem que sentir, senhor. Fez tudo o que pôde.

Que não dera resultado satisfatório. Sharpe havia pedido, quase rogado, mas a moldura fora prova suficiente para o tribunal militar do regimento. Sharpe havia testemunhado que Harper estivera com ele toda a tarde lutando contra o ataque francês, e que sua própria luneta havia desaparecido naquele tempo, assim que o sargento não podia ser o responsável. Windham mostrara-se implacável. A luneta, disse, podia ter sido roubada por outro ladrão.

Harper era culpado, rebaixado a soldado raso e sentenciado a ser chicoteado.

Harper pensava na manhã. A voz de Donegal era uma voz melosa.

— Cem chicotadas, né? Poderia ser pior. — Mil e duzentas era a sentença máxima.

Sharpe lhe estendeu uma garrafa. Ambos estavam envoltos em pedaços de lona alcatroada sobre a qual tamborilava a chuva.

— Recebi duzentas.

— O exército está mais brando; isso é, está se abrandando. — Harper começou a rir. — E de novo um soldado de merda, também! Nem sequer me chamam de fuzileiro neste regimento de merda. Soldado Harper. — Deu um trago. — E quando acham que roubei aquelas coisas de merda?

— Na terça-feira.

— Deus salve a Irlanda! No dia de São Patrício?

— Não estava nas filas.

— Céus! Estava com o senhor. Bebendo.

— Eu sei. Já lhe disse.

Ficaram em silêncio, uma desgraça compartilhada. Da ladeira provinha o tilintido das picaretas enquanto as baterias se colocavam debaixo de um manto de terra. Pelo menos, pensou Sharpe, os dois tinham um monte de bebida. A companhia ligeira tinha reunido todos seus recursos, explorado e roubado mais, e por debaixo do refúgio de lona havia pelo menos uma dúzia de cantis com rum ou vinho.

— Sinto muito, Patrick.

— Poupe as palavras, senhor. Não doerá. — Sabia que mentia. — Matarei aquele sacana!

— Depois de mim.

Estavam sentados e pensavam na reconfortante ideia de matar Hakeswill. O sargento tomava precauções. Tinha levantado seu refúgio a alguns metros das rudimentares tendas de lona dos oficiais e Sharpe sabia que essa noite não teria oportunidade de fazer desaparecer a Hakeswill enviando-o a algum lugar solitário e silencioso.

O irlandês riu entre os dentes e Sharpe o olhou.

— Que foi?

— Pensava no coronel. O que tinha naquele maldito retrato?

— Sua mulher.

— Tem que ser de uma beleza excepcional.

— Não — disse Sharpe destampando outro cantil. — É uma velha bruxa, mas nunca se sabe com os retratos. De toda maneira, nosso coronel aprova o matrimônio. Acredita que evita problemas para um homem.

— Provavelmente seja verdade. — Harper não parecia convencido. — Chegou-me o rumor de que o senhor e a senhorita Teresa estão casados. Como esse boato começou?

— Eu disse ao coronel.

— Senhor! — Harper começou a rir. — Na realidade, deveria se casar com ela. Fazer dela uma mulher honrada.

— E quanto a Jane Gibbons?

Harper sorriu. Tinha conhecido a garota loira, irmã do homem que ele matara, e sacudiu a cabeça.

— Ela não lhe quererá. Tem que se ter nascido em uma casa de estirpe para se casar com uma dessa classe; ter um monte de dinheiro, e essas coisas. O senhor é apenas um soldado de infantaria, como os outros. Uma faixa vermelha elegante não fará que se meta em sua cama. Pelo menos, não para ficar.

Sharpe riu entre os dentes.

— Acredita que deveria me casar com Teresa?

— Por que não? É esquelética, essa é a pura verdade, mas o senhor poderia pôr-lhe um pouco de carne nos ossos. — Harper desaprovava profundamente o gosto de Sharpe pelas mulheres magras.

Voltaram a ficar sentados em silêncio, ouvindo a chuva que repicava na lona, e compartilhando uma amizade que poucas vezes tinha a ocasião de expressar-se ou definir-se. Sharpe tinha a reputação, com aqueles que não o conheciam bem, de ser um homem parco em palavras e era verdade, achava, salvo com um punhado de amigos. Harper e Hogan; Lossow, o cavaleiro alemão, e isso era tudo. Exilados, afastados de seus países, lutando com um

exército estranho. Sharpe também era um exilado, um estranho no refeitório dos oficiais.

— Sabe o que o general diz?

Harper negou com a cabeça.

— Diga-me o que diz o general.

— Diz que ninguém que tenha ascendido desde a tropa acaba bem.

— Diz isso agora?

— Diz que passam a beber.

— Neste exército, quem não bebe? — Harper aproximou o cantil de Sharpe. — Tome, embebede-se.

Algum tonto abriu a proteção de uma lanterna na paralela e os artilheiros franceses, sempre alerta, viram a luz e de repente das muralhas de Badajoz vomitaram chamas e disparos. Ouviram-se gritos provenientes das obras. A luz desapareceu, mas nesse momento se ouviram os ruídos surdos dos disparos que acertavam um alvo e os gritos que saíam da trincheira.

Harper cuspiu.

— Nunca tomaremos esta maldita cidade.

— Não podemos ficar aqui para sempre.

— Isso é o que o senhor disse na primeira vez que foi à Irlanda.

Sharpe sorriu com ironia.

— Foi por causa da recepção que nos fizeram. Não queremos ir. De toda forma, agrada-nos o clima.

— Se podem ficar. — Harper olhou de soslaio na escuridão. — Céus! Oxalá parasse de chover!

— Eu pensava que todos os irlandeses gostavam de chuva.

— E isto é chuva? Isto é o dilúvio, o fim deste mundo mal feito.

Sharpe se apoiou em um gabião de vime, abandonado por um grupo de trabalho e se ficou olhando para cima.

— Faz uma semana que não vejo as estrelas. Mais.

— É verdade.

— Gosto das estrelas.

— Isso lhe cai bem. — Harper se divertia; não era frequente que Sharpe soltasse a língua pela bebida.

— Não, de verdade. Você gosta de pássaros. Eu, de estrelas.

— Os pássaros fazem coisas. Voam, constroem ninhos. Podem ser observados.

Sharpe não disse nada. Recordava das noites deitado no campo, com a cabeça apoiada na mochila, o corpo dentro de um cobertor que fazia de saco de dormir, e as pernas metidas pelas mangas da casaca que abotoava de abaixo até encima de seu estômago. Era a maneira de dormir de um soldado, mas algumas noites apenas se ficava ali estirado e observava a grande mancha do céu que era como os fogos do acampamento de um exército tão grande que era inimaginável. Legião atrás de legião, incompreensível, ali encima no céu, e ele sabia que se aproximava, noite depois de noite, e o desenho aparecia confuso em sua cabeça pelos pregadores estranhos e bêbados que iam ao orfanato quando ele era um menino. As estrelas se misturavam com os quatro cavaleiros do apocalipse, a último trompete, a segunda vinda, o levantamento dos mortos. As luzes da noite eram o exército do fim do mundo.

— O mundo não acabará com um dilúvio. Haverá baionetas e batalhões. Uma grande batalha sangrenta.

— Desde que estejamos na linha de atiradores, senhor, não me importa. — Harper bebeu mais rum. — Devo guardar um pouco para amanhã.

Sharpe se ergueu.

— Hagman subornou os tamborileiros.

— Isso nunca funciona.

Harper tinha razão. Os tamborileiros eram os garotos que davam os açoites e normalmente eram subornados pelos amigos da vítima, mas sob o olhar atento dos oficiais se viam obrigados a bater com todas suas forças.

Sharpe ficou olhando o enorme bloco escuro que era Badajoz, aliviado por umas poucas luzes borradas. Havia um fogo ardendo em um dos muitos pátios do castelo. O abafado e breve sino da catedral deu a meia-noite.

— Se pelo menos ela não estivesse lá... — Parou.

— O quê?

— Não sei.

— Se ela não estivesse lá. — A maneira de falar de Harper, natural do Ulster, era lenta, como se andasse devagar. — Seria tentado a ir embora. Não é assim? Colinas acima? Para lutar com os guerrilheiros?

— Não sei.

— Sim sabe. Acredita que ninguém mais pensou nisso? — Harper se referia a si mesmo. — Não é somente o senhor um soldado nos bons tempos.

— Logo teremos desertores.

— Ai, se não se enterra logo a Hakeswill.

Fazia meses que ninguém desertava do batalhão. Outros batalhões perdiam homens, um punhado a cada dia que se deslizavam até Badajoz. Também havia tráfego no outro sentido, incluindo, assim dissera Hogan a Sharpe, um sargento de engenheiros francês que se tinha trazido consigo os planos das defesas. Os planos continham poucas surpresas, salvo a confirmação de que o talude do oeste estava muito minado.

Sharpe trocou de tema.

— Sabe quantos morreram hoje?

— Foi hoje? — Harper parecia surpreso. — Parece que foi na semana passada.

— Cem. Contaram quase trezentos franceses. E também alguns afogados. Pobres sacanas!

— Sempre vêem o dobro quando contam os franceses. — Harper era depreciativo. — E os franceses provavelmente alardeiam que mataram mil.

— Não causaram muito estrago.

— Não.

Os franceses haviam desejado retardar o sítio pelo menos uma semana obrigando os britânicos a voltar a escavar toda a paralela. Uma semana ganha seria uma semana extra durante a qual um exército de campo francês poderia marchar para aliviar a guarnição. Harper abriu outro cantil.

— O assalto será duro.

— Sim.

A chuva assobiava ao cair, borbulhando sobre o piso encharcado, golpeando com monotonia sobre a lona. Fazia frio. Harper ofereceu a Sharpe o cantil novo.

— Tenho uma ideia.

— Diga-me — disse Sharpe bocejando.

— Estou chateando?

— Qual a sua ideia?

— Vou me apresentar como voluntário para o pelotão suicida.

Sharpe ofegou.

— Não seja tonto um de merda. Você quer viver, não?

— Não sou tonto e quero voltar a ser sargento. Pedirá por mim senhor?

Sharpe deu de ombros.

— Já não me escutam.

— Perguntei se o senhor me chamaria. — A voz de Harper era insistente.

Sharpe não podia imaginar Harper morto. Negou com um movimento de cabeça.

— Não.

— Reserva-o só para o senhor? — As palavras foram ditas com dureza.

Sharpe se voltou e olhou para o grandalhão. Não havia por que negá-lo.

— Como adivinhou?

Harper começou a rir.

— Quanto tempo faz que estou com o senhor? Santa Maria, mãe de Deus, acha que sou tonto? O senhor perdeu seu posto de capitão, e o que vai fazer? Subir gritando por alguma brecha sacudindo a espada porque prefere morrer a perder seu orgulho de merda.

Sharpe sabia que era verdade.

— E você?

— Quero recuperar meus galões.

— Orgulho?

— Por que não? Continuam dizendo que os irlandeses são tontos, mas eu vejo que riem pouco de mim.

— Isso pode ser por causa de seu tamanho, não por seus galões.

— Ai, talvez, mas não vou permitir que digam que fracassei. Então já se apresentou como voluntário!

Sharpe assentiu com a cabeça.

— Sim. Mas não vão escolher ninguém, pelo menos até o momento do assalto.

— E se escolherem o senhor, me levará?

— Sim. — custou-lhe dizer a palavra.

O irlandês assentiu.

— Então, esperemos que o escolham senhor.

— Reze pelo milagre.

Harper começou a rir.

— O senhor não quer um milagre. Os milagres sempre saem mal. — Bebeu rum. — São Patrício mandou para fora da Irlanda todas as serpentes e o que aconteceu? Ficávamos tão chateados que deixamos os ingleses entrarem para ocuparem o seu lugar. O pobre homem deve estar se revirando em seu túmulo. As serpentes eram melhores.

Sharpe sacudiu a cabeça.

— Se Irlanda fosse cinco vezes maior, e Inglaterra cinco vezes menor, estariam nos fazendo a mesma coisa.

Harper voltou a rir.

— Isso sim que seria um milagre pelo qual valeria a pena rezar.

Retumbaram canhões a sua direita, do outro lado do rio, era o canhão do forte de São Cristóvão que disparava por cima do Guadiana para a paralela. O fogo longo e cuspidor se refletia na água escura. Os artilheiros sobre a muralha da cidade, para não ficar por baixo, lançavam suas peças e a noite se encheu de ruído.

Harper tremia de frio.

— Estou rezando por outro milagre.

— Qual?

— Uma ocasião para pegar Hakeswill. — Assinalou com a cabeça para a cidade. — Em uma daquelas ruelas. Arrancarei sua cabeça de merda.

— O que lhe faz pensar que cruzaremos a muralha?

Harper soltou uma risada sem graça.

— Não acredita realmente que podemos fracassar, né?

— Não.

Mas até então não tinha pensado que realmente podia perder seu posto de capitão, sua companhia e nem mesmo em seus piores pesadelos lhe ocorrera pensar que teria que suportar e observar surrarem a Patrick Harper. A noite fria e úmida seguia martirizando-lhes, fazendo que os pesadelos se tornassem realidade.

CAPÍTULO 16

Chuva e mais chuva. Cada vez com mais violência. Ao amanhecer o rio havia transbordado, levantava uma espuma branca contra os arcos de pedra da velha ponte e, o que era mais grave, arrastara a ponte de chalanas rio abaixo.

— Companhia! — A última sílaba se arrastava, mesclada com os gritos de outros sargentos. — Silêncio!

— Sentido! Olhar para frente!

Um tilintido de bridões e embocaduras trouxe os oficiais mais antigos do batalhão para o amplo espaço desimpedido no centro das companhias já formadas. Dois lados do retângulo eram formados por três companhias cada um; quatro companhias formavam o lado comprido e de frente o solitário triângulo de madeira.

— Descansar!

Assim uma e outra vez. Sacudiam-se as mãos sobre a madeira molhada; as empunhaduras se sujavam com a lama; a chuva caía enviesada sobre a tropa.

Os sargentos marchavam esticados pisando a lama, ficaram em posição de sentido de repente e cumprimentaram.

— Companhia formada, senhor!

Os capitães montados, mas deploráveis com suas capas empapadas, cumprimentaram.

— Batalhão pronto para a formação de castigo, senhor!

— Muito bem, major. Descansem.

— Retaliação! — A voz de Collett cavalgou sobre o vento e a chuva. — Em seu lugar..., descansar! — Ouviu-se o arrastar dos pés

convulsivos no barro.

Sharpe, com a cabeça pesada depois de passar a noite bebendo, havia formado com a companhia ligeira. Rymer se sentia incômodo, mas era o lugar de Sharpe; o rosto amarelo de Hakeswill se mostrava inexpressivo. Seu pulso palpitava sob a cicatriz arroxeadada de seu pescoço. Daniel Hagman, o velho fuzileiro, fora dizer a Sharpe antes da formação que a companhia estava amotinada. Sem dúvida era um exagero, mas Sharpe via que os homens estavam mal-humorados e, sobretudo, assombrados. A única boa notícia era que Windham havia diminuído o castigo para sessenta chicotadas. O major Hogan fizera uma visita ao coronel e, ainda que o engenheiro não tenha conseguido persuadir Windham de que Harper era inocente, deixara-o impressionado descrevendo-lhe o histórico de Harper. O batalhão esperava debaixo da chuva suportando o frio e o sofrimento.

— Retaliação! Silêncio!

Novo arrastar de pés. Então apareceu Harper entre dois guardas. O irlandês ia desnudo da cintura para cima mostrando os enormes músculos de seus braços e seu peito. Caminhava leve, sem se importar com a chuva nem com o barro, e sorriu brincalhão para a companhia ligeira, de modo que parecia o homem menos preocupado da formação.

Ataram seus pulsos levantados sobre o triângulo, abriram suas pernas e as prenderam à base; por outra parte, um sargento empurrou o couro dobrado entre os dentes de Harper para que não se mordesse a língua de dor. O médico do batalhão, um homem doentio, com o nariz úmido, fez uma revisão superficial nas costas de Harper. Era evidente que estava são. Prenderam-lhe tira de couro ao redor dos rins, o doutor assentiu tristemente com a cabeça e olhou para Collett. O major falou a Windham e o coronel consentiu.

— Continue!

As baquetas desceram sobre as peles encharcadas. O sargento fez um sinal com a cabeça para os dois garotos.

— Um!

Sharpe lembrou-se que na sua vez o açoitaram na praça de um povoado na Índia. Que o ataram a uma carreta de bois, não a um triângulo, mas recordava o primeiro corte áspero com as correias de couro a curvatura involuntária das costas, os dentes rangendo sobre o couro e a surpresa ao ver que não era tão mau como havia esperado. Quase se acostumara aos golpes, sentia-se seguro, inclusive se ofendeu quando o médico fez parar as chicotadas para comprovar que ainda podia receber mais castigo. Depois, a dor ficou confusa. Começou a doer, a doer de verdade, quando as chicotadas lhe arrancaram tiras da pele e os golpes foram alternados, de ambos os lados, e foi assim até que o batalhão que o observava viu o lampejo do osso e o sangue gotejar sobre a poeira do povoado. Céus! Como tinha doído!

O South Essex observava em silêncio. Os tambores, de pele estirada pela chuva, quase não se podiam ouvir; eram como os toques amortecidos de um funeral. Os chicotes estavam molhados, quando sangravam, o sargento encarregado dos açoites cantava os números; ao fundo os canhões franceses seguiam disparando.

Os tamborileiros fizeram uma pausa. O doutor se aproximou até as costas de Harper, espirrou, e assentiu com a cabeça para o sargento.

— Vinte e cinco!

A chuva diluía o sangue.

— Vinte e seis!

Sharpe olhou para Hakeswill. Acaso havia um lampejo de triunfo em seu rosto? Era impossível assegurá-lo. A cara se contraiu com um espasmo.

— Vinte e sete!

Harper girou o rosto desafiando a companhia ligeira. Não se movia em absoluto quando recebia os golpes. Cuspiu a mordada de couro e lhes sorriu brincalhonamente.

— Vinte e oito! Mais forte!

Um dos tamborileiros fez aprovisionamento de todas suas forças. Harper sorriu ainda mais.

— Parem! — Collett fez avançar seu cavalo. — Metam-lhe a mordada!

Voltaram a empurrar a mordaca na boca de Harper, mas ele a voltou a cuspi-la e sorriu. Escutou-se um burburinho de aprovação proveniente da companhia ligeira, um burburinho que era um riso, e viram que Harper conversava com os tamborileiros. O safado tinha vencido o castigo! Sharpe sabia que lhe doía, mas sabia que o orgulho de Harper não o deixaria manifestá-lo, apenas o deixaria fingir uma absoluta indiferença.

O castigo terminou convertido em uma farsa pela valentia incrível de Harper.

— Soltem-no!

Sharpe havia visto a homens que caíam desabados ao solo depois de uma dúzia de golpes, mas Harper se separou das correias ainda sorrindo com ironia, e só o que fez foi dar uma massagem nos pulsos. O médico lhe fez uma pergunta e o irlandês começou a rir, recusou a cobertor que lhe ofereceram para cobrir as costas sangrentas e deu meia volta para seguir à escolta fora da formação.

— Soldado Harper! — Windham tinha esporeado seu cavalo e havia se aproximado.

— Senhor? — A voz de Harper quase mostrava desprezo.

— Você é um homem valente. Tome.

Windham lançou uma moeda de ouro para o homem de Ulster. Durante um segundo pareceu que Harper não ia fazer caso da moeda, mas uma mão enorme se elevou de repente, agarrou-a no ar e ofereceu ao coronel um grande sorriso brincalhão e contagioso.

— Obrigado, senhor.

O batalhão exalou um suspiro de alívio coletivo. Windham deve ter percebido, ainda durante a o castigo, de que estava fazendo açoitar o homem mais popular do batalhão. Na formação notara-se a hostilidade, uma hostilidade pouco usual. Os soldados não punham objeção aos açoites, por que haviam de fazê-lo? Se um homem merecia castigo o batalhão se alinhava e observava a execução. Mas os soldados também tinham um perspicaz senso de injustiça e Sharpe, observando Windham, sabia que o coronel captara o ultraje ao batalhão. Havia cometido um erro. Não podia admitir nem voltar atrás, mas a moeda de ouro havia sido um

detalhe inteligente. Windham, apesar de aparentar ser um simples terratenente, era um homem inteligente.

E Hakeswill era astuto. O sargento seguia mantendo o rosto inexpressivo quando a formação rompeu filas. Hakeswill estava triunfante. Harper havia sido derrotado, degradado, e a companhia estava à mercê de Hakeswill. Agora queria algo mais, e conseguiria: a desgraça de Sharpe. Graças ao que rumorejava a companhia, o sargento sabia onde teria lugar sua desgraça, na casa das laranjeiras atrás da catedral.

Sharpe encontrou Harper em um refúgio, onde duas mulheres lhe punham gordura nas costas e lhe vendavam as feridas.

— Está bem?

Harper sorriu brincalhão.

— Dói como mil diabos, senhor. Não podia ter aguentado muito mais. — Levantou o guinéu de ouro. — O que faço com isto?

— Gaste-o?

— Não. — O irlandês olhou fixamente além de Sharpe, para o mar de barro que a chuva cinzenta varria com grandes cortinas de água. — Guardarei, senhor, até que tenha matado o sacana.

— Ou até que eu o mate?

— Um de nós, senhor. Mas faça-o logo. Antes que partamos daqui.

Se é que alguma vez partiriam de Badajoz, pensou Sharpe. Naquela tarde levou um grupo de trabalho para a fronteira portuguesa. Encontraram as apreciadas chalanas encalhadas e se despiram para prepará-las para que os bois as arrastassem. O assédio estava paralisado com a chuva, o barro e a desgraça. Badajoz era como um grande castelo em meio a um oceano. A chuva havia inundado os campos ao sul, ao oeste e ao norte, o vento seguia uivando e trazia mais água. Ainda que fosse tempo de esforços, não se podiam fazer. As trincheiras estavam inundadas, as ladeiras derrubadas e quando se usaram os gabiões para escorar as baterias, a água amoleceu o conteúdo de terra convertendo-o em lama semilíquida que saía deixando uma armação de vime oca e inútil.

Tudo estava sujo de barro. As carroças, os víveres, a forragem, a comida, os uniformes, as armas, os homens. O acampamento estava asqueroso, o único movimento era o lento bater da lona molhada sob o vento, e a febre matava tantos como os incessantes canhões franceses. O tempo que os franceses haviam esperado ganhar com seu ataque à paralela as condições atmosféricas lhe proporcionaram. A moral estava baixa. A primeira segunda-feira do assédio foi a pior. Fazia uma semana que chovia sem parar, e a escuridão se peneirava sobre um exército que quase não podia acender um fogo. Não havia nada seco, não havia nada quente. Um soldado de um regimento galês, um fuzileiro, tinha enlouquecido. Ouviram-se gritos na noite, um berro aterrador quando espetou sua mulher com uma baioneta, e centenas de homens foram às apalpadelas para a escuridão pensando que se tratava de um ataque francês, enquanto isso que o louco corria pelo acampamento, cortando à direita e à esquerda com sua arma. Gritava que a ressurreição dos mortos já tinha chegado e que ele era o novo messias. Finalmente seu sargento o encurralou e, ao dar-se conta de que ninguém queria um tribunal militar e uma execução, matou ao homem com uma punhalada limpa.

Sharpe se encontrou com Hogan naquele domingo pela noite. O major estava ocupado. A ferida do coronel Fletcher fazia o engenheiro chefe ficar em sua tenda e Hogan se encarregara da maior parte de seu trabalho. O irlandês estava triste.

— A chuva vai nos derrotar, Richard.

Sharpe não o contradisse. A água esmagava o espírito do exército; queriam devolver os golpes, ouvir seus próprios canhões disparando nos franceses, mas os canhões, como o exército, estavam emperrados. Hogan ficou olhando a noite úmida, chovia a cântaros.

— Se pelo menos parasse!

— E se não para?

— Teremos de nos render. Teremos perdido.

Lá fora, na fria noite, a chuva açoitava e jorrava com força da tenda de Hogan e as gotas lentas pareceram para Sharpe como os toques de tambor de uma derrota. Uma derrota impensável.

CAPÍTULO 17

Terça-feira pela tarde parou de chover.

O céu azul se abriu entre farrapos de nuvens e, como uma besta salva de afogar-se iminentemente, o exército se levantou do barro e atacaram as trincheiras com renovada energia.

Transportaram os canhões colina acima naquela noite. O terreno ainda era um lamaçal quase impraticável, mas arrastaram cordas, lançaram vimes debaixo das rodas, e com um entusiasmo vindo com o fim da chuva, as tropas levaram os canhões de vinte e quatro libras até as recém escavadas baterias.

Pela manhã, durante um amanhecer milagrosamente limpo, ouviram-se os gritos do acampamento britânico. Disparara-se o primeiro tiro e eles respondiam! Vinte e oito canhões de assédio estavam em seus postos, protegidos com gabiões. Os engenheiros dirigiam os oficiais de artilharia de maneira que as balas golpeassem a base do baluarte Trindade. Os canhões franceses tentavam destruir os canhões de assédio e o vale, por cima das plácidas e cinzentas águas estancadas do Rivillas. Era digno de se ver o rio envolvido na fumaça que redemoinhava quando as balas dos canhões atravessavam a névoa.

Ao final do primeiro dia, quando a brisa do entardecer dispersou a fumaça para o sul, ficou visível uma brecha na obra do baluarte. Não era grande, mais uma rachadura rodeada de pequenas marcas de disparos. Sharpe deu uma olhada nos danos com a luneta do major Forrest e soltou um riso desanimado.

— Dentro de três meses, senhor, se darão conta de que estamos aqui.

Forrest não disse nada. Temia o humor de Sharpe, a depressão que havia chegado com a ociosidade. O fuzileiro quase não tinha obrigações. Parecia que Windham tinha abandonado a formação de mulheres, as mulas pastavam, e o tempo de Sharpe transcorria lentamente. Forrest havia falado a Windham, mas o coronel tinha sacudido a cabeça.

— Todos estamos chateados, Forrest. O assalto o curará tudo.

Depois o coronel levou seus sabujos para o sul para passar um dia de caça, e com ele, a metade dos oficiais do batalhão. Forrest havia tentado infrutuosamente animar a Sharpe. Agora contemplava aquele perfil mal-humorado do capitão.

— Como está o sargento Harper?

— O soldado Harper está melhor, senhor. Dentro de três ou quatro dias já estará de serviço.

Forrest suspirou.

— Não me acostumo a chamá-lo de soldado. Não me parece justo. — Então se ruborizou. — Oh, vá! Suponho que dei uma mancada.

Sharpe começou a rir.

— Não, senhor. Estou me acostumando a ser tenente. — Não era verdade, mas Forrest necessitava tranquilizar-se. — Está cômodo, senhor?

— Muito. A vista é esplêndida.

Estavam contemplando o vale e a cidade; esperavam o ataque que teria lugar ao escurecer. A metade do exército estava no cume da colina, na trincheira ou nas novas baterias. Os franceses deviam saber que algo ia suceder. Não era difícil adivinhar o que se pretendia. Os canhões britânicos estavam a mais de meia milha de distância do baluarte Trindade, muito longe para serem realmente efetivos. Os engenheiros tinham que encurtar aquela distância para a metade. Isso significava construir uma segunda paralela com novas baterias exatamente na borda da represa, onde os franceses tinham construído o forte Picurina. Esta noite atacariam o forte. Sharpe tinha desejado ansiosamente que escolhessem a quarta divisão, a sua, mas em lugar disso a terceira e a companhia ligeira

avançariam na escuridão. Sharpe era simplesmente um espectador. Forrest olhou ladeira abaixo.

— Não deve ser difícil.

— Não, senhor.

O que era verdade, pensou Sharpe, mas somente a metade da batalha. O forte Picurina era quase provisório. Sem dúvida era um obstáculo em forma de cunha de frente para a maré britânica e com a única intenção de atrasar-lhes. Tinha um fosso que protegia uma parede baixa de pedra, e sobre a muralha se levantavam paliçadas, troncos partidos com frestas para os mosquetes, e o forte ficava bastante afastado da cidade para que os canhões franceses não pudessem atacá-lo com metralha. O forte tinha de cair, mas ainda restava o açude formado pela represa do Rivillas. A represa bloqueava o acesso direto à cidade. A menos que se esvaziasse o açude, todo ataque teria de vir do sul, encaixado entre a água e a muralha sul, passando pelo enorme forte Pardaleras. As colunas atacantes se encontrariam debaixo do fogo de um monte de canhões franceses, destroçados pela metralha. Sharpe pegou emprestada outra vez a luneta de Forrest e a apontou sobre o dique. Era extraordinariamente bem construído para ser uma construção provisória. Sharpe viu um caminho de pedra com grade que estendia-se pela parte superior do dique e que conduzia ao forte, muito mais sólido que o Picurina, que defendia o dique. O forte e o dique ficavam muito perto das muralhas da cidade. Um homem com um mosquete sobre o baluarte São Pedro podia disparar facilmente sobre o caminho de pedra. Forrest viu para onde olhava.

— No que está pensando, Sharpe?

— Estava pensando que não seria fácil atacar o dique, senhor.

— Você acha que alguém pretende atacar o dique?

Sharpe sabia que se tinha essa intenção, Hogan lhe havia dito, mas deu de ombros.

— Não sei, senhor.

Forrest olhou ao seu redor com ar conspirador.

— Não diga a ninguém, Sharpe, mas vamos fazê-lo!

— Vamos, senhor? — perguntou Sharpe com certa excitação.
— O batalhão, senhor?

— Estou falando quando não devia, Sharpe. — Forrest estava contente ao notar entusiasmo na voz de Sharpe. — O coronel ofereceu nosso serviço. O general de divisão estava falando com ele. Podemos ser os afortunados!

— Quando, senhor?

— Não sei, Sharpe! Não me dizem essas coisas. Olhe! A cortina se levanta!

Forrest indicou a bateria número um. Um artilheiro tinha tirado de golpe o último gabião da fresta e um dos canhões, que estava a meia hora em silêncio, lançou uma labareda de fogo e fumaça colina abaixo. A bala, de curto alcance, chocou-se contra o Picurina, deixou sinais na terra ao quicar e caiu dentro do lago levantando um grande salpico. A gozação dos franceses dentro do pequeno forte podia ser ouvida a quase meio quilômetro de distância.

Os artilheiros levantaram o canhão um pouco fazendo girar o parafuso debaixo da manivela de fechamento. O canhão sussurrou ao pôr-lhe as esponjas. A fresta se havia tapado outra vez como prevenção contra o inevitável fogo que provinha das muralhas da cidade. Jogaram as bolsas de pólvora no interior do tragante do canhão, atacaram a fundo e a bala rodou dentro da boca. Um sargento se inclinou sobre o ouvido, empurrou com uma ponta que perfurou as bolsas de pólvora, e depois introduziu o tubo recheado de fina pólvora que acendia a carga. Sua mão se elevou, um oficial deu as ordens e retiraram os gabiões da frente da bateria. Os homens se acocoraram tapando os ouvidos com as mãos enquanto o sargento tocava o tubo de cevar com uma mecha acesa no extremo de um pau comprido, e o canhão retrocedeu de golpe sobre a plataforma de madeira inclinada. A bala chocou-se contra a paliçada de madeira do Picurina lascando os troncos, e mandou os fragmentos de madeira verde convertidos em chuva violenta sobre os defensores; agora era a vez dos britânicos darem vivas e aplausos.

Forrest estava olhando para o forte com sua luneta. Deixou escapar um assobio.

— Pobres garotos! — e se virou para Sharpe. — Não deve ser muito agradável.

Sharpe tinha vontade de rir.

— Não, senhor.

— Já sei o que está pensando, Sharpe. Que sou muito caridoso com o inimigo. Talvez tenha razão, mas não posso evitar imaginar que meu filho estivesse lá dentro.

— Eu achava que seu filho era gravador, senhor.

— Sim, ele é, Sharpe, ele é, mas se fosse um soldado francês poderia estar ali dentro e seria muito preocupante.

Sharpe desistiu de seguir os pensamentos caridosos de Forrest e se virou para o Picurina. Os outros canhões britânicos acertaram no alvo e as pesadas balas destruía sistemáticamente as débeis defesas. Os franceses de dentro estavam apanhados. Não podiam se retirar, pois o açude ficava em sua retaguarda, e deviam saber que os canhões terminariam com um ataque da infantaria assim que o crepúsculo desse passagem à noite. Forrest franziu o cenho ao vê-lo.

— Por que não se rendem?

— O senhor o faria, senhor?

Forrest se sentiu ofendido.

— Certamente que não, Sharpe. Eu sou inglês!

— Eles são franceses, senhor. Tampouco lhes agrada se render.

— Suponho que tem razão.

Em realidade Forrest não entendia que os franceses, uma nação que ele considerava basicamente civilizada, lutasse tanto por uma causa tão malvada. Podia entender que os americanos lutassem pela república; não se podia esperar de uma nação jovem que tivesse a suficiente cordura para reconhecer os perigos de um código político tão nefasto, mas os franceses? Forrest não os entendia. Pior ainda era a França ser a nação com maior poder militar que havia sobre a face da terra, e assim tinham ajaezado seus mosquetes e seus cavaleiros para propagar a maldade republicana, e obviamente era dever dos britânicos conterem aquela praga. Forrest via a guerra como uma cruzada moral, uma

luta pela decência e a ordem, e a vitória significaria para os britânicos que o Todo-poderoso, a quem possivelmente não se poderia tachar de republicano, havia bendito o esforço britânico.

Uma vez explicou suas crenças ao major Hogan e ficou muito surpreso quando o engenheiro rechaçou tais ideias.

— Meu querido Forrest. Você luta simplesmente por negócios! Se Boney não tivesse fechado os portos de Portugal, você estaria bem quentinho em sua cama em Chelmsford.

Forrest lembrou a conversa e olhou para Sharpe.

— Sharpe, pelo lutamos?

— Senhor? — Por um momento Sharpe se perguntou se Forrest estava propondo uma rendição ao forte Picurina. — Quer saber pelo que lutamos?

— Sim, Sharpe. Pelo que você luta? É contra a república?

— Eu, senhor? Se nem ao menos saberia como escrevê-lo. — Sorriu brincalhão para Forrest, mas viu que este estava sério. — Santo céu, senhor! Sempre lutamos contra os franceses. A cada vinte anos mais ou menos. Se não o fizéssemos nos invadiriam. Depois nos obrigariam a comer caracóis e falar francês. — Começou a rir. — Não o sei, senhor. Lutamos porque são uns sacanas intrometidos e alguém tem que pisoteá-los.

Forrest deixou escapar um suspiro. Esqueceu-se de tentar explicar a Sharpe as forças políticas do mundo porque o coronel Windham e um grupo de oficiais do batalhão os avistaram e se reuniu com eles no parapeito. Windham estava de bom humor. Olhou para os britânicos, que disparavam contra o que restava do parapeito francês, e golpeou a palma da mão com o punho.

— Bem feito, garotos! Mande-os ao inferno! — Cumprimentou cortesmente a Sharpe com a cabeça e sorriu para Forrest. — Um dia excelente, Forrest, excelente. Duas raposas!

Hogan havia comentado uma vez para Sharpe que nada estimulava mais a um oficial britânico que uma raposa morta. Além desse duplo motivo de satisfação, Windham tinha boas notícias. Pegou uma carta do bolso e mostrou a Forrest.

— Uma carta da senhora Windham, Forrest. Notícias estupendas!

— Bom, senhor.

Forrest, assim como Sharpe, se perguntava se a falta de queixo de Jessica havia dado à luz a outro jovem Windham, mas não devia ser isso. O coronel abriu a carta, vacilou antes de dar uma olhada nas primeiras linhas, e Sharpe adivinhou, pela expressão de Leroy e dos outros recém chegados, que Windham já estivera propagando, quaisquer que fossem, as boas notícias.

— Aqui está! Tivemos um problema com um caçador ilegal, Forrest, um grande problema. Algum safado se meteu entre os faisões. Minha boa mulher o pegou!

— Esplêndido, senhor. — Forrest tentava parecer entusiasmado.

— Mais que pegá-lo! Comprou um tipo de armadilha nova. A maldita coisa lhe fez tanto estrago que morreu de gangrena. Aqui está. A senhora Windham escreve: “Isto inspirou ao pároco, que o incorporou ao sermão do domingo passado para a edificação dos paroquianos da paróquia que não levam em conta a sua condição social!”. — Windham sorriu para os oficiais reunidos. Sharpe não sabia se alguém da paróquia do coronel não levava em conta sua condição social enquanto que a senhora Windham era tão consciente da sua, mas julgou que não era o momento adequado de dizê-lo. Windham voltou a olhar a carta. — Um homem esplêndido nosso pároco. Monta como um soldado de cavalaria. Sabe qual foi seu texto?

Sharpe esperou que disparassem um canhão.

— Números. Capítulo trinta e dois, versículo vinte e três, senhor? — disse docemente.

O coronel o olhou.

— Como diabos o sabia? — Parecia que suspeitava que o fuzileiro tivesse lido a carta. Leroy sorria zombador.

Sharpe decidiu não dizer que tinha dormido no dormitório de um asilo que tinha o texto pintado em letras de quase um metro de altura na parede.

— Parecia adequado, senhor.

— Absolutamente certo, Sharpe, muito apropriado. “Esteja seguro de que seu pecado lhe encontrará”. Encontrou a ele, né?

Morreu de gangrena! — Windham começou a rir e se virou para agradecer ao major Collett que por trazer o criado do coronel carregado com garrafas de vinho. O coronel sorriu para seus oficiais. — Pensei que teria que celebrá-lo. Beberemos pelo ataque desta noite.

Os canhões disparavam no crepúsculo, uma e outra vez, até que na escuridão as cornetas anunciaram uma esmagadora força de infantaria britânica contra o pequeno reduto. Os artilheiros nas muralhas da cidade, ao ouvir que os canhões britânicos cessavam, baixaram a boca de seu canhão e dispararam para o outro lado do Picurina para a ladeira da colina. A bala golpeou em uma e noutra fila dos atacantes, mas se fecharam e seguiram caminhando. Depois se ouviram novas explosões provenientes da cidade e os observadores viram desde a colina os riscos vermelhos do arco das espoletas dos projéteis por cima do lago quando os obuses começaram a disparar. Os projéteis explodiam formando flores escarlates. Os fuzileiros do 95º formavam uma linha de atiradores, rodeando o forte, buscando as frestas. Os franceses dentro do forte continham o fogo, recebiam ordens na escuridão, enquanto isso as balas dos fuzis assobiavam ao passar sobre suas cabeças, esperando o verdadeiro assalto.

Sobre a colina os oficiais observadores viam pouca coisa, salvo as chamas dos canhões e as explosões. Sharpe estava fascinado com os canhões sobre os parapeitos da cidade. Cada disparo vomitava uma chama que, durante alguns segundos, era brilhante e pungente; e o disparo saía expelido, mas logo a chama se contraía formando uma figura estranha e retorcida que existia independentemente do canhão; era uma beleza rebuscada e descolorida como um fantasma de fogo, como intrincadas dobras de colgaduras feitas com chamas que redemoinhavam e desapareciam. A visão era de uma beleza deslumbrante, não tinha nada a ver com a guerra, e ele se ficou olhando, bebendo o vinho do coronel, até que alguns vivos que provinham do escuro campo lhe anunciaram que os batalhões atacantes tinham baixado as baionetas para carregar. E se detiveram.

Algo saía errado. A gritaria cessou. O fosso que rodeava o pequeno forte era mais profundo do que ninguém teria esperado, e do cume da colina não se via que a água da chuva o havia inundado. Os atacantes tinham a intenção de saltar dentro do fosso e, utilizando escadas curtas que eles transportavam, escalar facilmente até o forte e levar-lhes suas baionetas a um número superior de inimigos. Em vez disso se viram parados. Os defensores franceses se arrastaram até as muralhas e abriram fogo. Os mosquetes estalaram sobre o fosso. O fogo britânico golpeava inutilmente sobre a obra do forte e rachava as paliçadas, enquanto os franceses derrubavam os homens na água ou os faziam retroceder para as filas de trás. Os franceses, tocando com as mãos a vitória, atacavam, carregavam as armas e disparavam, atacavam e disparavam, atacavam e disparavam, e para iluminar seus alvos impotentes, acenderam bombas incendiárias besuntadas em óleo que estavam guardando para o assalto final, e as fizeram rodar para frente do forte.

O erro foi fatal. Sharpe, sobre a colina, viu os atacantes apinhando-se inutilmente na borda do fosso. Sob a repentina iluminação das chamas, os britânicos eram alvo fácil para os artilheiros franceses que estavam sobre as muralhas da cidade. E que disparavam para as laterais do forte, fatiando filas inteiras de homens e enviando-os para a eternidade com um só disparo e obrigando os atacantes a proteger-se na borda frontal do forte. Mas a luz também revelava uma estranha fraqueza no forte. Sharpe pegou emprestada a luneta de Forrest, e pela lente escura viu que os defensores meteram estacas de madeira na superfície do fosso para deter uma tentativa de escalar sua face interior. As estacas reduziam efetivamente a largura do fosso a menos de nove metros e quando o major Collett lhe agarrou a lente, viu as primeiras escadas dispostas como uma ponte sobre as estacas adequadas. Era o 88º, o mesmo regimento junto ao qual lutara em Cidade Rodrigo, os homens de Connaught. Três escadas se aguentaram, apesar da madeira verde, molhada e arqueada; os irlandeses começaram sua precária travessia, metendo-se no olho de uma tormenta de mosquetes. Alguns caíram dentro do fosso inundado,

mas outros o atravessaram de quatro, e os uniformes escuros, iluminados pelo fogo, iam escalando a escarpada ladeira do forte enquanto outros o atravessavam atrás deles.

As luzes das bombas incendiárias se apagaram, o campo de batalha ficou às escuras, e somente os sons explicavam a história da luta aos do cume da colina. Os gritos se ouviam claramente, mas poucos disparos, que informavam aos que entendiam que as baionetas estavam trabalhando. Ouviram-se vivas, que se estenderam para abaixo para os atacantes, e Sharpe entendeu que os britânicos tinham ganhado. Os comandos de Connaught iriam à caça dos sobreviventes franceses pelo forte rachado, as lâminas finas e compridas buscariam entre a madeira quebrada e ele sorriu pensando em uma luta bem feita. Patrick Harper teria ciúmes. Os homens de Connaught teriam algumas histórias que contar, de como tinham caminhado pela precária ponte e como haviam ganhado. A voz de Windham o tirou de seu devaneio.

— Aí está, cavalheiros. Agora cabe a nós.

Houve um breve silêncio, depois se ouviu a Leroy.

— A nós?

— Vamos explodir o dique! — A voz de Windham mostrava verdadeiro entusiasmo.

Da dúzia de perguntas que surgiram, todas feitas ao mesmo tempo, Windham escolheu uma e respondeu.

— Quando? Não sei quando. Dentro de três dias, provavelmente. Não digam a ninguém, cavalheiros, não quero que Deus e o mundo saibam. Deve ter um pouco de surpresa em nosso ataque. — Windham riu, continuava de bom humor.

— Senhor? — perguntou Sharpe em voz baixa.

— Sharpe, é você? — Era difícil distinguir as silhuetas na escuridão.

— Sim, senhor. Permissão para reincorporar-me à companhia para o ataque.

— Você é um convencido faminto de sangue, Sharpe — disse Windham com entusiasmo. — Deveria ser meu guarda-florestal. Eu pensarei nisso! — Desceu para a trincheira deixando Sharpe pouco seguro de se lhe considerava um guarda-florestal ou um soldado.

Viu um repentino resplendor na trincheira junto dele e o odor picante do tabaco. A voz de Leroy, profunda e divertida, aproximou-se com a fumaça.

— Com um pouco de sorte, Sharpe, um de nós morrerá. Você recuperará seu posto de capitão.

— Já me havia ocorrido.

O americano começou a rir.

— Você acha que algum de nós pensa em outra coisa? Você é um fantasma de merda, Sharpe! — Utilizou um tom mórbido. — Você nos recorda nossa mortalidade. A quem de nós substituirá senhor?

— Alguma sugestão?

Leroy começou a rir.

— A mim não, senhor Sharpe, a mim não. Se acreditar que deixei Boston para que você me tome os sapatos, equivoca-se.

— Por que deixou Boston?

— Sou americano, com um sobrenome francês, de família monárquica, luto com os ingleses por um rei alemão que é louco. Bem, o que lhe sugere tudo isto?

Sharpe deu de ombros na escuridão. Não lhe ocorria nada o que dizer.

— Não sei.

— Eu tampouco, Sharpe, eu tampouco. — O charuto resplandeceu e logo se apagou. Leroy falava em voz baixa e com intimidade. — Às vezes me pergunto se não me equivoquei de lado.

— De verdade?

Leroy se ficou calado um momento. Sharpe contemplou seu perfil sobre o fundo da cidade às escuras.

— Suponho que sim, Sharpe. Meu pai fez o juramento de defender a sua majestade o rei e eu de alguma maneira herdei a carga. — Começou a rir. — Aqui estou, defendendo-o. — Sharpe poucas vezes ouvira Leroy falar tanto.

O americano era um homem calado que observava o mundo com ironia e bom humor. — Sabe que os Estados Unidos têm de guerra?

— Ouvi dizer.

— Querem invadir o Canadá. Provavelmente o farão. Eu seria general naquele exército, Sharpe. Teria ruas com meu nome. Caramba! Inclusive cidades inteiras! — voltou a ficar em silêncio e Sharpe entendeu que Leroy estava pensando em seu provável destino; uma tumba sem nome na Espanha. Sharpe conhecia um monte de homens como Leroy; homens cujas famílias permaneceram fiéis depois da revolução norte-americana que agora lutavam, como exilados, para o rei Jorge. Leroy voltou a rir com um riso amargo. — Eu o invejo, Sharpe.

— A mim? Por quê?

— Eu não sou mais que um bêbado ianque com um sobrenome francês que luta para um lunático alemão e não sei por que. Você sabe aonde vai.

— Ah, sei?

— Sim, senhor Sharpe, sabe. Para cima, seja como for. E por isso nosso alegre grupo de capitães lhe tem tanto medo. Quem de nós deve morrer para que você dê mais um passo? — Fez uma pausa para acender outro charuto com a guimba do primeiro. — E posso dizer-lhe, Sharpe, da forma mais amistosa possível, que gostariam de vê-lo morto.

Sharpe ficou olhando o perfil do capitão.

— É uma advertência?

— Caramba, não! Apenas propago trevas na noite.

Ouviu-se um arrastar de pés dentro da trincheira e os dois oficiais tiveram pôr-se de lado para que os maqueiros passassem transportando os feridos provenientes do Picurina. Os homens gemiam nas macas; um soluçava. Leroy os viu passar e deu uma palmada no ombro de Sharpe.

— Logo será a nossa vez, Sharpe, a nossa vez.

CAPÍTULO 18

— O que acha? — perguntou Hogan preocupado.

— É muito complicado. — Sharpe deu de ombros. — Cinquenta homens poderiam fazê-lo. Não se necessita todo um batalhão.

Hogan fez um gesto com a cabeça, mas não se podia dizer que era de consentimento. Levantou a vista para as espessas nuvens.

— Pelo menos o tempo está do nosso lado.

— Se não chover.

— Não choverá. — Hogan o assegurava como se controlasse o clima. — Mas estará nublado. — Olhou para o outro lado do parapeito do forte que protegia o dique. — Tem razão. É muito complicado, mas o coronel insiste. Gostaria que você fosse.

— Eu também, mas o coronel insiste. — Windham tinha recusado o pedido de Sharpe. O fuzileiro não iria com a companhia ligeira, ficaria com o coronel Windham. Sharpe sorriu para Hogan com ironia. — Sou seu ajudante de campo.

— Seu ajudante de campo? — perguntou Hogan passando a rir. — Suponho que é uma espécie de ascensão. O que tem que fazer? Levar recados?

— Algo assim. Não me quis com a companhia ligeira. Disse que minha presença incomodaria ao capitão Rymer.

Hogan sacudiu a cabeça.

— Apenas desejo que o capitão Rymer esteja à altura. De verdade. — Olhou seu relógio e fechou a tampa de golpe. — Dentro de duas horas será noite.

O plano parecia bastante simples. Uma companhia, a companhia ligeira, tinha que escoltar vinte escavadores até o dique. O restante do batalhão tinha que realizaria um ataque de distração ao forte, e amparados pelo ruído, os escavadores deveriam amontoar os vinte barris de pólvora na base do dique. Parecia simples, mas Sharpe não tinha confiança na empresa. Os ataques noturnos, tal como o exército tinha descoberto quatro noites antes, podiam provocar confusão. Todo o plano de Windham dependia que a companhia ligeira alcançasse a base do dique precisamente às onze. Se chegassem tarde, e o coronel não teria maneira de conhecer seu avanço, o falso ataque só conseguiria despertar a guarnição e alertar às sentinelas. Sharpe havia sugerido a Windham que o ataque falso era desnecessário e que a companhia ligeira poderia ir sozinha, mas o coronel sacudira a cabeça em sinal de que não estava de acordo. Queria que o batalhão entrasse em ação sob seu comando, esperava com ansiedade os acontecimentos da noite, e as dúvidas de Sharpe não o preocupavam.

— Certamente que chegarão a tempo!

Não havia por que pensar que não. A companhia ligeira e seus escavadores não tinham que ir muito longe. Sairiam da primeira paralela na escuridão e se dirigiriam para o norte, rio acima. Uma vez na margem do Guadiana girariam para a direita e seguiriam a vereda que conduzia até o afluente Rivillas, aos pés das muralhas do castelo. Iriam com os rostos enegrecidos e o equipamento coberto, e desceriam lentamente o barranco do Rivillas e girariam para a esquerda. O momento mais difícil seria quando se aproximassem, corrente acima, do dique. Seria um trajeto de uns cento e cinquenta passos, ao alcance de qualquer ouvido das muralhas de Badajoz, até que os homens estivessem entre o baluarte de São Pedro e o forte do dique. Não era um trajeto comprido, tinham muito tempo para fazê-lo, mas a necessidade de que se fizesse no mais absoluto silêncio os atrasaria. Hogan apalpava a tampa de seu relógio. Foi ele que havia convencido Wellington de que era possível explodir o dique, mas seu plano estava à mercê de Windham. Trocou o relógio pela caixinha de rapé e esboçou um sorriso forçado.

— Pelo menos todo o resto vai bem!

Escavavam a segunda paralela, muito mais perto das muralhas. Com sua proteção, poderiam instalar novas baterias que levariam os canhões de assédio a uns quatrocentos metros do extremo sudeste da cidade, onde, sobre o baluarte Trindade, a rachadura havia se convertido em uma brecha que revelava os entulhos do centro da muralha. Os franceses enviavam grupos de trabalho pela noite para reparar os danos, em troca os britânicos seguiam disparando com a esperança de matar os trabalhadores. Os canhões disparavam sem cessar.

Ao crepúsculo, Sharpe observou que a companhia ligeira se punha em movimento. Harper ia com eles na tropa, insistindo em que suas costas já estavam bastante melhor. Hakeswill, que estava se fazendo indispensável para o capitão Rymer, fazia-os formar, antecipava-se a seus desejos, bajulava-o, poupava a pesada carga da disciplina. Era uma representação clássica; o sargento em quem se podia confiar, incansável e eficiente, e isso disfarçava a vitória de Hakeswill sobre a companhia. Ele os dividira, tinha-os deixado apreensivos e Sharpe não podia fazer nada. O coronel Windham passou revista à companhia antes que se pusessem em marcha. Parou em frente de Harper e apontou para a arma de sete canos que o irlandês levava no ombro.

— O que é isso?

— Uma arma de sete canos, senhor.

— É regulamentar?

— Não, senhor.

— Então a deixe.

Hakeswill deu um passo à frente retorcendo a boca com um sorriso irônico.

— Me dê, soldado!

O fuzil fora um presente que Sharpe dera a Harper, mas este não podia fazer nada. Soltou a arma do ombro lentamente, e Hakeswill a agarrou. O sargento a pendurou em seu ombro e olhou para o coronel.

— Castigo, senhor?

Windham se mostrou surpreso.

— Castigo?

— Por levar uma arma não regulamentar, senhor.

Windham negou com a cabeça. Já havia castigado a Harper.

— Não, sargento.

— Muito bem, senhor!

Hakeswill coçou sua cicatriz e seguiu Windham e Rymer pela fila. Depois da revista, quando o coronel disse à companhia que descansasse, Hakeswill tirou seu chapéu e ficou olhando seu interior gordurento. Em seu rosto se desenhou um curioso sorriso e Sharpe se sentiu desconcertado. Encontrou o tenente Price pálido com a pele escurecida com rolha defumada, e estirou a cabeça para o sargento.

— O que ele está fazendo?

— Sabe Deus, capitão — Prince ainda considerava a Sharpe um capitão. — Agora sempre fica fazendo isso. Tira o chapéu, olha em seu interior, sorri e volta a pô-la. Está louco, senhor.

— Tira o chapéu? E olha em seu interior?

— Isso mesmo, senhor. Deveria estar em uma casa de loucos, senhor, não aqui. — Price sorriu. — talvez o exército seja um manicômio, não sei.

Sharpe estava a ponto de pedir a arma de sete canos a Hakeswill quando Windham, montado a cavalo, deu ordem de sentido à companhia. Hakeswill pôs o chapéu, bateu seus calcanhares e ficou olhando para o coronel. Windham desejou-lhes sorte, disse que seu trabalho consistia em proteger os escavadores em caso de que fossem descobertos e, se passassem despercebidos, não fazer nada.

— Em marcha! E boa caça!

A companhia ligeira foi entrando na trincheira, Hakeswill ainda levava a arma de sete canos, e Sharpe desejou acompanhar-los. Sabia o quanto Hogan queria que o dique explodisse, o quanto facilitaria o assalto se o açude desaparecesse, e lhe chateava não estar presente na tentativa. Pelo contrário, quando o relógio da catedral deu às dez e meia estava junto de Windham enquanto as outras nove companhias do batalhão saíam escalando da paralela até o capim. Windham estava nervoso.

— Já devem quase estar lá.

— Sim, senhor.

O coronel desembainhou sua espada, pensou melhor e voltou a deslizar a lâmina na bainha. Olhou ao seu redor buscando por Collett.

— Jack?

— Coronel?

— Pronto?

— Sim, senhor.

— Em marcha! Espere o relógio!

Collett sumiu na escuridão. Levava quatro companhias em direção à cidade, para o forte que protegia o dique, e quando o relógio desse as onze, abriria fogo na fachada do forte para que os franceses acreditassem que estavam sob ataque. As outras companhias, ao comando de Windham, ficariam de reserva. O coronel, Sharpe sabia, desejava que o falso ataque revelasse uma fraqueza no forte e que se convertesse em um ataque verdadeiro. Desejava que o South Essex atravessasse o fosso, escalasse a muralha e penetrasse nas defesas. Sharpe se perguntava como estaria a companhia ligeira. Pelo menos não ouviram disparos procedentes do castelo. Ninguém gritou “alto!” desde o forte do dique, assim que provavelmente seguiam sem ser vistos. O fuzileiro se sentia inquieto. Se tudo saísse bem, conforme o horário previsto por Windham, o dique teria de explodir poucos minutos depois das onze, mas os instintos de Sharpe eram pessimistas. Pensou em Teresa, dentro da cidade, na menina, e se perguntou se a explosão, se é que ocorresse, a despertaria. Sua filha! Ainda achava um milagre ter uma filha.

— A pólvora já deveria estar colocada, Sharpe!

— Sim, senhor.

Escutou pela metade as palavras do coronel, pois sabia que Windham apenas falava para esconder seu nervosismo. Eles não tinham forma de saber onde estava a pólvora. Sharpe tentou se imaginar como os escavadores, carregados como contrabandistas de conhaque da costa sul, deslizando barranco acima para o dique, mas Windham interrompeu seus pensamentos.

— Conte os lampejos de mosquete, Sharpe!

— Sim, senhor.

Conhecia os desejos do coronel de que ocorresse um milagre de que o forte estivesse pouco defendido e que o South Essex pudesse arrasá-lo até os alicerces. Sharpe sabia que eram desejos vãos.

Longe, a sua esquerda, no sopé de um teso, as chamas saíam dos canhões de assédio como punhais e cada lampejo iluminava as nuvens de fumaça que cobriam o ar sobre a água da represa. Os canhões franceses respondiam disparando nos lampejos dos canhões, mas o fogo inimigo tinha se moderado nos dois últimos dias. Estavam acumulando munições, reservando-as para as novas baterias da segunda paralela.

— Não mais. — O coronel falava para si; depois, em voz alta:

— Major Forrest?

— Coronel? — respondeu Forrest surgindo da escuridão.

— Tudo bem, Forrest?

— Sim, senhor. — Forrest, assim como Sharpe, não tinha nada que fazer.

Ouviu-se um repentino estalido de mosquetes, amortecido pela distância, procedente do norte. Windham girou de repente.

— Nós, não; espero.

Era muito longe para que tivesse a ver com o ataque da companhia ligeira; ao norte, do outro lado do rio, os homens da quinta divisão faziam que os fortes franceses se mantivessem ocupados. Windham relaxou.

— Deve ser logo, cavalheiros.

Surgiu um grito na frente deles na escuridão. Os três oficiais ficaram gelados, escutaram com atenção. Voltou-se a ouvir:

— *Qui vive?* — Uma sentinela francesa dava ordem de parada. Windham conteve a respiração.

— *Qui vive?* — Mais alto. — *Gardez vous!* — Um mosquete disparou do forte para o campo escuro.

— Maldito seja! — cuspiu Windham. — Maldito seja! Maldito seja!

Ouviram-se mais disparos provenientes do forte, seguidos de um lampejo de luz que se fez cada vez maior. As chamas se elevavam como línguas de fogo do outro lado do fosso, e Sharpe vislumbrou as companhias de Collett perfiladas pelo o fogo.

— *Tirez!* — O grito se ouviu claramente.

As frestas do pequeno forte lançaram fogo de mosquete e as companhias britânicas responderam.

— Maldito seja! — gritou Windham. — Cedo demais!

As companhias de Collett disparavam em seção, as descargas saltavam por entre os rostos, as balas golpeavam claramente contra a obra do forte. Os oficiais gritavam tentando que parecesse que era uma força mais numerosa, os mosquetes disparavam com precisão. Sharpe observava as defesas. O fogo de mosquete dos franceses era constante e supôs que cada homem que estava em uma fresta ou canhoneira tinha pelo menos outros dois homens que recarregando os mosquetes de reposição.

— Eu não acredito que os defensores sejam poucos, senhor.

— Maldito seja! — Soltou Windham ignorando Sharpe.

O relógio da catedral fez ouvir seus toques monótonos que se misturaram com o zumbido dos disparos. Acendiam mais granadas incendiárias no forte, que jogavam ao exterior. Sharpe ouviu como Collett ordenava a seus homens que retrocedessem para a escuridão. Windham caminhava de um lado para o outro, com óbvia frustração.

— Onde está a companhia ligeira? Onde está a companhia ligeira?

Os artilheiros das muralhas da cidade subiam ou desciam seguindo os sinais, giravam o canhão e o carregavam com metralha. Disparavam, as chamas apontavam para baixo para o campo escuro, e Sharpe ouviu o assobio dos disparos.

— Ordem aberto! — A voz de Collett chegou a Sharpe. — Ordem aberto!

Era uma precaução sensata contra a metralha, pois faria que as baixas fossem poucas, mas não ajudaria a convencer aos franceses de que se tratava de um ataque verdadeiro. Windham desembainhou a espada.

— Capitão Leroy!

— Coronel? — Sua voz surgiu da escuridão.

— Adiante com sua companhia! Para a direita do major Collett!

— Sim, senhor. — A companhia de granadeiros recebeu a ordem de avançar, unindo-se à confusão.

Windham se virou para Sharpe.

— A hora, Sharpe?

Sharpe se lembrou de ter ouvido o sino da catedral.

— Onze e dois minutos, senhor.

— Onde estão?

— Dê-lhes tempo, senhor.

Windham não lhe fez caso. Ficou olhando para o forte, as bombas incendiárias iluminavam todo o fosso e a parte dianteira do campo. Grupos de homens avançavam correndo, ajoelhando-se, disparando e retrocedendo a toda velocidade para a escuridão. Sharpe viu como um homem caía sob uma chuva de metralha. Seu corpo destroçado sob as chamas. Outros dois homens avançaram correndo, agarraram-no pelas pernas e puxaram o corpo para trás onde estava a companhia.

“Apontar! Fogo!” As ordens familiares ressoaram pelo campo, os mosquetes disparavam ao forte, e a metralha mortal descia repicando das altas muralhas.

— Capitão Sterritt? — gritou Windham.

— Coronel?

— Apresente-se ao major Collett! Sua companhia os reforçará!

— Sim, senhor!

Outra companhia pronta para avançar. Sharpe, sentindo-se culpado, pensou que outro capitão fora enviado ao encontro da metralha. Perguntava-se o que teria ocorrido com Rymer. Não se ouviam disparos procedentes da parte de trás do forte, mas tampouco nenhuma explosão. Olhava continuamente, esperando a erupção da fumaça e das chamas, mas apenas chegava silêncio do dique.

— Onde estão? — perguntou Windham golpeando-se a coxa com o punho, e rasgando o ar com sua espada. — Malditos sejam!

Onde estão?

Alguns homens regressavam do lugar onde havia estourado a luta, feridos pela metralha, e Collett fazia as companhias retrocederem mais. Não tinha sentido, pensava, perder homens em um ataque que apenas era um simulacro. O fogo procedente do forte foi enfraquecendo. Ainda não se ouvia explosão alguma.

— Maldito seja! Havemos de saber o que sucede!

— Eu irei. — Sharpe via que o cuidadoso plano de Windham desmoronava.

Os franceses já deviam saber que o ataque não era verdadeiro e não precisava ser muito inteligente para saber que o alvo era o dique. Voltou a imaginar os escavadores, carregados com os barris de pólvora.

— Podem tê-los capturado, senhor. Talvez não tenham chegado até o dique.

Windham hesitava e, ao deter-se, o major Collett gritou:

— Coronel? Senhor?

— Jack! Aqui!

Collett se aproximou e cumprimentou.

— Não podemos seguir muito mais, senhor. Estamos perdendo muitos homens com aquela metralha de merda.

Windham se voltou para Sharpe.

— Quanto tardará em chegar lá?

Sharpe pensou com rapidez. Não tinha que ir se escondendo, nem pegar o caminho mais longo. Aquele ruído caótico no campo era suficiente para encobrir seus movimentos, assim que se aproximaria do forte tão rápido como se atrevesse.

— Cinco minutos, senhor.

— Então, vá. Escute! — Windham deteve a Sharpe. — Quero um relatório, isso é tudo, me entende? Ver onde estão. Se foram descobertos. Quanto falta para que conseguirem? Entendido?

— Sim, senhor.

— Quero que esteja de volta dentro de dez minutos. Dez minutos, Sharpe. — Virou-se para o major Collett. — Pode avisar-me aos dez minutos?

— Sim, senhor.

— Bem. Em marcha, Sharpe! Depressa!

Passou a correr com seu uniforme camuflado na noite para o forte e o dique. Ia pela, beirando as luzes das granadas incendiárias, dirigia-se para o barranco do Rivillas, rio abaixo, desde o dique. Tinha como obstáculo capim e mato, escorregava no barro, mas se sentia livre, sozinho e livre. A metralha assobiava sobre sua cabeça, disparada do castelo, mas se sentia bem, protegido pelas sombras da noite, e as chamas de mosquete lançadas desde o forte ficavam a sua esquerda. Diminuiu o passo, sabendo que o riacho não podia estar longe, com cautela para o caso de haver patrulhas francesas espreitando no leito. Soltou o fuzil do ombro e estirou para trás a pederneira até que ficasse fixa. A mola era grossa, suficiente. Ia armado, como dizia Hogan? *Cap a pé?* Fosse o que fosse o que significasse, soava bem, e ele sorriu brincalhonamente na escuridão da noite enquanto avançava, agora lentamente, buscando com os olhos a borda do barranco. Tinha puxado bem o chapéu, de maneira que a viseira lhe cobria as chamas do canhão, isso lhe permitia ter uma boa visão noturna, e logo viu uma linha de sombras mais profunda, beirada de arbustos, e percebeu de que havia chegado à margem do riacho. Jogou-se ao chão, avançou arrastando-se e pela borda.

O leito era mais profundo do que havia imaginado. A margem escarpada descia para um resplendor fosco de água a uns cinco ou seis metros. Não se ouvia nenhum ruído do leito, salvo o burburinho da corrente, e não se via sinal algum nem da companhia ligeira nem dos escavadores. Olhou à esquerda. O dique era uma sombra negra próxima ao forte, a apenas cem passos dele, e parecia que estava vazio, em silêncio, aguentando o enorme peso da água.

Arrastou-se pela borda, e deixou que seu peso o deslizasse para baixo entre os espinheiros de longos espinhos, apoiando o fuzil na frente. De repente ouviu um alto.

— Quem vem lá? — Era um burburinho rouco e assustado.

— Sharpe! Quem é?

— Peters, senhor. Graças a Deus que está aqui.

Viu a sombra do homem, agachado debaixo de um arbusto junto à água. Aproximou-se.

— O que se passa?

— Não sei, senhor. O capitão se adiantou, senhor — disse Peters assinalando o dique. — Isso já faz dez minutos, senhor. Deixou-me aqui. Acha que se foram, senhor?

— Não. Fique aqui. — Deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Voltarão por aqui. Tudo sairá bem.

Rymer e os escavadores não podiam estar muito longe, eram tremendamente silenciosos, e Sharpe foi vadeando a corrente, a água lhe chegava aos joelhos, e esperou que lhe mandassem parar. Mandaram a vinte passos do dique, já por debaixo do forte, onde algumas ramas se inclinavam sobre o Rivillas.

— Quem vem lá?

— Sharpe! — Sussurrou ele. — Quem é?

— Hakeswill. — Ouviu-se um risinho abafado. — Veio para ajudar?

Sharpe o ignorou.

— Onde está o capitão Rymer?

— Aqui!

A voz vinha por detrás de Hakeswill e Sharpe empurrou o sargento ao passar, cheirando seu bafo, e viu um lampejo de ouro do uniforme de Rymer.

— O coronel me enviou. Está nervoso.

— Eu também — disse Rymer sem oferecer maiores informações.

— O que se passa?

— A pólvora foi colocada, os escavadores já voltaram e Fitchett está ali por cima. Deveria estar acendendo a mecha!

Rymer estava nervoso e Sharpe entendia. Se o dique explodisse agora, por um erro, a companhia se veria devorada por uma avalanche de água. Ouviram-se passos procedentes da muralha do forte, apenas a nove metros por cima deles, e Sharpe ouviu que Rymer continha a respiração. Os passos não pareciam ter importância. Rymer começou a respirar.

— Oh, céus! Não!

Uma chama vacilante como a de uma vela se apagava e logo se elevava com intensidade e brilho. Com aquela luz Sharpe viu

dois homens, com uniformes azuis, que seguravam uma granada e depois a lançavam por cima do barranco de maneira que caiu despreendendo faíscas dentro do leito do rio. Umas fibras de palha queimada saltaram da granada, esta rodou para um lado do barranco fazendo que as chamas rodassem também até que logo se submergiu na corrente. Emitiu um assobio e as chamas vacilaram ao tentar manter-se no extremo superior e se apagaram. Rymer deixou escapar um larguíssimo suspiro. Sharpe aproximou a boca da orelha de Rymer.

— Onde estão seus homens?

— Alguns aqui. A maioria se foi.

A resposta não servia de grande ajuda. Apareceu outra chama nas muralhas, cresceu como a anterior, e desta vez os franceses a seguraram por mais tempo, de maneira que o fogo acendeu bem na palha oleosa que ardeu como material muito seco e inflamável. Fizeram-no rodar para o outro lado da borda, quicou, lançando faíscas para todos os lados e acendeu um arbusto espinhoso. As ramas crepitaram, as chamas se elevaram e sob essa luz súbita Sharpe viu o tenente dos engenheiros, o tenente Fitchett, agachado e quieto junto a um monte de barris. Os franceses tinham que tê-lo visto!

Mas os franceses não sabiam o que estavam procurando. Receberam ordens de observar o leito do rio e apareceram pela borda para ver estranhas sombras escuras, que é o que se espera ver de noite, mas não viram nenhum movimento, assim que relaxaram. Sharpe distinguia os dois homens claramente. Estavam contentes por estarem longe da fachada do forte, falavam, riam, e ao levantar-se de repente, desapareceram da vista e se ouviu uma ordem como um latido, e supôs que um oficial havia se aproximado da muralha.

Fitchett se moveu. Começou a avançar de quatro para Rymer e Sharpe tentando mover-se sem fazer ruído, mas estava aterrorizado pela granada incendiária; escorregou e caiu na água. Ouviu-se um grito procedente da muralha, de um oficial que se assomava pelas ameias. Fitchett teve a sensatez de ficar imóvel e Sharpe viu que o oficial girava para dar uma ordem. Voltaram a ver

chamas na muralha, uma terceira granada, e Sharpe entendeu que teriam que lutar. Rymer ficou olhando para o alto do forte com a boca aberta.

Sharpe lhe deu um toque no cotovelo.

— Dispare no oficial.

— O quê?

— Que dispare naquele sacana! Tem fuzileiros, não?

Rymer seguia sem se mover, então Sharpe pegou seu fuzil Baker, comprovou com um dedo se havia pólvora na caçoleta e apontou para cima da muralha, por entre os galhos dos arbustos. Rymer acordou.

— Não dispare!

Lançaram a terceira granada por cima da muralha, bem longe, de maneira que quicou no outro lado do leito e se partiu sobre uma rocha. Fitchett a viu e achou que caía sobre si; deu um grito e saltou para a companhia que se mantinha oculta.

— Não grite! — exclamou Rymer dando um golpe no ombro de Sharpe.

Estragara o tiro, assim que retirou o dedo do gatilho. Fitchett caiu sobre os espinheiros e esfregou suas costelas onde havia caído. Acabava de se recordar da mecha e lhe ia seguindo o rastro, mas Sharpe se perguntava se algo tinha caído com o tenente na água. Fitchett olhou ao seu redor freneticamente.

— A lanterna!

Havia uma lanterna escondida nas árvores. Rymer e Fitchett começaram a se olhar, tropeçando um no outro, quando se ouviu o primeiro disparo de um mosquete francês procedente das muralhas e uma bala bateu no tronco de uma das árvores. Fitchett voltou a maldizer.

— Deus! Depressa!

O oficial francês se inclinou sobre o leito, reconhecia as sombras, Sharpe viu de onde vinha o tiro, apertou o gatilho e o homem foi para trás com a cara toda vermelha de sangue; Rymer se ficou olhando para Sharpe.

— Por que atirou?

Sharpe não se incomodou em responder. Fitchett encontrara a lanterna, abriu-a e um raio de luz enfocou os arbustos.

— Rápido! Rápido! — disse Fitchett falando para si. Achou a mecha, pôs a chama no extremo, e esperou que crepitasse. — Para trás! Para trás!

Rymer não esperou para ver que a mecha ardia.

— Para trás! — ia gritando. — Para trás!

Sharpe agarrou a Fitchett.

— Quanto tempo?

— Trinta segundos! Vamos!

Um segundo tiro de mosquete disparou das muralhas, a bala fez um ruído surdo contra a terra e o grupo de homens se precipitou sobre o leito, guiados por Rymer. Todos imaginavam o súbito salto da chama da pólvora, e a torrente de água devastadora.

Os franceses, de repente sem oficial, gritavam pedindo ajuda. Não viam nada à escassa luz das bombas incendiárias; não ouviam nada sob o eco persistente dos disparos de seus mosquetes. Sharpe esperou, observando a luz vacilante da mecha, e escutou o ruído de gente que caminhava sobre as muralhas. A mecha ardia bem, deslizando para o dique, girou e escalou o muro do barranco próximo ao forte e uma voz o deteve.

— Foi um bom tiro.

— Patrick?

— Sim. — Ele falava muito baixo. — Pensei que talvez necessitasse ajuda. — Uma mão agarrou Sharpe pelo pulso e o estirou sem mais contemplações até a borda. — Aquela turma vai muito depressa.

— Se não se afogariam.

Sharpe se agachou contra o tronco de um espinheiro. Tentou calcular quantos segundos passaram desde que Fitchett acendeu a mecha; vinte? Vinte e cinco? Pelo menos ele e Harper estariam a salvo. Estavam acima da margem, do outro lado do fosso pouco profundo que formava ângulo reto com o leito para proteger o pequeno forte. Os franceses gritavam acalorados; Sharpe ouviu o ruído que faziam as baquetas dentro dos canhões dos mosquetes e

uma voz decidida que atravessava o caos. Olhou para o vulto que era Harper agachado na sombra.

— Como vão suas costas?

— Dói um monte, senhor.

Sharpe esperava a explosão, fazia forças contra a terra, imaginava os barris fazendo-se em frangalhos e os pedaços de madeira saltando pelos ares. Deve faltar pouco! Talvez Fitchett tenha posto mais mecha do que acreditava.

A descarga que provinha das muralhas o sobressaltou. Os franceses disparavam para o leito do rio. Sharpe ouvia as balas que quicavam contra os arbustos como se rasgassem um pedaço de percal. Um pássaro grasnou e se elevou na escuridão batendo suas asas negras. Sharpe ouviu pisada de pés aterrorizados corrente abaixo. Harper sorriu com desprezo.

— Como malditas galinhas.

— Que tal ele foi?

Toda a resistência de Harper de criticar Rymer diante Sharpe havia desaparecido. Cuspiu dentro do leito.

— É incapaz de tomar uma decisão, senhor. — Isso é um dos piores crimes no histórico de um soldado; a indecisão mata.

Não houve explosão. Sharpe entendeu que a mecha havia se molhado ou se partira, mas qualquer que fosse a causa, a pólvora estava intacta. Devia ter transcorrido um minuto. Sharpe ouviu que um oficial francês gritava pedindo silêncio. O homem devia estar ouvindo ruídos corrente abaixo, mas Sharpe não ouvia nada. Deram mais ordens. Uma luz apareceu nas muralhas e soube que estavam acendendo mais granadas. Estirou a cabeça e viu três vultos ardendo que caíam dentro do barranco formando um arco e se perguntou se as granadas teriam acendido por casualidade a mecha. Passaram alguns segundos e não se ouviu a explosão. Alguns gritos procedentes do forte. Finalmente descobriram a pólvora.

Sharpe começou a deslizar de costas ladeira abaixo.

— Vamos.

Os franceses gritavam, faziam bastante ruído para encobrir seus movimentos. Tinham pouco tempo. Sharpe pensou no que

faria se fosse o oficial francês e lhe ocorreu que iria buscar água para jogá-la sobre os barris e o que restasse da mecha. Tinha que ver o que restava. Parou de repente e olhou corrente acima. As novas granadas brilhavam ao pé do dique; os barris estavam claramente visíveis, assim como a mecha. Um extremo tinha caído da boca de um barril, o outro tinha caído dentro da água. O fogo havia se apagado. Mesmo sem a água, a mecha seria inútil. Harper estava de cócoras junto dele.

— O que faremos?

— Preciso de dez homens.

— Disso eu me encarrego, e depois?

Sharpe estirou a cabeça para as muralhas.

— Seis para ocupar-se deles e três para atirar aquelas granadas na água.

— E o senhor?

— Dê-me uma. — Começou a carregar o fuzil na escuridão, não se incomodou em usar o pedaço de couro que envolvia a bala e empunhou as sete ranhuras do cano de seu fuzil Baker. Cuspiu na bala e a atacou. — Estamos prontos?

— Sim, senhor — respondeu Harper sorrindo. — Acredito que isto é trabalho para os fuzileiros.

— Por que não, sargento? — respondeu Sharpe com um sorriso brincalhão.

Maldito Rymer! Maldito Hakeswill e Windham e Collett e toda a gente nova que havia perturbado o batalhão! Sharpe e seus fuzileiros tinham lutado desde a costa do norte da Espanha descendendo para Portugal, depois outra vez rio Douro abaixo: Talavera, Almeida e Fontes de Oñoro. Conheciam-se, confiavam uns nos outros. Sharpe fez um sinal para Harper com a cabeça.

O sargento, tal como Sharpe pensara, fez megafone com as mãos.

— Fuzileiros! A mim! Fuzileiros!

Ouviram-se gritos procedentes das muralhas e se viram rostos assomando-se pelas ameias. Sharpe seguia com as mãos na boca gritando:

— Companhia; linha de atiradores! — Isto deveria fazer que se divertissem, mas obedeceriam às antigas vozes?

Os mosquetes disparavam do forte, as balas arrancavam os arbustos, e Harper voltou a gritar: “Fuzileiros!”.

Ouviram-se pisadas barranco acima. Um oficial gritou da muralha e Sharpe ouviu o ruído das baquetas de aço dentro dos canos das armas francesas.

— Já vêm, senhor!

Certamente que vinham! Eram seus homens. Apareceram as primeiras sombras com uniforme escuro e sem os cinturões cruzados dos casacas-vermelhas.

— Diga-lhes o que devem fazer, sargento. — Lançou o fuzil carregado para Harper e sorriu. Era como nos velhos tempos, os bons tempos. — Lá vou.

Podia confiar o restante a Harper. Saiu ao descoberto das árvores e correu corrente acima, iluminado pelos lampejos das luzes. Os franceses o viram e ele ouviu que se davam ordens. O terreno estava molhado e escorregadio, salpicado com rochas lisas; uma vez patinou violentamente, sacudiu os braços buscando o equilíbrio, e ouviu o assobio das balas de mosquete que lhe disparavam. Para os franceses era um disparo difícil, quase diretamente para baixo, e se apressavam demais. Ouviu Harper atrás dele, dando ordens, e depois o disparo característico dos fuzis Baker. Ele ia seguindo a mecha branca. A grande ladeira de terra do dique estava em cima dele aguentando toneladas de água. As balas quicavam na ladeira, mas Sharpe se lançou ao pé dos barris. A mecha havia se soltado e ele a empurrou até o interior do buraco, a pólvora arenosa resistia. Faltava a tampa! Olhou ao seu redor, procurando não precipitar-se. O maldito traste tinha desaparecido. Tentou afrouxar uma de outro barril, mas estava bem apertada. Então pensou em usar uma pedra e, apalpando com a mão, encontrou uma e a introduziu dentro do buraco. Uma bala de mosquete lhe rasgou a manga, sua pele ardeu, mas atrás dele a luz ia desaparecendo, pois seus fuzileiros não deixavam de disparar dando chutes nas granadas, que caíam na água. Seguiam disparando e ele se dava conta que eram muitas vozes as que

gritavam. Havia acabado, a mecha estava presa; ele se afastou andando para trás, empurrando a linha branca para longe da água. Não tinha fogo! Deu meia volta e viu uma bomba incendiária ardendo na outra margem. Deu um salto até ela, as balas golpeavam de cima, uma acertou a granada e esta saltou como se fosse um ser vivo. Seus fuzileiros deviam estar recarregando.

— Cubram-no! — Soou a voz de Harper com clareza.

Havia casacas-vermelhas no barranco, corriam e se ajoelhavam, apontavam para cima. Sharpe viu que o novo alferes se movia excitado com a espada desembainhada. Depois os mosquetes dispararam e as balas limpavam de gente as muralhas. Sharpe viu seus fuzileiros que voltavam a avançar com as armas carregadas.

Ia se queimar; não tinha escolha. A bomba incendiária ardia em chamas e ele se inclinou, pegou-a pela base, sentia seu calor. Uma rocha, atirada do forte, bateu na palha que lhe saltou ao rosto, ardendo, ardendo. Ele girou completamente chamuscado, aguentou o terrível calor e pelo canto do olho viu, uma chama amarela, enorme e bem definida, que partia como um punhal do barranco para ele. Teve um espasmo, eram balas que o atingiam, mas não acreditava e lançou a bomba para a mecha.

Tentou correr. Sentia pontadas de dor na perna, e tropeçou. Lançara-a muito longe. Ia cair. Recordou-se então daquela massa em chamas que tinha caído muito perto da pólvora, a chama amarela que parecia provir de um lado do barranco. Nada fazia sentido; mas então a noite se fez dia.

Chama e luz, estrondo e calor, uma explosão ensurdecadora, como um forte redobre, clamou por toda parte de maneira que os homens que nas trincheiras britânicas escavando as novas baterias viram a frente do baluarte de São Pedro iluminado pelas chamas. Todo Badajoz, desde o castelo até o baluarte Trindade, iluminou-se e o forte do dique se perfilou negro contra a cortina vermelha que se levantou de golpe vomitando fumaça e entulhos para a noite. A explosão foi menor que a que tinha destruído a cidade de Almeida, mas poucos homens vivos a conheceram, enquanto que esta tinha

testemunhas aos milhares observando como a noite escura se abria com o fogo, e sentiam o vento quente como uma bofetada.

Sharpe foi impelido para frente, lançado de golpe na água, machucado, surdo pela explosão, cego pelo resplendor das chamas. A corrente de água lhe salvou a vida e ele lamentou, pois sabia que em poucos segundos a água o esmagaria, e se não, pelas toneladas de terra e rocha que lhe cairiam em cima. Não fora sua intenção lançar a bomba tão longe como o fez, mas se zangara com as chamas, fora atingido por uma bala, e lhe doía, lhe doía. Não conheceria sua filha. Pensou que a morte chegaria lentamente e tentou mover-se como se a salvação estivesse em sair arrastando-se do peso da água que lhe cairia.

O calor percorria de cima abaixo o barranco. Os mosquetes não disparavam da muralha. A explosão tinha feito os franceses se retirarem do parapeito, aturdidos pelo estrondo que ressoava como um eco pelas amplas muralhas da cidade: retumbava na planície e morria na noite. Harper endireitou Sharpe.

— Vamos, senhor.

Sharpe não o ouvia.

— O quê? — estava aturdido, sem sentido.

— Venha! — Harper o arrastou corrente abaixo, para longe do forte, longe do dique que seguia em pé. — Foi atingido?

Sharpe se movia automaticamente, tropeçando nas pedras, afastando-se. Tentou girar para olhar o dique.

— Continua lá.

— Sim. Ele aguentou. Venha!

Sharpe se soltou.

— Ele aguentou.

— Já sei! Venha!

O maldito dique seguia em pé! Alguns fragmentos em chamas iluminavam o muro chamuscado com mais buracos que uma peneira devido à explosão, mas intacto.

— Aguentou!

Harper puxou Sharpe.

— Venha! Pelo amor de Deus, mova-se!

Havia um corpo aos pés de Sharpe e ele olhou para baixo. O alferes novo. Como se chama? Não se recordava, mas o garoto estava morto. Inutilmente morto!

Harper o puxou corrente abaixo até a proteção das árvores, arrastando com a outra mão o corpo de Matthews. Sharpe cambaleava, a dor lhe subia pela perna e as lágrimas lhe queimavam o rosto. Havia sido lamentavelmente um desastre total. O garoto estava morto e não precisava ter sido assim, e tudo porque Sharpe tentara provar que era algo mais que um menino de recados ou um encarregado da bagagem. Sharpe sentia como se tivesse algum destino malévolos que houvesse decidido destroçar seu orgulho, sua vida, todas suas esperanças; e, para piorar, para fazer o fracasso mais completo, o destino lhe mostrara algo pelo que valia a pena viver. Teresa teria ouvido a explosão, estaria inclusive embalando sua filha, mas Sharpe, tropeçando e caindo, sentiu que nunca chegaria a ver à menina. Nunca. Badajoz o mataria, assim como matara o menino, assim como ia matando tudo o que ele conseguira e pelo que lutara durante seus dezenove anos de soldado.

— Seus sacanas estúpidos! — Hakeswill apareceu na escuridão, com sua voz desagradável como o coaxar das milhares de rãs que viviam corrente acima. Sorriu-lhes com desprezo e deu um soco em Harper. — Seu sacana, irlandês! Mova-se! — empurrava-os com os canos da arma pesada e Harper, que seguia ajudando a Sharpe, cheirou a pólvora queimada dos sete canos. Tinha disparado a arma, Harper se recordava vagamente, tinha pouco mais que uma impressão de que as balas surgindo do barranco tinham abatido em Sharpe. Harper girou buscando Hakeswill, mas o sargento tinha sumido na noite e Sharpe, com a perna sangrenta e dolorida, era prioridade, pelo que o irlandês tinha que aguentá-lo e arrastá-lo ladeira acima.

Suas palavras se viram afogadas por um repentino clamor de sinos. Todos os sinos de Badajoz, de todas as igrejas, ressoaram na escuridão e durante alguns segundos Harper pensou que estavam celebrando o fracasso da luta daquela noite. Então se recordou. Havia passado a meia-noite e agora já era domingo, Domingo de

Páscoa. Os sinos se regozijavam pelo maior de todos os milagres. Harper escutava o repique e fez uma promessa muito pouco cristã. Ele faria seu próprio milagre. Mataria o homem que tentara matar Sharpe. Ainda que fosse a última coisa que fizesse na terra, mataria o homem que não podia morrer. Bem morto.

CAPÍTULO 19

— Fique quieto! — murmurou o doutor, nem tanto para Sharpe, que se mantinha rígido, mas porque sempre dizia aquela batologia quando estava operando. Girou a sonda que tinha nos dedos e ficou olhando-a, depois a limpou em seu avental antes de introduzi-la com delicadeza na ferida que Sharpe tinha na coxa. — Está bem ferido, senhor Sharpe.

— Sim, senhor. — Sharpe assobiou as palavras. Sentia na perna como se uma serpente com dentes estivesse lhe rasgando ao vermelho vivo.

O doutor grunhiu, empurrou.

— Ah! Estupendo! Estupendo! — o sangue manava da ferida. — Já a tenho. — Empurrou, sentindo a bala no extremo da sonda.

— Jesus!

— Uma verdadeira ajuda quando se têm problemas. — O doutor disse estas palavras automaticamente. Endireitou-se e deixou a sonda na ferida. — O senhor é um homem de sorte, senhor Sharpe.

— Sorte, senhor? — Tinha a perna ardendo, dolorida do tornozelo até a virilha.

— Sorte. — O doutor pegou um copo de clarete que sua ordenança sempre mantinha cheio e olhou fixamente a sonda. — deixá-la ou não deixá-la, essa é a questão. — Deu uma olhada para Sharpe. — O senhor é um sacana muito são, eh?

— Sim, senhor — saiu-lhe como um gemido.

O doutor sorveu o nariz. Seu resfriado não havia melhorado desde que surraram Harper.

— Ela podia ficar aí dentro, senhor Sharpe, mas eu acho que não. Tem sorte. Não está profunda. A bala deve ter perdido muito de sua força. — Olhou atrás dele e selecionou um par de pinças compridas e finas. Examinou as pontas estriadas, viu algo sujo e cuspiu no instrumento, secando-o com a manga. — Bem! Fique quieto, pense na Inglaterra! — Introduziu as pinças na ferida, seguindo o caminho da sonda, enquanto isso Sharpe ia lhe sussurrando imprecações às quais o doutor não fazia caso. Notou a bala, extraiu a sonda, voltou a empurrar com as pinças e apertou o cabo. — Estupendo! Um pouco mais! — Retorceu-a, Sharpe sentia a perna explodindo de dor. O doutor extraiu as pinças e as deixou cair, com a bala entre suas mandíbulas, sobre a mesa que tinha atrás dele. — Estupendo! Nelson deveria ter me conhecido. Bem. Enfaixe-o, Harvey.

— Sim, senhor.

A ordenança soltou os tornozelos de Sharpe e futucou por debaixo da mesa buscando uma bandagem limpa.

O doutor pegou a bala que ainda estava nas pinças e sacudiu o sangue num balde com água.

— Ah! — Levantou a bala. — Uma bala de pistola! Não é de estranhar que não penetrasse. A distância deve ter sido grande. Quer ela?

Sharpe concordou com a cabeça e estendeu a mão. Não era uma bala de mosquete. A bala media apenas meia polegada de largura e Sharpe se lembrou da chama amarela. A arma de sete canos utilizava balas de meia polegada.

— Doutor?

— Sharpe?

— A outra ferida. A bala ainda está dentro?

— Não. — O doutor estava limpando as mãos no avental, já esticado de sangue. Era um sinal de antiguidade em sua profissão. — Passou direto, Sharpe, apenas arranhou a pele. — ofereceu-lhe um copo de conhaque.

Sharpe bebeu e se jogou para trás sobre a mesa enquanto a ordenança lavava sua perna e a vendava. Não sentia uma ira especial por Hakeswill haver tentado matá-lo, apenas curiosidade e

gratidão por ter sobrevivido. Certamente não estava surpreso. Se ele estivesse disparando seu fuzil, e visse Hakeswill, teria apertado o gatilho e enviado o sargento ao diabo, e tudo sem pensar duas vezes. Olhou para o doutor.

— Que horas são, senhor?

— De madrugada, Sharpe, de madrugada. A madrugada de Páscoa, quando todos os homens deveriam regozijar-se. — Espirrou fortemente. — Deveria levar as coisas com calma.

— Sim, senhor.

Desceu as pernas da mesa e pôs as calças de montar. Havia um buraco nos reforços de couro do interior da coxa direita por onde lhe havia entrado a bala. O doutor olhou o buraco e começou a rir.

— Três polegadas mais acima e teria ficado por último na fila.

— Sim, senhor. Muito divertido. — Llevantou-se e viu que a perna aguentava seu peso. — Obrigado, senhor.

— De nada, Sharpe, em todo caso por minha pouca destreza e humilde trabalho. Meia garrafa de rum e voltará a saltar como um cordeiro. Uma honra para o corpo médico e o dos boticários, do qual sou um membro obediente. — Abriu a tenda de campanha. — Venha ver-me se tiver que cortar um membro.

— Não irei ver mais ninguém.

As tropas que estiveram de sentinela já haviam se retirado dos postos de guarda, tinham empilhado suas armas, e estavam dando conta de um pobre desjejum. Os canhões trabalhavam sem descanso, disparando agora para os baluartes de Santa Maria e Trindade. Sharpe imaginava a fumaceira sobre o açude. Maldita pólvora! A quantidade de pólvora necessária tinha sido calculada muito abaixo, se não Sharpe, Harper e os fuzileiros seriam heróis esta manhã. Tal como foram as coisas, eram uns párias. Haveria problemas, Sharpe pressentia. O fracasso da noite requeria bodes expiatórios.

Os sinos da cidade tocavam a glória. Páscoa. Sharpe foi coxeando até seu refúgio quando viu a sua direita um grupo de mulheres portuguesas ou espanholas das que seguiam o exército que recolhiam florzinhas brancas da margem de um canal. A

primavera suavizava a paisagem. Logo abriria os caminhos e os rios para os exércitos franceses. Sharpe se perguntou se era imaginação sua ou os canhões estavam disparando hoje a um ritmo mais rápido. Martelavam com canhonaços uma cidade que os britânicos tinham de tomar se quisessem levar a guerra até o coração da Espanha. Os canhões de Badajoz podiam ser ouvidos em Alcántara ou Cáceres, e ao leste em Mérida, onde as vanguardas britânicas vigiavam as estradas desertas esperando um exército de ajuda francês e escutavam o retumbar do trovão distante. Os canhões presidiram os ofícios de Páscoa, levando os pensamentos da gente que estava na catedral para longe das celebrações. O altar-mor resplandecente com seu revestimento branco e dourado, a Virgem adornada com magníficas roupas enfeitadas, mas o retumbar dos canhões levantava poeira da cornija alta que circundava o interior da catedral e o peneirava para as estações da via-crúcis. As mulheres rezavam, passavam as contas do rosário, mas os canhões seguiam anunciando um assalto sangrento. Badajoz sabia o que ia acontecer; a cidade se recordava bem de outros assédios quando os mouros e os cristãos se revezaram massacrando a cidade.

Rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte.

— Sharpe! — O major Collett, cansado e irascível, gesticulava da tenda de Windham.

— Senhor?

— Como está a perna? — A voz mostrava uma espécie de rancor.

— Dói.

— O coronel quer vê-lo — disse Collett sem mostrar pena.

A luz era amarelada dentro da tenda, a lona dava ao rosto de Windham um tom de icterícia. Cumprimentou Sharpe com a cabeça, uma saudação nada hostil, e lhe apontou um caixote de madeira.

— É melhor que se sente.

— Obrigado, senhor. — Sentia pontadas de dor na virilha. Tinha fome.

Collett entrou atrás de Sharpe e fechou a tenda. O major era baixo o suficiente para permanecer de pé sob o cavalete. Durante alguns segundos se fez silêncio e Sharpe se surpreendeu que de

repente Windham estivesse incômodo. Sentia pena do coronel. Windham não tinha culpa de Rymer ter comprado a patente, ele não escolhera suceder a Lawford e para Windham, pelo pouco que Sharpe sabia dele, parecia um tipo bastante decente. Levantou a vista para o coronel.

— Senhor?

Sua palavra rompeu o silêncio. Windham gesticulou irritado.

— A noite passada, Sharpe. Uma lástima.

— Sim, senhor.

Fosse o que fosse o que significava, era tristeza para o coronel. O dique que não havia explodido? A morte de Matthew?

— O general está desapontado. Não conosco. Nós cumprimos nosso dever. Levamos a pólvora ao dique e a acendemos, mas não havia pólvora suficiente. Tem que culpar os engenheiros, não a nós.

— Sim, senhor.

Sharpe sabia que Windham estava divagando. Não fizera Sharpe ir à tenda para lhe dizer isso. Collett tossiu e o coronel aclarou a voz.

— Parece que houve certo caos no dique, Sharpe, é verdade?

O comentário tinha de vir do capitão Rymer, pensou Sharpe, assim que deu de ombros.

— Os ataques noturnos são propensos à confusão, senhor.

— Já sei, Sharpe, já sei. Maldito seja, homem. — O fuzileiro deixava Windham nervoso, o coronel recordava seu primeiro encontro em Elvas, quando sentiu o mesmo receio a ir direto ao ponto. Deu uma olhada para Sharpe. — Eu o enviei para que me trouxesse notícias, nada mais, não é assim?

— Sim, senhor.

— Em troca você usurpou a autoridade de Rymer, organizou um ataque, provocou os franceses e um de meus oficiais morreu.

Sharpe sentiu-se ficando furioso e se conteve. Não fez caso do comentário a respeito de Matthews.

— Provocar os franceses, senhor?

— Maldito seja, homem, disparou neles!

— O capitão Rymer lhe disse isso, senhor?

— Não estou aqui para discutir com você! Disparou ou não?

— Respondi ao seu fogo, senhor.

Silêncio. Era óbvio que Rymer havia explicado uma história diferente. Windham deu uma olhada para Collett, que deu de ombros. Os dois homens acreditavam em Sharpe, mas tinham que respaldar a autoridade de Rymer. Windham mudou de tática.

— Contudo, desobedeceu minhas ordens.

— Sim, senhor.

De novo silêncio. Windham não esperava aquela resposta, ou talvez esperasse alguma desculpa. Sharpe simplesmente admitia sua desobediência. Mas perguntar o porquê era um convite para criticar Rymer e o coronel não queria ouvi-lo. Olhou para Sharpe. O fuzileiro parecia asquerosamente seguro. Encontrava-se sentado, aparentemente despreocupado. O rosto duro, com uma cicatriz, mostrava uma competência e uma honradez que desarmavam ao coronel. Windham sacudiu a cabeça.

— Maldito seja, Sharpe, Rymer está em uma situação insuportável. Tenta estabelecer sua autoridade sobre uma companhia e está sendo difícil porque você anda em seus calcanhares.

Collett se moveu, em sinal de desaprovação, mas Sharpe concordou com a cabeça lentamente.

— Sim, senhor.

— Os fuzis, por exemplo.

Sharpe sentiu um estremecimento de alarme.

— Os fuzis, senhor?

Collett interrompeu, com voz áspera.

— Rymer é de opinião que são os responsáveis pelas baixas da noite passada. Carregam muito lentamente e na noite passada nos falharam. Os mosquetes teriam sido mais rápidos, mais efetivos.

Sharpe consentiu.

— Verdade, mas só na noite passada.

— Bem, essa é sua opinião. Rymer não está de acordo. — Collett fez uma pausa. — Mas Rymer é que comanda a companhia.

— A qual deve comandar como melhor julgue conveniente — Seguiu Windham. — O que significa que os fuzis terão de

desaparecer.

Sharpe, pela primeira vez, levantou a voz.

— Necessitamos de mais fuzis, senhor, não de menos.

— Isto é precisamente do que estou falando! — Windham também alçou a voz. — Você não pode mandar na companhia ligeira. E sim, outro homem!

Que era Rymer. A ira de Sharpe se apaziguou. Estava sendo castigado não por um fracasso seu, mas pelo de Rymer: os três homens o sabiam.

Desenhou um sorriso forçado.

— Sim, senhor.

Outra vez silêncio. Sharpe sentia que ainda restava algo por dizer, algo que o coronel evitava, e ele já havia tido bastante. Facilitaria as coisas, acabaria com a maldita entrevista.

— E o que acontece agora, senhor?

— O que acontece? Seguimos, Sharpe, seguimos! — Windham estava evitando a resposta, mas seguiu. — O major Hogan falou conosco. Estava preocupado. — O coronel fez uma pausa. Entrara em um terreno errado, mas Sharpe podia supor o que tinha ocorrido. Windham queria se livrar de Sharpe, pelo menos de momento, e Hogan havia concebido uma forma que Windham hesitava em mencionar.

— Sim, senhor?

— Ele gostaria de contar com sua ajuda, Sharpe. Ainda que seja por poucos dias. Os engenheiros estão com falta de mão-de-obra, sempre estão, malditos sejam! E pediu sua ajuda. E eu lhe disse que sim.

— Então, vou deixar o batalhão, não, senhor?

— Durante alguns dias, Sharpe, durante alguns dias.

Collett se agitou junto à estaca da tenda.

— Maldito seja, Sharpe, logo vão repartir cargos de capitão como notas de uma libra num dia de eleições.

Sharpe assentiu.

— Sim, senhor.

Collett havia lhe dito. Sharpe era um estorvo, não só para Rymer, mas para todos os capitães que o viam cheirando seus

calcanhares. Caso se fosse do batalhão agora, se fosse com Hogan, não teria nenhuma dificuldade para voltar, depois do assalto, com a patente de capitão. E o assalto teria lugar logo. Wellington não era paciente ante um assédio. O bom tempo trazia a possibilidade de um contra-ataque francês, e Sharpe pressentia que a infantaria seria lançada contra a cidade muito cedo. Muito em breve, provavelmente. Collett tinha razão; surgiriam vagas, muitas, provocadas pelos canhões franceses de Badajoz.

Parecia que Windham se sentia aliviado com a aprovação de Sharpe.

— Isso é tudo, Sharpe. Boa sorte; boa caça! — Soltou um riso incômodo. — Logo o veremos de volta!

— Sim, senhor.

Mas não da maneira que Windham planejava, pensou Sharpe. O fuzileiro, enquanto saía coxeando da tenda, não se opôs à solução do coronel, ou seja, à solução de Hogan, mas estava condenado se não fosse nada mais que um peão a ser deslocado pelo tabuleiro e sacrificado. Perdera sua companhia e agora o tiravam do batalhão, e sentiu raiva por dentro. Era inútil. Malditos todos eles. Iria com o pelotão suicida. Viveria e o trariam de volta, não substituindo adequadamente a um capitão morto, mas como um soldado do qual não podiam prescindir. Resistiria! Malditos, todos! Resistiria. Sabia por onde ia começar. Ouviu um riso agudo que provinha do depósito de suprimento do batalhão. Hakeswill! O Hakeswill de merda que descarregara sobre ele a arma de sete canos na escuridão. Sharpe virou na direção do som, fez uma careta de dor ao magoar a perna e andou para o inimigo.

CAPÍTULO 20

Hakeswill deixou escapar um risinho agressivo.

— Vocês, maricas de merda, não são soldados. Quietos!

Os doze fuzileiros ficaram quietos. Todos juntos e cada um por sua conta teriam matado com muito gosto ao sargento, mas não ali, não no depósito de víveres que era aberto aos olhares de todo o acampamento. O crime tinha de ocorrer de noite, em segredo, mas não se sabe como dava a sensação de que Hakeswill sempre estava acordado, olho aberto ao mínimo ruído. Talvez tivesse razão, não podia ser morto.

Hakeswill caminhava lentamente pela fila. Todos os homens estavam nus da cintura para cima, as casacas verdes no chão diante deles. Parou junto de Hagman, o velho caçador furtivo, e empurrou a casaca com o pé.

— E isto, o que é? — Com o pé indicava o galão negro costurado na manga.

— O galão de fuzileiro veterano, sargento.

— O galão de fuzileiro veterano, sargento — repetiu Hakeswill imitando Hagman. Seu rosto amarelo se contraiu. — Um decrépito de merda, isso é o que é! — Empurrou a manga até o barro. — Um fuzileiro veterano de merda! A partir de agora é um soldado de merda! — Soltou seu risinho agudo deixando que seu bafo fétido varresse o rosto de Hagman. — O fuzileiro não se moveu nem reagiu; fazê-lo teria sido convidá-lo a um castigo. A cara de Hakeswill se encrespou e seguiu. Sentia-se orgulhoso de si mesmo.

Os fuzileiros o chateavam porque parecia que formavam um grupo de elite, um grupo compacto, e gostaria de esmagá-lo.

Sugerira a Rymer, enquanto andavam perdidos de volta do dique, que os fuzis eram um estorvo; ele havia insinuado que Rymer poderia começar a mostrar sua autoridade sobre a antiga companhia de Sharpe dispersando os fuzileiros, e tinha funcionado.

— Você! Meia volta, volver! Você, porco irlandês! Volver! — Sua saliva polvilhou Harper.

Harper vacilou durante uma fração de segundo e viu que um oficial estava olhando. Não tinha vontade de acabar seus dias diante de um pelotão de execução. Girou.

Hakeswill desembainhou sua baioneta.

— Como vão suas costas, soldado?

— Bem, sargento.

— Bem, bem — repetiu Hakeswill imitando o sotaque de Donegal. — Isso é bom, soldado. — Pôs a parte plana de sua baioneta nas costas de Harper e foi descendo a folha sobre os cortes ainda não cicatrizados, sobre as crostas, das quais vazou sangue que manchou a camisa. — Sua camisa está suja, soldado, uma camisa irlandesa suja.

— Sim, sargento. — Harper não mostrou sua raiva. Havia prometido que mataria aquele homem e o faria.

— Lave-a! — Hakeswill guardou a baioneta. — Meia volta, Volver!

Os doze fuzileiros observavam o sargento. Estava louco, não havia dúvida. Nos últimos dias adquirira um novo costume, sentava-se sozinho, tirava o chapéu e falava ao interior. Falava com o chapéu como se fosse um amigo. Explicava-lhe seus planos e seus desejos, como encontraria Teresa; seus olhos davam uma espiada na companhia para pegar alguém olhando enquanto o escutavam. Então soltava seu risinho. “Será minha”. Seus olhos voltavam ao interior gorduroso do chapéu. “A bela dama será minha, oh sim, Obadiah a fará sua!” Hakeswill passeou com passo majestoso diante dos doze.

— Agora usarão casacas vermelhas, não o verde de merda. Usarão mosquetes, não esses brinquedos! — Fazia gestos para os doze fuzis amontoados junto a um cofre sem fechar. Começou a rir. — Serão soldados de verdade como o sargento Hakeswill, seu

amigo, como eu. — Soltou seu risinho. — Vocês me detestam, não é assim? — A cara se retorceu. — Isso me agrada. Porque eu lhes odeio! — tirou o chapéu, olhou em seu interior e sua voz se tornou lamurienta, obsequiosa. — Odeio, de verdade que os odeio. — Levantou a vista e sua voz voltou ao normal. — Acham que estou louco. — Começou a rir. — Não é assim? — Viu que os olhos deles vacilavam e viravam para a direita. O sacana de Sharpe se aproximava coxeando. Hakeswill pôs o chapéu e cumprimentou.

— Tenente, senhor.

Sharpe lhe devolveu o cumprimento.

— Sargento — disse com voz educada. — Faça descansar aos homens.

— Porém, senhor, tenente, senhor...

— Descanso, sargento.

Hakeswill encrespou a face. Não podia lutar contra Sharpe mediante a hierarquia formal, apenas podia fazê-lo nos obscuros becos do ódio.

— Senhor!

Girou para os fuzileiros.

— Destacamento! Em seu lugar, descansar!

Sharpe olhou para os fuzileiros, seus fuzileiros, os homens que comandara desde La Corunha, e viu refletida a infelicidade em seus rostos. Além de suas casacas verdes os estavam despojando de seu orgulho. Agora tinham que receber outro susto. Odiava fazer discursos, sua língua travava, isso não era para ele.

— Venho agora mesmo da tenda do coronel e, bem, vou deixar o batalhão. Hoje mesmo. — A expressão de seus rostos se converteram em algo próximo ao desespero. — Queria ser eu a lhes dizer. Sargento!

Hakeswill, alvoroçado com a notícia, deu um passo adiante, mas viu que Sharpe estava falando com Harper. Hakeswill se deteve. Pressentia algum tipo de perigo no ar, mas não podia precisá-lo.

— Senhor? — A voz de Harper era tensa.

— Recolha as casacas verdes. Traga-as aqui. — Sharpe falava com acalma, quase indiferente, o único homem que parecia não

perceber a tensão era ele.

— Tenente!

Sharpe girou.

— Sargento Hakeswill?

— Minhas ordens são para levar as casacas, senhor.

— Onde, sargento?

Hakeswill iniciou um risinho.

— Para os artilheiros, tenente. Para que as usem como escovilhão.

— Eu lhe pouparei deste incômodo, sargento — disse Sharpe com voz quase amistosa. Girou para partir e esperou que Harper trouxesse as casacas. — Ponha-as aqui. — Assinalou o solo, ao seu lado.

Harper se inclinou. Recordou as palavras loucas de Hakeswill, falando ao interior do chapéu. Harper estava seguro do que significavam e tentou prevenir a Sharpe.

— Ele vai atrás de Teresa, senhor. Sabe onde está. — Sussurrou a meia voz, seguro de que Sharpe entenderia, mas o rosto do oficial permaneceu calmo e relaxado. Harper não sabia se tinha falado muito baixo.

— Senhor?

— Já o ouvi, sargento, e obrigado. Volte para a fila.

Sharpe seguia sem reagir, sorria para os doze homens.

— Estivemos juntos durante sete anos, e eu não acredito que isto seja o final. — Seus rostos mostraram certa esperança. — Mas se for assim, quero lhes agradecer. São bons soldados, bons fuzileiros, os melhores. — Agora seus rostos refletiam uma expressão de alegria, mas não olhava para eles, nem para Hakeswill, aproximou-se do cofre com as armas e pegou um fuzil ao acaso. Levantou-o no ar. — Sinto por perderem isto. Mas lhes prometo uma coisa. Eles lhes serão devolvidos, assim como as casacas.

Eles sorriram, Hakeswill soltou seu risinho agressivo e olhou o rosto de Sharpe. Sharpe olhava fixamente, com horror, segurando o fuzil. Levantou a vista para Hakeswill.

— Sargento?

— Tenente, senhor?

— De quem é este fuzil?

— Fuzil, senhor? Não sei, senhor. — Suas feições se encresparam. Sentia como uma ameaça.

— Está carregado, sargento.

— Carregado, senhor? Não pode ser, senhor.

— Você comprovou?

Hakeswill hesitou. Seu poder residia em uma atenção meticulosa aos detalhes militares, mas em sua ânsia de despojar os casacas-verdes, não havia inspecionado os fuzis. Sua mente resolveu o problema e ele sorriu.

— Ainda não, tenente, senhor. Mas ainda não estão na arca, senhor, não é mesmo? Vou revisá-los dentro de um minuto. — Seu rosto se encrespou, os olhos azuis pestanejavam enquanto tentava, inutilmente, controlar o rosto.

Sharpe sorriu, ainda era cortês.

— Vou poupá-lo do trabalho, sargento.

Deixou o primeiro fuzil com cuidado, e pegou os outros, um a um, e com cada um apontava para o avultado ventre de Hakeswill. Levantou cada pederneira, apertou cada gatilho, a cara de Hakeswill se contraía a cada operação. Os olhos de Sharpe seguiram fixos no rosto do sargento, mesmo quando se inclinou para pegar outro fuzil, e viu o espasmo e o alívio cada vez que a chama morria em uma caçoleta vazia. Os fuzileiros, humilhados pelo sargento sorriam brincalhões ao perceber o medo no rosto de Hakeswill, mas seguiam preocupados com ele. Era o homem ao qual não se podia matar e Sharpe sabia que seu nervosismo se dissiparia. Meteu o último fuzil na arca e, com o mesmo cuidado que o punha, pegou o primeiro. Hakeswill olhou fixamente para Sharpe enquanto este puxava a pederneira, passava o meio percussor, ouvia-se o estalido. O sargento mordeu os lábios, teve uma contração na face e dirigiu os olhos para o rosto de Sharpe, depois voltou a olhar para o cano da arma que estava apontando para sua barriga.

Sharpe caminhou lentamente para Hakeswill.

— Não lhe podem matar, não é assim? — Hakeswill assentiu com a cabeça, procurou sorrir, mas o cano apontava para ele. Sharpe caminhava lentamente. — Tentaram enforcá-lo e o senhor sobreviveu, não é assim? — Hakeswill voltou a concordar com a cabeça, com uma expressão em sua boca. Sharpe mancava por causa da ferida de bala na coxa. — Vai viver para sempre, sargento? — Um dos fuzileiros riu dissimulado; e Hakeswill deu uma olhada para ver quem tinha sido, mas Sharpe levantou o cano subitamente e o movimento atraiu seus olhos. — Vai viver para sempre?

— Não sei, senhor.

— Não, "tenente", senhor. Você perdeu a língua, Hakeswill?

— Não, tenente, senhor.

Sharpe sorriu. Estava muito perto do sargento e o fuzil apontava para o queixo de Hakeswill.

— Eu acho que vai morrer, sargento. É necessário que lhe diga por que?

Seus olhos azuis e infantis se dirigiam para a direita e esquerda como se buscassem ajuda. Hakeswill esperava que o atacassem de noite, nas sombras, mas nunca sob a brilhante luz do dia entre centenas de testemunhas potenciais. Contudo ninguém prestava atenção! O fuzil se sacudiu e lhe tocou a pele suada.

— Senhor!

— Olhe-me, sargento. Vou lhe revelar um segredo.

Hakeswill olhou para Sharpe, os olhos fixos no outro.

— Senhor?

Os fuzileiros observavam e Sharpe falava claramente para eles.

— Eu acho, sargento, que ninguém quer matá-lo. Salvo. — Falava lentamente, como se o fizesse a um menino. — Salvo, sargento, alguém a quem o senhor tenha tentado matar, e que não tenha conseguido. — O medo era óbvio no rosto suado e pálido do sargento. — Conhece alguém assim, sargento?

Seu rosto se contorceu, sacudiu e o fuzil se voltou a levantar de uma sacudida contra seu queixo.

— Não, senhor!

— Bem! — O ponto de mira do Baker era frio e repousava contra a pele de Hakeswill. Sharpe baixou a voz de maneira que apenas o sargento pudesse ouvir. — Você é homem morto, Obadiah. A mágica desapareceu. — De repente gritou: — Bang!

Hakeswill recuou de um salto sobressaltado, deixou escapar um grito patético como a lamúria de um menino e tropeçou na grama. Sharpe riu dele, apontou a arma e disparou o gatilho em uma caçoleta vazia, descarregada. Hakeswill caiu estendido sobre a grama, com a cara de assassino, mas Sharpe virou se afastando dele para seus fuzileiros, que riam zombando.

— Silêncio!

Ficaram firmes de repente. Sharpe voltou a lhes falar, mas desta vez sua voz era incisiva.

— Lembrem, eu lhes fiz uma promessa. Vou lhes devolver os fuzis e suas casacas, e voltarão a me ter! — Não sabia como ia fazê-lo, mas o faria. Voltou-se para o sargento e assinalou para a arma de sete canos que pendia do ombro de Hakeswill. — Dê-me isso!

Hakeswill lhe entregou docilmente e Sharpe pendurou-a no ombro junto a seu fuzil. Desceu o olhar para o sargento.

— Voltarei, sargento. Recorde-se.

Pegou as casacas que formavam um volume pesado e pôs debaixo do braço. Depois se foi mancando. Sabia que Hakeswill se vingaria nos fuzileiros, mas também sabia que o sargento fora humilhado, mostrara-se vulnerável e a companhia, a companhia de Sharpe, tinha muita necessidade de sabê-lo.

Era uma pequena vitória, uma vitória mesquinha inclusive, mas era o início da longa luta para voltar, uma luta que ele sabia que acabaria em uma brecha aberta nos muros de Badajoz.

QUARTA PARTE

De 4, sábado, a 6 de Abril, segunda-feira,
de 1812

CAPÍTULO 21

Chegaram notícias de que finalmente os franceses se moviam; não contra Wellington em Badajoz, mas para a nova guarnição espanhola de Cidade Rodrigo. Os informes provinham de fontes guerrilheiras e dos despachos capturados dos mensageiros inimigos, alguns ainda manchados de sangue. Estes informes falavam de desacordo entre os generais franceses, de atrasos na concentração de suas tropas, e na dificuldade de repor a artilharia de sítio francesa, cuja totalidade fora capturada dentro das fortalezas do norte. As notícias estimularam Wellington a se apressar, queria acabar com o sítio de Badajoz, e não foi possível persuadi-lo de que as oportunidades dos franceses de reconquistar Cidade Rodrigo eram remotas. Não confiava nos espanhóis que ficaram na cidade e queria que o exército marchasse para o norte para apoiar seus aliados. Rapidez! Rapidez! Rapidez! Durante os seis dias antes da Páscoa insistiu com seus generais e com seu Estado maior com a mensagem: “*Entreguem-me Badajoz!*” Durante esses seis dias as novas baterias construídas nas ruínas do forte Picurina dispararam sem cessar para as portilhas abertas. Primeiro com pobres resultados até que, quase inesperadamente, a pedra rachada caiu como uma cascata no interior do fosso e foi seguida por uma avalanche de poeira de entulhos procedentes do centro da muralha. As dotações dos canhões, suadas e manchadas de pólvora, aclamaram, enquanto a infantaria, que protegia as baterias de uma nova incursão francesa, ficou olhando as aberturas incipientes e pensaram na recepção que os franceses preparariam para o novo assalto. Durante a noite os franceses tentavam reparar os danos

ocasionados durante o dia. Os canhões do Picurina polvilhavam as aberturas com metralha, mas mesmo assim, a cada manhã, as bordas desmoronadas da muralha, uma imponente construção de pedra, apareciam completadas por grossos fardos de lã. A cada amanhecer, os artilheiros disparavam contra os colchões até que com uma explosão da lã engordurada, o recheio se desprendia e as balas de ferro voltavam a acertar a verdadeira muralha, rachando-a, desmoronando-a, traçando o caminho para o interior da cidade.

O dique seguia em pé, as águas contidas ainda se estendiam para o sul da cidade e faziam que qualquer assalto aos baluartes tivesse que ser realizado de forma oblíqua contra as muralhas em lugar de fazê-lo diretamente. As baterias do norte trituravam o forte do dique enquanto a infantaria avançava e escavava trincheiras. Sua intenção era levar suas pás e mosquetes até a borda do pequeno forte, mas os detinham. Todo canhão sobre a muralha leste de Badajoz, desde o castelo elevado e infestado de francelhos até o baluarte Trindade, abria fogo sobre a trincheira que se arrastava até que alcançava os trabalhadores; ninguém podia viver sob aquela granizada de ferro, assim que se abandonava a iniciativa. O dique ficaria assim, a aproximação seria oblíqua, mas os engenheiros não gostavam disso.

— Tempo, quero tempo! — O coronel Fletcher, ferido na incursão dos franceses, estava em pé e esmurrava o mapa que tinha em sua frente. — O que quer é um milagre!

— Isso mesmo. — O general havia entrado na habitação sem ser ouvido e Fletcher girou e fez uma careta, pois a ferida ainda lhe doía.

— Senhor! Minhas desculpas. — O grunhido do escocês não era precisamente uma desculpa.

Wellington recusou com um gesto a desculpa, fez um sinal de assentimento com a cabeça para os homens que o esperavam e se sentou. O major Hogan sabia que o general tinha exatamente quarenta e três anos e, contudo, parecia mais velho. Talvez todos eles parecessem mais velhos. O assédio os estava esgotando, da mesma maneira que erodia os dois baluartes. Hogan deixou escapar um suspiro, pois sabia que esta reunião, no sábado, 4 de

abril, tal como ele anotou cuidadosamente em uma página de sua caderneta, ia ser mais uma vez uma disputa entre o general e os engenheiros. Wellington sacou seu próprio mapa, estendeu-o e prendeu os cantos com alguns tinteiros.

— Bom dia, cavalheiros. Gastos?

O coronel de artilharia se aproximou com um papel.

— Ontem, senhor, mil cento e catorze canhões de vinte e quatro, seiscentos e três de dezoito. — Ia dando as cifras em tom monótono. — Um canhão queimado, senhor.

— Queimado?

O coronel virou a folha.

— Canhão de vinte e quatro, no número três, senhor, um disparo alto acertou na alma. Perdemos três homens, e seis ficaram feridos.

Tinha que ouvir os resmungos de Wellington. Era assombroso, pensava Hogan, como o general dominava uma habitação com sua presença. Talvez fosse coisa dos olhos azuis que pareciam tão sagazes, ou a quietude do rosto que rodeava seu nariz aquilino. A maioria dos oficiais ali presentes eram mais velhos que o visconde de Wellington, contudo todos eles, com a possível exceção de Fletcher, pareciam ficar atemorizados. O general escreveu as cifras em seu pequeno pedaço de papel, o lápis rangia. Voltou a olhar para o artilheiro.

— Pólvora?

— O suficiente, senhor. Ontem chegaram oitenta barris. Podemos seguir disparando durante outro mês.

— Nos fará falta. Sinto muito, senhor. — Fletcher ia sombreando sinais sobre seu mapa.

Um leve sorriso se esboçou na boca de Wellington.

— Coronel?

— Senhor!

Fletcher se fez de surpreendido. Levantou a vista do mapa, mas manteve a pena suspensa como se o tivessem interrompido.

— Vejo que não está preparado para a reunião.

Wellington dirigiu ao escocês um sinal com a cabeça e se virou para Hogan.

— Major? Alguma informação?

Hogan passou duas folhas de sua caderneta.

— Dois desertores, senhor, ambos alemães, ambos do regimento Hesse-Darmstadt. Confirmaram que os alemães estão aquartelando-se no castelo. — Hogan arqueou as sobrancelhas. — Dizem que a moral está alta, senhor.

— Então para que desertar?

— O irmão de um deles, senhor, está com a Legião Alemã do Rei.

— Ah! Vai enviá-los para lá?

— Sim, senhor. — A Legião Alemã do Rei receberia bem aos recrutas.

— Algo mais? — Wellington gostava que as reuniões matinais fossem enérgicas.

Hogan consentiu com a cabeça.

— Eles confirmaram, senhor, que os franceses estão desprovidos de cartuchos, mas afirmam que têm suficiente metralha. Isso já sabíamos. — Apressou-se antes que o general se queixasse da pouca novidade da informação. — Também dizem que a cidade está aterrorizada temendo um massacre.

— Então deveriam suplicar uma rendição.

— A cidade, senhor, é parcialmente a favor dos franceses.

Era verdade. Haviam visto cidadãos espanhóis nas muralhas que disparavam com mosquetes para as trincheiras que avançavam para o forte do dique.

— Desejam nossa derrota.

— Mas — a voz de Wellington estava cheia de desprezo — desejam evitar represálias se ganharmos. Não é assim?

Hogan deu de ombros.

— Sim, senhor.

Era, pensava o irlandês, um desejo vão. Se Wellington fizesse o que queria, e o faria, o assalto teria lugar logo e a entrada seria dura. Se conseguissem triunfar na brecha, e Hogan reconhecia a possibilidade de que não fosse assim, então as tropas perderiam todo rastro de disciplina. Sempre ocorrera assim. Os soldados que se viam obrigados a lutar contra o terror de uma estreita brecha

reclamavam o direito de se apoderar da fortaleza e de tudo o que contivesse. Os irlandeses recordavam de Drogheda e Wexford, as cidades que Cromwell havia saqueado com suas tropas inglesas, e ainda se contavam as histórias das atrocidades que os vencedores tinham cometido. Histórias de mulheres e crianças reunidas como um rebanho no interior de uma igreja que depois foi incendiada. Os ingleses celebravam enquanto os irlandeses ardiavam. Hogan pensou em Teresa e em sua filha, filha de Sharpe. Seus pensamentos regressaram de súbito para a reunião quando Wellington ditou uma ordem rápida para um ajudante de campo. A ordem proibia qualquer saque no interior da cidade, mas a dava, pensou Hogan, sem grande convicção. Fletcher escutou a ordem e depois, uma vez mais, bateu no mapa com o punho.

— Bombardeiem-nos.

— Ah! O coronel Fletcher está conosco. — Wellington se voltou para ele.

Fletcher sorriu.

— Digo que os bombardeiem, senhor. Desalojem-nos com bombas! Eles e renderão.

— E quanto tempo, se pode saber, antes que se rendam? Fletcher deu de ombros. Sabia que podiam passar semanas antes que os gorduchos obuses reduzissem uma boa parte de Badajoz a entulhos fumegantes, queimassem as reservas de víveres e forçassem, daquele modo, uma rendição.

— Um mês, senhor?

— Dois, é bem mais provável, talvez três. E deixe-me que lhe advirta, coronel, que tenho a impressão, mal entendida, ainda que pudesse existir de muralhas adentro, de que os espanhóis são nossos aliados. Se os bombardearmos indiscriminadamente com projéteis cabe a possibilidade, se me permite, de que nossos aliados se sintam incomodados.

Fletcher concordou com a cabeça.

— Não se alegrarão muito, senhor, se nossos homens violam tudo o que se move e roubam tudo o que não se move.

— Confiemos no senso comum de nossos soldados. — As palavras foram pronunciadas não sem certo cinismo. — E agora,

coronel, talvez nos possa dizer algo sobre abrir umas brechas. São praticáveis?

— Não, senhor, não são — O sotaque escocês de Fletcher se fazia notar mais. — Tenho bastante a lhe dizer a esse respeito, e a maioria são novidades.

Virou o mapa de maneira que o general olhasse os dois baluartes do ponto de vista de um atacante. O Santa Maria ficava à esquerda, o Trindade à direita. Fletcher tinha marcado as brechas. O Trindade perdera a maior parte de sua frente, tinha um espaço de quase cem pés de largura e o engenheiro desenhara a lápis, conforme um cálculo aproximado, a redução da altura. Vinte e cinco pés. O flanco do Santa Maria, de frente para o Trindade, estava também muito afetado.

— As brechas ou portilhas, tal como pode ver, senhor, têm agora uma altura de vinte e cinco pés. Isso é uma escalada tremenda! É mais alto, se me perdoa a observação, que a muralha sem brechas de Cidade Rodrigo! — Se jogou para trás como se tivesse marcado um ponto.

Wellington assentiu com a cabeça.

— Todos nós estamos cientes, coronel, de que Badajoz é notavelmente maior que Cidade Rodrigo. Peço que continue.

— Senhor! — Fletcher voltou a se inclinar. — Permita-me que lhe advirta do seguinte. — Sorriu por ter utilizado uma das expressões favoritas de Wellington.

Colocou um dedo sobre o fosso diante do baluarte de Santa Maria.

— Bloquearam o fosso aqui e aqui. — Moveu o dedo para a direita da brecha aberta no Trindade. — Estão nos enclaustrando — disse com voz parcimoniosa.

Podia brincar com o general de vez em quando, mas só se atrevia a fazê-lo porque ele era um bom engenheiro em quem Wellington confiava, e porque considerava que era parte de seu trabalho dar seu verdadeiro ponto de vista e não ser um puxa-saco. Deu alguns golpes com o dedo sobre o fosso.

— Parece que colocaram carretas no fosso, carretas viradas e pedaços de madeira. Não se necessita ser nenhum gênio para

adivinhar que o que pretendem é incendiar tais obstáculos. Já podem ver o que sucederá, cavalheiros. Nossas tropas estarão dentro do fosso tentando escalar uma rampa tremenda, e não terão forma de escapar da metralha. Não poderão dirigir-se para a direita ou para a esquerda para reagrupar-se na escuridão. Ficarão apanhados, iluminados, como ratos dentro de um maldito barril.

Wellington escutava aquele arranque apaixonado.

— Está seguro disso?

— Sim, senhor, e há mais.

— Continue.

Deixou o dedo à direita da portilha do Trindade.

— Os franceses cavaram outro fosso aqui, no fundo do próprio fosso, e o inundaram. Teremos que saltar dentro d'água, uma água profunda, e parece que o estão prolongando, por aqui. — O dedo desenhou uma linha por trás da frente de ambas as brechas.

Wellington tinha os olhos cravados no mapa.

— Assim que, quanto mais esperarmos, mais difícil será, não é isso?

Fletcher suspirou, mas admitiu.

— Sim, é isso.

Wellington levantou a vista para o engenheiro.

— O que ganhamos com mais tempo?

— Posso reduzir as brechas.

— De quanto?

— Dez pés.

— Quanto tempo?

— Uma semana.

Wellington fez uma pausa.

— Quer dizer duas semanas.

— Talvez, senhor.

— Não temos duas semanas. Não temos nem uma semana. Precisamos tomar a cidade. E logo.

A habitação permanecia em silêncio. Lá fora os canhões trituravam sem cessar a represa. Wellington voltou a olhar o mapa, estendeu a mão por cima da mesa e pôs seu dedo sobre o espaço existente entre os baluartes.

— Há um revelim por acaso?

— Sim, senhor, e ainda o estão construindo.

O revelim estava esboçado no mapa; uma cunha de obra, em forma de diamante, que desagregaria um ataque. Se dessem tempo aos franceses para que o acabassem, antes que os canhões de assédio começassem a disparar, seria como um novo baluarte, construído no fosso, que abortaria todo o ataque. Tal como estava, formava um obstáculo insuperável, com a parte superior plana, rodeado por um fosso, entre as duas brechas.

Wellington levantou a vista para Fletcher.

— Parece muito seguro desta nova informação.

— Sim, senhor, estou. Na noite passada enviamos um garoto ao talude. Fez um bom trabalho. — O elogio era a contragosto.

— Quem?

Fletcher dirigiu a cabeça para Hogan.

— Um dos garotos do major Hogan, senhor.

— Quem, major?

Hogan parou de brincar com sua caixinha de rapé.

— Richard Sharpe, senhor, recorda-se dele?

Wellington se jogou para trás em sua cadeira.

— Santo céu! Sharpe? — Sorriu. — O que ele faz com você? Pensava que tinha uma companhia.

— Tinha, senhor. Sua ascensão foi rechaçada.

Wellington franziu o cenho.

— Por Deus! Não me deixarão promover um homem nem a cabo neste maldito exército! Então, Sharpe esteve no talude na noite passada.

Hogan consentiu com a cabeça.

— Sim, senhor.

— Onde está agora?

— Lá fora, senhor. Pensei que talvez quisesse falar com ele.

— Santo Deus, claro — disse Wellington secamente. — Foi o único homem do exército que esteve no talude. Vá buscá-lo!

Havia generais de divisão, generais de brigada, artilheiros, engenheiros e oficiais do Estado maior e todos eles se giraram para olhar o homem alto com casaca verde. Todos haviam ouvido falar

dele, inclusive os generais recém chegados da Inglaterra, porque este era o homem que ganhara a condecoração da águia francesa e que por seu aspecto parecia que podia voltar a fazê-lo. Seu aspecto era o de um homem maltratado e endurecido, como as armas que o engalanavam, e sua coxeadura e suas cicatrizes denotavam que era um soldado que lutava ferozmente. Wellington lhe sorriu e deu uma olhada ao redor da mesa.

— O capitão Sharpe compartilhou todas minhas batalhas, cavalheiros. Não é assim, Sharpe? Desde Seringapatam até hoje.

— Desde Boxtel, senhor.

— Santo Deus. Eu era tenente-coronel.

— E eu soldado, senhor.

Os ajudantes de campo, os jovens aristocratas que Wellington gostava de ter como mensageiros, olhavam com curiosidade o rosto cheio de cicatrizes. Não havia muitos homens que ascendessem desde a tropa. Hogan observou o general. Estava se comportando cordialmente com Sharpe, não porque o fuzileiro lhe tivesse salvado a vida uma vez, mas porque suspeitava que em Sharpe tinha encontrado um aliado contra a cautela dos engenheiros. Hogan suspirou. Wellington conhecia este homem. O coronel deu uma olhada pela habitação.

— Uma cadeira para o capitão Sharpe?

— Tenente Sharpe, senhor. — As palavras de Sharpe soaram quase como um desafio, certamente amargo, mas o general não fez caso.

— Sente-se, sente-se. Agora, conte-nos o que saiba das brechas ou portilhas abertas nas muralhas.

Sharpe lhes explicou, não intimidado pela companhia, mas acrescentou pouco ao relatório de Fletcher. Não pudera ver claramente. A escuridão só era aliviada por uma ou outra labareda procedente das muralhas da cidade. A maior parte de seu informe se baseava nas palavras que tinha ouvido enquanto esteve estirado na borda do talude e escutava, não só os grupos de trabalho franceses, como também a metralha britânica que caía no mato e repicava contra as muralhas. Wellington o deixou acabar. Fora um relatório conciso. O general olhou para os olhos de Sharpe.

— Uma pergunta.

— General?

— São praticáveis esses portilhas? — os olhos de Wellington não deixavam transluzir nem uma só emoção, frios como o aço.

O olhar de Sharpe era igualmente duro, igualmente inflexível.

— Sim.

Ouviu-se um burburinho ao redor da mesa. Wellington se reclinou. A voz do coronel Fletcher se elevou por cima do ruído.

— Com meus respeitos, senhor, não acredito que seja competência do capitão, tenente Sharpe, pronunciar-se a esse respeito.

— Ele esteve lá.

Fletcher murmurou algo que não se entendeu bem. A pena que tinha na mão se dobrou quase totalmente sob a pressão de seus dedos, soltou-a e a ponta partida salpicou de tinta os dois bastiões. Largou a pluma de golpe.

— É muito cedo.

Wellington se afastou da mesa e se levantou.

— Um dia, cavalheiros, um dia.

Deu uma olhada ao redor da mesa. Ninguém discordou. Era muito cedo, isso todos sabiam, mas talvez sempre seria muito cedo para tomar esta fortaleza. Talvez, tal como asseguravam os franceses, fosse inexpugnável.

— Amanhã, cavalheiros, domingo dia cinco, assaltaremos Badajoz.

— Senhor! — Era Sharpe que falava, e o general, que estivera esperando um protesto dos engenheiros, virou-se para ele.

— Sharpe?

— Uma pergunta, senhor? — Sharpe quase não acreditava que estivesse falando, menos ainda com semelhante tom desafiante e em tal companhia, mas talvez não voltasse a ter outra oportunidade.

— Diga.

— O esquadrão, senhor. Eu gostaria de estar ao comando do esquadrão.

Os olhos brilhantes de Wellington mostravam frieza.

— Por quê?

O que dizer, que era uma prova? A prova suprema, talvez, para um soldado? Ou que era sua maneira de se vingar de um sistema, um sistema representado pelo funcionário marcado de varíola de Whitehall, que o convertera em supérfluo e não desejado? De repente pensou em Antônia, sua filha, em Teresa. Pensou em que talvez nunca visse Madri nem Paris, nem como terminaria a guerra, mas a sorte estava lançada. Deu de ombros, buscando as palavras, incômodo ante aqueles olhos impenetráveis.

— Não sei, senhor. Mas é o que quero.

Sentiu-se como um menino mal-humorado. Notava os olhos dos oficiais antigos cravados nos seus, olhos curiosos que olhavam seu uniforme surrado, sua velha espada não regulamentar, e os maldisse. Seu orgulho estava escorado com dinheiro.

A voz de Wellington se suavizou.

— Quer sua companhia?

— Sim, senhor.

Sentiu-se como um tonto, um tonto andrajoso em um cenário brilhante, e sabia que todos eles percebiam seu orgulho ferido. Wellington fez um sinal com a cabeça em direção ao coronel Fletcher.

— O coronel lhe dirá, Sharpe, e Deus queira que se equivoque, que na segunda-feira pela manhã iremos repartir ascensões para capitão junto com as rações.

Fletcher não disse nada. A habitação permanecia em silêncio, perturbada pelo pedido de Sharpe. O fuzileiro sentiu como se toda sua vida, tudo o que havia sido e tudo o que poderia nunca chegar a ser, estivesse equilibrado naquele silêncio.

Wellington sorriu.

— Deus sabe, Sharpe, que eu acho que você é um pilantra. Um pilantra útil e, afortunadamente, um pilantra que está de meu lado. — Voltou a sorrir.

Sharpe percebeu que o general estava se recordando das baionetas indianas que iam buscá-lo em Assaye, mas aquela dívida fazia tempo que tinha sido saldada.

Wellington recolheu seus papéis.

— Eu não quero vê-lo morto, Sharpe. O exército seria, de alguma maneira, menos interessante. Pedido negado.

Saiu da habitação.

Richard Sharpe ficou ali, imóvel, enquanto os outros oficiais iam saindo um depois do outro, e pensou em como, durante as últimas horríveis semanas, havia posto todas suas esperanças e ambições naquela única coisa. Seu cargo de capitão, sua companhia, suas casacas, seus fuzis e sua confiança; inclusive, porque ele não acreditava realmente que pudessem matá-lo, a oportunidade de chegar à casa com duas laranjeiras antes das hordas maníacas, antes de Hakeswill, e tudo isso estava em função do esquadrão suicida. E lhe haviam denegado.

Devia estar decepcionado, mesmo com raiva, ante a negativa, mas não podia. Em seu lugar, inundando-o como água pura que limpa um fosso sujo, sentiu alívio; alívio verdadeiro e maravilhoso. E se envergonhava daquele sentimento.

Hogan voltou a entrar na habitação e lhe sorriu.

— Aí está. Você perguntou e lhe responderam bem.

— Não — respondeu Sharpe com teimosia. — Ainda há tempo, senhor, ainda o há. — Não sabia o que queria dizer, ou por que o disse, salvo que no dia seguinte, com a primeira escuridão da noite, se enfrentaria de alguma maneira a essa prova. E venceria.

CAPÍTULO 22

O sargento Obadiah Hakeswill se sentia satisfeito. Estava sentado sozinho, havia acabado a procissão, e olhava para o fundo de seu chapéu. Falava com o chapéu. “Esta noite, é esta noite. Serei bom, não lhe decepcionarei”. Deixou escapar seu risinho escandaloso e agressivo que mostrou os poucos dentes, estes apodrecidos, que lhe restavam e deu uma olhada para a companhia. Estavam observando-o, ele sabia, mas evitariam chamar sua atenção. Voltou a olhar o interior do chapéu gordurento. “Atemorizados os tenho. Ah, sim! Atemorizados. Tremem de medo. Estarão mais esta noite. Muitos morrerão esta noite”. Voltou a sorrir, levantou os olhos rapidamente para flagrar algum homem que o estivesse observando. Todos evitavam intencionalmente seu olhar. “Morrerão todos esta noite! Como porquinhos sob o machado!” Ele não morreria. Sabia, apesar do que Sharpe lhe dissera, ele não morreria. Voltou a olhar dentro do chapéu. “Maldito Sharpe! Tem medo de mim. Fugiu! Não pode me matar. Ninguém pode me matar!” Estas últimas palavras as pronunciou quase aos gritos. Era verdade. A morte o havia tocado e ele sobrevivera. Levantou-se e coçou a cicatriz, vermelha, arroxeadada. Estivera pendurado no cadafalso durante uma hora quando não era mais que um garoto e ninguém lhe puxou os pés para que o pescoço quebrasse. Não recordava muita coisa daquela experiência; a multidão, os outros prisioneiros que brincavam com ele, mas sempre seria agradecido ao sacana sádico que os havia enforcado da maneira lenta, sem deixá-los cair para que a multidão tivesse espetáculo durante mais tempo. Aclamaram cada sacudida

espasmódica e a luta inútil até que os ajudantes do carrasco, sorrindo como atores que querem satisfazer o seu público, vieram prender os tornozelos que se bamboleavam. Tinham olhado para a multidão, pedindo permissão para puxar, e tinham zombado dos prisioneiros. Não se preocuparam com o garoto de doze anos, Obadiah Hakeswill. Que já era astuto como agora e ficara pendurado quieto, mesmo quando a dor quase lhe fez perder a consciência, de maneira que a multidão achou que já estivesse morto. Não sabia por que se agarrara com tanta tenacidade à vida; teria sido mais rápido e muito menos doloroso deixar-se arrastar pela morte, mas havia começado a chover. As nuvens se rasgaram e deixaram cair uma enxurrada que havia deixado as ruas desertas em poucos minutos e ninguém se preocupou com aquele corpinho. Seu tio, com medo e furtivamente, cortou a soga para descê-lo e correu com o corpo flácido por um beco. Deu umas palmadas no rosto de Obadiah.

— Ouve, sacana! Me ouve? — Obadiah deve ter dito algo, ou gemeu, porque recordava a cara de seu tio aproximando-se. — Está vivo. Pode me ouvir? Maldito! Não sei por que me preocupava, sua mãe assim o queria. Está ouvindo?

— Sim. — Seu rosto se encrespou, mas não pôde evitar.

— Tem que fugir, entende? Tem que partir. Não pode voltar para casa, senão o pegarão novamente, está ouvindo?

Ele o tinha ouvido e havia entendido e se largou e não voltou a ver sua família. Tampouco sentiu saudade. Encontrou o exército, como tantos homens desesperados, e lhe foi útil. E não podia morrer; tinha aprendido isso quando estava sozinho no beco, comprovava nas batalhas, e sabia que tinha enganado a morte.

Desembainhou sua baioneta e pensou durante alguns segundos em dá-la a um dos soldados para que a afiasse. Teria gostado de humilhar ao sacana irlandês, mas por outro lado sempre queria fazê-lo ele mesmo quando havia perspectivas de matança. O assalto teria lugar hoje; todos sabiam, ainda que não se tenha anunciado assim, e haveria suficiente carnificina para todos. Olhou dentro do chapéu. “Desculpa-me um momento? Já volto a falar com você”. Largou o chapéu e pegou sua pedra. Esta se confundia com

sua mão enquanto afiava a baioneta, mas ele não observava este trabalho. Estava atento à companhia, percebia seu medo e se alimentava dele. Hakeswill se sentia satisfeito. Havia degradado os sacanas até que conseguiu que lhe levassem a comida, lavassem sua roupa e trocassem a palha de seu catre. A dois deles tinha golpeado até fazê-los mingau, mas agora eram como cachorrinhos fraldiqueiros, desejosos de comprazer. Ganhara uma de suas batalhas mais importantes. Sharpe saíra do meio, e Harper fora rebaixado a soldado raso, a soldado de casaca vermelha. O capitão tinha medo de Hakeswill, assim como Prince e os sargentos. A vida podia ser muito pior e Hakeswill o sabia. Pôs o polegar sobre o fio da lâmina, sabia que ainda podia ficar mais afiada, e voltou a passar a pedra como se lhe fizesse carícias longas e sussurrantes.

O soldado Clayton olhou de soslaio para Hakeswill, começou a rir e disse algo a seu companheiro. Hakeswill viu o riso, mas fez de conta que não percebeu. Ele se ocuparia do jovem Clayton, mas depois do assédio, quando tivesse tempo de examinar a fundo o problema. A mulher de Clayton era bonita, a mais bonita do batalhão, e Hakeswill havia posto o olho em Sally. Ela teria que esperar até que tivesse se ocupado de Teresa. Pensar na mulher de Sharpe lhe fazia franzir o cenho. Não estava seguro de por que desejava tanto fazê-la sua, mas era assim. Ela se convertera em uma obsessão que lhe tirava o sono. Faria sua à prostituta e depois a mataria. Não era porque ela tivesse lutado contra ele e tivesse ganhado; outras já o haviam feito. Recordava daquela mulher em Dublin que lhe cravou uma faca na barriga. Conseguira escapar e ele não sentira ressentimento, mas com Teresa era diferente. Talvez fosse porque ela não tinha mostrado nenhum medo e Hakeswill gostava de perceber o medo. Recordava às que havia matado, as que não tinha precisado matar, a todas até aquela pantomimeira, a filha do vigário que tirara a roupa para ele enquanto ele segurava uma cobra junto ao seu pescoço. Dorcas se chamava, e seu pai havia inventado que ele roubara uma ovelha, acusação pela qual quase o matam. Hakeswill sorriu para Sim. Queimou o celeiro do vigário na noite depois de ser enforcado. Voltou a pensar em Teresa. A folha de sua baioneta já estava

afiada, e percebeu o quanto a desejava. Não era só por vingança, nem porque fosse a mulher de Sharpe, ainda que isso tinha sua importância, mas porque a desejava. Era tão bela, tão tremendamente bela, que ele a faria sua, depois a mataria e o sacana do Sharpe a perderia. O fato de pensar nisso fez que sua cara se contraísse involuntariamente.

Mudou a baioneta para a mão direita e, apertando a pedra entre seus joelhos, cuspiu nela e seguiu afiando-a. Quando tivesse acabado estaria muito afiada, tão afiada que deslizaria suavemente pelas tripas de um homem como se não tivesse pele a perfurar pelo caminho. Ou de uma mulher! Soltou seu risinho escandaloso ao pensá-lo, alertando à companhia, e pensou em Teresa. Sharpe saberia quem o havia feito, mas não poderia fazer nada! Hakeswill não podia ser morto! Levantou a vista para a companhia. Queriam matá-lo, ele sabia, e também os homens de uma dúzia de companhias e todos tinham tentado. Recordava as balas de mosquete que passaram perto dele nas batalhas, disparadas de trás, e uma vez viu a um homem que lhe apontava deliberadamente. Acariciou a baioneta, recordando sua vingança, e depois pensou na noite que tinha pela frente.

Ele havia planejado seu assalto meticulosamente. O South Essex, com o restante da Quarta Divisão, atacaria a brecha na fachada do baluarte Trindade, mas Hakeswill teria cuidado no fosso. Ele se atrasaria, deixaria que os outros lutassem, para achar-se descansado quando se ouvissem os gritos de júbilo procedentes do extremo superior da brecha. Então, quando começasse o caos, atravessaria a muralha e penetraria nas escuras ruas que levavam até a catedral. Apenas necessitava de dois minutos de vantagem, que era toda a que poderia conseguir, mas sabia, enquanto comprovava a lâmina perfeitamente preparada em suas mãos, que conseguiria. Sempre conseguia. A morte o havia tocado, deixara-o ir, e sentiu em sua alma que isso o inspirava para vencer sempre. Levantou a vista.

— Clayton!

A companhia ficou imóvel e olharam fixamente para Clayton. O jovem soldado sorriu brincalhão, como se não estivesse

preocupado.

— Sargento?

— Óleo, traga-me óleo.

— Sim, sargento.

Hakeswill deixou escapar seu risinho escandaloso enquanto o garoto se afastava. Reservaria o pequeno para depois de Badajoz, depois da matança, para o momento que tivesse que ocupar-se dos outros problemas que adiara. Tinha o fardo de encerado enterrado sob um marco a menos de uma légua pela estrada de Sevilha.

Hakeswill visitara o lugar na noite anterior, havia levantado a pedra e rebuscado por entre o roubado. Tudo estava a salvo e havia deixado a maior parte lá porque não era questão de vender nada nos próximos dias. Badajoz estaria abarrotada de butim, os preços baixariam muito. Tudo podia esperar. Apenas pegara a luneta de Sharpe, com a característica placa de bronze, que tinha planejado deixar junto ao corpo de Teresa. Recolheu o chapéu e ficou olhando em seu interior. “Então o culpariam, não? Ou se não, ao sacana do irlandês!”

— Sargento?

Levantou a vista.

— Soldado Clayton?

— O óleo, sargento.

— Não, fique aí! — gritou Hakeswill levantando a baioneta! — lubrifique-a. E tenha cuidado! Não estrague o fio. — Deixou que Clayton se afastasse e olhou dentro do chapéu. — Garotinho de merda! Talvez morra esta noite e isso nos facilitaria as coisas.

Harper observava a cara malévola e crispada de Hakeswill e se perguntava o que haveria no interior do chapéu. Toda a companhia se perguntava, mas ninguém se atrevia a lhe perguntar. Harper era da opinião de que não havia nada dentro, que toda aquela representação era uma demonstração de loucura para irritar a companhia. O irlandês estava afiando sua baioneta, a baioneta do mosquete com a qual não estava familiarizado e que carecia da empunhadura da lâmina do fuzil. Fez seus próprios planos para a noite. Ainda não havia ordens, mas o exército, com seu estranho instinto coletivo, sabia que o assalto estava planejado e se, como

parecia provável, o South Essex recebesse a ordem de penetrar na brecha, Harper pretendia permanecer perto de Hakeswill. Se surgisse a oportunidade, mataria o sargento, ou pelo menos procuraria assegurar-se de que Hakeswill não entraria na cidade sozinho. Harper decidira não se apresentar como voluntário para o destacamento suicida, a menos que Hakeswill o fizesse, e isso era pouco provável. A missão de Harper era proteger Teresa, assim como era a de Sharpe, e a de toda a companhia, inclusive para o capitão Robert Knowles, que tinha feito uma visita a sua antiga companhia ligeira e escutara com seriedade o que Harper lhe contara a respeito da ameaça de Hakeswill. Knowles tinha sorrido brincalhão, tranquilizara Harper, mas o irlandês seguia temendo as consequências que traria um caos na brecha. Jogou-se para trás, atento às batidas dos canhões.

Os artilheiros, com o mesmo conhecimento instintivo de que o assalto era iminente, serviam com redobrado esforço como se cada fragmento de pedra que saltasse das brechas pudesse salvar a vida de um soldado de infantaria. A fumaça das doze baterias flutuava como bruma sobre as águas tranquilas da represa, uma fumaça tão espessa que quase não se via a cidade, e os canhões que vomitavam incessantemente ainda mais fumaça. A artilharia parecia monstros que davam fortes sacudidas, assobiavam e expeliam grandes baforadas de fumaça entre um disparo e outro enquanto os artilheiros enegrecidos passavam as esponjas e atacavam. Depois voltavam a levantar as bestas em direção ao alvo. Os artilheiros não viam as brechas, mas as plataformas de madeira de retrocesso estavam marcadas com cortes profundos e os oficiais e os sargentos alinhavam as tábuas laterais do canhão sobre as fendas. Comprovavam o mecanismo de elevação e com um toquezinho da mecha ardendo, o canhão voltava a rugir, retrocedia de um salto, e uma pesada bala de ferro desaparecia entre a bruma com uma repentina espiral de fumaça que vinha seguida do estalido demolidor do impacto.

Talvez fosse o ritmo dos canhões o que fazia que os homens estivessem tão seguros de que o assalto seria naquele domingo pela noite, ou, se não, terem visto no parque de engenheiros umas

escadas recém feitas para o assalto. Dois ataques, o do castelo e o que se desenvolveria junto ao rio, no baluarte de São Vicente, levariam escadas para tentar uma escalada de surpresa. Não sairia bem, certamente, pois as muralhas eram muito altas. A batalha se ganharia ou se perderia nas brechas.

— Companhia! — Hakeswill os incomodou com sua voz. — Em pé! Hop, hop, hop!

Levantaram-se rapidamente, estiraram as casacas e apareceu o major Collett com o capitão Rymer. O major fez um sinal para que os homens voltassem a se sentar.

— Podem sentar.

Este tinha que ser o anúncio, pensou Harper, e observou a Collett que pegava uma folha de papel e a desdobrada. Ouviu-se um burburinho de excitação pela companhia, e um grito de Hakeswill para que se calassem. Collett esperou até que se fizesse silêncio. Olhou para eles com agressividade. O assalto, disse, seria logo, mas eles já sabiam isso, e esperavam ordens. O major fez uma pausa e baixou a vista para a folha de papel.

— Chegou esta ordem que vou ler. Escutem: “chamo a atenção do exército a respeito aos acontecimentos derivados da captura de Cidade Rodrigo”.

Collett lia com tom monótono e duro. Não sabia pronunciar Cidade assim que disse *cuideis*. “Os habitantes de *cuideis*, *cuideis* de um país aliado aos britânicos, a Espanha, sofreram todo tipo de injúrias e insultos. Não se voltará a repetir esse comportamento em Badajoz. Qualquer ataque às propriedades dos civis será castigado, rápida e merecidamente, com a morte, os autores presos serão enforcados no lugar do crime”. Dobrou o papel.

— Entenderam? Mantenham quietas suas mãos de ladrões e deixem as calças abotoadas. Isso é tudo.

Olhou-os com fúria, deu meia volta e se foi para a companhia seguinte. Os da companhia ligeira se olharam, encolheram ombros e passaram a rir. Quem os ia enforcar? A polícia militar não ia à frente a nenhuma luta, as ruas estariam totalmente às escuras, e um soldado merecia algum butim depois de lutar em uma brecha. Eles eram os que levariam a cabo a luta, os que morreriam, e quem

não necessitava um trago depois disso? Não é que pretendessem fazer danos aos civis. Os espanhóis, que em sua maioria em Badajoz eram a favor do inimigo, podiam escolher eles mesmos a recepção que dariam aos vencedores. Podiam deixar as portas abertas e a bebida sobre a mesa, ou podiam ser hostis, e nesse caso... Sorriam e voltaram a afiar as lâminas de dezessete polegadas.

Segundos depois chegou outro rumor, tão certo como o primeiro, que havia anunciado o assalto, e este rumor, que percorreu o acampamento, trouxe alívio e frustração. Tudo se retardava. Davam a todos eles outras vinte e quatro horas de vida.

— Aonde vamos? — gritou alguém.

E passaram a rir, esquecendo-se da presença sinistra de Hakeswill.

— A Badajoz!
Amanhã.

CAPÍTULO 23

De repente se começou a sentir um otimismo descomedido. O rosto de Hogan, que durante tanto tempo mostrara preocupação, via-se sulcado de rugas em torno dos olhos; sua forma de falar denotava urgência, uma esperança nova. Dois espanhóis leais tinham fugido da cidade escalando a muralha junto ao rio e alcançaram as linhas britânicas, sãos e salvos.

Hogan bateu com o dedo no mapa que já lhes era familiar.

— Aqui, Richard, aqui. Amanhã o destruiremos!

O dedo indicava a muralha que se estendia entre os dois bastiões que tinham uma brecha aberta. Os espanhóis diziam que era débil, que não repararam bem depois dos sítios anteriores, e asseguraram que uns poucos disparos fariam que a muralha caísse. Isso significaria uma terceira brecha, uma brecha surpresa, um espaço que os franceses não teriam tempo de recheiar com defesas adequadas. Hogan deu um soco sobre o mapa.

— Já são nossos!

— Assim então, amanhã.

— Amanhã!

O dia 6 de abril amanheceu com um céu limpo e uma luz tão pura que, antes que as baterias de sítio abrissem fogo, na cidade se via finamente perfilado cada telhado, cada igreja, cada torre e cada baluarte. Era uma manhã primaveral, tão cheia de esperança como as plantas novas, uma esperança vinda de uma terceira brecha, por surpresa. Os artilheiros fizeram as mínimas regulações movendo pouco a pouco as tábuas laterais pelas plataformas e se deu a ordem. A fumaça saiu aos jorros, o estrondo sobrevoou o açude, as

balas martelaram a obra reparada. Os artilheiros trabalhavam como negros, arrastavam suas armas, atacavam, passavam as esponjas e voltavam a atacar, trabalhavam convencidos da vitória. Para o sul, onde o ar estava limpo da neblina que cobria o lago, os engenheiros se assomavam para olhar a parte de muralha não desmoronada. Dela saía um pó que formava uma nuvem brumosa. A argamassa estava cedendo, mas havia aguentado por toda a manhã. Os canhões trituravam, golpeando a muralha com força destruidora até que, na primeira hora da tarde, o trabalho se viu recompensado.

A muralha começou a desabar, não em pedaços como os bastiões haviam cedido, mas toda uma parte espetacularmente grande. Hogan saltou de alegria.

— Lá vai!

Depois se perdeu a visão. O pó se agitava como se fosse a fumaça causado por uma explosão, o ruído retumbou atravessando as águas, e as dotações dos canhões se regozijaram com estridência. O pó se afastou lentamente e, lá onde havia uma muralha aparentemente sólida, tinha agora uma terceira brecha enorme; tão larga como as outras, mas recente, sem defesas. E chegaram as ordens. Esta noite, cavalheiros, esta noite no crepúsculo. Pelas brechas, e as portas da Espanha seriam britânicas.

Durante toda à tarde, enquanto vinham nuvens do leste, os canhões dispararam para que os franceses não pudessem trabalhar nas brechas. Os artilheiros trabalhavam de boa vontade. Haviam cumprido com seu trabalho e este era o último dia de esforço, o dia vinte e dois do assédio, e amanhã já não teriam que mover com esforço os canhões nem suar mais, nem teria mais tiro de contrabateria dos inimigos. Badajoz seria sua. Os engenheiros contavam escadas e sacos de feno, amontoavam os machados que as tropas de vanguarda levariam no ataque e iam pensando nas cômodas camas que lhes esperavam na cidade. Badajoz era sua.

Finalmente chegaram as ordens em apenas vinte e sete parágrafos. Os homens as escutaram em silêncio enquanto os oficiais lhes explicavam as novidades. Voltaram a amolar as

baionetas, os mosquetes foram verificados outra vez, e eles iam escutando os monótonos toques do relógio da catedral. Primeiro a escuridão, e Badajoz seria sua.

O capitão Robert Knowles, que agora formava parte da Terceira Divisão, levantou a vista para o bloco ingente do castelo com sua colônia de francelho. A Terceira Divisão, que acarretaria as escadas mais compridas, tinha de cruzar o riacho e escalar a roca do castelo. Ninguém esperava que esse ataque saísse bem, era uma mera distração para que as tropas ficassem no castelo, mas os homens de Knowles lhe sorriram com ironia e lhe asseguraram que eles escalariam a muralha. Vão saber o que é bom, senhor! E ele sabia que tentariam, e ele também, e pensou no fantástico que seria se pudesse chegar até Teresa primeiro, à casa com as duas laranjeiras, e entregá-la junto com a menina a Sharpe sãs e salvas. Voltou a olhar o castelo sobre a roca alta e escarpada enquanto desejava lutar tal como Sharpe o fazia. Ao diabo com o ataque simulado! Eles atacariam de verdade.

A Quinta Divisão, que viria atravessando o rio, montaria outro ataque com escadas; este contra o baluarte do nordeste, o de São Vicente, que se elevava sobre o rio. Assim como o ataque ao castelo, o que se propunha era reter as tropas inimigas, impedir que fossem reforços para o ângulo sudeste, pois era ali, nas três brechas, onde Wellington sabia que tinha de conseguir a vitória.

As brechas. A Quarta Divisão e a companhia ligeira levariam a cabo o verdadeiro ataque: o assalto às três brechas. Os homens esperavam, as nuvens iam cobrindo o céu, e imaginavam o fervedouro de tropas que haveria no interior do fosso, a luta que se aproximava, mas eles ganhariam. Tomariam Badajoz. Os canhões iam disparando.

Sharpe encontrou um armeiro de cavalaria que colocou sua espada contra a roda com pedal e as faíscas saltaram do fio. Havia conferido seu fuzil e carregara a arma de sete canos. Ainda que as ordens que recebera o proibissem de penetrar no fosso queria estar preparado. Seria o guia, o único homem que tinha ido caminhando até a borda do talude, e sua missão consistia em conduzir o destacamento suicida da Divisão ligeira até o extremo do fosso que

ficava em frente do bastião de Santa Maria. Ali o deixaria e continuariam para atacar o baluarte e a brecha nova enquanto, longe, à direita, o South Essex e a Quarta Divisão marchariam contra o baluarte Trindade. Uma vez que Sharpe tivesse levado o destacamento suicida até o fosso, teria de regressar e guiar outros batalhões ladeira acima. Mas ele tinha a esperança de abrir caminho entre a luta e atravessar a muralha para ir buscar sua filha.

O sino deu as seis, logo o quarto, e depois a meia. Os homens formaram sem deixar que os vissem da cidade. Não levavam mochilas, apenas armas e munições, e os coronéis lhes passaram revista, não para comprovar seus uniformes, mas para lhes sorrir com cumplicidade e animá-los, porque esta noite, o homem comum, o soldado menosprezado escreveria uma página na história, e aquela página tinha de ser uma vitória britânica. A tensão cresceu quando o sol se pôs, a imaginação fazia realidade os temores, e os oficiais distribuíram as rações de rum entre a tropa e escutaram as brincadeiras de sempre. Uma repentina cordialidade percorreu o exército, um sentimento de dificuldades compartilhadas, e os oficiais que provinham das famílias importantes se sentiram próximos de seus homens. A imaginação não perdoava aos ricos, nem aos defensores, e esta noite os ricos e os pobres necessitariam uns dos outros no fosso. As mulheres se despediram com o desejo de ter um marido vivo no dia seguinte, e as crianças ficavam caladas, intimidadas pela expectativa, enquanto que nas tendas os médicos abriam as maletas e afiavam os escalpelos. Os canhões seguiam disparando.

As sete em ponto. Apenas faltava meia hora para que Sharpe e os outros guias — todos salvo o fuzileiro eram engenheiros — se reunissem com seus batalhões. A metade do destacamento suicida da Divisão ligeira era composta por fuzileiros que desejavam conseguir a condecoração da coroa de louro. Sorriam para Sharpe com ironia e lhe faziam brincadeiras. Queriam que tudo começasse logo e terminasse da mesma maneira que um homem que se enfrenta à faca do cirurgião quer acelerar o relógio fatal. Começaria a se mover às sete e meia e mais ou menos às nove e meia o

assunto já estaria decidido. Os que sobrevivessem estariam bêbados pelas dez e o vinho seria grátis. Esperavam, sentados no solo com os fuzis entre os joelhos, e rezavam para que o relógio corresse mais depressa. Que tudo acabe já, que tudo acabe já. E se fez escuro e os canhões seguiam retumbando, e as ordens tinham que chegar. Sete e meia e as ordens sem chegar. Havia atraso e ninguém sabia por que. As tropas estavam inquietas, chateavam-se com os invisíveis oficiais do Estado maior, reclamavam do maldito exército e dos malditos generais porque na escuridão os franceses andariam formigando pelas brechas, preparando armadilhas contra os britânicos! Os canhões deixaram de disparar, como já deviam ter feito, mas seguiam sem chegar as ordens e os homens esperavam e imaginavam os franceses trabalhando na brecha nova. Deram as oito e às oito e meia. Alguns cavalos galoparam na escuridão. Os homens gritavam pedindo informação. Seguiam sem chegar as ordens, mas chegavam rumores de possíveis explicações. Tinham perdido as escadas. Faltavam os sacos de feno e maldisseram aos engenheiros e ao exército de merda. E os franceses seguiam trabalhando.

Nove horas. Estavam lhes preparando a morte nas brechas. “Adie-o — pensou Sharpe —, que seja amanhã!” O ataque tinha de ter iniciado depois dos canhões, nos minutos de escuridão em que ainda resta um rastro de luz para que os batalhões não se percam no talude. O tempo ia passando e eles seguiam esperando. Continuavam proporcionando ao inimigo alguns minutos preciosos para trabalhar nas defesas. Depois se percebeu uma agitação na escuridão. Ordens. Finalmente não o retardavam.

Venha, venha, venha, venha, venha. A tropa ia se movendo com o tilintido de metal e os golpes de culatra de fuzis e mosquetes. Havia uma sensação de alívio por avançar na escuridão, na absoluta e fria escuridão, e os seis mil e quinhentos homens, ingleses, irlandeses, escoceses, galeses e portugueses avançaram contra a cidade. Os guias ordenavam silêncio e as ordens foram passando. Finalmente se punham em marcha e ninguém podia fazer calar as milhares de botas que avançavam, que se arrastavam pela rota que se estendia entre a represa e o forte Pardaleras. Longe, ao

norte, a Terceira Divisão desfilava sobre a ponte junto ao moinho desmoronado que se estendia sobre o Rivillas e o ar se encheu do coaxar das rãs e dos temores dos homens. A cidade aguardava às escuras. Silêncio em Badajoz.

O tenente que estava ao comando do destacamento suicida tocou no cotovelo Sharpe.

— Estamos muito à esquerda?

Tinham perdido todo contato com a Quarta Divisão. Estava escuro, totalmente escuro, e não se ouvia nenhum ruído procedente do forte ou da cidade. Sharpe lhe respondeu com um sussurro.

— Vamos bem.

Ainda não se ouviam disparos, nenhum ruído da cidade, nem do Pardaleras que agora estava atrás deles. Silêncio. Sharpe se perguntava se o ataque seria de surpresa para os franceses. Perguntava-se se talvez o inimigo fora iludido com o atraso, talvez suas tropas tenham relaxado, esperando que fosse outro dia e se o maior presente que os deuses podem oferecer a um soldado, a surpresa, haviam outorgado aos britânicos. Agora já estavam perto. A sombra escura e triste da fortaleza ocultava pela metade o céu. Via-se imensa de noite, enorme, tremendamente forte. De repente Sharpe já se encontrava sobre a ladeira do talude. Parou enquanto os sessenta homens do destacamento suicida se alinhavam e lançavam as escadas e os sacos de feno para frente. O tenente desembainhou a espada.

— Preparados.

Ouviram-se disparos à direita, longe, lá onde havia se situado a Terceira Divisão. Parecia que fosse a léguas de distância, como se fosse a batalha de outros, e era difícil acreditar que o ruído não tinha nada a ver com o escuro talude que levava à fortaleza que tinham em frente. Contudo o ruído alertaria todas as sentinelas francesas. Sharpe se apressou ladeira acima, torcendo por sua esquerda, seguindo sem ouvir nenhum ruído precedente das muralhas ou dos baluartes. Tentou procurar sentido para as sombras, reconhecer as formas que vira há apenas três noites, e suas pisadas ressoaram sobre o capim e ouvia o ofegar dos homens que iam atrás dele. Seguro de que os franceses os estariam

ouvindo! Em qualquer momento, quase temia ao pensar o real que era sua imaginação, a metralha os crivaria das muralhas. Viu o canto de um baluarte, reconheceu que era o de Santa Maria, e sentiu um grande alívio ao ver que tinha levado o destacamento ao lugar apropriado.

Sharpe girou para o tenente.

— É aqui.

Teria gostado de ir com ele, que ia à cabeça do destacamento suicida, mas não podia ser. A glória era para o tenente, que não lhe respondeu. Esta noite ele era um Deus, esta noite não podia fazê-lo mal, porque esta noite estava ao comando de um destacamento suicida contra a maior cidadela que o exército britânico já atacara. Voltou-se para seus homens.

Partiram. Em silêncio. As escadas iam esfregando-se pelo extremo da pedra do talude, baixavam-nas para o interior do fosso, e os homens as desceram deslizando pelos travessões, e caíram sobre os sacos de feno que se tinham lançado. O assalto começara.

Sharpe observava as muralhas. Estavam às escuras e em silêncio. Atrás dele, ao pé do talude, ouviu as pisadas dos batalhões que se aproximavam e, adiante, ao tenente que gritava para seus homens e as primeiras botas que trepavam pela brecha. O assalto tinha começado. O inferno estava em Badajoz.

CAPÍTULO 24

Durante aquele dia as orações não cessaram na catedral. Vozes rumorosas como burburinhos, vozes histéricas; orações iam acompanhando as contas dos rosários. As mulheres de Badajoz temiam pelos mortos que encheriam suas ruas naquela noite. Quando o exército britânico teve consciência do assalto, também o tiveram os defensores e os habitantes de Badajoz. A chama de um monte de velas vacilava ante as estátuas dos santos como se com seu diminuto resplendor pudesse afugentar o mal que rodeava a cidade e que se aproximava apressado enquanto a catedral se enchia com as sombras da noite.

Rafael Moreno, comerciante, deixou que a pólvora escorresse dentro de suas pistolas e as escondeu, já carregadas e cevadas, debaixo da tampa de sua escrivaninha. Desejava que sua mulher estivesse com ele, mas ela tinha se empenhado em se reunir com as freiras na catedral, mulher louca, e ali rezar. As orações não faziam que os soldados se desviassem, as balas sim, mas era mais provável que os pudessem subornar com o vinho tinto sangue-de-boi que havia deixado no pátio. Moreno deu de ombros. Os bens mais valiosos estavam escondidos, bem escondidos, e sua sobrinha insistia em que ela tinha amigos entre os britânicos. Ouvia Teresa falar com sua menina no andar superior, sem dúvida ela tinha aquele fuzil carregado e preparado. Ele gostava de sua sobrinha, certamente, mas às vezes pensava que a família de seu irmão César era bastante bronca. Francamente irresponsável, inclusive. Serviu-se de vinho. Aquela menina lá em cima, cuja saúde ia melhorando, graças a Deus, mas não deixava de ser uma filha

bastarda! E em sua casa! Moreno tomou um trago de vinho. Os vizinhos não o sabiam, ele garantiu que fosse assim. Achavam que era uma viúva cujo marido morrera em uma das batalhas que ocorreram no último ano entre franceses e os dispersos exércitos espanhóis. Ouviu que o relógio da torre da catedral começava a ofegar enquanto se preparava para tocar o sino. Dez horas em Badajoz. Esvaziou o copo e chamou um criado para que o enchesse.

Soaram as badaladas e abaixo, na catedral, sob as altas abóbadas e os retábulos dourados, debaixo da grande aranha escura, e os olhos tristes da Dolorosa, as mulheres ouviram que começava o tiroteio dos mosquetes na distância. Levantaram a vista, por cima do brilho das velas, para a Mãe de Deus. “Não nos abandones agora e na hora de nossa morte”. Sharpe ouviu a primeira badalada das horas e depois nenhuma mais. É que ao primeiro tango, uma bola de fogo se elevou sobre as ameias, descreveu um arco luminoso na escuridão e caiu rapidamente sobre o fosso. Foi a primeira de uma série de bolas incandescentes que caíam ao mesmo tempo em que as bolas incendiárias rodavam para a portilha recém aberta e, de repente o fosso, o revelim, os obstáculos e as diminutas figuras do destacamento suicida se viram inundados de luz, uma luz que caía de cima, com chamas que revelavam os obstáculos que havia no fosso; o destacamento começou a escalar enquanto o fogo refletia seu brilho nas baionetas.

Os batalhões que iam atrás gritavam vivas. Depois se fez um silêncio. As primeiras filas acabavam de chegar ao fosso e se começou a ouvir o esfregar das escadas. Os homens se lançavam contra os sacos de feno e desciam pelas escadas deslizando, era um fluxo de homens com uma pressa desesperada para atravessar o fosso e escalar as rampas das muralhas. Aclamavam, animavam-se para seguir, mesmo quando as primeiras línguas de fogo percorreram os portilhas dos baluartes de Santa Maria e da Trindade.

Sharpe se jogou no chão quando explodiram as minas. Não era uma nem duas, mas toneladas de pólvora embalada no fosso, nas ladeiras inferiores das rampas, que se acenderam e ao estourar

desintegrou o destacamento suicida. Arrebatado em um segundo, reduzido a pedaços horríveis de soldados mortos, também as primeiras filas dos primeiros batalhões saíram impelidas para trás, tal foi o ímpeto na planície e das pedras que caíam como projéteis.

Os franceses prorromperam em vivas. Apareceram beirando os parapeitos e os baluartes; os canhões que foram virados para que disparassem no interior do fosso, canhões carregados duplamente com potes de metralha que não estavam camuflados. Os mosquetes soltavam faíscas, mas se viam afogados pelas chamas dos canhões. O inimigo aclamava e gritava obscenidades. Durante todo este tempo seguiam lançando foguetes que iluminavam os alvos, o fosso transbordava fogo e era como um recipiente em brasas que apenas o sangue apagaria; os homens seguiam descendendo pelas escadas para o fosso.

A terceira portilha permanecia em silêncio, era o mais recente. Estava situado entre os baluartes, era como uma cicatriz enorme e nova que podia conduzir para a cidade, mas Sharpe viu que os franceses trabalharam duro. O fosso que havia em frente da muralha era enorme, tão largo como uma planície que enchia o largo revelim a semi construído. O revelim media vinte pés de altura, tinha forma de diamante, e o único caminho para a nova abertura era rodeando-o. O caminho estava bloqueado. Haviam virado carretas no acesso e coberto com madeiras e as bolas de fogo iluminavam de vez em quando os obstáculos para que ardessem bem e com intensidade e nenhum atacante pudesse se aproximar. Apenas podiam se aproximar das brechas dos baluartes de Santa Maria e da Trindade, dominados pelos canhões inimigos. Disparavam uma e outra vez as munições reservadas para essa noite. Os britânicos o seguiam tentando, mas também seguiam morrendo a certa distância da base dos portilhas.

Sharpe regressou pelo talude e penetrou nas sombras e ao girar-se viu as altas e maciças muralhas da batalha iluminadas pelo fogo. As chamas se elevavam pelas frestas, a fumaça se retorcia em espirais, entre o turbilhão e a luz dos fogos viu formas estranhas no extremo superior das portilhas. Parou para olhar, tentando identificar o que eram aquelas formas que vislumbrava

entre o fogo pungente e a fumaça, e percebeu de que os franceses tinham coroado cada portilha com *Chevaux de Beire*. Cada um deles era formado por uma madeira grossa como o mastro maior de um encouraçado, e de cada madeira saíam um milhar de lâminas de sabre; aquela barreira de sabres, grossa como o manto de um porco espinho, espetaria e rasgaria qualquer homem que chegasse ao cume. Se é que algum conseguiria.

Encontrou-se com o coronel do batalhão seguinte que estava com a espada desembainhada e olhava fixamente para o talude rodeado de fogo.

O coronel olhou com raiva para Sharpe.

— O que se passa?

— Canhões, senhor. Venha.

O coronel não precisava que lhe explicassem nem que o guiassem. A frente do baluarte de Santa Maria era como uma tela na qual se refletiam as chamas e marcharam para aquele lugar quando, de repente, a metralha passou assobiando pela ladeira e abriu amplas vagas na formação do batalhão. Os homens se reagruparam, continuaram andando, mais perto da borda, e os artilheiros polvilharam o talude com metralha e o coronel brandiu sua espada.

— Avançar!

Corriam sem nenhum tipo de ordem e se lançavam ao fosso. O talude estava coberto de corpos, retorcidos por novas explosões e disparos, mas os homens não deixavam de subir pela ladeira e se jogavam ao interior do recipiente de fogo. Os homens saltavam para os sacos de feno, mas caíam sobre os mortos ou feridos. Os vivos avançavam aos empurrões para a portilha, tentando abrir passagem até a pedra rachada, e cada vez que tentavam os artilheiros franceses, do alto das imponentes muralhas, os repeliam, deste modo, o fundo do fosso era um mar de sangue. Sharpe observava, espantado. Suas ordens eram de regressar até onde esperavam as tropas de reserva, para guiar o maior número de homens que pudessem avançar, mas nenhum homem necessitava ser guiado naquela noite. Permaneceu ali.

Nem um só homem havia alcançado ainda a portilha. O fosso entre o talude e o revelim estava a arrebentar de homens, sem ordem nem acordo, uma mistura da Quarta Divisão e da Divisão ligeira. Alguns se agachavam buscando segurança, pensavam que a sombra do revelim os protegeria dos canhões que os arrasavam do alto. Mas ali não havia segurança. Os canhões tinham alcance de cada polegada do fosso, disparavam com dispersões científicas, matando, matando e matando, mas de momento apenas disparavam ali onde os britânicos se moviam para as portilhas, e nos espaços ante as grandes rampas de pedra os mortos iam se amontoado. Os canhões disparavam potes de metralha, potes de latão que explodiam com o lançamento do canhão e expeliam balas de mosquete. Outros canhões eram carregados com metralha, munições navais que martelavam contra a parede do fosso.

Mas não eram apenas os canhões. Os defensores também jogavam das muralhas qualquer coisa que pudesse matar. Pedras do tamanho da cabeça de um homem se estrelavam no interior do fosso; projéteis com as mechas cortadas a um palmo acesas a mão que caíam borbulhando e lançavam fragmentos em vermelho vivo que cortavam o fundo do fosso, e inclusive barris de pólvora, com mecha e acesa, que faziam rodar pela ladeira da portilha. Sharpe observou um barril que quicando e cambaleando, com a mecha vermelha que girava loucamente, saltou finalmente para o interior do fosso e explodiu na frente de uma dúzia de fuzileiros que corriam para a portilha aberta no baluarte Santa Maria. Apenas três sobreviveram, gritando desesperados; um deles se afastou sem rumo, insensível a que ocorria, para as pranchas que bloqueavam o caminho para a nova portilha. Sharpe achou ter ouvido seus gritos de moribundo entre o borbulhar das chamas, mas eram tantos os moribundos e tanto ruído que não tinha certeza.

A confusão armada pelos vivos no fosso era tão impressionante, que de repente se converteu em uma explosão de raiva. Sharpe girou para a direita e viu que uma onda de homens, fuzileiros e casacas-vermelhas, avançarem em carga. Resmungou. Tinham aberto caminho pela face inclinada do revelim, buscando com desespero a vitória; aquele ataque incipiente se estendeu pela

superfície plana do baluarte sem deixar de correr, apontando com as baionetas para a nova brecha. Os franceses estavam esperando. Acenderam os canhões que não tinham sido disparados, a metralha surgiu por três lados e o ataque morreu com uma dança de horror na qual os homens se viam açoitados pelos ventos de ferro adversários. Alguns sobreviveram e continuaram correndo, mas descobriram que o revelim ia dar em outra ladeira pronunciada. Dentro de outro fosso antes de chegar à portilha e, ao hesitar, a infantaria francesa lhes lançou fogo de mosquete e só o que restou deles foram seus corpos sobre a parte superior do revelim, alguns corpos que ao cair se converteram em manchas escuras irreconhecíveis sobre a pedra.

Os canhões iam ganhando a noite. O fosso estava bloqueado pelo fogo. Os homens não podiam dirigir-se nem para a direita nem para a esquerda, por causa das madeiras em chamas que entupiam o fosso principal de ambos os lados dos dois baluartes; também os acessos da terceira brecha se achavam bloqueados. Os quatro fogos, alimentados com madeira recém trazida das muralhas, delimitavam o caminho por onde podiam passar os britânicos, um espaço terrível por causa do fogo de artilharia. Contudo ainda mais homens conseguiam entrar do outro lado, apressar-se a descer pelas escadas como se as hordas que sobressaíam nas bordas oferecessem alguma segurança. Novos grupos carregavam contra uma brecha. O fosso ia se enchendo de homens, centenas e centenas de homens, homens que gritavam, que levavam levantadas as baionetas por cima da aglomeração, mas a metralha os lambia e limpava o espaço de vivos e o espaço voltava a se encher com homens que iam caminhando sobre os mortos. Os canhões voltavam a arrotar uma e outra vez e os pequenos pedaços de metal convertiam o fosso em um ossuário. Ainda seguiam avançando, com uma valentia absurda, tentando chegar a um inimigo que não podiam nem ver nem tocar. Morriam entre maldições e lutavam para avançar.

Iam em grupos pequenos, e Sharpe, agachado no talude, viu que um oficial ou um sargento os guiava no avanço. A maioria morreu no fosso, mas alguns, finalmente, alcançaram a brecha e

subiram. Seria uma dúzia de homens, mas em poucos segundos, eram seis, e três conseguiram chegar à pedra e começar a escalar enquanto os homens na borda do talude, junto a Sharpe, ajoelhavam-se e disparavam seus mosquetes para as muralhas como se pudessem limpar o caminho para os homens que trepavam. Sharpe achava que os franceses estavam brincando com eles. Algumas vezes não disparavam sobre os grupinhos desesperados ainda que os canhões fossem limpando o acesso para a brecha. E ele via como lutavam para subir, cada vez mais para cima, até que, quase de forma casual, o inimigo os arrancava da pedra, derrotava-os e uma nova onda de sangue restava marcada na brecha. Um homem conseguiu chegar ao *Chevaux de Beire*, arrastou com o mosquete no alto até a fila de sabres, desafiou a gritos, e um soldado de infantaria francês ao qual não havia visto o golpeou e caiu ladeira abaixo se retorcendo como uma boneca de trapo. Os franceses zombaram dele e lhe dispararam.

Sharpe foi para a direita buscando à Quarta Divisão e ao South Essex, mas o fosso era como uma pia de cozinha gigantesca cheia de mortos, de sombras estranhas que projetavam os fogos, e não podia identificar os rostos na multidão amontoada que enchia o espaço entre o revelim e o talude. Alguns se protegiam atrás dos parapeitos feitos com os mortos, outros carregavam torpemente os mosquetes e os disparavam inutilmente para a pedra elevada que os esmagava com fogo. Correu durante alguns instantes pela borda do talude, tropeçava devido à superfície irregular e ouvia os potes de metralha por cima dele, diante dele, mas não o atingiam. Havia grupos de homens na borda do talude, em sua maioria de companhias ligeiras que atacavam sem deixar de disparar, e volta a atacar sem deixar de disparar, com o desejo de que suas balas quicassem por uma fresta e matassem algum francês. Os potes de metralha eram jogados para trás, ladeira abaixo. Mais lá, na mais completa escuridão, mais homens esperavam as ordens que os levariam para a luz, para o fosso, para as centenas de mortos. Sharpe nunca vira tantos mortos.

Estava ainda a cem passos do baluarte Trindade, e percebeu que naquela portilha não estava melhor que na do baluarte de

Santa Maria. O pé da brecha que tinham aberto estava manchado de corpos, em seus acessos não havia vivos, ainda que alguns grupos de homens saíam das sombras do revelim e desafiavam o inimigo enquanto arranhavam as pedras, mas os derrubavam. Soaram cornetas à direita, chegou a seus ouvidos o grito dos oficiais e dos sargentos, e ali estava o South Essex! Viu-os subirem para o talude formando uma coluna e sua companhia, a companhia de Rymer, bordejava o fosso e disparava com seus mosquetes inutilmente contra a muralha enquanto outros homens se arrastavam até as escadas, deixavam-se cair nos sacos de feno, com pressa desesperada. Os homens se agrupavam na borda do fosso, os canhões martelavam da muralha lançando seu bafo quente sobre o talude, e Sharpe viu que o batalhão estremecia como fosse ferido, voltava a se formar e se rompia sob novos impactos. Mas já estavam do outro lado arrastando-se para o fosso. Viu Windham, sem o chapéu de três pontas, que ia cortando com sua espada para a brecha e novos canhões disparando até que o ruído da cidade se converteu em um trovão impressionante.

Morriam às dúzias, mas seguiam avançando para a brecha, e mais homens de outros regimentos iam saindo do fosso e o tentavam, e empurravam, e lutavam e engatinhavam para cima até que parecia que iam ganhar porque não havia munição suficiente no mundo para matar tantos homens. Os artilheiros atacavam e disparavam, carregavam e disparavam, e os barris de pólvora desciam golpeando pela ladeira, e lançavam bombas com mechas acesas para que as explosões rachassem os homens. Os mortos sufocavam os vivos, a brecha havia ganhado. Poucos homens, muito poucos, que ainda seguiam com vida, lutavam para subir e destroçavam as mãos nas pranchas cheias de pregos que havia na parte superior da ladeira. Sharpe viu a Leroy com a espada desembainhada e seu inconfundível charuto entre os dentes, levantando a vista para a noite. Caminhava lentamente, e depois caiu, cambaleando, até cair gritando dentro do fosso. Outro homem havia alcançado as pontas das espadas, no extremo superior, agarrou-se a elas com as mãos ensanguentadas, e sacudiu as mãos, estremeceu-se, crivado com uma dúzia de balas. O

homem que tinha chegado mais acima, que morrera no baluarte Trindade, foi deslizando para baixo enquanto deixava um fio de sangue na pedra, até que o recolheram.

Os sobreviventes estavam detrás do revelim, escavavam entre os mortos e os franceses zombavam deles.

— Venham a Badajoz, ingleses.

Sharpe não ia com eles. Ajoelhou-se, disparou uma vez para a muralha e observou o extermínio do batalhão; Collett, Jack Collett, com o pescoço cortado por uma descarga, inclusive Sterritt, o pobre e preocupado Sterritt, um herói agora, morto no fosso de Badajoz.

— Senhor? — Era uma voz estranhamente tranquila em uma tormenta de ruído e caos. — Senhor?

Levantou a vista. Daniel Hagman, estranho com uma casaca vermelha, estava ali. Levantou-se.

— Daniel?

— É melhor que venha, senhor.

Dirigiu-se para a companhia ligeira que agora estava perto dele, quieta no talude, e olhou para o fosso onde os homens se afogavam na água profunda. Seus corpos como corcovas escuras partiam as ondas formando desenhos vermelhos e negros. Os canhões estavam em silêncio agora, reservavam sua ira para os tontos que saíam de trás do revelim. As brechas estavam vazias de tudo menos de mortos. Os fogos rangiam, ávidos por madeira que lhes lançavam desde as muralhas, e um exército morria entre suas chamas.

— Senhor? — O tenente Price, com olhar duro pelo horror, correu para Sharpe. — Senhor!

— O que foi?

— Sua companhia, senhor.

— Minha?

Price lhe mostrou. Rymer estava morto, tinha uma pequena ferida, uma ferida insignificante, um ponto vermelho em sua pálida testa. Jazia de costas sobre a ladeira, com os braços abertos, com o olhar vazio. Sharpe se estremeceu ao recordar quanto quisera esta companhia, e esta morte e agora a davam a ele.

Tudo estava tão fácil. Graças ao horror, ao fogo destruidor e ao ferro que sufocavam o canto sudeste de Badajoz, a morte lhe devolvera o que uma vez tinha sido seu. Podia ficar no talude, disparando para a noite e mantendo-se a salvo da carnificina; um capitão outra vez, a companhia sua, os homens falariam dele como um herói porque sobrevivera a Badajoz.

Uma bala de mosquete passou roçando por sua cabeça, fez que se jogasse instintivamente para trás, e ali estava Harper, sem a casaca vermelha, um gigante com uma camisa manchada de sangue, e seu rosto irlandês endurecido como pedra.

— O que fazemos, senhor?

Fazer? Apenas se podia fazer uma coisa. Um homem não penetrava em uma brecha para lutar por uma companhia, nem sequer por uma ascensão para capitão. Sharpe olhou para o outro lado do fosso, por cima do revelim e, sem que tivesse sido tocada de sangue, estava a terceira brecha, a brecha nova, a que não fora atacada. Um homem penetrava em uma brecha primeiro por orgulho, nada mais, apenas por orgulho. Uma razão pobre, mesquinha inclusive, mas suficiente talvez, para ganhar uma cidade.

Levantou a vista para Harper.

— Sargento, vamos a Badajoz!

CAPÍTULO 25

O capitão Robert Knowles cruzou a ponte que havia junto a um moinho em ruínas e se surpreendeu com a placidez da noite. O rio Rivillas sussurrava no dique; adiante, o imenso castelo ocultava o céu e na escuridão achou impossível que os homens se atrevessem a escalar aquele baluarte gigantesco. O vento movia as primeiras folhas das árvores que cresciam precariamente sobre a empinada colina que conduzia ao castelo. Atrás de Knowles vinha sua companhia, traziam duas escadas e pararam ao pé da ladeira. Sua excitação se havia desvanecido, e deram uma olhada para cima para as muralhas ameaçadoras.

— São enormes! — exclamou alguém da retaguarda.

— Silêncio!

O oficial de engenheiros que guiava o batalhão estava nervoso, coisa que despertou a inquietação e a preocupação de Knowles — O que foi?

— Estamos ainda muito longe. Temos que ir para a direita.

Não podiam ir para a direita. Havia muitas tropas que se amontoavam no sopé da colina e causaria um tremendo caos se os batalhões tentassem voltar a se alinhar na escuridão. Knowles sacudiu a cabeça, irritado.

— Não podemos. Qual é o problema?

— Aquele — disse o engenheiro apontando para sua esquerda.

Uma sombra imensa surgia da escura roca, em cima deles, uma sombra com perfil ameaçado. O baluarte de São Pedro. O coronel de Knowles apareceu junto dele.

— O que houve?

Knowles assinalou o baluarte, mas o coronel o descartou.

— Faremos o que for possível. Está de acordo, Robert?

— Sim, senhor.

O coronel se virou para a companhia ligeira e levantou um pouco a voz, algo mais que um sussurro.

— Divirtam-se, garotos!

Ouviu-se um grunhido procedente da tropa. Disseram a eles que esse ataque era uma simples diversão, que não se esperava sucesso, mas depois o general Picton havia maldito a Wellington e lhe dissera que a Terceira Divisão não realizava ataques simulados. A Terceira Divisão chegaria até o final ou não o tentaria; os homens estavam decididos a provar que Picton tinha razão. Knowles, pela primeira vez, tinha suas dúvidas. Tinham que escalar uns cem pés de rocha viva e depois colocar as escadas contra uma muralha que devia medir uns quarenta pés de altura, e tudo isso à mercê do fogo dos canhões dos defensores. Cheio de dúvidas, tentava, como sempre, emular a Sharpe, mas era difícil sentir confiança ante a distinção do castelo. Suas preocupações se viram interrompidas por passos apressados; era um dos ajudantes de Picton que procurava o coronel.

— Aqui!

— Ah, senhor! O general deseja que Deus lhes ampare.

— Preferiria que me desejasse uma de suas caixas de clarete

— disse o coronel dando um golpe no ombro Knowles. — Em marcha!

Knowles não podia desembainhar o sabre. Necessitava de ambas as mãos para segurar-se à colina rochosa, para impulsionar-se enquanto seus pés procuravam com desespero pontos de apoio. Seu posto de capitão lhe pesava. Apressou-se, queria ficar na frente de seus homens porque sabia que Sharpe o faria, e enquanto ia escalando imaginava as primeiras balas de mosquete que passariam rápidas e lhe triturariam o crânio. Achava que seus homens faziam muito ruído. As escadas roçavam na pedra, nos troncos de árvore; as culatras dos mosquetes golpeavam a pedra, os pés repercutiam sobre as pedras, mas o castelo seguia ali em silêncio, projetando a grande sombra que não diminuía as chamas

dos canhões. Knowles se viu pensando em Teresa, dentro da cidade, e desejou, apesar das altas muralhas, poder chegar primeiro até ela. Queria fazer algo por Sharpe.

— Mais rápido! — era o grito de um de seus sargentos, e Knowles virou a cabeça para trás de um golpe e olhou para cima.

Lá em cima, acima dele, caía e caía a primeira bomba incendiária. O fogo rugia nas alturas; cambaleava de um extremo para o outro, jogando faíscas, e observou fascinado que mergulhava em um arbusto espinhoso que crescia ali ao lado. A rama ardeu em chamas e os primeiros mosquetes dispararam da muralha do castelo. Parecia que estavam longe.

— Venha!

Caíram mais bolas de fogo e mais bombas desde as defesas; algumas se meteram no estreito espaço junto ao pé da muralha, outras caíram formando um disforme de farrapos de fogo pela ladeira rochosa e levaram os homens que estavam em sua frente, que gritavam quando as chamas os alcançavam. Mas Knowles seguiu escalando, seus homens o instavam.

— Mais depressa! Mais depressa!

Um canhão cuspiu sua carga do baluarte de São Pedro e o pote de metralha açoitou as árvores e estalou contra a pedra. Ouviu um grito atrás dele, um grito desesperado, e entendeu que um homem havia caído, mas não havia tempo para se preocupar com as baixas, apenas de subir, o que era mais fácil à medida que se aproximavam da parte superior. Knowles sentiu a excitação da batalha que o levaria por entre o fogo para a ação.

— Avançar! — O coronel, surpreendentemente ágil para sua idade, o ultrapassou e chegou primeiro ao espaço que havia ao pé da muralha. Inclinou-se e ajudou Knowles a subir. — Peguem as escadas!

As balas de mosquete passavam assobiando, é bem verdade que os defensores disparavam torpemente; tinham que aparecer entre as ameias e disparar diretamente para baixo, quase ao acaso, para a luz resplandecente ao pé da muralha. Os canhões eram muito mais perigosos, disparavam do baluarte de São Pedro e de outro menor situado à direita de Knowles, um baluarte que

sobressaía da muralha do castelo. Os potes de metralha arranhavam o muro, pressagiando a morte dos homens nas escadas, mas esse era um perigo que tinha de ignorar.

— Aqui!

A primeira escada apareceu por cima da ladeira rochosa e Knowles correu para ela, para encostá-la à muralha; havia mais homens que a manipulavam, que a balançavam para cima, até que se apoiou no muro ameaado. O coronel Ihes fez sinais com a mão para que avançassem.

— Bons garotos! O primeiro que entre do outro lado terá a melhor puta de Badajoz!

Eles aclamaram e o coronel desabou, atingido por uma bala disparada de cima, mas eles quase não perceberam.

— Eu primeiro! Eu primeiro!

Knowles abriu caminho aos empurrões, como um menino excitado. Sabia que Sharpe iria à cabeça, e ele também, e trepou nos travessões, pensando no tonto que era, mas suas pernas o impulsionavam automaticamente e Ihe veio à cabeça, com repentino horror, que nem sequer tinha desembainhado o sabre. Olhou para cima, viu os braços dos defensores que empurravam a escada e começou a cair de lado. Gritou para avisá-los, pulou, e caiu entre um punhado de homens. Milagrosamente nem uma das baionetas o tocou. Levantou-se.

— Está ferido, senhor? — perguntou um sargento que o olhava com preocupação.

— Não! Levante-a!

A escada não estava quebrada. Outro pote de metralha se estrelou contra a parede, os homens voltaram a levantar a escada e desta vez Knowles não estava perto o bastante para ser o primeiro e observou como seus homens iam subindo. O primeiro foi atingido por um disparo de cima, o segundo o afastou de seu caminho, outros vinham empurrando atrás, mas então toda a escada com seu carregamento humano se desintegrou e se converteu em um disforme de lascas e carne. A causa foi um barril de metralha, disparado do baluarte de São Pedro, que acertou em cheio no alvo. Lançavam pedras dos parapeitos do castelo que se estrelavam

contra os homens e empurravam na frente rochosa. De repente pareceu que a companhia de Knowles estava reduzida à metade, ele sentiu as frustrações da derrota e procurou freneticamente com o olhar a segunda escada. Havia caído ladeira abaixo, e ouviu vozes que lhe gritavam: "Recuar! Recuar!". Reconheceu a voz de seu major, viu seu rosto, saltou para as sombras e deixou para trás as escadas quebradas e os corpos do primeiro ataque sob os gritos triunfantes do inimigo.

— Alguma notícia do castelo?

— Não, senhor.

Os generais estavam nervosos. Diante deles o canto sudeste de Badajoz vacilava com a luz de um fogo brilhante. Os dois baluartes, com a cicatriz das brechas sem conquistar, molduravam as chamas, as alimentavam, enquanto a fumaça escarlata rompia a noite. Pela direita, e aparentemente à distância, mais fogo resplandecia sobre o castelo que se via perfilado. Wellington, com capa e luvas, puxou nervoso as rédeas.

— Picton não conseguirá. Não pode.

Um ajudante de campo se inclinou para ele.

— Senhor?

— Nada, nada.

Estava irritável, sentia-se impotente. Sabia o que estava sucedendo no grande poço de fogo que tinha em frente. Seus homens marchavam em direção a ele e não podiam sair pelo outro lado. Estava aterrorizado. As muralhas eram três vezes maiores que as de Cidade Rodrigo, a luta muitíssimo pior, mas tinha de ser feito. Kemmis, da Quarta Divisão, abriu passagem até ele.

— Senhor?

— General?

— Enviamos reforços, senhor? — Kemmis não usava chapéu, tinha a cara manchada de poeira como se tivesse disparando com um mosquete. — Enviamos mais homens?

Wellington odiava assaltar uma cidade. Sabia ter paciência quando era necessário, quando se tratava de incitar ao inimigo para uma armadilha, mas um assalto não era isso. Inevitavelmente,

aquele momento tinha de chegar, o momento em que as tropas recebem a ordem de penetrar por um ponto, pequeno, mortal, e não havia outra escapatória a menos que o inimigo se rendesse pela falta de alimentos; não havia tempo para isso. Tinha que tomar a cidade.

— Sharpe!

Durante um segundo o general teve a tentação de maldizer a Sharpe; ele lhe assegurara que as brechas eram praticáveis. Mas Wellington o deixou correr. O fuzileiro tinha dito o que Wellington queria que dissesse e, ainda que não o tivesse feito, Wellington teria enviado suas tropas igualmente. Sharpe! Se Wellington tivesse mil como Sharpe a cidade seria sua. Escutava tristemente o preparativo da batalha. O grito de júbilo dos franceses se ouvia a distância e entendeu que estavam vencendo. Podia retirar-se agora e deixar que recolhessem os mortos e os feridos, depois de ter levantado a bandeira branca e pedir uma trégua, ou podia enviar mais homens com a esperança de uma reviravolta. Tinha que ficar com a cidade! Se não fosse assim não poderia marchar sobre a Espanha este verão, não haveria avanço para os Pirineus, e dariam a Napoleão outro ano de poder.

— Mande-os!

Pensou que tinha que alimentar à besta que estava triturando seu exército, seu distinto exército; precisava alimentar o monstro até que se rendesse. Podia recompor os batalhões destroçados, viriam reforços, mas sem Badajoz não haveria vitória. Malditos engenheiros! Havia mineiros na Grã-Bretanha. Aos milhares apenas na Cornualha, mas nenhum no exército, não havia um corpo de escavadores que pudesse pôr minas sob os baluartes, encher os vãos com pólvora e enviar os franceses ao outro mundo. Perguntou-se se tinha que ter massacrado a guarnição de Cidade Rodrigo. Se deveria tê-los feito se alinhar de dez em dez e disparar-lhes, depois deixar seus corpos apodrecerem no fosso da cidade para que qualquer francês que decidisse resistir em outra brecha apenas pudesse esperar a terrível vingança dos ingleses. Não podia tê-lo ordenado, tampouco o faria esta noite se ganhassem. Se.

Virou-se irritado para seus ajudantes de campo. Tinha rosto comprido e escurecido pela lanterna que lorde March tinha na mão.

— Tem notícias do Quinto?

A voz que respondeu era débil, ansiosa para não engrossar as más notícias.

— Deveriam estar atacando agora, senhor, o general Leith manda desculpas.

— Malditas sejam suas desculpas. Por que não pôde ser pontual?

Seu cavalo se espantou, surpreendido por uma bala de mosquete perdida, e o general o acalmou. Não podia esperar nada das escaladas. Leith ia com atraso e a guarnição do São Vicente estaria alertada. Picton sonhava com o impossível se acreditava que poderia colocar as longas escadas contra os muros do castelo. Sabia que a vitória teria de forjar-se aqui, no canto sudeste, onde as chamas e a fumaça se mexiam sobre o fosso fantasmagórico. Ao longe, como um lembrete de outro mundo que ressoava nas profundezas do inferno, o sino da catedral deu as onze. Wellington levantou a vista na escuridão e depois voltou a dirigi-la para as chamas.

— Uma hora mais, cavalheiros, uma hora mais.

“E depois o quê? — Pensou. — A derrota? O inferno não é lugar para milagres”.

Nas muralhas os artilheiros franceses moderavam os disparos. Haviam sufocado o fosso com a morte e agora escutavam os gritos e os gemidos que provinham do fundo. Parecia que os ataques tinham parado, em vista do que os artilheiros relaxaram, molharam as caras com água dos baldes que usavam para molhar as esponjas, e observaram que lhes traziam novas munições pela rampa. Não esperavam que os britânicos realizassem novas tentativas de assalto. Uns poucos homens conseguiram escalar pelas brechas, um inclusive havia ficado empalado nos sabres, mas o esforço era inútil. Pobres tontos! Já não tinha graça insultá-los aos gritos. Um sargento, de pele curtida e dura, estava apoiado na roda de um canhão e se jogou para trás.

— Céus! Oxalá deixassem de gritar.

Alguns tinham acendido às escondidas seus charutos e os escondiam dos oficiais reclinando-se nas tábuas laterais dos canhões. Um homem deslizou, e passou para frente do canhão, até que pôde olhar para o fosso. O sargento o chamou:

— Volte! Esses fuzileiros sacanas vão lhe ver.

O homem ficou. Olhou para baixo, bem abaixo, para o angustiante horror do fosso. Jogou-se para trás.

— Se entrarem nos massacram!

O sargento começou a rir.

— Não entrarão, garoto, não têm nenhuma possibilidade. Dentro de duas horas estará agasalhado na cama com aquela coisa desagradável que chama de mulher.

— Está com ciúmes, sargento.

— Eu? Prefiro ir para a cama com isto. — O sargento deu uma palmada no barril. O “N” envolvido em louros, o símbolo de Napoleão, era vermelho. — Agora volte aqui, garoto, retire esse maldito charuto e se apresse. Talvez precise de você, Deus nos livre.

Um aviso do ponto de observação.

— Preparados!

O sargento suspirou e se levantou. Outro grupinho de britânicos, idiotas por mais sinais, corria para a brecha do baluarte Santa Maria cujo acesso era coberto por um canhão. Viu-os descer, escorregar no sangue, tropeçar nas pedras, estavam em sua zona de tiro. Ficou de lado, pegou a mecha e os homens com casacas verdes ficaram destroçados. Era fácil. O sargento deu ordem para que recarregassem, ouviu o sussurro das esponjas que esfriavam a alma, e se alegrou de estar em Badajoz essa noite. Os franceses tinham começado a temer àquele lorde Wellington, haviam-no convertido no homem do paletó que lhes tirava o sono, e era bom demonstrar que o lorde inglês podia ser vencido. O sargento sorriu com ironia quando os pedaços de metralha envoltos em lona eram introduzidos no interior do canhão. Essa noite Wellington conheceria a derrota, a derrota total, e todo o Império se regozijaria. Essa noite era para a França, somente para a França, e as esperanças

britânicas ficariam enterradas ali onde deviam ficar; no fosso onde jaziam tantos mortos.

CAPÍTULO 26

— Por aqui! Por aqui!

Dirigiam-se para a direita, afastando-se do baluarte de São Pedro, abriam caminho pela face escarpada da colina até dobrar um canto e assim puderam se proteger da metralha. O primeiro ataque foi rechaçado de uma forma horrível, mas a Terceira Divisão o voltaria a tentar. Ouviam-se gritos de fúria na brecha principal, ao longe, e nas águas quietas da represa se refletia o borrado reflexo dos fogos que consumiam a Quarta Divisão e a Divisão ligeira. Knowles sentia que certa loucura batia suas obscuras asas no ambiente de assédio contra uma cidade e que essa loucura causaria uma noite de morte e de esforço insano.

— Companhia ligeira! Companhia ligeira!

— Aqui, senhor.

Um velho sargento apoiava seu capitão e atrás um tenente à frente de uma dúzia de homens.

“Meu Deus! — pensou Knowles —, isto é tudo o que resta?” Mas viu a alguns poucos homens mais que carregavam a incômoda escada. Outro sargento lhe sorriu.

— Voltaremos a tentar, senhor?

— Esperem o toque das cornetas.

Sabia que não tinha nenhum sentido realizar um ataque disperso, pois permitiria que os defensores os fossem matando um a um. Toda a divisão tinha de ir junta.

Knowles se sentiu bem de repente. Uma intuição lhe ia rondando pela cabeça, que agora tinha conseguido concretizar. O fogo de mosquete aberto desde o parapeito era leve. A metralha o

confundira, mas agora, reconsiderando o caos do primeiro ataque com a escada destroçada, recordava que foram poucos os lampejos de mosquete que se viram nas muralhas. Os franceses deviam ter deixado uma guarnição muito reduzida. Isso lhe deu confiança! Conseguiriam. Sorriu para seus homens, deu-lhes palmadas nas costas, e eles se alegraram de vê-lo tão seguro. Tentava pensar em como Sharpe agiria. O perigo não eram os mosquetes, o perigo provinha de que os defensores virassem as longas e desconjuntadas escadas. Mandou uma dúzia de homens ao comando de um tenente que se retirassem e que não tentassem subir pela escada. Desta vez disparariam contra o extremo superior da escada para limpar o parapeito de defensores, e somente quando estivesse limpo tentaria levar seus homens ao outro lado do muro ameaado.

— Entendido?

Eles lhe sorriram consentindo com a cabeça, ao que ele respondeu com outro sorriso e desembainhando o sabre.

O sargento começou a rir.

— Pensava que ia voltar a se esquecer dele, capitão.

Começaram a rir com prazer, e se alegrou de que a escuridão ocultasse seu rubor, mas seus homens eram bons homens. De repente entendeu algo que não havia entendido anteriormente, esse algo era o mesmo sentimento de perda que Sharpe sofrera. Knowles não sabia como ia subir pela escada com a espada desembainhada, e se convenceu de que teria que pôr a folha entre os dentes. Ela cairia! Estava nervoso, mas então, em lugar de cornetas, ouviram-se gritos e passos de gente que se arrastava. Tinha chegado o momento.

Os sobreviventes da Terceira Divisão surgiram da escuridão. As bombas incendiárias iam caindo de cima e o canhão que havia no pequeno baluarte do castelo desfez o ataque, mas eles não deram para trás, desafiaram-nos até que as escadas cambaleando nas curvas deram torpemente uma batida contra o muro do castelo.

— Para cima!

Apertou a lâmina entre os dentes e se agarrou aos travessões. As balas de mosquete assobiavam perto, e logo ouviu que os seus disparavam com suas armas, que o tenente dava ordens, e que ele

ia escalando. Os enormes e irregulares blocos de granito passavam diante dele, e ele subia, cheio de temor, concentrando-se em manter o sabre entre os dentes. Suas mandíbulas doíam. Era uma bobagem preocupar-se com isso, porque já se aproximava do alto e lhe dava vontade de rir, mas ao mesmo tempo tinha medo, muito medo, quando de repente notou que roçava o granito com os nós dos dedos; pensou que o inimigo o estaria esperando quando a escada inclinada o aproximasse da parede. Pegou o sabre da boca.

— Não disparem! — O tenente olhou fixamente para o alto e prendeu a respiração.

Knowles teve que valer-se do punho que envolvia a empunhadura do sabre para se apoiar e ajudar a subir os últimos degraus. Era mais fácil que escalar com a lâmina entre os dentes. De repente se sentiu como um tonto, como se alguém tivesse rido dele por subir uma escada com o sabre na boca, e se perguntou por que a mente escolhe pensamentos tão irrelevantes e estúpidos em tais circunstâncias. Ouviam-se os disparos dos canhões, os gritos, o choque contra o muro de outra escada. O homem que vinha atrás o empurrou. O cume! Era o momento da morte. O medo o apertava, mas avançou até o extremo superior e viu uma baioneta que vinha para ele. Desviou-se de para o lado; ao cambalear-se na escada, sacudiu o braço direito buscando equilíbrio, e com surpresa viu que o sabre que levava partia a cabeça do inimigo. Uma mão o puxou detrás, mas seus pés seguiam subindo travessões, mas a escada já tinha acabado! Caiu para frente sobre o corpo do morto. Virou-se para ele outro inimigo, e não lhe restou mais remédio que passar a girar e contorcer-se. Já estava ali! Estava nas muralhas! Um lamento lhe apertou a garganta, mas ele não o ouvia, era como um som de medo insensato. Lançou-se com o sabre para a virilha do homem, e um grito se elevou na noite, o sangue lhe pulsava nas munhecas, e o segundo homem na escada estava junto dele.

Tinham conseguido! Tinham conseguido! Os homens subiam e subiam pela escada, e ele, pletórico de alegria, estava de pé, com a espada ensanguentada até a empunhadura, e o inimigo correndo para eles com os mosquetes preparados, mas havia vencido o medo. Havia algo estranho nos uniformes dos franceses. Não eram

azuis e brancos. Knowles vislumbrou bordas vermelhas e amarelas, mas já estava saltando para frente, recordando que Sharpe sempre atacava. O sabre afastou a baioneta para um lado, levantou mais o braço e afundou a lâmina na garganta do homem.

— Companhia ligeira! Companhia ligeira!

Uma descarga de mosquete se espatifou no parapeito, mas ele seguia com vida e seus homens iam se reunindo ao seu redor. Ouviu que o inimigo gritava ordens. Alemão! Eram alemães! Se tiverem a metade da qualidade dos numerosos alemães que lutavam com Wellington estavam perdidos, mas não sentia medo, apenas a vitória. Guiou seus homens pela muralha com as baionetas caladas. Os inimigos eram poucos ainda que lhes excedessem em número, e cada metro de muralha que os de Knowles limpavam era um metro pelo qual as escadas podiam subir sem apuros. O parapeito do castelo foi se enchendo de uniformes vermelhos.

Os alemães eram duros de derrotar. Defendiam cada ameia, cada escada, mas não tinham nada o que fazer. O castelo estava despojado de tropas, apenas tinham deixado um pequeno batalhão que lutava com afinco. Cada minuto que ganhavam nas ameias era um minuto que ganhavam para que chegassem as reservas centrais ao castelo, assim que seguiam lutando sem levar em conta suas possibilidades, e com um grito caíam um depois do outro dos parapeitos, derrotados pelos casacas-vermelhas, até que a muralha se perdeu definitivamente.

Knowles sentiu um grande alívio. Tinham conseguido a vitória que parecia impossível. Escalaram uma colina rochosa e um castelo e tinham vencido! Bateu nas costas de seus homens, abraçou-os, riu com eles, perdoou seus crimes, porque tinham conseguido. Não importava que ainda tivesse que evacuar as amplas construções do castelo, os pátios escuros e traiçoeiros, porque ninguém poderia tirá-los das ameias dos muros. Os britânicos tinham penetrado pelo ponto mais elevado da cidade e dali podiam lutar colina abaixo pelas ruas até a brecha principal. Knowles percebeu de que seria o primeiro a juntar-se com Teresa e que em algum momento da noite veria a gratidão no rosto de Sharpe. Tinha conseguido. Tinham

conseguido. Pela primeira vez durante aquela noite foram os gritos vitoriosos dos britânicos que surpreenderam a noite em Badajoz.

Mas os gritos de alegria não se ouviam desde as brechas abertas na muralha. O castelo ficava a uma boa distância, pelo menos a meia légua, e havia que bordejar as águas estancadas, e ainda demorariam uns minutos para despachar um mensageiro. Picton esperava. Ouvira o sino dar as onze quando viu que os primeiros de seus magníficos homens cruzavam o parapeito. Ele esperava; nos ruídos da batalha saberia se tinham vencido ou se os estavam fazendo picadinho nos pátios do castelo. Ouviu os vivas, levantou-se sobre os estribos e rugiu, depois girou para o ajudante de campo.

— Cavalgue, homem, cavalgue!

Virou-se para outro oficial do Estado Maior e lhe deu uma forte palmada nas costas.

— Demonstramos que estavam errados! Seus malditos cuidados! Conseguimos!

Riu entre os dentes pensando na reação de Wellington quando lhe chegasse a notícia à meia-noite.

A raiva podia fazer que um homem atravessasse uma brecha, mas uma pequena ideia podia servir de ajuda. O que Sharpe tinha não era sequer uma ideia, mesmo inútil, que merecesse ser considerada desesperada, mas era a única coisa que tinha, assim olhou fixamente para o revelim se estendendo tão tentador para a terceira brecha, ainda intacta. Não tinha nenhum sentido tentar enfrentar-se à metralha atravessando a superfície plana com forma de diamante. Qualquer homem que tentasse seria despedaçado de um golpe, convertendo-o em carne desprezada para o fogo dos defensores. Contudo, a terceira brecha era a mais recente e os franceses tiveram pouco tempo para pôr-lhe armadilhas. Sharpe olhou por entre a fumaça que se peneirava sobre eles, que o *Chevaux de Beire* que havia no cume da nova brecha era muito curto. Havia um espaço na direita, um espaço pelo qual três homens poderiam passar de frente, e o único problema era chegar até ele. Não havia acesso ao fosso. As chamas seguiam lambendo

os muros com violência, tudo ao vermelho vivo, e o único caminho era através do revelim. Tinham que escalá-lo, atravessar a parte superior e saltar dentro do fosso, e isso tinha que ser feito na borda do revelim, perto das chamas, onde a forma de diamante se estreitava, mas o trajeto fatal era curto.

Não tinha direito de levar a companhia para aquela excursão. Isso era como um destacamento suicida, nascido do desespero e alimentado pelo orgulho. Isso tinha de ser feito por voluntários, pelos tontos. Sabia que tampouco ele tinha de ir, mas não queria esperar até que alguém morresse para ocupar seu lugar. Havia esperado, deixando que a violência do último ataque se esgotasse no fosso, e agora havia uma espécie de trégua diante das brechas. Enquanto os britânicos estivessem silenciosos, inofensivos detrás do revelim, os artilheiros os deixariam ficar. Somente quando os homens penetravam na luz, para as brechas, os canhões cuspiam a metralha que ia desenhando linhas de fogo no fundo do fosso. Atrás na escuridão, no talude, Sharpe ouvia que davam ordens. Outro ataque se aproximava, as últimas reservas da divisão vinham para alimentar o fosso, e esse era o momento, o momento desesperado, em que a débil ideia, baseada apenas em que a largura do revelim se estreitava, tinha que pô-la em prática. Virou-se para seus homens e desembainhou a espada, a lâmina de aço brilhava como uma linha na escuridão da noite, e o aço sussurrou quando o brandiu em direção ao fogo.

— Vou até lá. Há mais um ataque, apenas um, e depois acabou. Ninguém tocou essa brecha central, e é para lá que eu vou. Por cima do revelim, descendo no fosso; provavelmente quebrarei as malditas pernas porque não há escadas nem sacas de feno, mas é aonde vou. — Tinham as faces pálidas, olhavam-no fixamente enquanto ficavam de cócoras na ladeira. — Vou porque os franceses estão rindo de nós, porque acreditam que nos venceram; vou para triturar esses sacanas por pensar isso. — Não se dera conta de toda a ira que levava dentro. Ele não era uma pessoa de discursos, nunca fora, mas a raiva lhe proporcionava as palavras. — Vou para fazer que esses cornos desejem não ter nascido. Vão morrer. Eu não posso pedir a vocês que venham comigo, porque não têm por que

vir, mas eu vou; vocês podem ficar aqui, não os culparei. — Parou ao ver-se sem palavras, sem estar certo sequer do que havia dito. O fogo de todos os fogaréus crepitava atrás dele.

Patrick Harper se levantou e estirou seus enormes braços, em um levava um machado, em cuja lâmina os fogos mortais se refletiam, um dos muitos machados que foram distribuídos para cortar os obstáculos do fosso. Deu um passo à frente, passando por cima dos cadáveres e se virou para olhar para a companhia. À luz das chamas, intensa junto ao fosso, Patrick Harper parecia um guerreiro de outros tempos. Ele sorriu para a companhia.

— Vocês virão?

Não havia nada que lhes obrigasse a ir. Sharpe lhes havia pedido o impossível demasiadas vezes e sempre tinham respondido, mas nunca em um horror como aquele, nunca como isso, mas se puseram de pé, os rufiões e os ladrões, os assassinos e os bêbados, e sorriram brincalhões para Sharpe e olharam suas armas. Harper olhou para seu capitão.

— Foi um bom discurso, senhor, mas o meu foi melhor. Vai me dar isso? — perguntou apontando o mosquete de vespa de sete canos.

Sharpe consentiu com a cabeça e lhe entregou.

— Está carregado.

Daniel Hagman, o caçador furtivo, pegou o fuzil de Sharpe. Não havia homem com melhor pontaria. O tenente Price dobrou o sabre e sorriu para Sharpe.

— Acho que estou louco, senhor.

— Pode ficar.

— E deixar que o senhor chegue primeiro até as mulheres? Estou decidido a ir.

Roach e Peters, Jenkins, Clayton e Cresacre, o que batia em sua mulher, todos estavam ali, todos sentiam uma alegria contagiosa. Este era o lugar adequado para ficar louco. Sharpe os olhou, os contou, os amava.

— Onde está Hakeswill?

— Desgarrou-se, senhor. Não o vimos — respondeu Peters, um homem de alto, e depois cuspiu sobre o talude.

Abaixo deles o último batalhão subia a mesma ladeira e Sharpe percebeu que a companhia tinha que atacar ao mesmo tempo.

— Prontos?

— Senhor.

A menos de meia légua de distância, sem que o restante do exército soubesse, a Terceira Divisão estava desalojando o último pátio do castelo. Demoraram cerca de uma hora para conseguir, uma hora de luta feroz contra os alemães e contra os franceses que subiram da reserva central na praça da catedral. A meia légua no outro lado e igualmente passando despercebida, a Quinta Divisão de Leith tinha assaltado o baluarte São Vicente. As escadas se partiram porque eram feitas com madeira verde, e os homens caíram dentro de um fosso. Mas trouxeram outras escadas, e com fuzis trituraram as ameias e conseguiram uma segunda vitória que parecia impossível. Badajoz havia caído. Os da Quinta Divisão estavam nas ruas da cidade, a terceira se apoderara do castelo, mas os homens que estavam no fosso e no escuro talude não tinham maneira de sabê-lo. As notícias iam mais depressa dentro da cidade. Os rumores de derrota corriam como pólvora pelas estreitas ruas, subiam para o baluarte de Santa Maria e o de Trindade. Os defensores olhavam com olhos espantados atrás deles. A cidade estava às escuras, a silhueta do castelo estava igual, e eles desdenharam dizendo-se que não podia ser verdade. Mas e se fosse? O medo se abatia sobre eles com suas enormes asas.

— Preparados!

Por Deus! Outro ataque. Os defensores deram as costas para a cidade e olharam por cima das muralhas. Ali, surgindo da escuridão, surgindo da ladeira cheia de cadáveres, nascia outro ataque pelo fosso. Mais carne para os canhões; o fogo lampejava no tubo de cevar, a fumaça surgiu de golpe, e a cortadora se pôs em marcha.

Sharpe esperava o primeiro canhão, ouviu o disparo e começou a correr. Para Badajoz.

CAPÍTULO 27

O alto da muralha desapareceu envolto em fumaça. As chamas a atravessavam como lanças, e ele saltou com a espada desembainhada enquanto os homens que havia no fosso lhes gritavam.

— Abaixo! Abaixo!

Ele não tinha contado com isto. O fosso estava cheio de vivos, de moribundos e de mortos, e os vivos o agarravam.

— Abaixo! Ou nos matarão!

Havia se deixado cair sobre os corpos, mas se levantou e ouviu que seus homens andavam pesadamente ao seu redor. No fosso pequenas fortalezas, corpos amontoados que protegiam da metralha os homens que por sua vez se agachavam sobre outros cadáveres. As balas penetravam vacilantes na sombra do revelim, os feridos o puxavam. Sharpe brandiu a espada para frente, abrindo caminho. Ia gritando, “deem passagem!”. Os mortos não podiam se mover, ele ia avançando por entre os corpos, resvalava no sangue, e a sua direita, junto ao baluarte Trindade, os artilheiros destroçavam o último ataque.

Havia mãos que se agarravam com avidez a Sharpe, que tentavam puxá-lo, e fora da escuridão viu uma baioneta que tinham lançado contra ele. Detrás, Harper ia gritando em sua língua para os irlandeses. Um homem se levantou em frente de Sharpe, agarrou-se a ele e Sharpe o golpeou com a empunhadura da espada. Adiante ficava a face inclinada do revelim com a luz brilhante por cima dele; os canhões estavam esperando. Sharpe sentiu a tentação de submergir-se no fedor da tropa que havia

dentro do fosso e deixar que a noite o ocultasse. Voltou a brandir a espada, deu um golpe com o plano da folha, e um homem caiu, seus pés já estavam sobre a ladeira e ele subia, sem querer, com medo de ficar inconsciente. Encolhia o corpo para evitar os mortos que assolavam a parte superior do revelim. Parou.

Ouvia-se um som novo no fosso, um som de raiva, girou, com a espada brilhante na mão, e olhou atrás de si, incrédulo. Os sobreviventes do South Essex, com os rostos amarelos manchados de sangue, abriam passagem para ele. Tinham visto a sua companhia ligeira abrir um caminho para o revelim e agora queriam se unir àquela loucura, mas eram suas vozes as que haviam detido Sharpe.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe! — Inconscientemente o entoavam, como um grito de guerra, e outros homens que não sabiam o que significava acolhiam o grito. O fosso estremeceu e a gritaria encheu a noite.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

— O que dizem, March?

— Parece que dizem "*sharp*"*, senhor.

** O adjetivo inglês sharp tem, entre outros, os seguintes significados: astuto, hábil; agudo, penetrante; rápido. (N. da T.)*

O general começou a rir porque fazia alguns momentos que tinha desejado ter mil soldados como Sharpe, e agora, talvez, aquele safado lhe entregaria a cidade. Seus ajudantes de campo, ao ouvir aquele riso não compreenderam nada nem quiseram perguntar.

Os artilheiros, no alto da muralha, ouviram o grito e tampouco entenderam nada. Estavam massacrando o baluarte Trindade, rechaçando o ataque, tal como tinham feito com os outros, quando viram que a parte superior do revelim se escurecia com a presença dos homens, e que estes gritavam, e todo aquele fosso que eles acreditavam que estava cheio de cadáveres se movia, os cadáveres tinham voltado à vida e iam para eles, para se vingar.

Os mortos gritavam.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

A loucura ia se apoderando de Sharpe. A glória de uma vitória em forma de uma canção de guerra lhe fervia nos ouvidos, assim que nem ouvia o fogo da artilharia, nem a explosão dos canhões, nem se informou que atrás dele, atravessando o diamante, os homens iam caindo, e os canhões iam enchendo o ar com os mortos. Deu um salto. Havia atravessado o revelim correndo, sentia o calor do fogo perto de si; a sua direita, o desnível era enorme. O novo fosso estava estranhamente vazio, saltou-o e viu que uma pedra saía expelida com o golpe de um mosquete. O salto o deixou sem fôlego, jogou-o para frente, mas estava em pé e seguia correndo.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

“Vou morrer aqui — pensou —, neste fosso vazio com estes estranhos vultos brancos que se agitam sob a débil brisa”. Então se lembrou das sacas de lã que tinham protegido as duas brechas e achou incrível que uma mente pudesse advertir coisas tão irrelevantes no umbral da morte.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

“Vou morrer aqui — pensou —, ao pé da ladeira”. E odiou os sacanas que o matariam e a ira o invadiu, escorregou nos entulhos, incapaz de lutar, só queria subir, afundar sua espada na carne francesa. Havia homens ao seu redor que gritavam algo ininteligível, e o ar se encheu de fumaça, de metralha e de chamas. Harper o ultrapassou, segurando no alto seu machado, e Sharpe, não querendo ficar par trás, conduziu suas pernas para o teto escuro além da linha de espadas brilhantes.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

O soldado Cresacre estava morrendo com as tripas azuis sobre o colo, chorava por ele e por sua mulher, a quem de repente sentia falta ainda que costumasse bater nela cruelmente. E o sargento Read, o metodista, o homem tranquilo que nunca maldizia, nem bebia, tinha ficado cego e não podia chorar porque os canhões lhe tinham arrancado os olhos. E passando diante deles, ávidos de loucura, de loucura de batalha, ia a obscura horda que seguia Sharpe. Iam dando as mãos na dura pedra, subindo a ladeira ali

onde nunca tinham sonhado ir. Alguns retrocediam destroçados pelos canhões e iam se amontoado no novo fosso que começava a ficar como o outro, mas a loucura podia mais que eles.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

Reservem as forças para escalar, mas gritar afugenta o medo. Mas quem necessita de forças quando a morte espera no cume? Uma bala estourou contra a espada de Sharpe, deu-lhe um puxão na mão, mas estava inteira. Foi para a direita, em sua cabeça ressoava o grito de morte. Uma pedra se moveu debaixo de sua mão esquerda lançando-o contra o chão, mas uma mão o empurrou e o levantou. Sharpe se agarrou à corrente que ancorava o *Chevaux de Beire*. O cume, o pico da morte.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

Os franceses dispararam uma vez mais; porém, de repente, os canhões retrocederam. A nova brecha estava tomada. Dois homens permaneciam no cume, o fogo não lhes havia alcançado. Os franceses corriam sem saber para onde. Harper lançou um grito ao céu porque tinha feito uma grande coisa.

Sharpe deu um salto, colina abaixo, para a cidade, e sua espada era como um ser vivente em sua mão. Uma brecha estava tomada, haviam enganado à morte e a morte queria uma recompensa. A espada ia cortando os uniformes azuis, ele não via homens, somente inimigos, e corria. Escorregava, caía pela brecha até que o piso sob seus pés se converteu em solo firme e estava dentro. Dentro! Em Badajoz. Resmungava para os sacanas e os matava. Encontrou a dotação de um canhão que se agachava junto a uma parede e lembrou a canção da morte. A espada os foi talhando, despedaçando; um machado girava e girava sobre eles. Os franceses abandonaram a muralha baixa recém construída atrás das brechas porque a noite estava perdida.

Do outro lado da brecha, por cima das outras, fluía uma maré escura, uma maré que agora não produzia nenhum som coerente. Era aterradora por sua incoerência. A voz da bruxa perversa, o lamento de tanta dor, de tanta morte, e a loucura virou raiva e insensatez e eles seguiam matando. Foram matando até que seus braços se cansaram, até que se acharam empapados em sangue,

até que não tinha homens a quem matar. Meteram-se pelas ruas como uma torrente escura que ascendia por Badajoz.

Harper saltou o muro construído atrás das brechas. Um homem se entocava ali, implorou, mas o machado caiu sobre ele e Harper esboçou um sorriso e soluçou furioso para a cidade. Tinha mais homens adiante com uniforme azul, e correu para eles, descrevendo círculos com o machado, mas ali estava Sharpe. Matavam porque muitos tinham morrido, porque derramaram demasiado sangue, quase um exército morreria, e eram os sacanas que tinham rido. Sangue e mais sangue. Badajoz.

Sharpe estava gritando. Desabafava uma raiva que estivera esperando este momento. Permanecia em pé com a espada tingida de vermelho escuro e queria que mais franceses se aproximassem dela, e os espreitava mostrando os dentes, gritando para a noite. Um corpo se moveu, um braço azul se levantou, e a lâmina deu voltas, penetrou, voltou a levantar e desceu uma vez mais, limpa, para o pavimento.

Um francês, um matemático recrutado como oficial de artilharia, que tinha contado quarenta ataques distintos ao baluarte Trindade e os rechaçara todos, permanecia calado entre as sombras. Estava quieto, bem quieto, esperando que passasse aquela loucura, aquela avidez de sangue, e pensou em sua noiva, longe, e rezou para que ela nunca chegasse a ver algo tão horroroso. Observava ao oficial de fuzileiros e rezou para que não o visse, mas este girou a cara, os olhos brilhantes de lágrimas, e o matemático gritou: "Não! monsieur, não!". A espada o alcançou, ficou estripado como Cresacre. Sharpe soluçou com ira enquanto rasgava uma e outra vez, investindo no artilheiro, rasgando-o, mutilando ao sacana, e depois mãos gigantes o agarraram.

— Senhor! — Harper o sacudia. — Senhor!

— Céus!

— Senhor! — Harper lhe deu um bofetão. — Capitão.

Sharpe se apoiou contra a muralha, com a cabeça para trás, tocando a pedra.

— Oh céus, céus! — Ofegava, tinha o braço flácido e o pavimento diante dele estava cheio de sangue. Baixou o olhar para

o oficial de artilharia, destroçado por uma morte grotesca. — Oh, céus! Estava se rendendo.

— Não importa.

Harper tinha se recomposto primeiro, tinha o machado destroçado por um golpe mortal, e observara com temor a Sharpe enquanto matava. Agora tranquilizava Sharpe, acalmava-o, e viu que lhe voltava a sensatez ainda que a loucura subia pelas ruas da cidade.

Sharpe levantou a vista, já acalmado, sua voz não deixava ver nenhum sentimento.

— Nós conseguimos.

— Sim.

Sharpe voltou a apoiar a cabeça contra as muralhas e fechou os olhos.

Foi sim. E para consegui-lo descobrira que um homem tem que expulsar o medo, e junto com ele qualquer outro tipo de emoção salvo a raiva e a ira; a humanidade, os sentimentos, tudo tinha de desaparecer salvo a raiva. Apenas isso conquistaria o impossível.

— Senhor? — Harper puxava Sharpe pelo cotovelo.

“Ninguém mais podia ter feito isto — pensou Harper —, ninguém exceto Sharpe podia ter conduzido os homens além do cume da morte”.

— Senhor?

Abriu os olhos, baixou o rosto e Sharpe olhou fixamente os corpos. Satisfizera seu orgulho através de uma brecha e já estava feito. Olhou para Patrick Harper.

— Oxalá soubesse tocar flauta.

— Senhor?

— Patrick?

— Teresa, senhor, Teresa.

Deus do céu! Teresa!

CAPÍTULO 28

Hakeswill não tinha intenção alguma de entrar no fosso, mas tão logo viu os do South Essex atacarem e que tinham deixado que uma companhia ligeira lhes cobrisse com seu fogo incessante desde a borda do talude compreendeu que estaria muito mais seguro ao amparo do revelim. Ali não correria o perigo de receber uma machadada na escuridão das mãos de Harper, assim que desceu por uma escada, grunhindo para os homens assustados, e depois em meio à confusão, deitou-se entre os corpos que havia no fosso. Viu como se iniciava o ataque, como fracassava e como Windham e Forrest tentavam provocar outro ataque inutilmente. O curioso é que o sargento Hakeswill estava escondido e a salvo. Cobria-se com três corpos ainda quentes, e de vez em quando sentia que se estremeciam ao alcançá-los partes de metralha. Mas ele estava a salvo. Em um momento determinado da noite, um tenente que Hakeswill não conhecia de nada tentou tirá-lo de sua guarida, gritou ao sargento que se movesse e atacasse, mas foi mais simples pegar o tenente pelo tornozelo, fazê-lo tropeçar e deslizar tranquilamente a baioneta por entre suas costelas. Portanto, Hakeswill já tinha um quarto corpo, com rosto surpreso, e deu seu risinho característico enquanto deslizava suas mãos expertas pelo interior dos bolsos e das bolsas e contava seu butim. Quatro moedas de ouro, um medalhão de prata e, o melhor de tudo, uma pistola com incrustações que Hakeswill tirou do cinturão do tenente. A arma estava carregada, perfeitamente equilibrada, e sorriu com ironia ao metê-la na casaca. De grão em grão a galinha enche o papo.

Prendeu o chapéu com o barbicacho por debaixo do queixo. Esteve manuseando o nó, o desfez e segurou o chapéu diante de seu rosto. “Agora já estamos a salvo, a salvo”. Sua voz era melosa, lamurienta. “Eu te prometo. Obadiah não te decepcionará”. Perto dele, do outro lado do parapeito de cadáveres, um homem gemia sem parar chamando a sua mãe. Estava há muito tempo em agonia. Hakeswill o escutou com a cabeça erguida como um animal e depois voltou a olhar dentro do chapéu. “Quer que sua mãe venha, é isso”. Seus olhos se encheram de lágrimas. “Sua mãe”. Levantou os olhos para a escuridão, por cima das chamas e gritou contra o céu. Havia momentos de calma no fosso, momentos em que a morte não fazia ato de presença e em que o disforme de homens, vivos e mortos, entocavam-se imóveis debaixo dos canhões que havia no alto. Então, quando parecia que o fogo havia cessado, o fosso se agitava. Alguns tentavam precipitar-se pelas brechas abertas nos muros, outros lhe impediam e então os canhões voltavam a disparar e os lamentos voltavam a começar sua canção. Alguns homens enlouqueciam de tanta dor, e houve um que acreditou que os canhões eram a voz de Deus ao pigarrear e cuspir e se ajoelhou no fosso rezar até que um escarvo de Deus lhe tirou o chapéu. Mas Hakeswill seguia a salvo. Estava sentado de costas para a escarpa do fosso, protegia-se na frente com os mortos e falava a seu chapéu: “Esta noite não. Não posso fazê-lo esta noite. A bela dama vai ter que esperar, sim esperará”. Falava bajulador ao chapéu e escutava a batalha com ouvido de profissional. “Esta noite não. Esta noite perdemos”. Não sabia quanto tempo estava no fosso, nem sabia quanto tempo tardavam os moribundos em morrer, nem sabia quantas vezes a carne inerte se estremeceu a seu redor quando os pedaços de metralha pulverizavam o monte. Media o tempo em soluços, em canhonaços, nas esperanças que passavam, e tudo acabou inesperadamente com um grande grito.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

Hakeswill pôs a cara crispada por cima do parapeito que se formara e viu que os vivos escalavam por entre os corpos e que se afastavam dele, por cima do revelim, e a sua direita outro ataque subia a patadas para o Trindade.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

“Esses homens vão morrer”, pensou e riu deles com sua risada agressiva. Desejava que a metralha os destroçasse, mas seguiam subindo e o grito continuava.

— Sharpe! Sharpe! Sharpe!

Hakeswill viu que Sharpe esteve a ponto de escorregar no extremo superior da rampa e o coração do sargento pulou. Acertaram ele! Mas não, o sacana do Harper o empurrou, alcançou a corrente e ali estava, acima de tudo, na brecha central, iluminado pelas chamas. O irlandês estava do seu lado, levavam as espadas desembainhadas e Hakeswill viu que uma vez viraram e fizeram o sinal de triunfo para os britânicos. E se foram para a cidade e Hakeswill pôs os corpos de lado, encaixou o chapéu na cabeça e abriu passagem aos chutes entre a massa que fluía para o Trindade.

No mais alto da brecha os homens brandiam grandes machados com que pretendiam partir as correntes. Jogaram o *Chevaux de Beire* para o interior de uma trincheira que os defensores haviam escavado no cume dos entulhos, depois os britânicos pegaram as facas, ao grito de morte, e escorreram por entre as pedras para o interior da cidade. Tinham ficado loucos de raiva.

Hakeswill percebia aquela raiva e aquela loucura: nada os deteria essa noite. Mesmo os feridos abriam passagem pelas rampas da brecha, alguns se arrastavam segurando o ventre tentando chegar à cidade com a esperança de fazer o mesmo estrago que lhes haviam feito. Queria bebida, mulheres, mortes e mais bebida, e recordavam que alguns espanhóis lhes haviam disparado das muralhas da cidade e isso fazia de todo ser vivente em Badajoz um inimigo. Lá iam, formando uma corrente escura que atravessava as brechas e subia pelas ruas e becos, pisando nos mortos em sua pressa; vinham mais, e mais ainda, as brechas pareciam estar vivas com aquela massa de homens que corria para o interior da cidade e espalhavam a vingança por todo Badajoz.

Hakeswill subiu com eles por uma rua comprida que ia dar numa praça. Sabia que ia mais ou menos na direção correta, colina acima e pela esquerda, mas se deixava guiar pelo instinto e a sorte.

A praça já estava abarrotada de soldados. Ouviam-se os mosquetes que arrombavam as portas; ouviam-se os primeiros gritos que saíam das mulheres da cidade e algumas, que não queriam verem-se presas em suas casas, tentavam correr colina acima. Hakeswill viu como pegavam uma. Arrancaram-lhe os brincos, e seu vestido ficou polvilhado de sangue; que também lhe arrancaram e ficou nua, girando entre os soldados que a empurravam, que riam dela e que depois saltaram em cima dela. Hakeswill esquivou-se do grupo. Não era assunto seu, e intuiu que a mulher que conseguira escapar o conduziria até a catedral. E a seguiu.

O capitão Robert Knowles, exaltado e cansado, estava apoiado na porta do castelo. Os cascos dos cavalos ressoavam pelo calçamento das ruas. Philippon, o general francês, fugia a cavalo com um punhado de homens, escapava pela ponte que os levaria a refugiar-se no forte de São Cristóvão. Tinham perdido a imensa fortaleza e enquanto cavalgavam iam ouvindo o sujo trabalho que começava atrás deles. Esporeavam os cavalos, batiam-lhes com o rebenque, davam-lhes golpes com os estribos, suas pisadas ressoavam ao passar pela ponte, atrás deles, correndo; era a infantaria francesa que fugia. O rosto de Philippon estava marcado pela dor, não pela cidade, mas por seu fracasso. Fizera tudo humanamente possível, muito mais do que havia desejado, e contudo perdera. Wellington, o maldito Wellington, tinha vencido.

Os homens de Knowles se amontoaram na porta zombando do inimigo que fugia e um deles agarrou uma tocha do suporte.

— Permissão para ir, senhor? — As chamas iluminavam os rostos ávidos e famintos atentos ao olhar de Knowles.

— Adiante!

Saíram pelas ruas correndo, aclamando, animando e Knowles se passou a rir, levantou seu sabre e os seguiu. Teresa. Entrou pelas escuras ruas; todas as portas tinham cadeados, as janelas do térreo estavam trancadas com barras de ferro e logo se viu perdido, sozinho em um labirinto de ruas. Parou em um cruzamento, escutou os gritos procedentes de cima e abaixo da colina e percebeu que tinha que seguir a rua que tivesse as melhores casas. Um homem,

com andar pesado, o ultrapassou; ia colina acima, e viu que usava o cinturão cruzado característico dos soldados franceses. O homem ia armado, sua longa baioneta brilhava, mas Knowles não se alterou, seguiu correndo, ofegante. Knowles corria colina abaixo e suas botas ressoavam nas casas escuras; de repente, acabou a rua, dava para uma grande praça e ali, na frente dele, estava a catedral.

Na praça reinava verdadeiramente o pânico. Os últimos franceses tinham saído da cidade fugindo para o norte, mas a gente de Badajoz não tinha ido com eles. Os que não estavam em suas casas se encontravam ali, lutando para subir as escadas da catedral, amontoando-se em suas portas, buscando um lugar sagrado. Ultrapassavam Knowles em sua corrida, tropeçavam nele, sem fazer-lhe caso, e ele olhava furioso ao seu redor. Havia tantas ruas! E viu que às escuras atrás da catedral havia uma ruela com casas com grandes sacadas e correu olhando fixamente os edifícios e de repente se deteve, girou, e ao ver duas árvores e uma fachada com sacada, bateu na porta fechada.

— Teresa! Teresa!

Hakeswill tinha ido pela rua da direita que subia desde a praça e, sem dúvida, a mulher que corria diante dele havia se dirigido para a catedral. Agora ia caminhando, ria entre os dentes, mas então ouviu os gritos muito perto e seu primeiro pensamento foi que Sharpe tinha chegado à casa primeiro.

— Teresa! Teresa!

Mas essa não era a voz de Sharpe! Era a voz de um oficial, mas pelo tom não era Sharpe. Hakeswill se pôs contra a parede de frente e observou a sombra que esmurrava a porta.

— Teresa! Sou eu! Robert Knowles!

Uma basculante se abriu no primeiro andar, de onde se adivinhava a tênue luz de uma vela. Hakeswill viu a silhueta de uma mulher, delgada e de cabelo comprido. Deve ser ela! Sentiu-se invadido de excitação, agitava-se impaciente e se excitava mais; ela perguntou:

— Quem é?

— Robert! Robert Knowles! — respondeu.

— Robert?

- Sim! Abra!
- E Richard?
- Não sei. Eu não vim com ele.

Knowles retrocedeu. Olhou para cima, para a estreita sacada. Os gritos iam se aproximando, também os disparos de mosquete. Teresa olhou colina abaixo para as primeiras chamas das casas ardendo.

- Espere! Vou abrir!

Fechou as basculantes de golpe, passou o trinco. Hakeswill, diante da casa e na sombra, riu para si. Podia precipitar-se pela porta quando a mulher a abrisse, mas o oficial estava com o sabre desembainhado e se lembrou que também a prostituta tinha armas. Levantou a vista para o balcão. Não era alto. E debaixo dele, a janela do térreo era coberta com uma grade de ferro. Esperou.

A porta principal se abriu, os gonzos chiaram e viu a silhueta feminina no umbral durante um curto espaço de tempo, o que Knowles tardou em entrar. A porta se fechou e Hakeswill com rapidez e leveza surpreendentes se dirigiu diretamente para a janela trancada que proporcionava tão bons pontos de apoio, subiu até encima, até alcançar a base da sacada. Teve que usar toda a força de seus braços. Deteve-se um momento, com o rosto crispado de repente; e uma vez que o espasmo passou, ele se puxou, graças a seus potentes braços; estendeu uma mão, depois a outra, até que estava com os pés no balcão e pôde passar por cima da grade. Os postigos de madeira tinham um orifício para a saída do ar noturno, através do qual se via o quarto vazio. Empurrou a basculante. Estava fechada; voltou a empurrá-la fazendo mais pressão e a madeira rangeu, arqueou-se e se abriu por dentro. Ficou imóvel, mas como o ruído do saque da cidade afogava o que ele fazia, voltou a se mover, entrou no quarto, onde sua baioneta sussurrou levemente ao sair da bainha.

Um choro: girou, e ali em um berço de madeira, havia um bebê. A filha bastarda de Sharpe. Riu para si, cruzou o quarto e ficou olhando para baixo. O bebê havia chorado enquanto dormia. Tirou o chapéu, apoiou-o sobre a criaturinha e lhe falou. “Vê? Aqui está. Como eu era. Não é mesmo, mãe? Como eu”. O bebê se

moveu e Hakeswill cantarolou: “Durma menina, durma já. Lembra, mãe, quando dizia isto a seu Obadiah?”.

Ouviu alguns passos nas escadas, outros mais, o rangido da madeira e gritos fora. Eram a garota e o oficial. Deixou cair o chapéu sobre a menina e sacou sua pistola da casaca. Estava quieto, ouvia a voz da jovem, tinha a baioneta na mão esquerda e a pistola na direita. O bebê voltou a chorar dormindo, e Teresa abriu a porta e lhe falou suavemente.

Ela se deteve.

— Olá, senhorita! — Sua cara se encrespou, amarela debaixo da luz da vela; tinha a boca sorridente, os dentes negros, as gengivas sanguinolentas e uma cicatriz em carne viva no pescoço. Sacudiu a cabeça com um tique nervoso. Hakeswill começou a rir. — Ei! Recorda-se de mim?

Teresa olhou para a menina, a baioneta estava em cima do berço de Antônia. Teresa estava boquiaberta. Knowles a empurrou de lado e levantou o sabre, mas da pistola saiu um clarão, despertando ao bebê, e a bala empurrou Knowles para trás, pela porta e caiu. O último som que escutou em sua vida foi o risinho agudo de Hakeswill.

Hakeswill apoiou a baioneta em cima da menina e voltou a meter a pistola que ainda fumegava na casaca.

Virou seus olhos azuis para Teresa, ela tinha os olhos fixos na baioneta, e ele sorriu.

— Não necessitávamos dele, não é, senhorita? Só se necessitam dois para o que vamos fazer. — Soltou sua risada peculiar, uma gargalhada de louco, mas seus olhos não se moviam e seguia apoiando a baioneta com firmeza. — Feche a porta, senhorita.

A garota o insultou e ele começou a rir. Era mais bela do que recordava, seu cabelo negro moldurava o fino rosto. Hakeswill se inclinou e passou a mão direita por debaixo do bebê. Estava chorando. Teresa se adiantou para a menina, mas a baioneta brilhou no ar e se deteve. Hakeswill pegou o bebê, e envolvendo-o com os lençóis o segurou em seu braço direito, dobrou o braço

esquerdo para que a baioneta ficasse junto da garganta, branda e diminuta.

— Eu disse para fechar a porta.

Falava em voz baixa, muito baixa. Hakeswill percebeu o medo no rosto da mulher e sentiu o desejo ainda mais forte.

Fechou a porta, que bateu nos pés inertes de Knowles. Hakeswill lhe fez um sinal com a cabeça.

— Passe o trinco.

Assim o fez.

O chapéu ainda estava no berço. Hakeswill o sentiu porque teria gostado que sua mãe, cujo retrato levava na parte interior da copa, visse isto, mas não podia ser. Caminhou lentamente para Teresa que retrocedia, para a cama onde estava seu fuzil. Ele lhe sorriu zombadoramente, seu rosto se encrespou e em sua voz refletiu seu triunfo.

— Somente você e eu, senhorita. Somente você e Obadiah.

CAPÍTULO 29

— Por onde?

— Sabe Deus!

Sharpe procurava, feito um basilisco, uma rua principal. A brecha central dava a um labirinto de ruelas, assim que escolheu uma ao acaso e começou a correr.

— Por aqui!

Ouviam-se gritos e disparos por todas as partes; viam-se corpos jogados na pista. Estava tudo muito escuro para poder dizer se os corpos eram franceses ou espanhóis. O beco fedia a sangue, a morte, a excremento que se havia lançado das janelas superiores; os dois homens resvalavam ao querer correr. Viram uma luz que provinha de um cruzamento e Sharpe girou instintivamente. Seguiu correndo, segurando sua espada ensanguentada como se fosse uma lança.

De uma porta que se abriu diante deles saíram alguns homens para a rua, bloquearam-na; atrás deles vinham barris de vinho, grandes tonéis que martelaram com as culatras dos mosquetes até que as doas saltaram e o vinho brotou como se fosse uma cascata sobre os seixos. Os homens se deixaram cair, puseram a boca e as mãos sob o jorro líquido. Sharpe e Harper os separaram aos chutes, empurrando-os ao passar e foram dar em uma praça. Uma casa estava ardendo, era a que desprendia a luz que os tinha atraído, e debaixo de seu resplendor viram uma descrição medieval do inferno. A gente de Badajoz sofria os tormentos dos demônios com os casacas-vermelhas.

Uma mulher nua, chorando e ensanguentada, vagava pelo centro da praça. Estava muito castigada e não tinha reação. Tantos abusaram dela que já não se importava com nada, assim que quando novos homens, procedentes da brecha recente, agarraram-na e a jogaram no chão, não protestou, apenas seguiu gemendo, e tudo o que via ao seu redor não lhe importava. Algumas mulheres lutavam, outras haviam morrido, algumas viram seus filhos morrer, e ao redor delas os vencedores brincavam, meio desnudos, meio bêbados, iluminados pelo fogo e engalanados com seu butim.

Alguns desses diabos lutavam, brigavam entre si pelas mulheres ou por vinho. Sharpe viu dois soldados portugueses que atravessavam um sargento britânico com uma baioneta, agarravam a mulher que ele tinha debaixo e a arrastavam para o interior de uma casa. Seu filho, gritando, correu atrás cambaleando, mas a porta se fechou de golpe e o menino ficou de fora. A cara de Harper deixava ver a terrível raiva que sentia. Deu um chute na porta, abriu de golpe e penetrou na casa. Disparou um tiro que lascou o dintel, e os portugueses saíram, um atrás do outro, rápidos como quem viu o diabo, e o irlandês pegou o menino, entregou-o à mulher e fechou a porta o melhor que pôde.

Deu de ombros e olhou para Sharpe.

— Outros virão para buscar ela.

Por onde ir? Havia dois caminhos que levavam ao alto da colina, o mais longo ficava à esquerda, e esse foi o que Sharpe pegou, abrindo passagem aos empurrões por entre o alvoroço e as cenas dantescas. Houve um momento em que, inexplicavelmente, achou que pelo pavimento rodavam moedas de prata que ninguém pegava. Uma a uma as portas das casas eram abertas com tiros, uma cidade inteira nas mãos de um exército que não tinha nada. Poucos homens mostravam um mínimo de decência, poucos protegiam a uma mulher ou a uma família, mas os homens decentes eram frequentemente mortos com um disparo. Disparava-se contra os oficiais que tentavam deter a carnificina. A disciplina tinha morrido. A ralé governava em Badajoz.

Os gritos ensurdeciam os dois homens e se viram lançados contra uma parede por uma horda de mulheres nuas que babando e

cuspiendo tinham surgido detrás de uma porta que não estava trancada. Uma freira gritou do umbral, mas saíram mais mulheres de dentro e Sharpe entendeu que um manicômio estava sendo esvaziado pelas ruas de Badajoz. Não tinha sentido encerrar aos loucos em um manicômio esta noite. Ouviam-se gritos por detrás, gritos de júbilo dos soldados que investiam contra as loucas. Um empurrou a freira, outro saltou sobre as costas desnudas de uma mulher, agarrou-a com fúria, pegou os cabelos cinzentos como rédeas, e todos os soldados tentaram cavalgar sobre uma louca.

— Aqui, senhor! — exclamou Harper apontando.

Em frente e diante deles ficava a torre da catedral, seu perfil quadrado e ameado se desenhava claramente no céu estrelado, de seus arcos provinha o tangimento dos sinos que soavam monótonos, em cima alguns bêbados se penduravam nas cordas em sinal de vitória.

Pararam no final da rua, diante da catedral. A sua esquerda ficava uma praça, na qual os estupros ocorriam sob as árvores iluminadas pelas chamas de um fogaréu. A sua direita se abria uma pista escura. Sharpe ficou olhando-a fixamente, mas lhe puxaram o braço, e quando girou viu uma moça pequena que chorava e pegava em sua manga. Fora tirada de uma casa e seus perseguidores vinham atrás dela; agarrava-se àquele homem alto cujo rosto não parecia estar contagiado pela loucura.

— Senhor! Senhor!

Aqueles que a seguiam, vestidos com as bordas brancas do 43º, chegaram até a garota e Sharpe sacou sua espada e deu um corte no braço de um dos homens. Então viu que suas baionetas se preparavam para atacar e que a garota lhe atrapalhava. Voltou a brandir a espada, mas as baionetas britânicas o obrigavam a retroceder, Harper se colocou entre ele e seus atacantes fazendo girar a arma de sete canos como se fosse um cassetete e os outros foram para trás.

— Por aqui! — gritou Sharpe com a menina ainda agarrada a ele.

Entrou em uma ruela. Harper ia atrás ameaçando aos homens do 43º com sua arma até que desistiram e foram em busca de

butins mais fáceis. O sargento se deu meia volta e seguiu Sharpe, mas viu que o beco não tinha saída. Sharpe soltou uma maldição.

Harper agarrou a garota, que o evitou, mas logo viu que a tocava com suavidade e que sua voz denotava presteza.

— *Onde é a casa Moreno?*

Era tudo o que sabia de espanhol, e a garota sacudiu a cabeça como se não soubesse. Voltou a tentar deixando que sua voz passasse confiança para a menina.

— *Casa Moreno. Compreende? Onde é a casa Moreno?*

Como ela respondeu em espanhol, rápida e excitada, apontando para a catedral, Sharpe voltou a xingar.

— Não sabe. Vamos.

Começou a avançar, mas Harper levantou uma mão.

— Não, olhe!

Havia umas escadas que levavam a uma porta lateral e o irlandês empurrou Sharpe para ela.

— Ela quer dizer pela catedral. É um atalho!

A garota tropeçou em seu vestido, mas Harper a pegou e ela se agarrou em sua mão enquanto ele empurrava a porta cravejada para abri-la. Sharpe ouviu que o irlandês continha a respiração.

A catedral tinha sido um refúgio, um santuário, mas já não o era. As tropas invadiram, perseguiram as mulheres ali refugiadas, agarraram-nas e agora, sob a miríade de velas, as estavam estuprando. Havia uma freira com o hábito rasgado e estavam abrindo suas pernas no altar-mor enquanto um irlandês do 88º que tinha descido desde o castelo tentava em vão subir até ela. Estava muito bêbado. A garota ofegou, começou a gritar, mas Harper a agarrava com firmeza.

— *Casa Moreno? Sim?*

Ela concordou com a cabeça, muito aterrorizada para falar. Conduziu-os pelo largo espaço do cruzeiro, entre o altar e o coro, e rodeou a enorme aranha que, ao cortar-lhe os cabos, tinha se estrelado contra os ladrilhos e esmagado um cabo do 7º que ainda se retorcia sob seu peso. Os mortos jaziam no piso e os feridos, gemendo de dor, arrastavam-se pela escuridão da nave. “Não nos abandones nem de noite nem de dia”. Um sacerdote que havia

tentado deter os soldados jazia morto junto à porta norte. Sharpe e Harper pisaram em seu corpo, saíram para a praça, e a garota voltou a apontar para a direita. Eles passaram a correr até que ela voltou a puxar Harper indicando-lhe de novo à direita, para uma escura ruela que era um ferredouro de tropas que iam esmurrando as portas fechadas e, ante a frustração, disparavam contra as janelas superiores trancadas. Harper protegia a garota, apertava-a contra si, enquanto iam abrindo passagem entre os homens. A espada de Sharpe era seu passaporte. A garota lhes gritou algo e apontou. Sharpe viu as silhuetas escuras de duas árvores e entendeu que tinham chegado.

Ouviram-se gritos de júbilo na porta de entrada, um rangido e um grande estalido. Um grupo de homens que estava na frente deles desapareceu ao entrar em tropel no pátio dos Moreno. Tinham barricadas esperando por eles, grandes barricadas, cheias de vinho, e os homens se deixaram cair e se esqueceram do mundo, enquanto em seu escritório de contabilidade Rafael Moreno rezava para que tivesse preparado vinho suficiente para os soldados e colocado bastantes ferrolhos na porta.

Hakeswill se enfureceu. Ouviu o tumulto que se armara abaixo e o rangido das portas e cuspiu para Teresa.

— Depressa!

Uma bala lascou o postigo e se alojou no teto, ele deu meia volta, temeroso de Sharpe, mas era apenas uma bala perdida das ruas. O bebê estava incômodo nos braços de Hakeswill, mas era a melhor ameaça que ele tinha e ainda não queria matá-lo. A baioneta seguia encostada na garganta de Antônia, seus choros abafavam os suspiros ofegantes de Hakeswill. Hakeswill fez ranger os dentes e voltou a gritar.

— Depressa!

Ela ainda estava vestida, maldita, e ele queria acabar logo! Apenas tinha tirado os sapatos, ele voltou a apertar a baioneta, saiu um jatinho de sangue, e viu que as mãos de Teresa se dirigiam para o fecho de seu vestido.

— Sim, senhorita, não queremos que a menina morra, né? — disse com seu risinho que se transformou em uma tosse

torturadora.

Teresa olhava a espada contra a garganta de sua filha. Não se atrevia a atacá-lo, não se atrevia, e ele parou de tossir e voltou a abrir os olhos.

— Continue, rainha.

Teresa desfez lentamente o nó que tinha no pescoço fazendo ver que apalpava o tecido, e viu como seu rosto se excitava e como começava a engolir saliva com rapidez, de forma que o pomo-de-adão lhe puxava o extremo da cicatriz.

— Depressa, rainha, depressa!

Hakeswill estava excitado. Ela, a prostituta, o humilhara e agora se tocava para ele. Ela ia morrer, assim como sua bastarda, mas ele primeiro lhe entraria bem e começou a pensar em como ia fazer para segurar o bebê enquanto a fazia sua, e viu que ela lhe pegava com calma.

— Primeiro cortarei esta garganta, senhorita, depois a sua. Mas se quer que esta bastarda viva é melhor que se dispa, e rápido!

A porta se moveu com o chute de Harper, o estalido fez que Hakeswill girasse rapidamente e depois a fechadura saltou, a porta se estremeceu e Hakeswill pôs a baioneta vertical sobre a garganta de Antônia.

— Quietos!

Teresa tinha alcançado seu fuzil. Estava imóvel. Harper tinha atravessado a porta e seu impulso o lançara ao berço. Ele também ficou absolutamente imóvel quando ao cair viu a baioneta de quarenta centímetros. Sharpe, com a menina atrás dele, parou na porta e sua espada, que se dirigia para Hakeswill, ficou a meio caminho, estocada e sua ponta manchada de sangue ficou tremendo no centro do quarto.

Hakeswill começou a rir.

— Um pouco tarde, Sharpy. É assim que lhe chamam, não, Sharpy? Ou Dick. Afortunado Sharpe. Já me recordo. O rapidinho do Sharpy. Mas isso não evitou que lhe surrassem, hein?

Sharpe olhou para Harper, para Teresa, e outra vez para Hakeswill. Fez um gesto para o corpo de Knowles.

— Foi você que fez isso?

Hakeswill soltou seu risinho e levantou os ombros.

— É um sacana rapidinho, hein, Sharpy? Claro que fui eu. O grande sacana veio para proteger a sua dama. — Sorriu com desprezo olhando para Teresa. — Agora é minha dama.

Ela tinha o vestido aberto pelo colarinho e Hakeswill viu a cruz de ouro sobre sua pele morena. Ele a desejava, queria ter aquela pele em suas mãos, e a teria! E a mataria! E Sharpe teria que olhar porque nenhum deles se atreveria a tocá-lo enquanto seguisse ameaçando a menina.

A garota que estava atrás de Sharpe não fazia mais que gemer e Hakeswill girou a cabeça para a porta.

— Está com uma puta aí, Sharpy? Está! Faça-a entrar!

A garota pisou o corpo de Knowles e entrou no quarto. Movia-se lentamente, aterrorizada com o homem de pele amarela e ventre proeminente que segurava o bebê. Foi se colocar junto de Harper, e sem querer deu um chute no chapéu de Hakeswill que havia caído do berço. O chapéu rodou e foi parar ao lado de Harper. Hakeswill a seguia observando.

— Muito bonita. Uma senhorita muito bonita. — Deixou escapar seu risinho. — Gosta do irlandês, né verdade, rainha? — Ela tremia ao vê-lo, e Hakeswill começou a rir. — É um porco. Todos os irlandeses de merda o são. Ficaré melhor comigo, rainha. — Seus olhos azuis se dirigiram a Sharpe. — Feche a porta, Sharpy. Com suavidade.

Sharpe fechou a porta com cuidado para não alarmar ao homem que tinha em suas mãos a sua filha. Não via o rosto de Antônia, apenas a baioneta que estava em cima do volume de roupa. Hakeswill riu dele.

— Muito bem. Agora pode olhar, Sharpy.

Olhou para Harper imóvel em seu lugar.

— E você, porco. Pode olhar. De pé.

Hakeswill não estava seguro de como ia fazê-lo; mas já lhe ocorreria algo, pois sabia que enquanto tivesse a menina em seu poder teria a todos eles também. Gostou da garotinha, a de Harper. A julgar pela maneira que o olhava poderia levá-la da cidade, mas

primeiro teria que matar Sharpe e Harper porque sabiam que tinha matado Knowles. Sacudiu a cabeça. Ele os mataria porque os odiava! Começou a rir e viu que Harper não se movera.

— Eu lhe disse para se levantar, seu irlandês de merda! De pé!

Harper se levantou, seu coração batia com força. Tinha na mão o chapéu. Vira o retrato no fundo e não sabia de quem se tratava, mas se levantou segurando com uma mão o chapéu e com a outra rebuscando dentro. Viu que Hakeswill ficava nervoso. A baioneta tremia.

— Dá-me. — Sua voz era como um gemido. — Dá-me!

— Largue o bebê.

Ninguém mais se movia. Teresa não entendia nada, nem Sharpe, e Harper apenas tinha uma vaga ideia; um pressentimento, algo pequeno que era o único a que se agarrar nesta espiral de loucura. Hakeswill estava nervoso, seu rosto se sacudia com espasmos.

— Dá-me! — gemia. — Minha mamãe! Minha mamãe! Dá-me!

A voz do homem de Ulster era suave, saía do fundo de seu peito.

— Tenho as unhas sobre seus olhos, Hakeswill, olhos brandos, olhos brandos e os vou arrancar, Hakeswill, vou arrancar, e sua mamãe gritará.

— Não! Não! Não!

Hakeswill cambaleava, choramingando, tremendo. O bebê também chorava. Olhou com seu rosto amarelo para Harper e com voz suplicante.

— Não faça isso. Não faça. É minha mamãe, não.

— Eu farei, farei e farei a menos que largue a menina, a menos que a largue.

Falava como se falasse a um menino e Hakeswill ia se balançando com aquela entonação. Seu rosto se encrespava violentamente e de repente desapareceu o medo e olhou para Harper.

— Acredita que sou bobo?

— A mamãe vai sofrer.

— Não! — gritou, e por um instante lhe voltou a loucura.

Sharpe observava aterrorizado como o grande homem cambaleava e se refugiava em uma loucura que sempre parecera ter por perto. Agora estava de cócoras, com os joelhos por baixo do bebê, e se balançava enquanto gemia, ainda que a baioneta ainda estivesse sobre a menina e Sharpe continuava sem se atrever a se mover.

— Sua mãe está me dizendo algo, Obadiah.

A voz de Harper fez que Hakeswill virasse para ele. Tinha o chapéu junto a seu ouvido.

— Quer que largue a menina, que deixe a menina, quer que a ajude, que a ajude porque ela gosta de seus olhos. Têm olhos bonitos, Obadiah, os olhos de mamãe.

A respiração do sargento era entrecortada e assentiu com a cabeça.

— Eu farei, eu farei. Dá-me a minha mãe!

— Ela vai para você, já vai, deixe a menina, largue-a, largue-a.

Harper deu um passo lentamente para o sargento e estendeu o chapéu, não muito longe. O rosto de Hakeswill era o de um menino que faria qualquer coisa para que não lhe dessem uma surra. Consentiu com a cabeça e as lágrimas correram por suas bochechas.

— Estou largando o bebê, mamãe, estou largando o bebê. Obadiah não queria fazer mal à menina.

E a espada se retirou da garganta, e seu chapéu se aproximou, e Hakeswill, ainda chorando e com a cara crispada, largou o bebê sobre o berço e girou muito rápido para pegar o chapéu.

— Sacana! — exclamou Harper, retirando o chapéu e dando-lhe um soco.

Teresa agarrou com rapidez a menina para pô-la a salvo, deixou-a no berço, e se virou, tinha o fuzil na mão. Sharpe arremeteu com a espada mas Hakeswill retrocedia pelo soco e a lâmina falhou a estocada. Hakeswill, caído, ainda não tinha o chapéu. Virou para ele. O fuzil disparou a menos de quatro passos

de distância, mas ele ainda ia para o chapéu. Harper lhe deu um chute e o mandou para trás. Sharpe voltou a errar o segundo toque.

— Detenha-o!

Harper lançou o chapéu de lado e agarrou Hakeswill. Teresa, que não acreditava que tivesse errado o tiro, brandiu a arma descarregada para o sargento e o cano descreveu uma curva no ar e bateu em Harper no braço, de maneira que falhou o golpe e apenas acertou a mochila de Hakeswill. Ele a agarrou e puxou. Hakeswill gritava, brandiu seu punho e puxou de maneira que as correias da mochila se romperam e Harper ficou com ela na mão. Hakeswill procurava o chapéu. Tinha ido parar entre Sharpe e sua espada. Hakeswill soltou um gemido porque fazia apenas alguns dias que havia encontrado sua mãe e agora já não a tinha. Sua mãe, a única pessoa que o havia amado, que tinha enviado seu tio para resgatá-lo do cadafalso e agora a perdia. Voltou a gemer. Deu um corte com a baioneta e saltou até a janela destrocada, tirou as lascas do postigo e passou uma perna para o balcão. Os três foram pegá-lo mas ele brandiu a baioneta, passou a outra perna e saltou.

— Detenham-no! — Harper gritou para Sharpe e para Teresa que estavam lhe bloqueando a passagem.

Empurrou-os de lado, soltou a arma de sete canos com a qual não havia disparado nas muralhas e a apoiou no ombro. Hakeswill estava estendido na rua, levantou-se e agora era Harper que não podia falhar. Seus lábios esboçaram um sorriso, apertou o gatilho, a arma golpeou seu ombro, como o coice de uma mula, e a janela se encheu de fumaça.

— Acertei o sacana!

Ouviu-se um risinho agudo que vinha da rua. Ele ria. Harper aventou a fumaça, olhou pela sacada e lá, nas sombras, a silhueta horrível se afastava, sem chapéu. Seus passos se perdiam entre os gritos da cidade. Estava vivo. Harper sacudiu a cabeça.

— Não se pode matar ao sacana!

— Isso é o que ele diz.

Sharpe deixou cair a espada e se virou. Teresa sorria e mostrava o vulto, e ele começou a chorar, não sabia por que, e pegou sua filha nos braços e a beijou, provando o sangue que tinha

no pescoço. Era sua. Um bebê, uma filha, Antônia; que chorava, que estava viva e que era sua.

Epílogo

No dia seguinte foram casados por um sacerdote que tremia de medo. Continuava o saque da cidade: viam-se arder os telhados, ouviam-se gritos desesperados pelas ruas. Os homens de Sharpe, os que tinham ido à casa, arrumaram o pátio e tiraram os bêbados. Era um lugar estranho para um casamento. Clayton, Peters e Gutteridge vigiavam a entrada principal com os mosquetes carregados, uma fumaça irritante flutuava sobre o pátio e Sharpe não entendeu nem uma palavra da cerimônia. Harper e Hogan olhavam com cara de estúpida alegria, assim como Sharpe. O sargento gritou de alegria quando Sharpe lhe disse que Teresa e ele iam se casar; Harper deu uma palmada nas costas de Sharpe como se tivessem a mesma classe, e lhe assegurou que Isabella e ele se alegravam por eles.

— Isabella?

— A menina, senhor.

— Ainda está aqui? — perguntou Sharpe enquanto sentia suas costas como se lhe tivessem batido com um mosquete.

Harper se ruborizou.

— Eu acho que ela gostaria de ficar comigo, um pouquinho, se é que me entende. Isso se o senhor não se importar, senhor.

— Importar-me? Por que me importaria? Mas como diabos sabe disso? Você não fala espanhol e ela não fala inglês.

— Um homem percebe essas coisas. — Harper pronunciou as palavras com certo mistério, como se Sharpe não fosse entender. Depois sorriu. — Mas me alegro de que o senhor faça o correto, senhor, eu também o farei.

Sharpe começou a rir.

— Mas quem diabos é você para me dizer o que é certo?

Harper deu de ombros.

— Eu acredito na verdadeira fé, como é mandado. O senhor terá que educar a menina na fé católica.

— Eu não tenho intenção de educar a menina.

— Ah!, é verdade. Isso é trabalho da mulher, é claro.

— Não quero dizer isso.

O que ele queria dizer era que Teresa não ia ficar com o exército, nem ele iria para as colinas, seguiria afastado de sua filha e de sua mulher. Não seria de imediato, mas chegaria o momento em que teria que partir, e ele se perguntava se estava casando apenas para dar um sobrenome a Antônia, que fosse legítimo, como ele. Sentiu-se desconfortável durante a cerimônia, se é que um sacerdote assustado entre soldados que sorriam com ironia constituía uma cerimônia. Contudo, sentiu uma tímida alegria, sentia-se orgulhoso porque Teresa estava junto dele, e ele pensava que a amava. Jane Gibbons estava a muitas léguas de distância, não só fisicamente. Sharpe estava atento às palavras, mas se sentia incômodo, e observava a alegria do tio de Teresa.

Marido e mulher, pai de uma filha e capitão de uma companhia. Sharpe levantou a vista por cima das árvores para o céu infinito onde francelhos sobrevoavam. Teresa puxou-o pelo cotovelo, disse algo em espanhol e ele achou ter entendido o que lhe havia dito. Olhou-a, sua beleza, sua esbelteza, seus olhos negros e duros, sentiu-se um bobo ao ver que Harper sorria brincalhão, assim como Hogan e a companhia, como também o fazia a garota, Isabella, que chorava de alegria. Sharpe sorriu para sua mulher. “Te amo”. Beijou-a, lembrou daquele primeiro beijo, sob as lanças, que o havia conduzido até ali. Sorriu ao se recordar, porque se alegrava e Teresa, feliz ao vê-lo sorrir, agarrou-lhe pelo braço.

— Posso beijar a noiva, Richard? — perguntou Hogan sorrindo para ambos.

Abraçou Teresa e lhe deu um beijo sonoro que fez que os homens de Sharpe se regozijassem. A tia os aplaudiu, disse algo a

Sharpe muito rápido em espanhol, e depois lhe sacudiu os restos de sujeira e de sangue que lhe restavam no uniforme. Depois o tenente Price se empenhou em beijar a noiva, e a noiva se empenhou em beijar a Patrick Harper, e enquanto isso Sharpe tentava esconder sua alegria porque ele acreditava que mostrar uma emoção, qualquer emoção, era expor uma fraqueza.

— Aqui está — disse Hogan com uma taça de vinho na mão.
— Presente do tio da noiva. À sua saúde, Richard.

— É uma forma peculiar de se casar.

— Todas são, faça como faça. — Hogan fez sinais para a criada que segurava Antônia, fez erguer a menina e lhe jogou umas gotinhas de vinho tinto na boca. — Aqui está, céu. Nem todas as crianças podem ir ao casamento de seus pais.

Pelo menos a menina estava bem. Havia se curado da doença, fosse o que fosse, e os doutores, que agradeceram a Deus porque eles não tinham feito nada, disseram que era um mal que tinha a ver com o crescimento. Tinham encolhido os ombros, e embolsaram seus honorários pensando em por que Deus permitia a vida dos bastardos.

Partiram da cidade naquela mesma tarde. Constituíam um grupo armado que podia defender-se da violência que ainda assolava Badajoz. Os mortos jaziam abandonados nas ruas. Saíram pela portilha de Santa Maria. O fosso ainda estava cheio a transbordar de corpos, eram tantos que as centenas de mortos desprendiam calor. Alguns homens rebuscavam por entre a carnificina, para ver se encontravam irmãos, filhos ou amigos. Outros permaneciam na borda do fosso chorando por um exército, como Wellington havia chorado quando esteve no talude. O monte seguia fumegando sob o frio de abril. Teresa, ao ver as muralhas meio em ruínas pela primeira vez, murmurou algo em espanhol e Sharpe viu que seus olhos se dirigiam para o alto das muralhas, para os canhões agora em silêncio, e percebeu que estava imaginando sua potência.

O coronel Windham estava no talude, olhava fixamente para onde seu amigo Collett havia morrido e se voltou quando Sharpe e seu grupo subiam as escadas para sair do fosso.

— Sharpe?

— Senhor?

Windham o cumprimentou com uma formalidade estranha entre tanta morte.

— Você é um homem valente, Sharpe.

Sharpe se sentiu incomodado. Deu de ombros.

— Obrigado. E o senhor, senhor. Vi o ataque. — Calou-se, não tinha palavras, depois se recordou do retrato. Tirou-o da casaca e lhe entregou a imagem enrugada e manchada de sua mulher ao coronel. — Pensei que lhe agradaria, senhor.

Windham o olhou, virou, voltou a virar e se dirigiu a Sharpe.

— Onde diabos o encontrou?

— Estava no chapéu de um homem chamado Obadiah Hakeswill, senhor, que o havia roubado. Também roubou minha luneta. — A lente estava na mochila de Hakeswill e agora, na de Sharpe. Fez um gesto com a cabeça para Harper que estava junto de Isabella. — O sargento Harper, senhor, não roubou nada.

Windham fez um gesto com a cabeça. A brisa lhe sacudia o penacho do chapéu.

— Já lhe devolveu seu posto de sargento? — perguntou o coronel sorrindo com resignação.

— Sim, coronel. E logo lhe darei seu fuzil e sua casaca verde. Se o senhor não tiver nenhuma objeção.

— Não, Sharpe. A companhia é sua. — Windham sorriu levemente para Sharpe, talvez recordando a conversa que tiveram sobre a humildade, depois olhou para Harper. — Sargento!

— Senhor? — O sargento Harper deu um passo à frente, e ficou em sentido.

— Devo-lhe desculpas — disse Windham, incômodo por ter que falar assim a um sargento.

— Não há de que se desculpar, senhor! — disse Harper com o rosto sério e com grande formalidade em seu comportamento. — Um galão devolvido é muito atraente para as mulheres, senhor.

— Maldito canalha! — exclamou Windham, pois se sentia aliviado ao ver-se livre de qualquer aperto. Fez um gesto para Sharpe com a cabeça. — Vá, capitão Sharpe.

Voltaram caminhando para o acampamento, deixaram para trás o fedor dos mortos, e os ruídos da cidade. Passaram pela frente das trincheiras e das baterias, Sharpe viu que um artilheiro havia plantado flores sobre um parapeito. O tempo estava mudando, começava a fazer calor, adiantando-se ao verão. Ele sabia que o exército voltaria a se pôr em marcha logo, para o norte e para o leste, para o coração da Espanha.

Badajoz já era.

Naquela noite, a uma légua de Sevilha, uma figura crispada rebuscava debaixo de um marco da estrada, murmurando algo para si. Sabia que ali não podiam matá-lo. Extraiu o volume de encerado com os bens roubados. Hakeswill desertava. Sabia que não podia regressar. Havia uma testemunha da morte de Knowles, o retrato estava no chapéu do sargento e sabia que apenas lhe esperava um pelotão de execução. Respirou o ar noturno, não se sentia preocupado. Iria a algum lugar e encontraria algo, como sempre fizera, e esta não era a primeira noite em que se achava totalmente sozinho, sem lar. A silhueta escura se adentrou na noite buscando maldade.

Um homem penetrava em uma brecha recém aberta somente por uma coisa, por orgulho, e Sharpe o fizera. Tinha permanecido no extremo superior de uma portilha, temeroso de fracassar, e havia descido a um horror tal que manchava a vitória como o sangue mancha a espada. Agora estava estirado, acordado, pensando nas ruas pelas quais corria o vinho, a prata, a loucura e o sangue.

Era muito que tinha desejado: um grau de capitão, a vingança a um funcionário, uma companhia, uma mulher a quem amar, uma filha à qual não conhecia: suas esperanças se cumpriram em Badajoz. Estava na tenda de Leroy, seu proprietário estava no hospital com uma ferida mortal. A noite era tranquila, escura e silenciosa pela primeira vez há semanas e tinham conseguido uma grande vitória. As portas da Espanha de súbito estavam abertas. Olhou para sua mulher, bonita sob a luz do fogo que se infiltrava

através da Iona, e se maravilhou por estar casado. Olhou para a menina, de cabelo negro e nariz chato, que dormia entre os dois e se encheu de amor, incompreensível e incontrolavelmente. Deu um beijo em sua filha, Antônia, que sob a luz das chamas lhe pareceu tremendamente pequena e indefensa. Contudo estava viva, e era seu único familiar que tinha seu mesmo sangue. Ela era sua, para protegê-la como devia proteger a todas as outras almas a quem gostava, que estavam orgulhosas dele e orgulhosas de estar em sua tropa, sua companhia de fuzileiros: a Companhia de Sharpe!

Fim.

Nota Histórica

A manhã do dia 7 de abril de 1812, Philippon e os sobreviventes da cidadela renderam o forte de São Cristóvão, selando assim uma das vitórias mais famosas do exército britânico: a tomada de Badajoz.

No dia seguinte, mais ou menos ao meio-dia, Wellington deu a ordem de que se levantasse um cadafalso na praça da cidade em frente à catedral e, ainda que não se tenha notícia de que assim se fizesse, a ameaça foi suficiente para que se restabelecesse a ordem nas ruas da povoação. Assim acabou um dos episódios mais conhecidos do exército britânico: o saqueio de Badajoz. Nesta história tentei apresentar algumas razões que explicam o porquê de um saque tão impiedoso. As regras da guerra o justificavam e o instinto dos soldados que haviam sobrevivido a uma luta tão horrível o exigia. Esses soldados também suspeitavam, não sem motivo, que os habitantes de Badajoz estavam do lado dos franceses. Nada disto provavelmente sirva de desculpa para o seu comportamento. Muitos dos soldados que saquearam a cidade não tinham participado no assalto, mas para o soldado ordinário qualquer coisa era perfeitamente justificável naquela noite decisiva do mês de abril. Alguns historiadores sugerem timidamente que Wellington permitiu o saqueio e deixou que se prolongasse além do primeiro dia, como sinal de advertência para as outras cidades com guarnições francesas. Se a ideia da advertência é certa não funcionou, e assim os britânicos descobririam um ano depois em São Sebastião. Lá a batalha foi igualmente dura e o saque posterior igualmente horrível.

O saqueio de Badajoz não economizou uma história de amor famosa. Um tenente dos fuzileiros do 95º, Harry Smith, conheceu uma menina espanhola de catorze anos com a qual se casou, Juana Maria das Dores de Leão, que fugia daqueles horrores, dos quais não ficou totalmente ilesa: tinham arrancado selvagememente seus brincos das orelhas, e o tenente Smith a viu e a protegeu. Anos depois, quando seu marido recebeu o título de sir, uma cidade da África do Sul recebeu o nome dela, que por sua vez teria de conhecer o famoso lugar: Ladysmith.

Procurei ser fiel aos acontecimentos da campanha. Por exemplo, existiram os canhões incrustados na muralha de Cidade Rodrigo, como também é verdadeira a história do batalhão de Nottinghamshire que carregou atravessando as pranchas. As batalhas que descritas na história ocorreram efetivamente, ainda que o ataque na represa não se realizou com o brio de um batalhão, nem tão cedo durante o assédio. Ocorreu em 2 de abril ao comando do tenente Stanway dos engenheiros, que, assim como o desafortunado Fitchett, equivocou-se ao não pôr pólvora suficiente e a explosão não vingou.

A manhã de 7 de abril, entre as ruínas, encontrou uma série de corpos ainda quentes, e os observadores calcularam que teria uns mil e duzentos ou mil e trezentos mortos. Wellington chorou ao vê-los. Muitos historiadores lhe culpam por ter atacado muito cedo, ainda que, dadas às pressões a que estava submetido e à falta de conhecimentos adequados de engenharia, é difícil criticar sua decisão. A visão retrospectiva o mostra como um grande general. Badajoz foi ganha por pura coragem, coragem como a do tenente-coronel Ridge dos fuzileiros do quinto cujas façanhas tomei emprestadas e atribuí ao capitão Robert Knowles. Ridge morreu de um disparo ao final da luta, e Napier lhe dedicou um epitáfio famoso: "Nenhum homem morreu naquela noite com maior glória e, contudo, muitos foram os que morreram e com muita glória".

O romance não faz justiça à Quinta Divisão, cujo assalto ao baluarte de São Vicente, realizado bem mais tarde, foi o maior responsável pela queda da cidade. Não houve nenhum destacamento suicida na terceira brecha, a central, e os relatos da

noite diferem a respeito de se algum homem chegou sequer a alcançá-la. A Divisão ligeira assegurava que alguns de seus mortos foram reconhecidos por suas ladeiras, mas a maioria dos sobreviventes discordou. Portanto, com a liberdade que se outorga ao romancista, atribuí o êxito a Sharpe. Teve lugar finalmente um ataque geral nas brechas abertas, com êxito, que Wellington não ordenou até estar certo de que a Quinta Divisão se encontrava na retaguarda dos defensores. Os puristas também se sentirão ofendidos pelo fato de Sharpe ter atacado Cidade Rodrigo com a Terceira Divisão e Badajoz com a Quarta, mas esse é o destino dos soldados de ficção que sempre estão ali onde a luta é mais intensa, mesmo quando isso implica um descuido com respeito à composição das divisões. Alguns batalhões participaram em ambos os assaltos, em particular os da Terceira Divisão e da Divisão ligeira, então meu pecado não é tão grave.

Procurei ser exato, salvo nas exceções mencionadas anteriormente, com os acontecimentos históricos. As cartas e diários da campanha são, como sempre, um tesouro de informação. Assim, por exemplo, os detalhes que aparecem no livro, relativos às condições climáticas foram tiradas dos diários. Sempre me sinto em dívida com esses soldados mortos há tanto tempo cuja recordação saqueio impiedoso. Um mito deveria ser enterrado. Badajoz não foi assaltada no Domingo de Páscoa. O dia 6 de abril foi a segunda segunda-feira depois da Páscoa de 1812, e isso nem a imaginação pode mudar.

As muralhas do castelo de Badajoz continuam iguais, só o que se acrescentou ao cenário foi uma estrada que passa ao pé da colina do castelo. As brechas abertas nos dois baluartes foram reparadas e o fosso é atualmente um jardim público. O talude desapareceu por completo. Os acessos às brechas, como a colina de São Miguel, estão edificadas. O acesso ao de Trindade se acha oculto por construções amorfas e o de Santa Maria por uma praça de touros moderna e horrorosa. A zona correspondente à brecha aberta na parte central segue constituindo uma passagem por entre as muralhas, as defesas entre os dois baluartes estão bastante destruídas, mas é possível se escalar pelos parapeitos e adentrar-se

nas frestas e maravilhar-se do valor dos homens que atacaram tal lugar. As defesas de Cidade Rodrigo estão melhor conservadas; as reconstruções que se efetuaram na brecha aberta pelos atacantes são visíveis por cima do talude, enquanto que os sinais das balas dos canhões britânicos ainda se apreciam na torre da igreja. O forte de São Cristóvão, do outro lado do rio nos arredores de Badajoz, está praticamente restaurado em sua totalidade. O South Essex poderia entrar amanhã e instalar-se para defendê-lo em apenas uma hora. O que está melhor conservado são as defesas de Elvas, do outro lado da fronteira com Portugal, e tudo isso merece ser visitado.

As placas comemorativas que existem no baluarte Trindade das muralhas (por onde a estrada de Madri entra em Badajoz) comemoram o assalto e saque da cidade, mas não o do dia 6 de abril de 1812, mas o de 14 de agosto de 1936, e alguns habitantes ainda recordam o massacre que se seguiu ao assalto das tropas de Franco. A história se repete tristemente em Badajoz. Não é uma cidade bonita; algumas pessoas a descrevem como sombria, como se os fantasmas de demasiadas batalhas espreitassem pelas ruas, mas eu não achei dessa forma. Assim como em outros lugares de Portugal e da Espanha, eu me encontrei com muita amabilidade e cortesia, e recebi todo tipo de ajuda para minhas investigações.

As últimas palavras deste livro podemos deixar a cargo de um homem que estava acostumado a dizer a última palavra: Wellington. Quando escreveu ao Ministério da Guerra disse referindo-se às 5.000 baixas: "A tomada de Badajoz oferece um exemplo claro da bravura de nossas tropas como nunca até agora exibiram. Mas eu desejo de verdade não voltar a ser nunca mais o instrumento que os enfrente a uma prova semelhante".